

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE FLUMINENSE DARCY RIBEIRO  
CENTRO DE CIÊNCIAS DO HOMEM  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA POLÍTICA**

**CLEBER TEIXEIRA DE OLIVEIRA**

**CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE MASCULINA E RELAÇÃO INTRAGÊNERO:  
pensando a socialização a partir de discursos de professores e estudantes de escolas de  
campos dos Goytacazes (RJ)**

**CAMPOS DOS GOYTACAZES/RJ  
MARÇO DE 2018**

CLEBER TEIXEIRA DE OLIVEIRA

CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE MASCULINA E RELAÇÃO INTRAGÊNERO:  
pensando a socialização a partir de discursos de professores e estudantes de escolas de  
campos dos Goytacazes (RJ)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, do Centro de Ciências do Homem da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, para obtenção do título de Mestre em Sociologia Política.

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Luciane Soares da Silva.

CAMPOS DOS GOYTACAZES/RJ  
MARÇO DE 2018



## FICHA CATALOGRÁFICA

Preparada pela Biblioteca do CCH / UENF

034/2018

O48 Oliveira, Cleber Teixeira de.

Construção da identidade masculina e relação intragênero : pensando a socialização a partir de discursos de professores e estudantes de escolas de Campos dos Goytacazes (RJ) / Cleber Teixeira de Oliveira. – Campos dos Goytacazes, RJ, 2018.

181 f. : il.

Bibliografia: f. 170 – 176.

Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Centro de Ciências do Homem, 2018.

Orientadora: Luciane Soares da Silva.

1. Gênero. 2. Sexualidade. 3. Masculinidade. 4. Relações Intragênero. I. Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. II. Título.

CDD – 305.31



## BANCA EXAMINADORA

CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE MASCULINA E RELAÇÃO INTRAGÊNERO:  
pensando a socialização a partir de discursos de professores e estudantes de escolas de  
campos dos Goytacazes (RJ)

Por

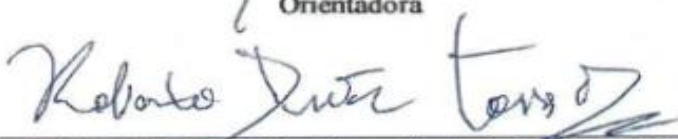
CLEBER TEIXEIRA DE OLIVEIRA


Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, do Centro de Ciências do Homem da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, para obtenção do título de Mestre em Sociologia Política.

Aprovada em 29 de março de 2018.

Membros da banca:

  
Prof.ª Dr.ª Luciane Soares da Silva (PPGSP/UENF)  
Orientadora

  
Prof. Dr. Roberto Dutra Torres Júnior (PPGSP/UENF)  
Examinador

  
Prof. Dr. Thaddeus Gregory Blanchette (UFRJ)  
Examinador Convidado

  
Prof. Dr. Esmael Alves de Oliveira (UFGD)  
Examinador Convidado



*“Ando muito completo de vazios.  
Meu órgão de morrer me predomina.  
Estou sem eternidades.  
Não posso mais saber quando amanheço ontem.  
Está rengo de mim o amanhecer.  
Ouço o tamanho oblíquo de uma folha.  
Atrás do ocaso fervem os insetos.  
Enfiei o que pude dentro de um grilo o meu  
destino.  
Essas coisas me mudam para cisco.  
A minha independência tem algemas [...]*

*[...] Tenho um livro sobre águas e meninos.  
Gostei mais de um menino  
que carregava água na peneira.  
A mãe disse que carregar água na peneira  
era o mesmo que roubar um vento e  
sair correndo com ele para mostrar aos irmãos.  
A mãe disse que era o mesmo  
que catar espinhos na água.  
O mesmo que criar peixes no bolso.  
O menino era ligado em despropósitos.  
Quis montar os alicerces  
de uma casa sobre orvalhos.  
A mãe reparou que o menino  
gostava mais do vazio, do que do cheio.  
Falava que vazios são maiores e até infinitos”.*

(Manoel de Barros)



*A minha querida mãe, amor da minha vida.*

A handwritten signature in blue ink, consisting of stylized initials and a long horizontal flourish underneath.

## AGRADECIMENTOS

É sempre bom agradecer. Poder fazer isso é reconhecer que nenhum trabalho é feito isoladamente. Com este não foi diferente. E eu sou muito grato a todas àquelas pessoas que direta ou indiretamente colaboraram para que esse trabalho fosse concluído.

Corro um grande risco de esquecer-me de citar pessoas importantes na construção deste trabalho, mas não posso deixar de trazer alguns/as deles/as e manifestar minha enorme gratidão. Já peço desculpas se porventura deixar de citar alguém, mas me esforçarei para que isso não aconteça.

O primeiro agradecimento vai para aquela que me proporcionou nascer e que me criou: minha querida mãezinha Iria Teixeira. Muito obrigado, mãe! Lembro as inúmeras vezes em que ela foi meu ouvido em minhas aflições no desenvolvimento da produção e sempre tinha uma palavra de conforto para me acalmar e dizer que confiava em mim, como muitas mães, chegava a exagerar para me ver feliz. Também agradeço a meu pai Antônio Bernadino, que, mesmo sem ter tido muito acesso à educação formal, foi sempre um grande incentivador e reconhecia a importância em ver meus passos. Ainda que com certa distância, sua força foi formidável. Agradeço muito às minhas irmãs Evelyn (Everesty) e Bianca (Acnaib), às sobrinhas Sofia (Soft) e Maria Eduarda (Dudinha) e ao sobrinho Caio (Caiú), a força que me deram, as palavras de incentivo, a confiança e o sorriso alentador me fizeram crer que precisava seguir e que a chance de sucesso seria possível. Meu muito obrigado!

Agradeço a meu companheiro de todas as horas, Antônio Alves, que sempre acreditou em mim e nunca me deixou de dizer palavras inteligentes me lembrando de sempre pisar no chão.

Agradeço também à minha querida orientadora Luciane Soares. Pessoa de inteligência ímpar, engajada e de intelectualidade invejável. Desde a seleção do mestrado, me apareceu como uma pessoa de grande maturidade intelectual e, ao conversarmos sobre a possibilidade de orientação, foi muito receptiva e aceitou com carinho ser minha orientadora. Agradeço muito aos inestimáveis ensinamentos oportunizados, à paciência em meus momentos de incerteza e indecisão e por ter me proporcionado momentos de alegria e descontração sem jamais perder a fé na construção de um mundo melhor pelo qual devemos sempre lutar com bravura.

Agradeço igualmente aos professores da minha banca de avaliação, Prof. Dr. Roberto Dutra Torres Jr., Prof. Dr. Esmael Alves de Oliveira, Prof. Dr. Thaddeus Blanchette, pelas valiosas contribuições para a melhor qualidade do trabalho final.



Agradeço a todos/as professores/as, à coordenadora Wania Belchior e servidores do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da UENF que muito colaboraram para o alargamento dos meus horizontes intelectuais. Em especial, faço menção ao professor Roberto Dutra e à professora María Villarreal que foram mais do que professores de disciplinas e se tornaram mentores perenes sendo meus colaboradores em muitos outros momentos. Também agradeço à colaboração indispensável nos momentos finais da defesa dos professores e servidores do CBB pela acolhida de nossa defesa.

Agradeço à CAPES pelo apoio financeiro sem o qual eu teria muitas dificuldades.

Agradeço a todos e todas os/as meus/minhas colegas contemporâneos da pós-graduação. Desses destaco: Ali Momade, Laura Lubanco, Luana Puppín, Wallace Mello, Vanessa Palagar, Guimarães, Elizângela Rosa (Eliz) e Ralph Crespo. Destaco também um subgrupo de amig@s muito especial em que trocávamos infinitas informações, conhecimentos, alegrias e demais momentos, o nosso grupinho, a Cúpula UENF: Maria Goretti Nagime, Priscila Ramos e Layla dos Santos.

Aos/às amigos/as do grupo de pesquisa/orientação, em especial a Gabby Maturana.

Agradeço a todos/as aqueles/as que colaboraram para a realização do campo, com especial carinho àqueles/as que concederam as entrevistas: os/as professores/as e estudantes.

Agradeço também o empenho mais do que indispensável das professoras de sociologia das três escolas que muito contribuíram para o desenvolvimento da pesquisa com colegas e com estudantes.

Então meu agradecimento também ao amigo Rafael França por ter me acolhido quando cheguei em Campos e ter trocado comigo muitas informações teóricas.

Meu agradecimento todo especial à amiga, confidente, colega e companheira de muitos desses segmentos acima, Ana Carla de Oliveira Pinheiro. Ela me deu sempre muita força em tudo, desde que fomos colegas na turma de ciências sociais da UFES até agora na pós-graduação. Sem sua ajuda, Ana, meu trabalho não seria o mesmo, tenho absoluta certeza disso. Sou-lhe muito grato!

Enfim, a todos e todas o meu sincero e cordial agradecimento.





## RESUMO

Esta dissertação nasce da preocupação com um tema que, como pude constatar, produz poucos estudos: a masculinidade e sua relação intragênero. Baseia-se numa pesquisa qualitativa, cuja ferramenta de pesquisa foi o trabalho de campo com entrevistas individuais com professores/as de três escolas públicas estaduais de Campos dos Goytacazes (RJ) e com a realização de entrevistas em grupo focal com estudantes do sexo masculino dessas três escolas, bem como de visitas constantes a essas escolas para a observação da convivência. Teve como objetivo principal entender como se dá a construção da masculinidade e quais os principais instrumentos de manutenção de um modelo exclusivo masculino a partir das relações vivenciadas pelos estudantes e também de todo o seu contexto social, a partir de uma análise de discurso. Para isso, contou com um embasamento teórico-metodológico estruturalista e contribuições pós-estruturalistas, em que foi necessário um conhecimento mais aprofundado sobre gênero, sexualidade e violência. Foi possível constatar a existência de padrões de comportamento masculino que ultrapassam dicotomias comumente evidenciadas pela literatura especializada, levando a crer que os homens, a pesar das pressões sociais, são muito mais diversos do que costumamos pensar; abrindo margem para entender que existe uma masculinidade intermediária ampla e diversa entre os padrões ideais de masculinidade e os homens de segunda categoria. Concluiu-se que as relações estabelecidas entre os homens por uma construção modelar de masculinidade, muitas vezes passam por situações de violências. Também foi possível pensar que a masculinidade como uma categoria em construção passa por transformações que deverão engendrar novos sujeitos para um futuro não muito distante.

Palavras-chave: Gênero. Sexualidade. Masculinidades. Relações Intragênero. Masculinidades intermediárias.



## ABSTRACT

This dissertation stems from the concern with a theme that, as I have seen, is little studied: masculinity and its intra-gender relationship. It is based on a qualitative research, whose research tool was the field work with individual interviews made with teachers from three public schools in Campos dos Goytacazes (RJ) and interviews in focus groups with male students of these three schools, as well as constant visits to these schools for the observation of coexistence. Its main purpose was to understand how the construction of masculinity and what are the main instruments of maintenance of an exclusive male model based on the relationships experienced by the students and also in the whole social context, from an analysis of the discourse. To do so, it had a post-structuralist theoretical-methodological basis, in which a deeper knowledge about gender, sexuality and violence was needed. It was possible to verify the existence of patterns of masculine behavior that go beyond the dichotomies commonly evidenced by the specialized literature, leading to believe that men, despite social pressures, are much more diverse than we generally think; opening the door to understanding that there is a broad and diverse intermediate masculinity between the eminent pattern of masculinity and second-rate men. It was concluded that the relations established between men by a construction of models of masculinity, often go through situations of violence. It was also possible to think that masculinity as a category under construction undergoes transformations that must generate new subjects for a not too distant future.

Keywords: Gender. Sexuality. Masculinities. Intra-professional relationships. Intermediate Masculinities.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO 1. O INÍCIO DO CAMINHO: PRECISAMOS CONHECER OS HOMENS.....</b>	<b>24</b>
1.1. Estudos de gênero e os homens: uma abordagem menos comum.....	24
1.2. Mudança de perspectiva: visibilidade dos estudos dos homens .....	28
1.3. A dominação masculina .....	38
1.4. Produções acadêmicas no Brasil .....	44
<b>CAPÍTULO 2. TRILHAS QUE PERFAZEM O CAMINHO DOS ESTUDOS DA RELAÇÃO MASCULINA INTRAGÊNERO – ASPECTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS .....</b>	<b>55</b>
2.1. Caminho teórico-metodológico condutor da pesquisa voltado para a questão inquietante e inadiável da masculinidade e suas intra-relações .....	55
2.2. Sexualidade, gênero e masculinidade .....	61
2.3. Ferramentas metodológicas utilizadas na pesquisa.....	90
<b>CAPÍTULO 3. A CONSTRUÇÃO E A CONSERVAÇÃO DA MASCULINIDADE VERIFICADAS A PARTIR DOS RELATOS DE PROFESSORES E ESTUDANTES DE CAMPOS DOS GOYTACAZES .....</b>	<b>96</b>
3.1. Reflexões sobre o masculino e a chamada crise da masculinidade: as idas e vindas.....	96
3.2. O incômodo da “homossexualidade” .....	105
3.3. Discursos e narrativas que levam a pensar a respeito da violência vivenciada entre os homens.....	127
3.4. Uma masculinidade intermediária?.....	138
3.5. Família, igreja e escola: lugares discursivos e problematizadores da masculinidade .....	151
3.6. Quem estaria autorizado a falar sobre gênero e sexualidade na escola? .....	156
3.7. Pensar os homens do amanhã: o que é possível pensar sobre o que se espera dos homens do futuro? .....	159
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>162</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>170</b>
<b>ANEXO I - Imagens mais discutidas apresentadas nos grupos focais .....</b>	<b>177</b>
<b>ANEXO II - Características básicas dos/as professores/as entrevistados .....</b>	<b>178</b>
<b>ANEXO III - Características básicas dos rapazes entrevistados dos grupos focais.....</b>	<b>181</b>



## INTRODUÇÃO

Os homens não são intocáveis. Apesar de uma forte consciência que trabalhou por dar a entender o contrário, a concepção em torno disso vem mudando. Estudiosos/as de muitas áreas têm demonstrado interesse pelos homens e pela masculinidade, ainda que sejam ainda menos numerosos do que outros estudos. Isso também vale para a sociologia. Os estudos de gênero não são os mais numerosos e quando os encontramos, é muito comum que os vejamos atentos aos estudos da mulher.

Meu interesse pelo tema da masculinidade surgiu desde a época da graduação. Durante aquele período, estagiei na Secretaria de Cidadania e Direitos Humanos da Prefeitura de Vitória (ES) e por estar inserido nos debates promovidos pelo poder público voltados para o tema dos direitos humanos, participei de inúmeros debates com o movimento feminista e com outros temas relacionados à mulher. Mesmo já tendo participado de debates na própria universidade onde o tema discutido eram as relações de gênero, nessa secretaria era constante também a necessidade de inserir-se nesses debates. Em todos os lugares, sempre me chamou atenção o ponto sobre como a temática do gênero era discutida: por que os debates discutiam apenas a questão da mulher? Além do fato de me sentir desconfortável por ser homem e participar desses debates, o que me colocava na condição de pertencente ao gênero dominante, outra questão me intrigava sobre como os assuntos eram conduzidos: a forma como os homens do dia a dia se relacionavam entre si e que, a meu ver, era de busca pela manutenção de um modelo ideal de masculinidade.

Os demais homens presentes naqueles debates também não pareciam achar que nada tinham que ver quando o assunto eram as relações de gênero. Não foram poucas as vezes que algumas iniciativas foram tomadas para se inserir num debate que também consideravam seu. Os chamados homens feministas estavam atentos e interessados em participar de ações pelo fim da violência contra a mulher e diminuição do machismo. Naquele período, por exemplo, houve uma campanha intitulada: “Homens Pelo Fim da Violência Contra a Mulher”, com importante adesão dos homens da secretaria. Como parte da campanha, os homens ganhavam pulseirinhas brancas com os dizeres do título da campanha. Nesse momento também surgiu o Fórum dos Homens Pelo Fim da Violência Contra a Mulher que era composto por esses homens e outros de outros movimentos sociais que se reuniam regularmente para discutir ações pelo fim da violência contra a mulher. A iniciativa, a meu ver, era muito louvável e significava que tinham responsabilidade no debate das relações de gênero, principalmente por serem eles pertencentes

ao gênero que mais cometia violências contra a mulher. Na universidade também surgiram debates nesse sentido em que participavam homens e mulheres e onde os homens passavam a se inserir num debate que também lhes implicava. Vi surgirem e crescerem naquele espaço agrupamentos masculinos voltados para as causas homossexuais e outros de cunho feminista.

Entretanto, a meu ver, alguma coisa ainda faltava. Passei então a ter a desconfiança de que estudar a masculinidade também significava olhar para a relação interna deste grupo. Como uma construção de grupo, a masculinidade recebia ares de defesa de um modelo único para permanecer hegemônica e dominadora. As minhas observações passaram então a dar atenção a essa relação estabelecida entre homens.

Já formado e tendo aprendido que a vida cotidiana, ou o chamado mundo social, seria um importante laboratório das ciências sociais, as relações entre homens nunca mais passariam por mim sem que eu as observasse com um olhar de proto-pesquisador. Outro aprendizado com as ciências sociais foi o de desconfiar de tudo o que parecesse óbvio. A relação social estabelecida entre homens passaria a me indicar que o que poderia parecer óbvio era possível ser desnaturalizado. Para mim, a forma como os homens agiam entre si, e que de modo algum me excluía, por ser também eu um homem vivendo na mesma sociedade, estaria imbuída de significados. As observações prosseguiram descomprometida e espontaneamente, mas sempre tendo algo a ser colhido delas.

Algum tempo depois, passei a atuar no Conselho Tutelar do município da Serra (ES). Lá havia um contato constante e intenso com as famílias de pessoas atendidas. Era muito comum que no atendimento às famílias estreitássemos laços com algumas pessoas e passássemos a conversar também sobre assuntos triviais. Num desses contatos, criei um vínculo com um pai de uma criança atendida e nos encontros que tínhamos, conversávamos muito também sobre assuntos cotidianos. Ele era trabalhador noturno de uma grande indústria siderúrgica do estado e em seu setor só trabalhavam homens. Uma de suas falas me chamou atenção especial. Numa das conversas, me perguntou que para que time de futebol eu torcia. Quando lhe falei que não era muito apreciador de futebol e que não tinha preferência por nenhum time, o homem ficou visivelmente espantado com a minha resposta. Passamos a conversar mais sobre isso e meu interlocutor pareceu ficar um pouco mais a vontade para falar de si. Acabou por me dizer que também não gostava de futebol, mas que isso não seria algo fácil de ser revelado entre os colegas do trabalho. Contou que assistia noticiários esportivos, que comprava jornais impressos diariamente para ler notícias de esporte [leia-se futebol] para ter assunto para conversar e para não ter de ficar dando explicações a todo o momento por que

não gostava de futebol. Ou seja: precisava se empenhar numa coisa que não gostava para jamais ser questionado pelos colegas por não possuir “*um gosto comum a todos os homens*”. Como me interessei pelo assunto e por perceber que ali havia algo que me teria algo a dizer, prolonguei a conversa e perguntei o que mais faria para não passar por essas situações entre os colegas. Então me disse que, a pesar de casado, era constantemente estimulado a contar de suas aventuras sexuais extraconjugais, ainda que fantasiosas, que era levado a contar que nunca havia tido uma disfunção erétil numa relação sexual, era estimulado a jamais indicar algum tipo de subserviência com relação à esposa e também era estimulado a dizer que considerava os homossexuais a escória da sociedade. Além disso, deveria manter alguma pose de sempre ativo sexualmente, com a mulher e com as supostas parceiras amantes, e deveria ficar muito atento para escapar das piadas que o levassem a cair numa esparrela de se colocar como passivo sexual prevendo sempre o que as piadas do grupo indicariam nesse sentido. Pelo que me disse, toda a convivência com os colegas de trabalho era banhada de pequenas “mentiras” que precisava contar sempre para que jamais sua masculinidade fosse questionada e assim se tornasse motivo de chacota. Esse breve contato não escapou à minha observação curiosa sobre o assunto.

Outras histórias também não me passariam sem a curiosidade temática. Por ocasião de uma pequena viagem que precisei fazer para um município do interior do estado, me dirigi para o ponto de onde saíam os ônibus para o destino. Enquanto esperava o ônibus, um grupo de motoristas e cobradores que trabalhavam na empresa ficaram próximos a mim e começaram a conversar entre si. Em tom de bastante alegria e fazendo brincadeiras uns com os outros, um deles disse: “fulano, você acha que se tiver um buraco aqui no chão, *tatu caminha dentro*?”. Sendo observado em minúcia pelos pares, fez um gesto apressado virando a mão direita no sentido circular anti-horário apontando para trás. Com um riso no rosto, e para a diversão dos demais, fez o gesto enquanto disse: “sai fora!”. A brincadeira também me chamou a atenção. Dizer “tatu caminha dentro”, traria uma sonoridade que equivaleria o mesmo que dizer “está tu com a minha [uma referência feminina ao pênis] dentro”. O escárnio pareceu buscar pegar os “desatentos” para fazê-los cair na anedota e se divertirem com a suposta passividade sexual frente ao outro que falava a piada. A brincadeira me pareceu não fazer nenhuma referência imediata a pessoas com inclinações homoeróticas passivas. Pareceu que o que pretendiam mesmo era mostrar que entre eles haveria uns que seriam “mais homens” do que os outros e a prova disso seria, ainda que na brincadeira, fazer com que alguém “confessasse”, por desatenção, uma passividade sexual frente aos outros. Fui levado a entender que cair numa situação dessas e passar pelo escárnio do grupo levaria a pessoa a uma situação de tamanho

desconforto para lembrá-la de que toda vez que recair numa situação de desvio da masculinidade a mesma situação desconfortável poderia novamente ser acionada de modo a fazer com que a pessoa cuidasse de não cometer quaisquer deslizes.

O caso do rapaz do conselho tutelar, embora não verbalizada, me levou a crer que essas brincadeiras também estivessem presentes. E quando não seriam as brincadeiras, seria o desconforto de ter de ficar se explicando insistentemente por que não teria um gosto socialmente reconhecido como o da maioria. Parece desconfortável, pois do contrário, ele não criaria histórias para evitar as investidas dos colegas de trabalho.

Ambas as situações revelam aquilo que Salem (2004) trouxe e que aparece no discurso dos homens de classe popular, como veremos. Como mostra a autora, mais do que uma exclusividade dos homens da classe popular, esses homens apenas teriam uma maior possibilidade de dizer determinados assuntos de uma maneira mais crua, por uma economia de palavras muito comum às pessoas da classe trabalhadora. Também creio que a menor instrução formal daqueles homens os faria ter menos intencionalidade de entrar num debate por vezes intenso, que demandaria uma explicação de viés mais analítico e abstrativo, talvez mais difícil para alguém de formação oficial precarizada. Isso parece aduzir certo diferencial de classe vivenciado a partir da prática discursiva.

Outro ponto que apreendi dessas observações espontâneas, que entraram aqui meramente como exemplos, é que elas revelariam que eu poderia entender que haveria alguma forma de violência simbólica em nome de uma masculinidade padrão. Essa possibilidade de uma violência simbólica será analisada pormenorizadamente no primeiro capítulo e também indicarei as críticas feitas ao termo que merecem ser observadas.

Com essa noção de que a masculinidade é socialmente construída e a suspeita de que há algum tipo de violência empregada em sua manutenção, pensei na possibilidade de desenvolver uma observação mais rigorosa do assunto. De posse da pergunta de que a masculinidade possivelmente seria construída e mantida por meios violentos, coloquei esta questão como um problema de pesquisa e busquei desenvolver um projeto de pesquisa em que eu pudesse testar minhas hipóteses. Então apresentei esse projeto para a seleção de mestrado em sociologia política e obtive aprovação.

No início, o título do projeto apareceu como “Afirmação da identidade masculina e violência intragênero”. Com o amadurecimento das discussões feitas pelos encontros com a orientadora e através do grupo de estudos de orientação, entendi que o título seria provisório e que poderia ser reformulado. O amadurecimento me convenceu de que a violência seria uma

das hipóteses de pesquisa e não uma afirmação que eu poderia fazer. Que somente o desenvolvimento da pesquisa é que poderia mostrar se alguma violência e que tipo de violência seria empregada pelos homens em suas relações pela manutenção de um modelo centrípeto de masculinidade. Inicialmente, o local da realização da pesquisa seria o Conselho do Macho Mineiro (CMM), que tem sede em Belo Horizonte (MG). Esse conselho consistiria em um agrupamento de homens que pretendiam realçar suas qualidades de homens e mantê-las em evidência. O conselho seria uma reformulação do extinto MMM (Movimento Machão Mineiro). O movimento seria composto por alguns homens que se diziam filhos dos membros dos antigos fundadores do MMM e possuiria uma carta de princípios denominada “Mandamentos do Macho”. Dentre as atividades, esse conselho teria sido o responsável pela realização das Paradas do Orgulho Hetero realizadas em Belo Horizonte há alguns anos. Não sei teriam intenções político-institucionais ou se se pretendiam um grupo com finalidades de reação irônica ao movimento feminista e ao movimento gay. A pesquisa é que iria possibilitar conhecer melhor o grupo e sua intencionalidade. Possibilitaria também verificar se o grupo existiria de fato ou se se tratava de um grupo virtual. A realidade foi que até a apresentação do projeto, havia algum contato com o grupo, mas com o tempo os consulentes deixaram de responder a meus contatos. Como não haveria a possibilidade de continuar desenvolvendo a pesquisa com o grupo por esse motivo, verificamos a possibilidade de fazer a pesquisa em alguns espaços da cidade de Campos. A princípio pensamos em alguns bares do Centro da cidade em que a frequência masculina seria, se não exclusiva, pelo menos muito superior. Cheguei a realizar visitas a alguns desses bares, mas por ocasião da defesa do projeto, a banca recomendou que haveria algumas dificuldades de conseguir desenvolver a pesquisa. Diante disso, foi que pensamos no desenvolvimento da pesquisa feito nas escolas públicas.

Realizar a pesquisa nas escolas traria a possibilidade de desenvolver entrevistas com grupos de professores/as e de estudantes e coletar os dados a partir de suas narrativas que pudessem indicar caminhos para se pensar a construção da masculinidade. O início da pesquisa indicou que também não constituiu um caminho fácil. As entrevistas individuais com professores/as foram um pouco mais fáceis. A partir de algumas visitas a campo, ou seja, nas escolas, fui estabelecendo os contatos e essa rede facilitou o acesso para selecionar aqueles/as que pudessem contribuir com a entrevista. Já os grupos focais com os estudantes representou um caminho de difícil construção. Esbarrei em questões burocráticas que poderiam ter dificultado ainda mais não fossem as três professoras de sociologia de cada uma das escolas que colaboraram muito para que se encontrasse o melhor caminho dentro da burocracia.



Entendo que toda burocracia tem sua razão de ser e seus objetivos são o de equilibrar toda forma de acesso feito com os estudantes visando evitar que usos indevidos ou irresponsáveis venham oferecer problemas para a integridade do conjunto. Penso, todavia, que deve-se sempre primar pelo bom senso e que valorizar e entender a importância da pesquisa científica poderia tornar esses caminhos mais ágeis. Para um estudante que está com prazo de pesquisa escasso e que depende do acesso para sua efetivação, passar pela intensidade do processo burocrático pode representar um momento de grande aflição, cujo medo maior é ver toda possibilidade da realização da pesquisa se esvaír pelo tempo gasto com o cumprimento das exigências. Como eu disse, felizmente a colaboração das professoras de sociologia das escolas foi inestimável para mostrar os melhores caminhos dentro dessa burocracia e assim pude realizar a pesquisa em tempo hábil.

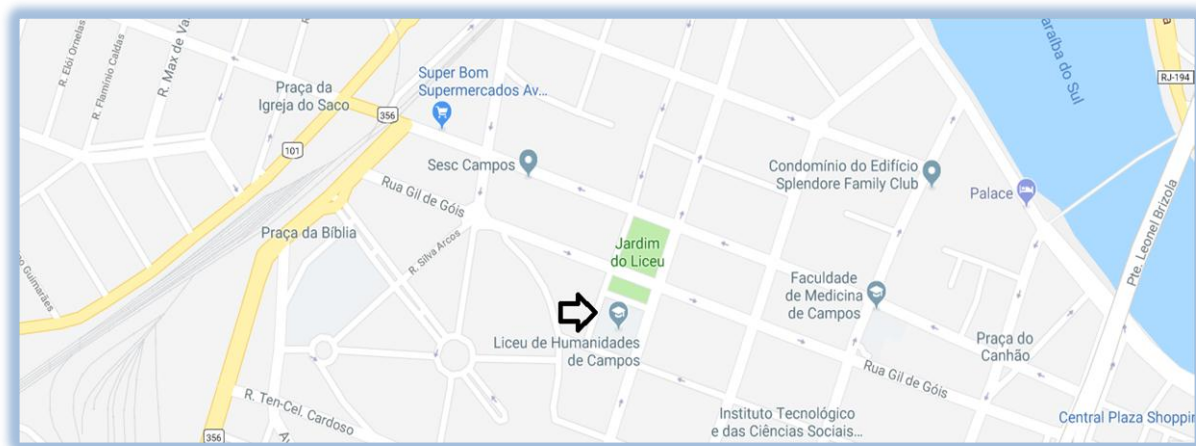
Os dados foram tomados em dois principais momentos: as entrevistas individuais feitas com professores/as que têm ligação com as escolas pesquisadas e as entrevistas em grupos focais realizados diretamente com os estudantes. Digo dois principais momentos, porque esses não foram os únicos para a coleta de dados e para um entendimento melhor da convivência dos meninos e também da convivência destes com professores/as. Pude conceber como momentos igualmente importantes da pesquisa a observação flutuante que realizei nessas escolas mesmo quando não havia entrevistas marcadas. Essas observações se deram, sobretudo, nos primeiros contatos com as unidades de ensino, em que pude acessar áreas comuns das escolas, fotografar e conversar com funcionários das escolas de diversos segmentos. O local principal foi a escola e sempre remetíamos a ela, mas também foram igualmente importantes as entrevistas com professores marcadas em outros locais e teve também importância o entorno das escolas onde professores/as e estudantes passam para chegar a elas.

A escolha das escolas se deu por buscar pontos específicos da cidade, sendo uma bem no coração do Centro da cidade, o tradicional Liceu de Humanidades, que tem estudantes de múltiplos lugres, mas cuja maioria é de moradores do Centro e bairros vizinhos a ele.

A outra escola foi o Colégio Estadual (CE) Visconde do Rio Branco, localizado no bairro da Lapa, cuja maioria dos/as estudantes vem das favelas à margem do Rio Paraíba. E a terceira foi o CE Dr. Thiers Cardoso, no bairro Turf Club, que possui estudantes principalmente desse bairro, mas também de outros bairros do entorno, sendo esta outra parte da cidade. A escolha dessas escolas teve a intenção de diversificar o público acessado atingindo pontos diferentes da cidade.

A coleta de dados se deu principalmente através das entrevistas realizadas em campo. Foram vinte e cinco professores/as entrevistados/as com entrevistas individuais e seis entrevistas coletivas em grupos focais, sendo dois grupos focais por escola com estudantes do sexo masculino. Os grupos focais foram de turmas diferentes, mas cada grupo era formado por estudantes da mesma turma.

As entrevistas individuais com professores/as<sup>1</sup> seguiu um roteiro semi-estruturado, em



**Figura 1 – Região Central de Campos, entornos do Liceu de Humanidades.**

Fonte: Google Maps: <https://www.google.com.br/maps/place/Campos+dos+Goitacazes+RJ/@-21.7530949,-41.3337479,16.42z/data=!4m5!3m4!1s0x9bc2d66320eb61f:0x8ad8321d7f504a50!8m2!3d-21.7626902!4d-41.3184877>



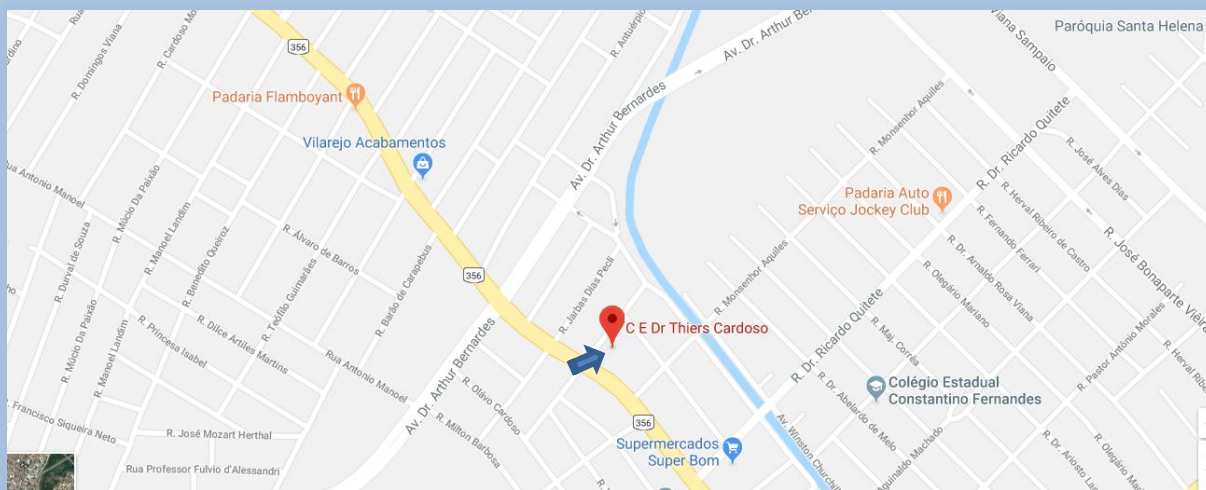
**Figura 2 - Parte frontal do prédio principal do Liceu de Humanidades**

Fonte: Fotografia de Cleber Teixeira de Oliveira

que privilegiei a liberdade das falas. Havia o roteiro mais para que alguns temas fossem garantidos. O início continha perguntas que visavam conhecer informações pessoais da pessoa entrevistada, como idade, religião, tempo de docência, formação e participação em

<sup>1</sup> Todas as gravações e transcrições das entrevistas encontram-se em poder do pesquisador.

organizações sociais, entre outras, que foram usadas quando necessário na discussão apresentada. As demais partes do roteiro seguiram perguntas sobre a relação entre os estudantes, a relação com a escola e outras questões que pudessem traduzir opiniões e conhecimentos sobre masculinidade. O roteiro possibilitou ter uma continuidade de processo de desenvolvimento da entrevista que permitiu a comparação com as falas de outros/as entrevistados/as e também com

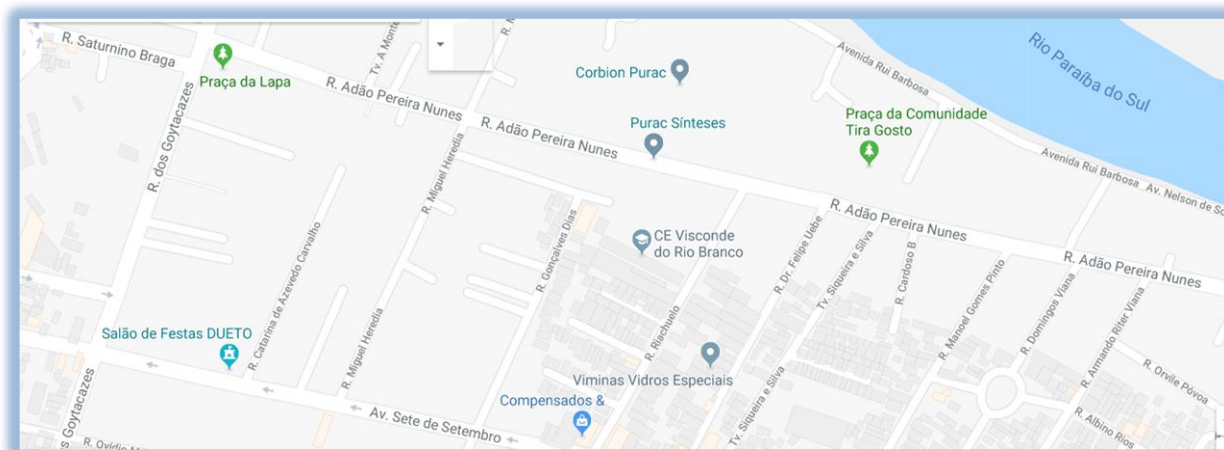


**Figura 3 - Região do Bairro Turf Club (Destaque para o CE Dr. Thiers Cardoso)**  
**Fonte: google maps: <http://www.google.com.br/maps/place/C+E+Dr+Thiers+Cardoso>**



**Figura 4 - Parte frontal do CE Dr. Thiers Cardoso**  
**Fonte: fotografia de Cleber Teixeira de Oliveira**

o que apareceu nos grupos focais. Mas, de forma geral, o que privilegiamos foi o diálogo mais aberto que permitiu tanto incluir novas questões que parecessem necessárias quanto desconsiderar algumas que parecessem repetitivas ou sem propósito para o avanço das falas. A



**Figura 5 – Região do Bairro da Lapa**

Fonte: google maps: <https://www.google.com.br/maps/@-21.7578999,-41.3073563,16z>

maior parte das entrevistas aconteceu nas próprias dependências das escolas pela facilidade de podermos marcar as entrevistas, nos reservar e gravar as conversas. Poucas delas aconteceram em outros lugares onde os/as professores/as julgaram mais possíveis para sentarmos e conversarmos com mais tranquilidade. Desses lugares, destaco a ida até uma das Vilas Olímpicas de Campos, a casa de um professor, a universidade e outras escolas. Essa possibilidade foi dada a partir do primeiro contato com cada pessoa em que, para oportunizar a entrevista, eu informava que cada um/a poderia dizer o melhor momento de uma disponibilidade para conversarmos. As escolas da pesquisa foram a maioria, dado que foi esta a preferência de alguns/as, o que possibilitou novos contatos e outras observações de campo. A quantidade e a qualidade das informações que aparecerão na discussão indicam o quanto o momento possibilitou uma coleta de informações relevantes.



**Figura 6 - Foto da parte fronteira do CE Visconde do Rio Branco**

Fonte: fotografia de Cleber Teixeira de Oliveira

Escolher trabalhar com grupos focais também foi uma alternativa que trouxe significativo enriquecimento para o trabalho. As entrevistas realizadas nos grupos focais foram importantes momentos de complementação das informações obtidas com professores/as. Nessas entrevistas, pude confirmar, desdobrar e mesmo conflitar informações que me foram passadas pelos/as professores/as. Esse representou um momento de grande riqueza para a pesquisa. Ter a oportunidade de ouvir os meninos em separado, com suas idiossincrasias, foi um momento que representou um ponto alto da pesquisa. Com momentos de discursos emocionados, com situações que provocaram risos, com acontecimentos diversos que foram indispensáveis para o trabalho de campo, as informações que pude obter com os grupos focais foram, sem dúvida, de grande importância. Feito isso, pude ver o quanto esse momento foi imprescindível para uma melhor compreensão do que os meninos trouxeram. Falas intensas, reticências, choros, risos, contradições e até desconfortos foram indicadores que puderam trazer as minúcias sobre o discurso a respeito da masculinidade. Fazê-los falar, poder observar reações variadas e poder ouvi-los foi de fato uma grande oportunidade.

Selecionados pelas professoras de sociologia das escolas, esses grupos, na maioria das vezes, contaram com a presença da totalidade de meninos de algumas das turmas, faltando apenas aqueles que se ausentaram no dia na escola. Os grupos foram realizados nas escolas. Toda a forma de como seriam as entrevistas e todos os acordos que deveriam ser respeitados com preservação de imagens e de identidades, bem como os objetivos da pesquisa e algumas dúvidas que os meninos pudessem apresentar foram um dos momentos importantes da preparação das entrevistas de grupos. A indicação de que todos seriam tratados por codinomes trouxe um inesperado divertimento. Dispostos sempre em círculos pela quantidade pouco numerosa dos meninos e para facilitar as falas e observações, pegaram folhas de papel em tamanho A4, dobraram em três partes para fazer um triângulo e colocavam os codinomes de suas escolhas escritos em pincel e com letras grandes. Eles passariam a referir-se uns aos outros exclusivamente pelos codinomes. Outro acordo firmado foi que quaisquer nomes citados de pessoas externas ao grupo seriam sempre trocados por algum outro nome para não identificarmos as pessoas, mas que eles deveriam dar indicações entre si de alguma característica para que o grupo soubesse de quem estariam falando. As entrevistas contaram com relatoria<sup>2</sup>, na maioria das vezes, das professoras de sociologia, e em outras vezes de colegas da pós-graduação ou do grupo de estudos. Duraram, em média, 45 minutos e foram divididas

---

<sup>2</sup> Todas as gravações de áudio das entrevistas, as relatorias e as transcrições das entrevistas dos grupos focais encontram-se em poder do pesquisador.

em dois momentos, o da apresentação de imagens de homens comuns e famosos coletados de sítios de busca da internet e as conversas com roteiro que tinham a intenção maior de fazê-los falar seja sobre as imagens, sobre suas opiniões a partir de temas propostos e da convivência estabelecida entre eles dentro e fora da escola. Dos seis grupos, o primeiro aconteceu no Liceu de Humanidades em 06/10/17 com meninos do 3.º ano do Ensino Médio (EM); o segundo no CE Dr. Thiers Cardoso em 11/10/17, com meninos do 3.º ano do EM; e terceiro, o quarto e o quinto foram realizados no mesmo dia, 20/10/17, sendo os dois primeiros na parte da manhã no CE Visconde do Rio Branco, com meninos do 1.º e do 3.º anos do EM, e o terceiro no Liceu de Humanidades, com meninos do 3.º ano do EM, na parte da tarde. A escolha do Ensino Médio foi por uma questão simples de facilidade de acesso, por eles já terem certa maturidade quanto alguns temas e também por já terem estudado questões relativas ao tema em matérias como biologia, sociologia, filosofia e língua portuguesa, fato constatado em muitas falas que fizeram quando falaram sobre preconceito, formação biológica, interesse de temas de redação, entre outros. A escolha das séries foi por uma questão de oportunidade.

Todas as entrevistas realizadas foram o ponto basal da discussão sobre a masculinidade que apresentarei a seguir. A discussão do que foi feito nas entrevistas aparecerá no terceiro capítulo, no entanto, em todo o trabalho farei uma discussão sobre o que a literatura trouxe sobre o tema, o que me levou a articular a discussão da masculinidade com os conceitos de sexualidade e de gênero.

O primeiro capítulo tratará sobre a importância de se discutir e conhecer melhor sobre os homens e a masculinidade e sobre a importância de discuti-la dentro de uma perspectiva de gênero e de sexualidade. Mostrarei que o interesse sobre o tema já dá sinais de crescente interesse, testemunhando esforços importantes em estudos que vêm sendo feitos e que estão em franco crescimento. O estudo da masculinidade gerou mais pesquisas em outros países. Como veremos, pessoas de reconhecida envergadura teórica começaram a dar atenção a este tema. Destaco, nesse sentido, o detalhado trabalho feito por Bourdieu (2007a) sobre a dominação masculina. Veremos que estudiosos também de outras partes do mundo começaram a dar atenção a um tema que pareceu de interesse relativamente baixo. Veremos também que o Brasil mais recentemente não ficou alheio a isto, pois encontrei alguns importantes trabalhos realizados nos círculos acadêmicos a esse respeito e procurei destacar alguns que passaram a entender a importância de que pensar o gênero é pensar também os homens e que pensá-los em consonância significa conceber a masculinidade como um tema verificável e que cada vez mais

demonstra que outros subtemas e outros espaços poderão dar atenção a ele com a devida importância.

No segundo capítulo procuro discutir a escolha teórico-metodológica do trabalho e descrevo também como apliquei a metodologia para chegar a entender melhor como se desenvolveu a discussão sobre a masculinidade e sua relação intragênero. Esse capítulo terá a finalidade de demonstrar como o embasamento teórico-metodológico estruturalista, com colaboração de estudos pós-estruturalistas, ao discutir sexualidade e gênero de uma maneira ampla, proporcionou pensar os homens e o masculino também sob essa perspectiva e deu seu caldo à discussão. Como indicarei, a escolha não é a única possível e nem desconsidero a importância das demais vertentes teórico-metodológicas, mas, por uma questão de inserção na temática alinhar-se a este viés teórico metodológico, este foi o caminho mais adequado encontrado, visto que alguns estudos estão fixados exclusivamente nele. Ao final do capítulo, trarei uma descrição da entrada em campo para assim poder levar ao ponto alto do trabalho que é o da análise dos dados colhidos em campo com a articulação da teoria sobre o tema.

No terceiro capítulo, portanto, é que trago a discussão que o trabalho de campo proporcionou. Mais do que articular a teoria, indicarei que o trabalho de campo foi grandioso para pensar o tema, testar a hipótese da pesquisa de uma relação intragênero baseada em formas de violência, alcançar os objetivos e assim promover as discussões a respeito da masculinidade. Foi relevante para apontar questões sobre a suposta crise da masculinidade, a presença intrigante da homossexualidade, a verificação de ações violentas em nome de uma masculinidade modelar e a relação do discurso a respeito da masculinidade com a influência de instituições como a escola, a família e a igreja.

O contato com o campo levou a pensar algumas possibilidades pouco exploradas pela literatura especializada. Digo isso, porque mesmo sem querer criar terminologias e sem querer dizer que existe um tipo, uma personalidade à parte, fui levado a conceber como insuficiente a divisão dicotômica dos homens em dois extremos, como apareceu bastante na literatura, para pensar que é possível dizer que os homens são mais diversificados e que entre esses dois extremos haveria uma masculinidade que chamei de masculinidade intermediária. Todas essas classificações podem ser consideradas como tipos ideais de classificação. A literatura me fez utilizá-las e sugerir outra classificação que, a meu ver, serve para perturbar o que estaria posto. O campo também trouxe falas de que a masculinidade é tanto uma construção que está em plena mudança, o que levou algumas professoras a falar sobre isso e dizer que esperam sobre os homens do devir.

Diante disso, o trabalho apresentado destina-se a ser uma reflexão que, mais do que apresentar pretensões conclusivas, pretende indicar que o debate sobre a masculinidade ainda trará outras novas interpretações. Pensar a masculinidade como construção, portanto, possibilita isso e permite pensar que ela foi construída em bases pouco sólidas sendo possível conceber que ela está em constante transformação. Concebê-la assim também permite problematizar o lugar que foi socialmente construído de uma dominação masculina sobre as mulheres e sobre outras possíveis formas de masculinidade.



# CAPÍTULO 1. O INÍCIO DO CAMINHO: PRECISAMOS CONHECER OS HOMENS

## 1.1. Estudos de gênero e os homens: uma abordagem menos comum

Os estudos focados na realidade da mulher são muito mais frequentes quando estudiosos se lançam nos estudos de gênero. Os motivos são justificáveis, já que nas relações entre os gêneros, as mulheres são sempre o segmento oprimido que principalmente sofrem com as consequências da dominação masculina. Elas acabam sendo as principais vítimas de uma dominação masculina que as colocam como objetos e como cidadãs de segunda categoria, incidindo muito mais sobre elas aquilo que se entende por violência de gênero (BARCELOS, 2003). No caso do Brasil, que não parece ser muito diferente de outras partes do mundo neste aspecto, vemos em números proporcionalmente maiores, as mulheres como as mais afetadas pela violência doméstica (ALMEIDA & SAFFIOTTI, 2003; SAFFIOTTI, 2001), pelas violências sexuais (MACHADO, 2004; NAHOUM-GRAPPE, 2004) – muitas vezes justificadas pela concepção de impulsividade sexual incontrolável dos homens, que para Salem (2004), é tornada evidente entre os homens de classe popular (SALEM, 2004) –, pela agressão moral (BARCELOS, 2003), entre muitas outras situações que são produzidas pela concepção masculina da mulher como objeto (LEONINI, 2004; MACHADO, 2004). Somados à noção de que os homens seriam um grupo pouco ou nada problemático (OLIVEIRA, 2004; WELZER-LANG, 2004), esses eventos, certamente, impulsionaram muitos estudos voltados para a situação desigual da mulher e contribuíram para que os estudos de gênero se tornassem quase sinônimo de estudos da mulher.

Outras abordagens dentro dos estudos de gênero, entretanto, têm surgido e diversificado esse ramo de estudos. Esta dissertação se propõe a chamar atenção para a relevância de um desses estudos e mostrar pela empiria que eles podem ser ampliados e diversificados. Isto é possível ao conceber esse tema como um estudo de gênero, sobretudo se considerarmos o conceito de gênero entendido por estudiosos e estudiosas, como Joan Scott (1992), de que a categoria *gênero* foi “usada primeiro para analisar as diferenças entre os sexos, [sendo] estendida à questão das diferenças dentro da diferença” (SCOTT, 1992, p. 87). Parte daqueles estudos mais numerosos analisava os movimentos feministas ou de mulheres pela emancipação política e social, a violência contra a mulher e a violência doméstica em que ela

seja uma das principais vítimas. Como aqueles estudos fixaram grande atenção às questões, alguns pesquisadores chegam a se perguntar, como fez Scavone (2008), se os estudos de gênero são sempre estudos feministas. No caso especificado pela autora, se a sociologia feita sobre gênero é sempre uma sociologia feminista. Segundo ela nos traz,

as diversas teorias que deram origem a esse conceito [de gênero] indicam a multiplicidade das reflexões feministas como também a incidência de influências teóricas distintas e conflitantes. O aprofundamento desse conceito e sua diversificação nos possibilitam atualmente falar em *teorias* de gênero (SCAVONE, 2008, p. 179. Grifo meu).

A despeito da importância que aqueles estudos tiveram, e ainda têm, para colaborar com a ressignificação de novas formas de luta contra a dominação masculina, pensar em *teorias* de gênero, isto é: na ampliação e na diversificação dos já ortodoxos estudos de gênero, significa conceber que esta teoria também pode dar atenção a relações de gênero, que aqui chamo de relações intragênero, no caso aqui as ocorridas entre os homens. Considero que aprofundar esta relação ocorrida entre os homens, me leva a indicar que essa intrarrelação pode obedecer às mesmas lógicas da dominação e opressão estabelecidas na relação opressiva intergênero denunciada pelo movimento e pelos estudos feministas

Se o avanço das teorias de gênero contribuíram para mostrar que “as mulheres são o sexo que não é ‘uno’, mas múltiplo” e que “a crítica feminista tem de explorar as afirmações totalizantes da economia significante masculinista, mas também deve permanecer autocrítica em relação aos gestos totalizantes do feminismo” (BUTLER, 2003, p. 29, 33), o que dizer daquele que teria ficado “intocado” como o dominador-opressor, o sexo (ou, como concebemos aqui, o gênero) masculino? Uma reflexão que problematiza e ressignifica conceitos arraigados lá, acaba por recolocar a necessidade de se problematizar cá também. E é pensando neste sentido que somos levados/as a compreender que os homens e o masculino precisam ser repensados e compreendidos.

Sendo assim, a relação entre os homens e seus possíveis conflitos são uma realidade verificável pela sociologia que pode estudar seus aspectos mais variados em contextos sociais determinados. Dado que o gênero é concebido como uma construção social e histórica que estabelece normatizações de conduta para os sujeitos sociais sexuados inscritos nestes contextos, a sociologia possui ferramentas preciosas para aprofundar o debate a respeito da construção do masculino e o entendimento de como ele se constituiu e se constitui como o gênero que se superpôs. A sociologia, portanto, permite conceber que os papéis exercidos pelas pessoas pertencentes ao gênero masculino, e que são automaticamente cobrados e reforçados por eles, fazem parte do processo de socialização.

O processo ontogenético pelo qual isso se realiza é a socialização, que pode assim ser definida como a ampla e consistente introdução de um indivíduo no mundo objetivo de uma sociedade ou de um setor dela. [...] A sociedade, a identidade, e a realidade cristalizam[-se] subjetivamente no mesmo processo de interiorização (BERGER & LUCKMAN, 2012, p. 169; 173).

Concebido pela sociologia como um processo de socialização, o gênero, portanto, é uma construção que só passa a ter significado conforme o contexto social que o engendra. Para a sociologia, assim sendo, o gênero passa a ser um importante objeto de estudo a ser pautado. Entendendo que o gênero masculino possui uma mais recente introdução nos estudos de gênero, dentro e fora da sociologia, compreendo que esses estudos podem ter importante contribuição dos estudos sociais e mostrar como eles podem ser objetos de estudos desta área do conhecimento.

Como subárea da sociologia, a sociologia política terá também importante colaboração no aprofundamento do debate sobre o gênero masculino. Tradicionais à sociologia política, as noções de poder e de ordem possuem uma relação íntima com a construção da masculinidade, expressada em diversas ações colocadas como papéis masculinos. Como, por exemplo, mostra Bourdieu,

uma sociologia política do ato sexual faria ver que, como sempre se dá em uma relação de dominação, as práticas e as representações dos dois sexos não são, de maneira alguma, simétricas. [...] Porque o ato sexual em si é concebido pelos homens como uma forma de dominação, de apropriação, de “posse” (2007a, p. 29).

Neste exemplo que o autor nos trouxe, vemos como a sociologia política pode versar sobre a abordagem do gênero masculino e das suas problematizações. Especialmente porque ela trata daquilo que falei logo acima, das noções de poder e da ordem. A ordem, como a sociologia a concebe, é a ordem socialmente estabelecida que determina comportamentos e atitudes, trata-se do ordenamento social dado em uma determinada sociedade e que se torna responsável pelas condutas socialmente esperadas dos cidadãos. No que tange ao poder, é possível concebê-lo a partir da concepção também bourdiesiana de um poder não restrito às instituições formais ou formalizadas como o Estado, mas que pode ser exercida de uma maneira bem menos visível, através do que chamou de poder simbólico. Para Bourdieu,

o poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem *gnoseológica*: o sentido imediato do mundo (e, em particular, do mundo social) supõe aquilo a que Durkheim chama *o conformismo lógico*, quer dizer “uma concepção homogênea do tempo, do espaço, do número, da causa, que torna possível a concordância entre as inteligências” (2009, p. 9. Grifos do autor).

Fica evidenciado que Bourdieu estabelece uma relação intrínseca entre o poder e a ordem, num ordenamento do pensamento e das atitudes. Em outro momento do mesmo texto, ele dá uma definição de como esse poder invisível se exerce e ganha seus adeptos que pouco

estão dispostos a concebê-lo como objeto. De um poder que se exerce de forma imperceptível e, portanto, de efeito prolongado. Em suas palavras, “o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (2009, p. 7).

Poderíamos ainda tratar o poder a partir da concepção foucaultiana, que o amplia para muito mais além do que os espaços tradicionalmente reconhecidos como os detentores do poder. Tratando de como ele se exerce também como dispositivo em torno da sexualidade, o autor analisa que precisamos avançar para uma outra concepção de poder menos dependente da lei:

E é desta imagem que precisamos libertar-nos, isto é, do privilégio teórico da lei e da soberania, se quisermos fazer uma análise do poder nos meandros concretos e históricos de seus procedimentos. É preciso construir uma analítica do poder que não tome mais o direito como modelo e código (FOUCAULT, 2009, p. 100).

Pensando com esses autores e com os conceitos que eles trazem, torna-se possível pensar como a sociologia colabora para os estudos de gênero como um estudo relacionado a como os homens constroem sua realidade e passam a viver como se aquilo que foi construído cuidadosamente ao longo do tempo fosse algo tido como natural. As noções de força, de capacidade para o exercício da autoridade, da virilidade como um dom superior frente ao feminino, da capacidade de governo, de uma disposição para enfrentar os problemas de forma racional, ou seja: de um racionalismo frente a um suposto sentimentalismo feminino, da ausência de medo, da ausência de fragilidade, da capacidade própria para o exercício da liderança e de algumas profissões que dependeriam de força e de agilidade técnica, de potência e predisposição sexual, entre outras qualidades que seriam compreendidas como naturalmente masculinas. Ligando-se à fisiologia de sua anatomia corporal, não passariam de uma construção social, facilmente identificável pela sociologia como uma construção de gênero. Prova disso seriam as clivagens sociais, que levam ao entendimento de que ser homem das classes altas e das classes médias seria algo diferente do que ser homens dos estratos mais pobres e menos privilegiados. As diferenças concebidas como tal, que são observadas em pesquisas sociológicas que se dedicaram a estudar essas relações, já indicariam que se tratam de diferenças que não devem ser explicadas pelas formações anatômicas dos homens. Outras diferenças igualmente identificadas são as diferenças existentes entre o que significa ser homem em alguns outros contextos culturais do mundo, também entre homens de diferentes períodos históricos, entre homens de diferentes orientações religiosas ou de quaisquer outras experiências socioculturais que os coloquem em distintas visões de mundo.

Provavelmente algumas similaridades poderão ser encontradas entre os homens dos contextos sociais citados no parágrafo anterior. Mas por que insistiríamos em procurar as semelhanças entre esses homens, quando o que mais existe entre eles são as diferenças? E aquilo que faz os homens diferentes das mulheres em uma dada configuração social também não poderia explicar as diferenças entre os homens de diferentes configurações sociais? São essas perguntas que devem nos levar a entender os homens e o masculino como uma construção de gênero de contornos tão bem delineados como os estudos de gênero se dispuseram a evidenciar sobre as mulheres e o feminino. E ao pensar os homens como uma categoria de gênero, implicaria dizer que as determinadas características que os homens possuem em comum em contextos culturais são construídas socialmente. E se são construídas socialmente, há as injunções menos ou mais identificáveis para que os homens se comportem de determinada maneira. Se há essas construções, estudar os homens como gênero, também significa dizer que é possível desconstruir o que foi estabelecido e o que é imposto, principalmente quando essas mesmas imposições de condutas levam ao desconforto muitos homens que por algum motivo não querem ou não conseguem se adequar a esses comportamentos.

Pensar que devemos conceber os homens e o masculino como uma categoria de gênero, ou seja, que eles possuem características que foram construídas e que podem ser desconstruídas, significa colocar em discussão as posições ocupadas por muitos desses homens. Isso será relevante sobretudo se pensarmos que mulheres e outros homens fora das conformidades dos ditames do gênero, cada vez mais têm reivindicado o direito de igualdade perante àqueles homens que hoje ocupam os pilares da dominação.

Diante disso, pensar os homens como uma categoria de gênero e, portanto, indicar que seu poder pode ser dividido com outras pessoas historicamente alijadas desses poderes, certamente não significa uma tarefa fácil. Pensar que os homens estão dispostos a dividir o poder tão cuidadosamente construído em seu favor pode até mesmo parecer ingênuo, mas o preço dessa mudança promovida pela chegada de atores e atrizes tão bem articulados/as um dia deverá ser pago e se for feito logo, mais cedo os detentores do poder irão se acostumar com a realidade de ter de dividir esses espaços.

## **1.2. Mudança de perspectiva: visibilidade dos estudos dos homens**

Como mostrado na seção anterior, o estudo dos homens na perspectiva de gênero é uma realidade em construção. Isso é confirmado por um dos estudiosos atuais da masculinidade.

Segundo ele, “fala-se muito dos homens, [...] contudo, os homens e o masculino raramente são contextualizados numa problemática de gênero” (WELZER-LANG, 2004, p. 107).

Nesta seção, procurarei evidenciar alguns estudos, especialmente da área de sociologia, que tratam os homens e o masculino como objeto de estudo e pensam essa reflexão como significativa no processo de transformação de sua realidade, muitas vezes entendida como de mudança necessária. Essa abordagem dos estudos feita de maneira adequada preparará o terreno para os objetivos pretendidos nesta dissertação: que é a de captar e interpretar o discurso a respeito do masculino a partir de um estudo empírico realizado em um determinado contexto, ou seja: em três escolas do ensino público estadual de Campos dos Goytacazes (RJ). Esse discurso foi obtido por meio de um trabalho de campo realizado nessas três escolas, com entrevistas feitas com professores e alunos e a metodologia e o embasamento teórico que dirigiram o trabalho de campo e os estudos sobre a masculinidade, serão discutidos no próximo capítulo. Feito esse percurso, no capítulo final trarei as análises dos discursos dos entrevistados e assim poderei apresentar as considerações conclusivas a respeito do que trouxe o discurso e pensar caminhos de colaboração para os estudos de gênero voltados para a masculinidade.

Outra informação relevante neste momento antes de dar prosseguimento a esta seção, é que uma breve introdução a respeito de algumas ideias de alguns dos autores que comporão todo o embasamento teórico desta dissertação já foi apresentada na seção anterior e reaparecerão aqui com suas discussões mais aprofundadas sobre a questão da masculinidade. Também é mister mencionar, que nas seções seguintes, especialmente no que trata da produção acadêmica feita no Brasil a respeito do tema, alguns autores ganharão um destaque de maior relevo por se tratar de uma discussão que trago a respeito destas obras como produção acadêmica feitas em suas dissertações de mestrado ou em suas teses de doutorado. Com isso, pretendo mostrar que mesmo que os diversos autores dialoguem com momentos específicos do texto, aqui nesta seção, eles serão trazidos como autores que colaboraram com a visibilidade dos estudos a respeito dos homens e da masculinidade.

Um dos autores mais proeminentes da contemporaneidade<sup>3</sup> na busca de um estudo profundo e contextualizado dos homens como uma categoria de gênero é o sociólogo francês Daniel Welzer-Lang. Para este autor, ao lançar-se nos estudos sobre os homens, a primeira dificuldade encontrada “diz respeito ao androcentrismo” (2004, p. 110). Isto equivale dizer que,

---

<sup>3</sup> Digo contemporaneidade por considerar como Welzer-Lang (2004) que os estudos voltados para os homens numa perspectiva de gênero, são estudos relativamente recentes, embora seja possível encontrar referências à questão da masculinidade em autores de outros tempos.

como os homens foram sempre concebidos como o gênero hegemônico, poucos foram os estudos voltados para suas questões. Neste mesmo texto citato ele fala da importância de diversificarem-se e ampliarem-se os estudos sobre os homens, no sentido de “não mais pesquisar a qualquer preço o que faz a diferença entre os sexos, mas [para] descrever e compreender como a diferença é construída socialmente” (2004, p. 135), e assim desconstruir o masculino, revelando-o como gênero, visando questionar os privilégios concedidos aos homens. Em outro momento, o autor fala da importância de buscar conhecer esta realidade que muito precisa ser explorada, para ele, “demande donc de situer l’analyse, de contextualiser les transformations actuelles dans les rapports sociaux de sexe, à la lumière des savoirs sur les hommes et le masculin, surtout quand ceux-ci sont encore peu connus<sup>4</sup>” (WELZER-LANG, 2010, p. 17). Nesta importância de buscar pesquisar, ele alerta que se trata de um exercício de autoquestionamento que deve mover os homens que se aventuram a pesquisar sobre masculinidade. Para ele,

quem, que homem sociólogo, pode pretender ter hoje um ponto de vista objetivo, não influenciado por seu sexo social ou sua sexualidade? A questão é integrar objetivamente esse dado incontornável, em vez de pela enésima vez fazer crer que apenas as mulheres, os/as homossexuais, os/as bissexuais, os/as transexuais seriam diferentes” (2004, p 124).

O estudioso também trata das relações estabelecidas entre os homens especialmente no sentido da construção de um modelo de masculinidade que exclui comportamentos considerados desviantes do homem autêntico, e mostra como isso se estabelece na relação entre homens heterossexuais e homossexuais, sendo a homofobia um sério problema a ser erradicado. Welzer-Lang também fala sobre a educação dos meninos “nos lugares monossexuados (pátios de colégios, clubes esportivos, cafés... [...])” (2001b, p. 462), como estruturador da construção do masculino e do estabelecimento de hierarquias entre homens. Nesses espaços também, bem como naqueles menos monossexuados, haveria uma busca por antagonizar-se com o feminino, buscando-se sempre afastá-lo como um meio de preservar a masculinidade: “entre os homens, o feminino se torna o polo antagônico central, o inimigo interior que deve ser combatido” (2004, p. 118) e que no processo de socialização masculina, “o feminino se torna até o polo de rejeição central” (2001b, p. 465). Através da educação e da socialização masculina, continua Welzer-Lang (2001b, 2004), há uma busca intensa de se pensar a masculinidade, e nesse processo, os

---

<sup>4</sup> Minha tradução livre: “necessita, portanto, situar a análise, contextualizar as transformações atuais nas relações sociais de gênero à luz dos saberes sobre os homens e o masculino, sobretudo por serem esses ainda pouco conhecidos”.

homens passariam por situações em que aprendem a sofrer para serem homens e que de alguma forma estimula a agressividade e a rivalidade, exercida com outros homens e com as mulheres.

Este autor também desenvolve estudos sobre o comportamento sexual masculino, que é demarcado por suas peculiaridades. Ele trata sobre isso ao desenvolver um estudo sobre a prática do swing na França. Entre os homens pesquisados naquele contexto, observou ser comum uma disposição de uma prática que denunciava a forma como os homens se comportam sexualmente e que os colocava em uma posição diferenciada das mulheres. Como mostra, “au désir des hommes de vivre des relations sexuelles avec plusieurs femmes de manière successive et/ou simultanée<sup>5</sup>” (2001a, p. 119), os colocaria como francos adeptos daquela prática sexual.

Por fim, outra questão tratada pelo autor, mas que de forma alguma esgota a diversidade de temáticas relacionadas à masculinidade que ele estudou, está o estudo dos homens no quesito conjugalidade e sua relação com o mundo doméstico. Num estudo empírico realizado em conjunto na década de 1990 (FILLIOD & WELZER-LANG, 1991), ele e outro pesquisador dedicaram especial atenção à solteirice e mostraram que a busca por viver sozinho, que é diferente de celibato ou uma aversão a futuros casamentos, indica um momento da vida de alguns desses homens pautada na busca por uma autonomia. Uma de suas conclusões sobre a solteirice é que “vivre seul est une manière formelle et simplifiée de vivre le modele masculin où sont séparées les différentes fonctions conjugales<sup>6</sup>” (FILLIOD & WELZER-LANG 1991, p. 320), o que significa dizer que os homens que optam por passar um tempo sozinhos, estejam pouco dispostos a assumir as responsabilidades que considerariam de grande encargo que uma vida conjugal lhes traria. Também desenvolvem pesquisas com homens casados e mostraram que existe na forma como esses homens se comportam influenciados por um feminismo militante ou um feminismo difuso, o que afeta o comportamento masculino e sua visão sobre suas responsabilidades menos ou mais comprometidas com o sexo oposto (FILLIOD & WELZER-LANG, 1991). Essas observações indicam como a contemporaneidade desses homens está marcada por uma realidade próxima dos ideais urbanos e feministas que faz com que eles produzam novas formas de conceber o comportamento conjugal dos homens em geral e com grande destaque aos discursos expressos pelos homens casados.

O que podemos observar dos estudos empreendidos por este autor é que ele não esteve apenas preocupado em dar atenção aos estudos dos homens com base nos estudos de gênero,

---

<sup>5</sup> Minha tradução livre: “o desejo dos homens de ter relações sexuais com várias mulheres de forma sucessiva e/ou simultânea”.

<sup>6</sup> Minha tradução livre: “viver sozinho é uma maneira formal e simplificada de viver o modelo masculino, onde as diferentes obrigações conjugais estejam separadas”.



ele também indicou como importante o desenvolvimento de pesquisas amplas e diversificadas e chegou a desenvolver pesquisas empíricas em seu país voltadas para os homens no intuito de levar adiante sua preocupação em conhecer os homens em amplitude.

Outros autores também trouxeram importantes colaborações para o estudo dos homens e desenvolveram estudos que indicaram a necessidade de tratar o masculino sob a perspectiva dos estudos de gênero.

Destaco também a colaboração de Juan Antonio Rodrigues del Pino. Este autor trouxe importantes observações sobre os estudos dos homens e como conclusões trouxe que cada vez mais devemos conceber os homens como multidimensionais, diferentemente de tempos anteriores em que o homem era concebido como um ser pouco fragmentado e com certa unidimensionalidade. Como mostra, a masculinidade “varía en el tiempo, en el contexto social, en las costumbres, en la memoria social, en el tipo de economía, en el objetivo social buscado, en la ideología y la convivencia histórica que la definen dentro de un grupo social determinado”<sup>7</sup> (PINO, 2013, p. 98). Ou seja, os homens têm de ser concebidos conforme o contexto social em que vivem, pois esses contextos sociais diversos forjarão homens diversos. A variabilidade dos homens está muito além dos países em que vivem, mas também a partir de diferenciações internas dessas culturas que produzirão homens diferentes entre si. Esta observação dialoga com aquilo que tratei acima, onde homens de classe média e alta, muitas vezes, terão comportamentos similares, mas muitas vezes terão comportamentos divergentes. Em outras palavras: ser homem de determinada classe social, de determinado contexto cultural (urbano ou rural), de determinadas religiões, serão homens diferentes entre si, a despeito de uma concepção muitas vezes tratada por formas anteriormente usuais, algumas vezes até mesmo intelectuais, que consideravam todos os homens muito pouco diversificados entre si.

Esse autor continua indagando se é possível tratar a dominação masculina sem tratar dessas formas diversas de ser homens nos mais diversos contextos em que eles são educados. Seria complicado estabelecer uma forma pouco diversificada de como a dominação masculina se estabeleceria, ela encontra morada em formas diferentes de ser homem que produziria formas também diferentes de exercer o domínio sobre as mulheres e sobre outros homens. Toda forma de pensar dominação, hegemonia e machismo precisa considerar as diversidades dos homens, sobretudo por considerarmos ser a masculinidade um conceito “variable, polisémico, [;] no hay

---

<sup>7</sup> Minha tradução livre: “varia no tempo, e no contexto social, nos costumes, na memória social, no tipo de economia, e no objetivo social buscado, na ideologia e na convivência histórica que a definem dentro de um grupo social determinado”.

un único concepto de masculinidad, aunque las definiciones de lo masculino tienen un carácter relacional: lo masculino se define socialmente y, sobre todo, frente a lo femenino<sup>8</sup>” (2013, p. 100). E ele faz também um apelo para considerarmos os homens, bem como já vem sendo feito com as mulheres, como um constructo de gênero que obedece a formas muito diversas de se construir e reconstruir o que vem a ser um produto do social. Em suas considerações, ele fala da importância de se tratar esse assunto do ponto de vista sociológico e chama atenção para a desconstrução do que se concebe como o macho alfa, o homem forte, o provedor econômico, aquele que desconsidera as lutas e conquistas feministas, etc., especialmente se entendermos que o que mais precisa ser considerado é a propalada crise do masculino que coloca em questão todos aqueles velhos atributos do homem. Para suas conclusões, ele vai um pouco além, dizendo que até mesmo o que se considera como novas masculinidades precisa ser posto em debate, uma vez que as sociedades são ininterruptamente transformáveis, e deixa a questão: “¿Hay una homogeneidad en cuanto a lo que se han venido a denominar como ‘nuevas masculinidades’?”<sup>9</sup>” (2013, p. 105). Buscado este texto do autor, podemos identificar como ele traz importantes colaborações para se pensar sociologicamente o masculino e todas as implicações que de forma alguma precisam ser desconsideradas ao tratar o homem como multidimensional.

Outra colaboração significativa no estudo das masculinidades vem da socióloga australiana Reawyn Connell. Cabe um destaque para a importância que sua vida pessoal imprimiu em suas análises sobre o tema. Por se tratar de uma pessoa transexual, isto é, uma pessoa que transitou de uma configuração biológica masculina para a adesão de um gênero feminino, ela se colocou como uma importante estudiosa da construção social dos gêneros. Sem dúvida, o fato de ela ser uma pessoa transexual não seria a única vantagem em colocá-la como uma pesquisadora do assunto. Outras pessoas que não passaram pela experiência de trânsito de gênero, podem perfeitamente discutir questões de gênero e masculinidade com perfeita competência intelectual. O destaque sobre sua experiência pessoal trazida aqui, visa apenas mostrar que ela leva esse diálogo entre sua vida pessoal e sua vida acadêmica de uma maneira que esta experiência pessoal a leve à proximidade de outras realidades que a fazem enriquecer aquilo que se designou a estudar. Provavelmente o fato de ter vivenciado a transição a coloque em contato com um universo que outros estudiosos talvez possuam uma demora maior para se

---

<sup>8</sup> Minha tradução livre: “variável, polissêmica, [;] não existe um conceito único de masculinidade, embora as definições do masculino tenham um caráter relacional: o masculino é definido socialmente e, acima de tudo, contra o feminino”.

<sup>9</sup> Minha tradução livre: “Existiria uma homogeneidade naquilo que se vem denominando como ‘novas masculinidades’?”.

inserir, como processos mais trabalhosos para construir um contato com campos de estudo, com construções de confiança com pessoas envolvidas no debate político das transformações (movimento social feminista, movimento social de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT) e de pessoas intersexuais). Em outras palavras: ela talvez tenha tido um caminho mais curto para se aproximar de um debate que lhe é tão visceral. Este fato talvez seja um dos que venham explicar o seu interesse em estudar o tema. Por outro lado, ela apresentaria uma dificuldade maior do que outros que não vivenciaram as mesmas experiências, de estabelecer aquilo que a antropologia considera como o estranhamento do campo a ser estudado. Com ou sem essa experiência pessoal, o mais importante é que ela é uma grande colaboradora do tema em questão e trouxe conceitos que são valiosos para a discussão da masculinidade.

Uma de suas pesquisas trata da teorização a respeito do patriarcado. Como ela discute, considerando também que Welzer-Lang (2004) vincula como necessidade de repensar o termo, visto que, para ele, o termo remeteria à ideia de paternidade, ela assevera ser necessário pensar o patriarcado de uma forma mais ampla. Como ela nos traz, patriarcado, como teorizado até então incluiria subordinação das mulheres, as práticas dessas dominações, divisão sexual do trabalho, o corpo nas relações sociais e atitudes dos movimentos contra essas dominações. Para ela, as teorizações anteriores sobre o patriarcado avançaram pouco em relação ao que se considera essa dominação com toda a sua relação de classe, com o processo histórico que o engendrou e com um debate que o coloque como um todo, isto é: que reconheça a influência do todo nesse processo de dominação patriarcal. Para ela,

a dinâmica do patriarcado deve ser entendida como uma dinâmica composta, na qual a resistência ao poder, as contradições na formação da pessoa, as transformações da produção, etc., interagem. Sobre a estrutura desta dinâmica, ninguém, tanto quanto eu saiba, realizou ainda qualquer trabalho (CONNELL, 1990, p. 92).

Deve-se pensar, nesta perspectiva, que movimento feminista, movimento gay e outros movimentos de resistência precisam considerar todos os meios que estão além de uma questão mais localizada para assim se pensar em caminhos e processos que atinjam transformações em direção ao rompimento a todas as formas de opressão exercidas *entre* as pessoas, que repensem todas as estruturas que fazem as pessoas como sujeitos em busca de libertação. Assim, ela conclui, todos esses movimentos de libertação percorrerão um caminho seguro para que suas reivindicações sejam de fato uma libertação da pessoa como um todo.

Ela também trata, em estudo mais recente que tratou de repensar o conceito de masculinidade hegemônica (CONNELL & MESSERSCHMIDT, 2013), que as masculinidades estão em permanente mudança, o que nos obriga a rever o conceito empregado por alguns outros

estudiosos, e pensar em múltiplas masculinidades. Seu alerta é que há que se tomar importante cuidado com as reificações a respeito da masculinidade. Que novos sujeitos políticos e sociais e novas formas de discutir o tema à luz das teorias de gênero e rediscutir as próprias teorias de gênero levando em conta os homens, que devem ser garantidos neste debate, nos levariam a entender essa multiplicidade e que

colocada de outra maneira, a conceitualização da masculinidade hegemônica deveria explicitamente reconhecer a possibilidade da democratização das relações de gênero e da abolição de desigualdades de poder, e não apenas a reprodução da hierarquia. Um movimento transicional nessa direção requer uma tentativa de estabelecer como hegemônica dentre os homens [...] uma versão da masculinidade aberta à igualdade com as mulheres. Nesse sentido, é possível definir uma masculinidade hegemônica completamente “positiva” [...]. A história recente mostrou a dificuldade de se atingir essa prática. Uma hegemonia positiva permanece, todavia, como uma estratégia-chave para os esforços contemporâneos de reforma (2013, p. 272).

Ao nos trazer essas questões, ela aponta para uma revisão constante que a masculinidade necessita passar e que isso obriga que as teorias de gênero não apenas incluam os homens, mas que revejam suas próprias posturas ao colocar num contexto mais geral as relações humanas do mundo contemporâneo.

Chegando ao circuito nacional, vemos que aqui também temos autores que colaboraram com a temática dos estudos de gênero, com recorte da masculinidade. Sem esgotar as importantes colaborações que vários deles trazem para pensarmos a respeito da masculinidade no Brasil, destaco alguns dos autores que muito colaboraram para pensar a temática em termos de uma sociologia contemporânea. Faço um destaque ao trabalho de Pedro Paulo de Oliveira (2004), mas este, juntamente com outros autores que estudaram o tema de uma maneira exclusiva ou inserida num contexto mais amplo de sexualidade e de gênero, serão tratados em seção específica abaixo, visto que sua produção é resultado de sua pesquisa de doutorado que tratou da questão da masculinidade. Outros autores que fizeram seus estudos no Brasil, sejam eles de nacionalidade estrangeira, naturalizados ou brasileiros natos, fizeram seus estudos, na maior parte deles, discutindo a masculinidade quando foram fazer estudos sobre homossexualidade masculina.

Como destacou o próprio Pedro Paulo Oliveira (2004), estes estudos de fato ainda são pouco numerosos no Brasil, então, vou destacar dentre eles dois autores que realizaram seus estudos juntamente a brasileiros. Cabe dizer que, para esta dissertação, trarei alguns textos de brasileiros para dialogar com minhas análises, mas não os incluirei nesta seção, por entender ou que fizeram trabalhos pontuais ou que ainda estão desenvolvendo outras pesquisas sobre o

tema, o que os colocará como teóricos que trataram da masculinidade, mas que poderão ser reconhecidos em momentos futuros como teóricos/as reconhecidos/as sobre a masculinidade.

Para esta seção, destaco dois autores nascidos no estrangeiro, mas que desenvolveram suas pesquisas no Brasil e podem ser considerados nomes de relevância nos estudos da masculinidade. Esses autores são: Peter Fry e Néstor Perlongher.

Naturalizado no Brasil, Peter Fry desenvolveu seus estudos sobre uma temática mais ampla, discutindo negritude, religiões de afro-brasileiras e homossexualidade, entre outros temas. Na abordagem sobre a homossexualidade, ele trouxe importantes colaborações ao discutir uma forma própria dos brasileiros de tratar a respeito da homossexualidade. Como analisou, no caso do Brasil, alguns homens que se relacionaram com pessoas do mesmo sexo, receberam do imaginário popular uma classificação de pessoas que teriam estas relações como um exercício da própria masculinidade, sem terem a sua masculinidade afetada por elas. Seriam aqueles homens que se relacionando exclusiva ou ocasionalmente com pessoas do mesmo sexo numa condição de ativos sexuais, isto é: realizando relações sexuais como penetradores, seriam reconhecidos, numa determinada ocasião, pela designação de *homens*. Estes homens não teriam sua masculinidade maculada por se relacionarem na condição de “dominadores” sexuais, com as *bichas*. Estes últimos é que seriam os passivos na relação e, por conta disso, estariam numa classificação que os colocariam como os “menos homens”, por não fazerem de suas vidas sociais e sexuais uma conduta que era esperada para os demais homens. Isto é: estariam invertendo sua qualidade de homens, embora biologicamente do sexo masculino, por preferirem agir com atos passivos, mais comuns às mulheres, nas relações sexuais.

Ele mostra que se espera do “‘homem normal’ que seja do sexo masculino, que desempenhe o papel de gênero masculino, que seja ‘ativo’ sexualmente e que tenha uma orientação heterossexual” (FRY, 1982, p. 91). Por esta razão, em sua pesquisa realizada em Belém (PA), o que não seria restritivo à periferia daquela cidade, as classificações “homossexual” e “heterossexual”, não poderiam ser aplicadas adequadamente se considerarmos a concepção que o autor traz acima. Dessa forma, “a relação entre ‘homens’ e ‘bichas’ é análoga à que se estabelece entre ‘homens’ e ‘mulheres’ no mesmo contexto social, onde os papéis de gênero masculino e feminino são altamente segregados e hierarquizados” (1982, p. 90).

Como perturbadores daquela classificação, termos como gay e até mesmo homossexual ou bissexual, seriam importados de um discurso médico ou mesmo de um

movimento gay que os utilizaria como uma forma de dar novas significações àqueles sujeitos antes com outras acomodações nos termos brasileiros. Para ele,

o termo *gay* vem substituir o termo “homossexual”, mas a diferença entre um e outro diz respeito, basicamente, ao seu valor social. Se o termo “homossexual” é associação ao modelo médico legal e tem conotações de patologia e de crime, o termo *gay* expressa literalmente “felicidade” e “alegria”. Ironicamente, entretanto, a taxinomia em si adquire uma legalidade avassaladora. De vez, o modelo médico é consagrado pela sua própria criação, a subcultura homossexual (1982, p. 104. Grifos do autor).

Segundo estas observações, pensar a masculinidade no Brasil carece compreender os arranjos idiossincráticos que a sociedade brasileira usa para conceber o que considera a diversidade entre os homens e entender que fatores levariam a elas. Independente das causas, esta realidade se faz presente como mostra sua pesquisa e isso vem corroborar análises feitas em parágrafos anteriores de que as diversidades de pensar os homens enquanto cambiáveis e culturalmente concebíveis, se aplica ao Brasil num contexto mais geral. Outras formas sutis de contextualizações poderão ser analisadas por pesquisas sociais que se desenvolvam nos contextos específicos. A pesquisa realizada para esta dissertação é um esforço no sentido de buscar entender como determinadas classificações e terminologias se aplicam ou são absorvidas de um conjunto social mais amplo como as dimensões do país. Isso será tratado no terceiro capítulo em que as análises dos discursos das pessoas pesquisadas indicarão como são as formas de pensar determinadas pelo conjunto do país, ou mesmo se terão alguma peculiaridade por representar uma totalidade em que as manifestações da masculinidade se dão.

Realizando um trabalho com um público específico de homens no estado de São Paulo, Néstor Perlongher (2008) trouxe algumas considerações sobre o estudo da masculinidade. Embora a obra aqui trazida seja o resultado de sua dissertação de mestrado defendida na Unicamp, aqui ela não entrará como análise de produções acadêmicas, na seção específica para este fim, e sim como uma obra precursora dos estudos sobre masculinidade no Brasil. Esta escolha se deu pelo tempo em que esta obra foi publicada e pela relevância teórica que ela teve no Brasil desde então, sendo utilizada como referencial de diversas produções posteriores na temática da sexualidade e do gênero. Muitos estudiosos fizeram e ainda fazem referência a esta obra por sua originalidade ao tratar um tema que ainda não havia sido explorado com tamanha amplitude: os homens e a prostituição viril no Brasil.

Tratando de um tema que não é exclusividade no Brasil, como a prostituição masculina, seu estudo revelou uma importante contribuição para os estudos sobre a masculinidade e gênero. Falando de seu estudo, ele diz que a prostituição viril se trata de um “curioso comércio onde os ‘normais’ aparecem se prostituindo para os ‘desviantes’”

(PERLONGHER, 2008, p. 45). Esta observação refaz uma análise em que haveria gradações entre uma mesma categoria homem. A prostituição masculina alude a uma forma interna de se observar como se categorizariam homens conforme certos *status* de masculinidade. O michê seria o tipo hipermasculinizado que se prostitui para aquele que seria um desviante dentro da categoria homem, os homossexuais em suas mais diversas terminologias.

Ao lidar com a prostituição viril, ele observou sistemas de classificação variadas dentro daquela categoria que as análises de gênero poderiam colocar como homogêneas e que na prática evidenciaria um *continuum* de homens auto-hierarquizados a partir de correlações estabelecidas pelo negócio da prostituição. Esta observação se dá pelo viés da sexualidade masculina, que é um dos aspectos mais presentes nos discursos quando se vai tratar de homens, mesmo que outros aspectos não meramente ligados a sexo, como posição social, providência econômica familiar, aspectos religiosos, entre outros, sejam igualmente trazidos e pensados quando a posição dos homens passa a ser pensada e problematizada. A prostituição, nesse caso estudado por Perlongher (2008), revelaria como os homens podem se classificar e fazem um mundo dotado de sentido a partir dessas classificações. Pensar o gênero e suas discussões requer, como evidencia o autor, entender que outras variações de homens desfilariam entre si e com estilos de vida próprios numa relação entre “iguais”, que tanta diferença traria das relações estabelecidas entre “desiguais”, como na relação entre homens e mulheres. Toda a discussão que ele levanta traz consigo um protótipo esperado e batalhado de homem, cuja heterossexualidade é tida como uma das mais compulsórias determinações para ser vivenciada como o ápice disso e, entre os homens, e “com a fomentação dos discursos, fez-se um movimento centrífugo à monogamia heterossexual” (FOUCAULT, 2009, p. 45), em que são estabelecidos tipos de homens menos ou mais enquadrados nesse modelo. A prostituição masculina, feita de e para homens, mostrada por Perlongher (2008), evidencia esses tipos em seres reais que independem apenas de rótulos para viver, mas são pensados conforme eles.

Feita esta discussão até aqui do aumento da visibilidade sobre a masculinidade que relevou a importância de se discutir e tratar o assunto à luz da construção de gênero, posso agora trazer uma discussão que permeia a temática que trago para esta dissertação e que já foi ventilada em parágrafos anteriores, mas que, dada a sua significância para se pensar a relação entre os homens, merece um tópico especial, que é a dominação masculina.

### **1.3. A dominação masculina**

Falar sobre *dominação masculina* remete imediatamente ao estudo feito por Pierre Bourdieu na sociedade Cabila que o levou a profundas reflexões sobre a construção da masculinidade a partir de uma noção de um sexo dominante. Entretanto, ele não é o único a tratar desse tema entre aqueles autores que se dignaram a estudar sobre a masculinidade. Todos os autores citados na seção anterior, bem como outros que serão trazidos durante as análises desta dissertação, ao tratar do tema da masculinidade como gênero, versam sobre esta dominação, mesmo quando não usam o termo, trabalham com sua ideia. Mas para aquilo que aqui nos interessa, vamos partir das análises feitas por Bourdieu, por considerá-la uma análise séria, bem desenvolvida e suscitadora de inúmeras outras pesquisas feitas pelo mundo a respeito da construção do *habitus* masculino e a verificação de que a maior parte dos homens age no sentido de manter seu *status quo* na maioria das sociedades.

Na obra, *A dominação masculina* (2007a), Pierre Bourdieu faz uma análise aprofundada do debate sobre a dominação masculina, resultante de sua pesquisa etnográfica realizada junto aos berberes camponeses das montanhas da Cabília no norte mediterrâneo do Continente Africano. Ele explica que precisamos compreender o gênero como costumes sexuais, ou como “*habitus* sexuado” (2007a, p. 9). Para ele, esta dominação observada naquela sociedade específica e que pode ser verificada com similaridade em quase todas as sociedades ocidentais, se constrói e se perpetua com a colaboração de quatro importantes instituições: a família, a escola, o Estado e a Igreja.

Ao aprofundar as análises que se propõe a fazer, Bourdieu (2007a) observa que a masculinidade desenvolve-se sem depender de justificção, impõe-se como neutra, onde ancora seus princípios de conservação, recorrendo muitas vezes à virilidade física como a prova de sua superioridade.

A força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem legitimá-la. [...] O mundo social constrói o corpo como realidade sexuada e como depositário de princípios de visão e de divisão sexualizantes. [...] A diferença *anatômica* entre os órgãos sexuais, pode assim ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os *gêneros* e, principalmente da divisão social do trabalho (2007a, p. 18, 20. Grifos do autor).

Trata a divisão em gêneros como relacionais, masculino e feminino, que pode instituir no falo o ponto de honra masculino e instituir a diferença biológica como fundamentos objetivos para hierarquização dos gêneros, numa construção social naturalizada. E cria os artefatos para construir o homem viril e a mulher feminina. Através do *habitus* são materializados nos ritos de inicialização que os sacralizam (circuncisão, corte de cabelo e separação da mãe). Têm na circuncisão o rito por excelência de instituição da masculinidade que prepara o homem



simbolicamente para exercer sua virilidade. Bem como o de negar a parte feminina do masculino (2007a, p. 36).

O *habitus* é um conceito filosófico antigo que passa por uma reinterpretação na modernidade e por sua capacidade terminológica tem vasta utilização e conceituação na obra de Bourdieu. Em outro lugar, analisando a profundidade da obra de Erwin Panofsky e sua correta utilização da linguagem de *habitus*, Bourdieu propõe uma teoria que encontra nesse conceito um promissor caminho de análise. Este se inscreve, para os membros de dada sociedade, em um determinado “sistema de esquemas inconscientes (ou profundamente internalizados), o qual constitui sua cultura, ou melhor, seu *habitus*” (BOURDIEU, 2007b, p. 346). O conceito possibilita identificar a mediação entre os indivíduos e entre esses e a sociedade (época, classe, grupo de mesma trajetória social, etc.) como uma questão central em sua teoria.

Nesse sentido, o “[...] *habitus* poderia ser definido [...] como o sistema dos esquemas interiorizados que permitem engendrar todos os pensamentos, percepções e as ações característicos de uma cultura, e somente esses” (BOURDIEU, 2007b, p. 349). O *habitus* não é de durabilidade eterna. Ele não pode ser reduzido a uma memória fixada imutável, ele é aberto, construído continuamente ainda que tenha sua própria durabilidade, mas não uma imutabilidade. Faz-se e refaz-se na e pela ação dos sujeitos em constante transformação. Isso é possível de analisar, porque para Bourdieu, a sociedade e os indivíduos não são estáticos, mas seguem constantes transformações. Todas essas relações entre indivíduos na sociedade são transformáveis e isso transforma as estruturas que são alimentadas por esses *habitus*.

Por sua vez, o *habitus* possui sua independência da consciência, sendo mais um produtor que um produto desta. Ele assim

realiza-se na e pela associação da contingência e do sentido que se faz, se desfaz e se refaz incessantemente, segundo princípios *tanto mais constantes quanto mais escapam completamente à consciência*; na e pela transmutação permanente que introduz os acidentes da história das técnicas na história do estilo, *transferindo-os para a ordem do sentido*; na e pela invenção de obstáculos e dificuldades como que suscitados em nome dos próprios princípios de sua solução e cuja contrafinalidade a curto prazo pode esconder uma finalidade superior (BOURDIEU, 2007b, p. 357. Grifos meus).

Bourdieu também é reconhecido por considerar não apenas as transformações por que passam as sociedades, mas por explicar que existem princípios próprios de reprodução e de conservação que debatem-se contra as transformações. E isso também ocorre pela ação presente da força do *habitus*. Para ele, há estruturas sociais que teriam uma maior tendência a manter-se ou perpetuar-se, fazendo com que alguns campos sociais relutem contra essas mudanças e

busquem se manter por um tempo sem transformar-se. Um desses campos, a seu ver, é o escolar. Este se conserva “pelo fato de que, entre outras razões, os agentes têm o domínio de sua própria reprodução.” (BOURDIEU, 2004, p. 58). Ligando ao que ele se propõe no estudo sobre a dominação masculina, a seu ver, precisamos ver a reprodução também nesses espaços de permanência não comumente estudados, segundo ele, onde

um certo discurso feminista concentrou todos os olhares, mas em instâncias como a escola ou o Estado, lugares de elaboração e de imposição de princípios de dominação que se exercem dentro mesmo do universo mais privado, é um campo de ação intensa que se encontra aberto às lutas feministas, chamadas então a assumir um papel original, e bem-definido, no seio mesmo das lutas políticas contra todas as formas de dominação (2007a, p. 11).

Voltando, portanto, à dominação masculina, ele mostra que o *habitus* possui uma importante contribuição para pensar a perpetuação dessa dominação. O trabalho de construção simbólica é feito por uma construção coletiva difusa e contínua e se encarna em *habitus* diferenciados segundo o princípio de divisão dominante que ordena e significa o mundo (2007a, p. 34). Como aspecto ético mesmo, a virilidade se reconhece “pela questão de honra, *princípio da conservação* e do aumento da honra, [e] mantém-se indissociável, pelo menos tacitamente da virilidade física, através, sobretudo das provas de potência sexual” (2007a, p. 20. Grifos meus). Pensada desse jeito, como *habitus*, a masculinidade e suas formas de dominação se constroem, refazem e se perpetuam e os homens que são os principais, apesar não de serem os únicos, a agirem por esta dominação, procuram fazer um enorme esforço para manter esse modelo que os coloca em vantagem e trabalham para que os outros homens se enquadrem nesse formato próprio, como uma forma de manutenção de um tipo grupal. Certamente, veremos, um homem pode querer se sobressair aos outros, como uma forma de lucrar com a masculinidade “defeituosa” de outros homens, mas até se convencer que de fato precisará dessas outras masculinidades para se manter como um grupo muito mais restrito de dominação, eles primeiro buscam fazer com que os pertencentes ao grupo se mantenham. Só quando de fato identifica que alguns não irrigarão essa masculinidade, é que ele agirá como um operador da própria masculinidade, feita, nem que seja, às custas de outras masculinidades. Bourdieu também constata isso em seu estudo, para ele,

em inúmeras sociedades, a posse homossexual é vista como uma manifestação de “potência”, um ato de dominação (exercido como tal, em certos casos, para afirmar a superioridade “feminizando” o outro) e que é a este título que, entre os gregos, ele leva aquele que sofre à desonra e à perda do estatuto de homem íntegro e de cidadão; ao passo que, para um cidadão romano, a homossexualidade “passiva” com um escravo é considerada algo “monstruoso” (2007a, p. 31).

Ao pensar e desenvolver sobre o conceito de dominação masculina, Bourdieu mostra que os homens também estão dela prisioneiros e, ainda que se deem pouca conta disso, acabam por sofrerem com os flagelos dessa dominação. Indicando como isso ocorre, ele demonstra que “os homens também estão prisioneiros e, sem se aperceberem, vítimas da representação dominante. [...] Ser homem, no sentido de *vir*, implica um dever-ser, uma *virtus*, que se impõe sob a forma do ‘é evidente por si mesma’, sem discussão” (2007a, p. 63). Nessa observação circulante da perpetuação, mostra que os próprios dominantes procuram da dominação se beneficiar, “por serem, como diz Marx, ‘dominados por sua dominação’” (2007a, p. 85).

Ele reconhece também que há passos na indicação de que mudanças podem e vêm sendo feitas para a desconstrução da dominação masculina. A maior mudança se deve “em razão, sobretudo, do enorme trabalho crítico do movimento feminista do movimento feminista” (2007a, p. 106), junto disso vêm o aumento da escolarização das mulheres e o acesso ao trabalho assalariado e conseqüente independência econômica, ao contraceptivo, ao adiamento da idade de casamento, da concepção de filhos, à redução no tamanho das famílias e elevação do divórcio e queda do número de casamentos, cabendo grande destaque à transformação das instituições escolares (que com as mulheres, presentes, põem em discussão as relações de gênero) (2007a, p. 107). Não se deve mascarar, por isso, a permanência das desigualdades (acesso à escola, ao meio acadêmico-científico, normalmente alguns tidos como “mais femininos”, bem como nas profissões) (2007a, p. 108ss).

No tocante às mudanças, menos ou mais afetadas pelas questões ditas no parágrafo acima, o autor fala que é muito importante dar luz ao processo histórico (trabalho histórico) da dominação masculina, que muitas vezes é ignorada como história (2007a, p. 122). Toda esta consideração do processo de mudança também precisa reconhecer a originalidade do trabalho de filósofos e demais estudiosos atuais nesse processo de reconhecimento da dominação masculina como um processo de gênero e que são historicamente determinadas e determinantes.

Mesmo sendo um trabalho detalhado sobre a masculinidade e dominação masculina, a obra de Bourdieu não se deu sem críticas. Algumas dessas críticas foram rebatidas em edições revistas da mesma obra. O que de fato interessa é que, mesmo com as críticas, o trabalho de Bourdieu encontra-se entre os mais referenciados que tratam sobre o assunto na atualidade. Algumas das críticas apontaram o que consideraram como sendo os limites da obra.

Trago agora algumas dessas críticas feitas ao trabalho de Bourdieu e depois sigo para o levantamento de algumas das produções acadêmicas feitas no Brasil que servirão de base para as análises que desenvolverei em a partir do trabalho de campo realizado.

Um dos autores que faz críticas a Bourdieu já foi tratado acima como um importante teórico da masculinidade, que foi Daniel Welzer-Lang. Segundo ele, “a dominação não deve ser analisada como um bloco monolítico onde tudo está dado, onde as relações se reproduzem ao idêntico” (WELZER-LANG, 2001b, p. 461). Esta crítica ele faz pensando na forma como Bourdieu conduziu sua pesquisa. Para ele, a análise de Bourdieu parece permanecer ainda muito rígida enquanto análise e ele considera que uma análise mais flexível, é necessária para tratar a questão de como se constrói, como se concebe e como se desenvolve a dominação masculina.

Numa comparação entre as análises sobre dominação e masculinidade desenvolvidas pela historiadora francesa Michelle Perrot e o sociólogo Pierre Bourdieu, mesmo considerando que eles não seriam antagônicos, mas complementares nas perspectivas que analisam, Sayão (2003) pende ligeiramente para as análises da historiadora numa indagação de que Bourdieu fica limitado na afirmação de que a dominação é incorporada pelo *habitus* em homens e mulheres. Ao evidenciar o que considerou como um limite de Bourdieu, ela se pergunta “como analisar tantos avanços, inclusive, nas instituições que negavam a presença feminina como a escola e a universidade?” (SAYÃO, 2003, p. 137). Para ela, a limitação de Bourdieu da dominação masculina incorporada, seria insuficiente para explicar questões como estas e suas críticas à obra estariam baseadas nisso.

Tânia Fonseca (1999) também procede em apontar questões relacionadas à obra de Bourdieu sobre a dominação masculina. Mais do que dirigir suas críticas diretamente a Bourdieu, ela nos traz quais seriam as principais críticas direcionadas ao sociólogo por outros estudiosos da temática em questão. Segundo ela, a principal crítica que fazem a ele

é a de que Bourdieu é deficiente por não reconhecer as descontinuidades do processo histórico, a conflitualidade no próprio processo de socialização, pautando-se por formas sociais de ser e fazer homogêneas e unificadas, desconhecendo as lutas fragmentárias e as análises de possibilidades. Com isso, Bourdieu poderia ser interpretado como aquele que transforma o processo da reprodução em produção de cópias e réplicas (FONSECA, 1999, p. 207).

Mais incisiva na crítica que as os/as três autores/as tratados/as nos parágrafos acima, a antropóloga Mariza Corrêa (1999) fez críticas muito mais rigorosas ao autor e às suas análises sobre a dominação masculina. Para ela, ao tratar do tema, Bourdieu recai em todos os estereótipos da “lógica ocidental” que teóricas feministas buscaram desfazer. Uma lógica dualista que polarizaria cultura/natureza; sujeito/objeto, nós/outros, entre outras que os estudos vieram pôr em questão. Ela chega mesmo a dizer que Bourdieu procederá mesmo com certo etnocentrismo ao tratar a sociedade Cabila a partir de uma lógica ocidental de trabalho ao indicar que eles estariam num pré-capitalismo quando fala da divisão sexual do trabalho. Corrêa

fala também da tentativa de pouco sucesso do autor ao tentar se colocar numa posição de exterioridade de uma lógica que ele considera incutida, isto é, que está no *habitus* das sociedades ocidentais contemporâneas. As críticas da autora não param por aí, debatendo diversos pontos da obra de Bourdieu que ela considera de ótima abordagem, mas de análises que poderiam ser mais profundas do que tangenciais. Uma grande crítica feita a ele, e que é partilhada por outros críticos que se colocaram a Bourdieu, como as autoras que eu trouxe nos parágrafos anteriores, é que ele desconsideraria os avanços dos trabalhos feitos pelas feministas ao analisar este tema. Falando das tentativas de defesa de Bourdieu contra investidas feministas, a autora chama a atenção: “ou as feministas não sabem o que fazem – e este livro foi escrito para mostrar-lhes o caminho da verdade –, ou estão tão contaminadas pela lógica da dominação masculina que suas análises são simples réplicas do mesmo esquema classificatório de sempre” (CORRÊA, 1999, p. 47).

Sem querer me deter nestas críticas empreendidas por autoras/es acima e mesmo sem pretensões de dizer que concordo com elas, eu trouxe estes exemplos de questionamentos feitos ao autor para mostrar que mesmo uma análise tão importante sobre a dominação masculina como aquela feita por Bourdieu, não está isenta de críticas. Todas as pessoas que vierem se aventurar em temas espinhosos como este, poderão correr sempre o risco de tratá-lo de forma incompleta ou insatisfatória de um tema que, por si só, possui uma dimensão gigantesca. Pensando nisso, uma dissertação como esta que produzo procura trazer apenas uma reflexão de como o debate da dominação masculina – que não ocorre apenas sobre as mulheres – e da conduta masculina em favor dela podem aparecer num contexto circunscrito como a cidade de Campos dos Goytacazes e em um ambiente ainda mais específico que seriam as escolas pesquisadas. Mesmo circunscrita no tempo e no espaço, as observações que trago aqui também não estarão livres de possibilidade de críticas.

#### **1.4. Produções acadêmicas no Brasil**

Falar das produções acadêmicas sobre masculinidade no Brasil, ou que foram levadas a discutir sobre masculinidade por tratar de temas que se aproximam a ela, é falar de um país de dimensões continentais que possui uma diversidade cultural muito ampla e que é muito difícil querer reduzir uma concepção única na forma como os brasileiros agem com relação a este ou a qualquer outro tema. No entanto, o contrário também é difícil de ser admitido, pois

mesmo com as dimensões próprias do país e mesmo com toda a diversidade que o Brasil contém, alguns traços podem ser concebidos como traços mais ou menos nacionais e que, talvez vivenciados em particularidades, pelo menos podem ser compreendidos pelos habitantes de sul a norte do país. Uma das unidades, por exemplo, é a unidade do idioma, algo que, a despeito de traços sutis em sotaques ao longo do país, e mesmo com minorias étnicas que preservam algumas línguas próprias, o português pode ser falado em qualquer lugar sem dificuldades de compreensão. Outra questão é a unidade religiosa. Mesmo sem uma igreja oficial, como foi a Igreja Católica por um longo período de nossa história, e mesmo sem dizer que outras minorias religiosas possam existir e até conviver em relativa paz no Brasil, o Cristianismo acaba sendo a religião compreendida como a religião dos brasileiros. Estes dois são alguns dos exemplos que trago para dizer que alguma coisa é possível trazer para pensar em unidades do território nacional. Outros exemplos poderiam ser trazidos, mas trazer esses dois já é o suficiente como um breve exercício instrumental nesse sentido.

Então, para falar da masculinidade no Brasil, é muito importante considerar nossa formação histórica e como ela deduziu nossa forma de pensar os homens. Um dos autores que trazem alguns elementos para discutir nossa formação histórica e traz uma breve discussão sobre como concebemos os homens foi Gilberto Freyre. Para ele, nossa formação foi diversificada pela presença humana dos brancos europeus, dos negros africanos e dos nativos indígenas. Como tivemos a supremacia da dominação branca europeia, e como nossa cultura foi dominada pelas ordens vindas da Casa Grande, que era a habitação dos colonizadores europeus e seus descendentes, tínhamos o homem como o centro da casa grande e suas ordens eram impostas aos demais habitantes da casa (mulheres e crianças) e à senzala (escravos ou forros negros ou indígenas). Dessa forma, uma conduta pautada no patriarcalismo<sup>10</sup> foi difundida pelo Brasil e encontra-se em nossa formação cultural, cujo predomínio foi sempre exercido pelo homem.

Conceber o processo de civilização do Brasil, mostra Freyre (2003), é pensar a forma como ela foi feita naqueles parâmetros de dominação do homem e com sua sexualidade em proeminência. Falando da civilização, ele nos fala que “costuma dizer-se que a civilização e a sifilização andam juntas: o Brasil, entretanto, parece ter-se sifilizado antes de se haver civilizado”. (FREYRE, 2003, p. 110). Sendo uma doença venérea muito presente desde os períodos antigos do Brasil, ela tomou novo significado, sendo considerada menos pelo potencial

---

<sup>10</sup> Para conhecer críticas ao termo patriarcalismo, já trouxemos aqui as análises de Connell (1990) e incluo também as críticas feitas ao termo por Welzer-Lang (2004, p. 118, nota 29)

nocivo e mais pelo simbólico, sendo uma marca distintiva para os homens infectados pela doença, como garantia do exercício da sexualidade masculina. Esta inversão no sentido é tratado por uma estudiosa da obra de Gilberto Freyre, que faz menção a esta referência do autor da seguinte forma: “meninos brancos, os nhonhês, de 12, 13 anos, já exibiam orgulhosos a marca da sífilis, confundida com o emblema de virilidade” (QUINTAS, 2008, p. 154). Vemos aí um forte apelo a um exercício de sexualidade muito frequente e diversificado, tratado pela autor e pela comentadora como uma forma muito comum dos brancos europeus de conceberem a sexualidade, e isso colaborou para pensar os homens brasileiros como mais abertos e mais dispostos a uma prática sexual sempre frequente e muito estimulada. A doença, neste caso, e sua relação com o que ele chamou de sifilização, eram os indícios do estímulo à promiscuidade masculina.

Pensar sobre a masculinidade no Brasil, portanto, significa pensar como esse estímulo a um tipo de concepção de masculinidade foi difundido entre nós. E as pesquisas realizadas em terras brasileiras para produções acadêmicas revelaram, em alguns aspectos, esse processo na formação da contemporaneidade brasileira e da forma como o gênero masculino se desenvolveu. Sigo então para o registro de algumas produções realizadas recentemente no Brasil que colaboraram com a discussão do tema.

Mesmo que se possa dizer que a maioria ou a totalidade dos estudiosos da masculinidade, citados aqui na seção 1.2<sup>11</sup>, sejam oriundos da academia, muitos o fizeram já a partir de algum tempo dedicado a outras áreas e só depois foram estudar o assunto, já na maturidade intelectual. Pretendo trazer nesta seção algumas produções acadêmicas sobre a masculinidade e que foram resultado de suas pesquisas para mestrado e doutorado nas universidades brasileiras.

Enquanto preparava sua tese de doutorado, Pedro Paulo Oliveira (2004) registrou que fez uma busca pelo tema da masculinidade em dissertações e teses nas universidades brasileiras. Como disse que não encontrou, teve de recorrer às produções acadêmicas internacionais que trataram da temática. De lá pra cá, a realidade não mudou muito, mas algumas das que trago aqui já seriam um resultado de um significativo aumento da importância dada ao tema pelos estudiosos brasileiros. Das que encontrei, destaco a própria tese de doutoramento defendida pelo autor na Universidade de São Paulo, mais duas teses que trataram do tema discutindo

---

<sup>11</sup> Nessa seção, vimos autores nascidos no estrangeiro que estudaram no Brasil ou que fizeram análises mais amplas em seus escritos. Mas quando falo que para esta seção serão consideradas as obras sobre masculinidade, falo das pesquisas feitas no Brasil, seja por estrangeiros, por naturalizados ou por brasileiros natos.

juntamente com outros temas relacionados à sexualidade bem como duas dissertações de mestrado de igual abordagem. O levantamento privilegiou, mas não se restringiu, às produções sociológicas. A tese de Rosimeri de Aquino Silva é um exemplo de uma produção para a área de Educação, mas como a formação inicial da autora, bem como seu embasamento teórico, foram de grande contribuição sociológica, esta obra será tratada de forma equivalente às produções dos estudos em ciências sociais.

Essas dissertações e teses foram muito ricas em análises e diversidades de tema, portanto, sem pretensões de esgotar todo o conteúdo de riqueza que elas trazem, me concentrarei apenas em alguns dos aspectos que elas trazem e que estão mais relacionadas com aquilo que pretendo discutir na presente dissertação. Também, reforço que algumas delas trataram de outros temas e a masculinidade foi um assunto que se tornou de discussão relevante para reforçar as análises que eles trouxeram e assim eles acabaram por trazer importantes colaborações para o tema da masculinidade.

A tese que tratou o tema de uma maneira mais profunda e ampla das que trago aqui foi a tese de sociologia defendida na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da USP por Pedro Paulo de Oliveira. Tive acesso à versão publicada em livro e conta com o título *A construção social da masculinidade* (2004).

Sendo a tese mais completa sobre o tema encontrado, ele fez um resgate histórico e sociológico profundo sobre a masculinidade construída no Ocidente. No início ele procurou começar o caminho com a definição de masculinidade. Como ele fala, ela seria “um lugar simbólico/imaginário de sentido estruturante nos processos de subjetivação”. E a etimologia da palavra aduz que ela “deriva do termo latino *masculus*, [que] começou a ser utilizado apenas em meados do século XVIII, no momento em que se realizavam esforços científicos [...] de diferenciação entre os sexos” (OLIVEIRA, 2004, p. 13).

Depois ele fala da construção do Macho Divinizado como uma construção vinda da época medieval e que encontrou grande adesão na modernidade e traz seus reflexos na contemporaneidade. Trata também da influência da religião e dos ideais burgueses como propulsores de um modelo de masculinidade: “a figura paterna no seio da família sempre foi enfatizada pelos cristãos e vinha ao encontro dos emergentes ideais burgueses” (2004, p. 47). Esta construção de ideais também encontrou abrigo na ciência e nos ideais de racionalidade bastante intensificados na modernidade (2004, p. 55-58). Encontrou também amparo nas formulações legais de tempos passados e colaborou para construir aquilo que chamou de “o



outro da masculinidade” ou nos “contratipos da masculinidade<sup>12</sup>” (2004, p. 73), que seriam todos os homens que de alguma forma escapariam do modelo de masculinidade historicamente construído e concebido.

Traz a discussão para a pós-modernidade e indica como no capitalismo cósmico os apelos para os ideais de consumo e sua relação com a classe social, tecnologia e transformações no mercado influenciaram e foram influenciadores nas reformulações a respeito da masculinidade. Também estabeleceu uma relação das ditas crises institucionais no que tange à relação com a masculinidade. Trata da eclosão atual do discurso dos conservadores e suas relações com movimentos de reafirmação, como movimento gay e movimento feminista e põe em discussão um assunto que será tratado nesta dissertação que é o que chamou de *suposta crise da masculinidade*. Falando sobre isso, ele põe em debate a suposta crise e se indaga para quem ela realmente estaria em crise, se de fato isso é sentido por todos os homens das sociedades contemporâneas do Brasil e do mundo.

Por fim, ele discute que a masculinidade precisa ser estudada e conhecida em suas mais amplas conjunturas e o que se pode esperar da masculinidade em tempos futuros, dado que muitas transformações ocorrem no momento que transformarão todo o saber sobre os homens e sobre suas verdades historicamente edificadas.

Seguindo para outra produção, busco a tese defendida no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 2006, por Rosimeri de Aquino da Silva. A tese da autora tratou sobre o tema da homossexualidade na contemporaneidade, ao fazer um estudo de caso no curso de formação em Direitos Humanos para as forças policiais do Rio Grande do Sul, onde fez um trabalho empírico de entrevistas e histórias de vida com professores e alunos que estiveram envolvidos com o curso. O tema da masculinidade merece destaque, porque ao falar sobre homossexualidade, quase sempre a referência era sobre a homossexualidade masculina e é um caso bastante relevante de ser tratado, sobretudo porque, segundo nos trouxe, “vivemos em uma sociedade hegemonicamente homofóbica<sup>13</sup>” (SILVA, 2006, p. 11). E parte desta constatação se deu pelo fato de uma das professoras da turma, justamente a que tratou de diversidade sexual e combate à homofobia,

---

<sup>12</sup> A noção de contratipos de masculinidade será tratada ao longo desta dissertação e no capítulo final, trarei outros nomes dados a esta ideia de contraposição ao modelo de homem construído, esperado e estimulado.

<sup>13</sup> Homofobia seria a aversão, ódio, desprezo e violência cometidos contra pessoas de prática sexual para além de um padrão heteronormativo (a normatização de que pessoas nascidas do sexo masculino devem se relacionar exclusivamente com pessoas do sexo feminino e vice-versa). O movimento LGBT diversifica o termo para outras identidades, como lesbofobia (contra lésbicas), bifobia (contra pessoas bissexuais de ambos os sexos), transfobia (contra pessoas travestis, transexuais e não-binárias de ambos os sexos), entre outras derivações.

era uma pessoa trans. Como ela relata, a presença dessa pessoa trans foi protagonizada por reações das mais diversas, apontando sobretudo para a enorme resistência que a presença da professora trans causou entre boa parte dos alunos entrevistados.

Com um referencial teórico pautado nos estudos da pós-modernidade, a autora trouxe discussões sobre a atualidade das concepções de masculinidade e das resistências ao que considerou uma rigidez muito grande no que os relatos trouxeram a respeito do que esperam que seja considerado, estimulado e vivenciado no tocante à masculinidade. Fez um importante debate sobre o advento e crescimento do movimento feminista e movimento LGBT e pode constatar diversos relatos de resistência às demandas desses movimentos.

Se, por um lado, temos uma maior democratização dos direitos das mulheres, por outro lado é preciso considerar o crescente aumento da violência contra a mulher (assim como contra os homens), em diferentes espaços sociais. [...] Quando pensamos em gênero é comum não incluirmos, em termos gerais, as diferentes masculinidades e feminilidades que são construídas e que se constroem nas sociedades. Costumamos pensar gênero dentro de uma lógica dicotômica, como polos que se contrapõem, ou que se ajustam [...]. Essa lógica delimita as relações de gênero no singular (homem e mulher) (SILVA, 2006, p. 67).

Ela tratou também a partir das entrevistas que realizou e das análises de discurso que utilizou como ferramenta interpretativa, de um aspecto muito presente a um apelo da “masculinidade violenta” (2006, p. 76). Para ela as entrevistas indicaram parecer haver uma compreensão social de que a composição física dos corpos dos homens estimule este tipo de violência, levando a pensar sobre o tema da masculinidade hegemônica e discutiu tudo isso com a concepção militarista envolvida nesse debate e como o elemento da travestilidade se torna um perturbador dessa ordem.

Falou também da masculinidade em crise e das implicações disso observadas nos discursos das pessoas entrevistadas.

Com todo esse debate, ela trouxe uma significativa contribuição para a discussão a respeito da masculinidade e da compreensão a respeito dela. Tudo que toca a masculinidade, segundo sua tese, tem uma relação com a homossexualidade e com as construções de gênero, o que faz com que todas essas discussões estejam entrelaçadas num aspecto mais profundo de percepções.

A outra tese que trago aqui, foi a tese defendida para o doutorado em sociologia do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPB, em 2010 por Maria do Socorro Nascimento e teve como título: Eros na escola: controle e silenciamento nas práticas discursivas sobre sexualidade em uma escola pública de João Pessoa/PB.

Esta tese foi realizada a partir do estudo de caso de uma escola pública da cidade de João Pessoa (PB). E se teve como técnica as entrevistas individuais com professores e profissionais da escola, com entrevistas de grupos focais com professores e alunos e da observação participante a partir dos cursos sobre sexualidade que foram ministrados pela autora na escola.

A partir das entrevistas e das observações, ela discutiu o tema da sexualidade e pôde observar também a presença de discursos homofóbicos de todos os envolvidos e isso lhe trouxe uma discussão sobre a relação disso com um modelo esperado de masculinidade. Ela fez um apanhado histórico da introdução da discussão sobre sexualidade na escola e as resistências e reminiscências que este tema suscita.

Parte das discussões trazidas assemelha-se aos captados na análise de discurso da tese discutida acima e tudo leva a discutir sobre a questão da masculinidade e dos aspectos disso para um modelo de masculinidade.

pode-se inferir que, assim como os pressupostos representacionais, binários do mundo, orientam a vida, produzindo a criação de significados que são cristalizados e estendidos aos corpos, imputando-lhes transformações, valores e significações, que acabaram e acabam por assumir importância determinante quanto aos lugares que os corpos femininos ocuparam e ocupam na sociedade moderna, produziram também a partir de tais binariedades, o homossexual, principalmente o do sexo masculino, como o principal hospedeiro do HIV. E a escola não está imune à atuação desses dispositivos [...] (NASCIMENTO, 2010, p. 122).

Para o que aqui interessa, a pesquisa fez detalhadas observações sobre as percepções a respeito da masculinidade, ao discutir sexualidade humana. Dessa forma, a autora conclui:

A masculinidade, na escola cenário da pesquisa, e a masculinidade, tal como foi significada no final do século XIX e início do século XX, tornaram-se uma só massa, diferenciada apenas por modificações topológicas em alguns de seus componentes químicos, sem, no entanto, promover-lhe alterações de cor e sabor que lhe comprometa a estrutura orgânica (2010, p. 194).

Vindo para as dissertações, discuto aqui uma voltada para o tema da masculinidade defendida no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UERJ, de Rolf Rodrigues de Souza em 2003 e que foi intitulada: A confraria da esquina: O que os Homens de verdade falam entre si em torno de uma carne queimando. Uma etnografia de um churrasco numa esquina do subúrbio carioca. A dissertação posteriormente foi publicada em livro homônimo.

Trata-se de uma etnografia realizada junto a um grupo de homens de um subúrbio carioca que ele designou como confraria. Estes homens se reúnem regularmente aos sábados para discutir conversarem, discutirem temas diversos, ingerirem bebida alcoólica e fazerem um churrasco. Tudo isso é indicado como formador de um grupo que tem um jeito próprio de se relacionar, mas que traduz e se assemelha a diversas concepções sobre masculinidade de

homens de outros lugares do país. “Estes homens se encontram para fazer o *churrasco* que é compreendido por mim como um ritual promovido por eles para celebrar a masculinidade” (SOUZA, 2003, p. 19. Grifo do autor).

Com uma observação participante contínua no grupo, é como se ele tivesse feito um grupo focal, onde os falantes não seriam necessariamente estimulados a falar a partir de temas propostos pelo moderador/pesquisador, mas num grupo em que o assunto da masculinidade é constante e a fala é espontânea. Muitas referências a frases próprias, quase frases feitas, que possuem, a maioria delas, alguma conotação sexual, em que num geral se faz uma questão de afirmar a sua masculinidade, em detrimento da masculinidade de outros, em detrimento do comportamento das mulheres ou mesmo com certos estímulos de que um ideal de masculinidade é percebido e partilhado pelos demais presentes.

Ele faz uma curiosa comparação que os homens entrevistados fazem ao referir-se aos homens ricos da Zona Sul, como se eles fossem portadores de um tipo diferente, isto é, menos valorizado, de masculinidade.

A moralidade da Zona Sul é alvo de críticas, pelo grupo da esquina porque segundo eles estas normas morais são mais maleáveis, diferentemente dos padrões morais suburbanos, onde os papéis sexuais seriam rígidos e bem definidos, onde *homem é homem* (2003, p. 79. Grifos do autor).

Os homens da Zona Sul carioca, na visão dos homens da esquina pesquisada por Souza (2003), entregariam suas mulheres para os outros homens para sexo e praticariam assim o voyeurismo ou há a ideia de que eles façam sexo com outros homens na condição de passivos sexuais. Os homens do subúrbio, focalmente mostrados nas falas dos confrades da esquina, teriam uma visão depreciada da masculinidade dos homens da Zona Sul. Isso, de alguma forma, funciona como se houvesse nas brincadeiras, nos deboches e demais assimilações dos suburbanos a respeito da emasculação dos abastados dos bairros ricos, uma compensação na masculinidade deles. Em outras palavras: é como se o fato de não ter tido a mesma sorte no emprego, nos títulos, cargos e vida fausta, a compensação por serem homens de verdade e ter a masculinidade daqueles colocada em desvantagem, porque menos vigorosa.

Numa perspectiva de gênero e da construção das identidades e suas relações com os lugares, há no texto uma importância da dicotomia entre a casa e a rua na visão dos homens, a casa é o “lugar que deve ser evitado [pelos homens] por ser um espaço feminino e feminilizante por excelência” (2003, p. 86).

As observações trazidas com a dissertação são ilustrativas de um tipo de masculinidade que, se não compartilhada, pelo menos é compreendida como tal e sua evidência serve para

comparações com outros modelos de masculinidades conflitantes com os dos homens da confraria da esquina.

Como última dissertação que colabora com o tema aqui pesquisado, trago uma dissertação defendida “em casa”, no Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política do Centro de Ciências do Homem da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF, por Rafael França Gonçalves dos Santos, em 2013, com o título: *As aparências enganam? O fazer-se travesti em Campos dos Goytacazes-RJ (2010-2011)*.

Antes de prosseguir na descrição da contribuição que essa dissertação traz para o tema da masculinidade, e conseqüentemente para a discussão da presente dissertação, gostaria de fazer uma pontuação para melhor entender como a discussão sobre masculinidade vem sendo feita na universidade em que apresento esta dissertação.

Como alertam Carrara & Heilborn (1998),

no Brasil e em outros países ocidentais, homens com problemas específicos ao seu sexo continuam a ser tratados por urologistas, ou seja, por especialistas de uma disciplina que é teoricamente endereçada a um indivíduo universal, a um ser humano não marcado por quaisquer atributos de gênero. [...] *A tendência de se deixar intocado o homem parece estar sendo revertida*. Ironicamente, só agora eles se tomam objeto daquelas ciências que, mesmo sem nunca terem abordado sistematicamente a masculinidade, desde há muito tempos são denominadas de ‘ciências do homem’ (1998, p. 2 [?]. Grifos meus).

Trouxe essa observação dos autores aqui para falar um pouco sobre a produção sobre o tema, que considero pouco numerosa nesta Universidade, mesmo reconhecendo que se trata de um programa relativamente novo, contando hoje com 10 anos de existência.

Chamo atenção para a fala dos autores citados acima, sobretudo por considerar que o programa no qual estamos inseridos está num Centro de Estudos de nome muitos sugestivo na UENF, o Centro de Ciências *do Homem*. Desde o surgimento do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da UENF, criado em 2007, algumas dissertações e teses tocaram o assunto da masculinidade de uma maneira tangencial. Numa das linhas de pesquisa que tratava sobre Segurança Pública, Exclusão Social, Violência e Administração Institucional de Conflitos, havia uma indicação de que os trabalhos relacionados às questões de gênero encontrariam ali uma possibilidade de pesquisa. Havendo esta possibilidade, algumas das pesquisas feitas em dissertações e teses trataram da temática do gênero. Elas estiveram, no entanto, voltadas ou para os estudos feministas ou para outras questões relacionadas ao tema da mulher, outras trataram a temática da sexualidade e a relação com o gênero. Vale dizer que das 83 dissertações e das 40 teses defendidas no programa até a escrita desta dissertação, quatro

dissertações e duas teses deram atenção à masculinidade numa perspectiva de gênero<sup>14</sup>. Estas pesquisas foram destacadas de outras que também trataram de homens, por relacionarem o gênero e a sexualidade, mesmo algumas delas não tratando exclusivamente de homens. Isto quer dizer que outros trabalhos voltados para homens pescadores, políticos e em outras profissões e ocupações, também defendidas no programa, embora dessem destaque aos homens, o fizeram com uma menor teorização a respeito do gênero. A dissertação escolhida para este momento é um caso exemplar, o que aproximou os homens da teorização sobre as questões do gênero. Em algumas destas últimas, o gênero masculino foi tratado, mas não exclusivamente, como naquelas que trataram de casais homossexuais de ambos os sexos ou que trataram da sociabilidade homossexual de ambos os sexos. Das que teorizaram o gênero masculino de alguma maneira, escolhi uma delas para mostrar como foi dada importância ao estudo do gênero masculino, a dissertação de Santos (2015) foi uma delas.

A escolha deste trabalho se deu pelo fato de a dissertação discutir com a devida profundidade a questão do gênero e relacioná-la à construção da identidade de gênero de travestis em Campos dos Goytacazes. A princípio, poderia parecer estranho que eu busque uma que trate de mulheres travestis para falar da questão do gênero masculino, já que ela justamente tocaria na reivindicação de uma identidade de gênero feminina de pessoas que biologicamente pertenceriam ao sexo masculino. No entanto, esta busca foi justamente para mostrar como a questão da masculinidade foi colocada e que a representação do ser homem e do ser mulher, deve obedecer a princípios de construção muito além das dimensões biológicas das pessoas. Além do mais, ao final da dissertação, o autor trouxe uma importante discussão a respeito dos clientes das travestis profissionais do sexo, numa discussão bastante detalhada sobre esta masculinidade que busca pessoas que socialmente reivindicam uma identidade feminina, quando fisiologicamente estas pessoas pertenceriam ao sexo masculino. Ao tratar dos temas propostos aqui, e que são muito relevantes para as discussões que trago sobre a construção da

---

<sup>14</sup> Dissertações: **1.** Cidadania sob o sol de Ipanema: os gays da Farme de Amoedo e suas estratégias de afirmação – de Fábio Pessanha Bila (defendida em 2009); **2.** As aparências enganam? O fazer-se travesti em Campos dos Goytacazes-RJ (2010-2011) – de Rafael França Gonçalves dos Santos (defendida em 2012); **3.** Do quiosque ao Pub: homossexualidade e identidade gay em Campos dos Goytacazes (RJ) – de Raphael Simões Mendes Oliveira (defendida em 2016); **4.** Amor (in)condicional: uma análise da relação entre as esferas da família e da religião na aceitação da homossexualidade – de Karine de Gouvêa Pessoa (defendida em 2017).

Teses: **1.** Das voltas que o mundo dá: família e homoparentalidade no Brasil contemporâneo – de Daniela Bogado Bastos de Oliveira (defendida em 2011) e **2.** Por dentro do arco-íris: casamento e divisão sexual do trabalho entre casais homossexuais – de Fábio Pessanha Bila (defendida em 2017). Disponível em: <<http://uenf.br/posgraduacao/sociologia-politica/>> Acesso em 15 de novembro de 2017.

masculinidade em Campos dos Goytacazes, aprofundarei nestas questões e mostrarei como o autor abordou o tema da masculinidade numa perspectiva de gênero.

No estudo de Santos (2015), ele observou a relação das travestis profissionais do sexo na relação com os clientes. Esta relação trouxe à baila concepções a respeito da masculinidade quando se pensa nesses clientes.

Falando dos clientes, Santos (2015) diz que,

em momento algum sua masculinidade era questionada pelo fato de ele se envolver com uma travesti, tendo em vista que, tacitamente, já se compreendia que ele, como ativo da relação, não seria o “veado”; pois o estigma recai sobre o sujeito que assumirá o papel de passivo, a travesti (2015, p. 170).

Em outro momento do texto, ele fala que os homens clientes das travestis, “a maior parte deles particularmente os rapazes mais jovens, buscam abatimentos no valor do programa, pois se consideram, e as travestis legitimam a ideia, de que eles são: homens de verdade” (2015, p. 185).

E para concluir a respeito da percepção mútua de travestis e clientes a respeito da masculinidade e da masculinidade específica dos clientes, o autor traz que

para ser homem de verdade não basta ter uma performance de gênero masculina, é preciso ser ativo e viril na relação sexual. E esta delimitação se dá pelo tipo de contato com as partes sexualizadas no corpo: pênis, ânus, nádegas, seios, tanto da travesti quanto do próprio cliente (2015, p. 192).

Juntamente com o fato de a pesquisa trazer uma realidade discursiva na mesma cidade onde desenvolvo minha pesquisa, Campos dos Goytacazes (RJ), as observações que o autor traz, ao discutir a questão de gênero e a percepção mútua sobre masculinidade entre clientes e travestis em prostituição, são relevantes para as percepções a respeito da masculinidade como um todo. Por este motivo, essa pesquisa tornou-se colaborativa com a pesquisa desenvolvida para a presente dissertação.

Todas as produções citadas nesta seção foram trazidas aqui por serem importantes discussões a respeito do gênero e da masculinidade, sejam elas sobre as percepções sobre a masculinidade, o que se chamou de masculinidades hegemônicas ou dominação masculina, em outros momentos da escrita, elas voltarão a ser citadas por trazerem colaborações com toda a discussão que me destino a trazer. E toda a discussão que foi feita até aqui demonstra o quando é necessário e o quanto estão em desenvolvimentos pesquisas que nos levem a compreender quem são os homens e o que esperar deles para agora e para momentos futuros.

## **CAPÍTULO 2. TRILHAS QUE PERFAZEM O CAMINHO DOS ESTUDOS DA RELAÇÃO MASCULINA INTRAGÊNERO – ASPECTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS**

### **2.1. Caminho teórico-metodológico condutor da pesquisa voltado para a questão inquietante e inadiável da masculinidade e suas intra-relações**

Como vimos no capítulo anterior, o estudo da masculinidade apresenta-se como um aprofundamento das questões relacionadas aos estudos de gênero. Suas caracterizações na atualidade indicam que precisamos de ferramentas e instrumentos capazes de captar os sujeitos, neste caso os homens, como partícipes de um processo de construção, ressignificação e desconstrução que explicitem de que maneira torna-se possível compreender as relações entre os homens hoje. Algumas vezes essa percepção tornou-se útil para pensarmos a relação que se estabelece entre homens e mulheres. E movimentos sociais de transformação da realidade nas relações entre os gêneros, como o movimento feminista, já deram importantes indícios de que um percurso nesse sentido se fazia necessário. Talvez sem buscar teorizar os homens e as masculinidades enquanto tal, o movimento feminista, ao apontar para o gênero como uma realidade em construção em que se estabeleceu uma dominação de um gênero sobre o outro, com toda a sua realidade de construção histórica, cultural, comercial, educacional, religiosa e com tudo o que influi nesse processo de construção, acabou por evidenciar que não só a relação entre os gêneros era socialmente forjada, mas também que as próprias identidades de gênero deveriam ser pensadas a partir dessa perspectiva. Mirou na relação de submissão construída que colocava as mulheres como sujeitos em desvantagem social nestas relações e acabou atingindo também os homens e sua identidade. Estando a masculinidade, como disse Bourdieu (2007a), dispensada de justificação, ela passou a ser necessariamente concebida menos como uma realidade social e ganhou certa aura de naturalidade, muito bem aproveitada pelos sujeitos dominantes, dessa forma, ela, muito menos vezes, tornou-se objeto de estudos sociais e viu-se muito menos como menos passível de complexidades e transformações.

Estudar aspectos das relações próprias da masculinidade, concebendo-se os homens como uma identidade de construção de gênero, portanto passível de todas as transformações e implicações de qualquer outra construção social, requer que concebamos todas as transformações que o conceito em si permite compreender que ocorrem e assim pensar meios



de torná-lo objetivo e desenvolvermos estudos que nos mostrem como as relações entre os homens ocorrem conforme dado contexto.

Dessa forma, neste capítulo, apresentarei a fundamentação teórico-metodológica que guiou o desenvolvimento da pesquisa. Ainda que alguns aspectos conceituais tenham sido apresentados de maneira introdutória no capítulo anterior, ao discuti-los novamente, de maneira mais aprofundada neste capítulo, procurarei mostrar como estes conceitos estão relacionados entre si a partir da seleção teórico-metodológica que guiou esta pesquisa. Esta seção, portanto, procurará discutir esta alternativa metodológica, em seguida trarei aqueles conceitos relevantes para o entendimento da pesquisa e por fim, no último tópico, discutirei os aspectos metodológicos da aplicação da pesquisa realizada junto às escolas pesquisadas e, no capítulo seguinte, que será o último capítulo da dissertação, buscarei fazer a análise dos discursos a partir dos dados coletados em trabalho de campo para assim apontar as considerações que o trabalho trouxe a partir tanto do embasamento teórico da dissertação, quanto da discussão desta a partir do que o campo me trouxe como informações.

Esta pesquisa se guia teoricamente pela perspectiva estruturalista com contribuição de sua revisão pós-estruturalista. Não pretende, entretanto, desconsiderar a importância das contribuições teóricas de outros matizes, que eventualmente debruçaram-se sobre a temática de gênero e contribuíram para uma ampliação da questão relacionada com outros aspectos. Dou como exemplo, a teoria materialista histórico-dialética, que em muitos casos se ligou à discussão de gênero entendendo ser esta como uma das categorias dominadas juntamente com outras que igualmente estiveram em situação de exploração. Prova disso foi que o movimento feminista, que muito inspirou transformações frente às situações de dominação, em alguns casos, teve fortes ligações com a teoria marxista.

Digo que a corrente de maior contribuição para as análises aqui levantadas são de base estruturalista, com colaborações pós-estruturalistas, porque me baseio especialmente nas concepções Bourdieu, que comumente é identificado como estruturalista, mas que em diversos momentos de sua análise, apresenta uma concepção para além de uma base puramente estruturalista, o que o aproximaria de análises pós-estruturalistas. Também alguns dos autores aqui apresentados, especialmente Michel Foucault, têm grande aproveitamento entre pós-estruturalistas. Diversos outros autores dialogam com Foucault, com o Bourdieu estruturalista e pós-estruturalista e estas colaborações não seriam exclusivamente de uma ou de outra vertente.

Falando de Foucault, este leva a uma concepção inovadora da concepção de gênero. Para ele, a sexualidade funciona como um dispositivo discursivo próprio do exercício do poder, criando, organizando e controlando a vida em sociedade (FOUCAULT, 1979; 2009). Tratando assim a sexualidade, torna-se possível pensar que a sexualidade age nos sujeitos que possuem um corpo sexuado e que esse dispositivo colabora para que o conjunto da sexualidade passe a produzir uma determinada postura de gênero. Como Foucault trabalha suas concepções de uma sexualidade capaz de envolver uma concepção de poder e de saber que individualiza o sujeito ao trazer que ele é possuidor de um corpo que produz e recebe esse dispositivo, ele torna possível pensar então essa categorização como uma categoria de gênero.

Para explicar melhor sobre o que seria o entendimento acerca do que ele chamou de dispositivo, no qual se baseia grande parte de sua noção de sexualidade, apoio-me em uma definição que o próprio Foucault faz para que possamos assim compreender os desenvolvimentos da pesquisa que ele desenvolve como uma perspectiva que mostra caminhos do pós-estruturalismo.

Para ele, o dispositivo significa

um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos (FOUCAULT, 1979, p. 244).

Trazendo essa noção de um conjunto de elementos que compõem e configuram o que chamou de dispositivo, será possível estabelecer o entendimento aqui desta pesquisa a respeito do termo sexualidade, muito ligada a uma posição pós-estruturalista de análise e que está baseada na noção de sexualidade de Foucault na qual me apoio e que será melhor caracterizada na seção seguinte. Para o momento, foi necessário trazer a noção de dispositivo para discutirmos como as concepções filosóficas do autor são trabalhadas e que vêm, de alguma forma, rediscutir o sujeito estrutural que essas teorias proporcionam. Feito isso, voltemos à discussão do pós-estruturalismo para que na próxima seção, possamos discutir alguns conceitos à luz das concepções que esta teoria apresenta.

Talvez seja precipitado classificar o Foucault como pós-estruturalista, pois ele tem uma perspectiva teórica muito própria que dialoga com o pós-estruturalismo e traz elementos importantes de outras correntes de pensamento. Também é muito presente em seus escritos diversos apontamentos críticos dos limites de variadas correntes teóricas contemporâneas ou que o procederam. Mesmo assim, ele acaba por ser mais aproximado de uma visão pós-estruturalista por apresentar um pensamento que mais avança sobre o estruturalismo do que se

enquadra nele. Isso acaba por render a ele algumas classificações de pós-estruturalista. E mesmo assumindo esse risco, ele será aqui mantido aproximado dessa classificação. Talvez por ser esta corrente ainda muito nova e sem uma possibilidade única de consenso que lhe atribuiria um determinado nome, ela acaba por absorver, ainda que dispersamente, pensadores de diversas áreas e propostas teóricas num conjunto mais amplo de pensadores ainda sem uma classificação definitiva. Isso talvez nos leve àquilo que Alexander (1987) disse se tratar do movimento pendular que muito marcou a sociologia, mas obviamente que não só a ela. Ou seja: segundo este autor, mais do que um movimento retilíneo em uma direção determinada e determinante, o movimento teórico caminha numa espécie de movimento pendular. Como sociólogo e como um pensador com interesse de apresentar um novo movimento teórico para esta ciência, ele aduz que ela apresentaria uma movimentação constante de idas e vindas, de altos, baixos e retornos ao que merece ser novamente discutido. Ao trazer Foucault, por exemplo, ele fala que a teoria foucaultiana atribui à formação dos discursos frente ao tradicional modo de produção (ALEXANDER, 1987). Ainda que ele não se coloque como teorizador sobre Foucault ou seu seguidor, ele mostrou que ele estaria entre os teóricos (não restritivo, obviamente, à sociologia, mas ao pensamento teórico mais amplo) da contemporaneidade que rompem com um estruturalismo.

Falando dessa retomada de uma nova proposta teórica ao entender como o caminho mais adequado para se estudar a sexualidade num ambiente escolar, Nascimento (2010) indica que o pensamento que os pós-estruturalistas procuraram ultrapassar era uma corrente que se posicionou em seu momento contra o humanismo e contra o historicismo, característico de uma filosofia existencialista francesa, e que ele teria trazido princípios em que “o sujeito teria sua conduta limitada pelas estruturas, fossem as linguísticas, as mentais, as econômicas etc.” E que isso passa por transformações de significado quando surge uma nova perspectiva “contrapondo-se a essa ilusão e a outras que se apoiavam na ideia de que o conhecimento, as luzes, libertariam o homem de seus infortúnios, [que] insurge-se o pós-estruturalismo” (2010, p. 152).

Aquela disposição para repensar e utilizar o estruturalismo e a corrente que busca reinterpretá-lo difundiu-se de certa maneira que diversos alinhamentos teóricos buscaram se apoderar deles, como os chamados pós-modernistas. Estes também estariam entre aqueles que não poucas vezes causaram inúmeros debates no meio acadêmico por tocarem em questões muito firmes dos pensamentos de tempos mais recentes. Longe de querer afirmar que há aqui um alinhamento desta corrente, mas reconhecendo a profundidade de seu debate para discutir a questão que trago aqui a respeito da masculinidades, ou das antigas identidades pensadas a

partir do sujeito concebido como homem, vemos que eles precisam ser reconhecidos enquanto uma busca de rever posições que o estruturalismo conseguiu avançar pouco numa proposta de interpretação. Para Nascimento (2010),

Os pós-modernistas, inspirados nos *insights* pós-estruturalistas, negam a condição do sujeito moderno como centro da ação social, como ser pensante que fala e produz. Para eles, o sujeito é produzido, objeto do pensamento e da fala, dirigido pelas estruturas, pelas instituições e pelo discurso. (2010, p. 97)

Na fala de um dos próprios autores pós-modernistas, é possível dizer que o sujeito moderno “tem uma história” e já “podemos mesmo contemplar sua ‘morte’.” (HALL, 2004, p. 24). Ele traz que algumas etapas, ou o que chamou de descentramento, foram responsáveis pela transformação do sujeito de inspiração cartesiana. Das 5 etapas desse processo, uma delas teria sido devido aos trabalhos do filósofo e historiador Michel Foucault. Voltarei a esta observação voltada para a contribuição de Foucault para o pós-modernismo no dizer de Stuart Hall (2004). Antes, pretendo trazer algumas considerações sobre o pós-modernismo que, segundo pretensão de seus autores, afetam irrefutavelmente a noção do sujeito moderno, transformando as concepções anteriores de identidade e que, eventualmente, afetariam também a discussão da identidade masculina.

Para Hall (2004), a contemporaneidade trouxe elementos que afetaram e fizeram rever toda a noção moderna da formação indiscutível e inerte de sujeito. Ela passou a mostrar que as velhas concepções acerca dos sujeitos necessitariam passar por uma conceituação menos presa e muito mais cambiante, fluida e descentrada de sujeito, o que afeta diretamente nas noções consagradas de sujeito engendradas pela modernidade. Essas já antigas noções passam a ser atingidas em cheio pelas transformações do mundo contemporâneo. Entre outras modificações da atualidade que indicaram, para os defensores do pós-modernismo, que as sólidas e velhas concepções precisariam de outras formas de abordagem, há importante destaque para o avanço das tecnologias, com grande atenção às ligadas à comunicação, as mudanças na relação espaço-tempo, afetadas pela tecnologia que aproximou distâncias afetando em cheio as noções de tempo-espaço, o refazer dos acessos que ampliaram noções de mundo antes limitadas, o desenvolvimento do mercado que, ainda que tenha deixado um expressivo número de despossuídos desses acessos, possibilitou a muitos outros conhecerem, vivenciarem, experimentarem, verem, sentirem e potencializarem coisas que seriam pouco prováveis em tempos passados relativamente próximos. Essa possibilidade se deu por uma concepção que já não é muito nova, mas que ganhou dimensões muito mais expressivas na atualidade, transformando-a e sendo transformada por ela, que foi a importância que Hall (2004) à noção

de globalização. Para o autor, citando sua influência sobre as modificações nas identidades nacionais, “o que, então, está tão poderosamente deslocando as identidades culturais nacionais, agora, no fim do século XX? A resposta é: um complexo de processos e forças de mudança, que, por conveniência, pode ser sintetizado sob o termo ‘globalização’.” (2004, p. 67).

Aprofundando a questão e mostrando o poder de sua influência sobre as tão arraigadas noções de identidades nacionais, mas que pode ser sentida também em outros tantas identidades que pareciam ser indiscutíveis, ele informa que

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as *identidades* se tornam desvinculadas – desalojadas – dos tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem “flutuar livremente” (2004, p. 75. Grifo do autor).

Trazendo a discussão para o que aqui nos interessa, um dos estudiosos da masculinidade aproxima a discussão do sujeito pós-moderno com a questão da masculinidade. Segundo ele, a contemporaneidade, entendida como sinônimo de pós-modernidade, afeta decisivamente as concepções da identidade masculina.

A avalanche de mudanças socioestruturais [que alguns chamam de pós-modernidade] teria flexibilizado ou tornado menos rígidas as prescrições sociais para o gênero masculino? O homem hoje vivencia algum tipo de crise existencial em função da inadequação entre prescrições de gênero antiquadas e as demandas sociais atuais? [...] Comparavelmente ao período que vai do século XIX até a 2.<sup>a</sup> Guerra Mundial, é possível afirmar que muitos fatores novos fazem parte da atual dinâmica social, estimulando um conjunto de condutas, em certos segmentos sociais que dificultaram a hegemonia e a permanência do ideal masculino, tal como ele se apresentava nos primórdios da humanidade. (OLIVEIRA, 2004, p. 84).

Comprometida por tudo que lhe dá novo sentido e contribuindo para este novo sentido, a pós-modernidade atuaria numa via de mão dupla também afetando tudo o que poderia ser considerado inquestionável ou mesmo inalterável. O diálogo entre teóricos da pós-modernidade e do pós-estruturalismo se torna, portanto, muito estreito e, em boa parte dos casos, é tido assimilado ou confundido pelas semelhanças que ambos se propõem com novas possibilidades de interpretação da realidade. Nessa busca é que trago as colaborações de Foucault para discutir gênero naquilo que ele que passo a entender como um ponto do que é mais amplo que é denominado de sexualidade.

Para Hall (2004), ao tratar da colaboração de Foucault para as discussões que levaram à derrocada do sujeito moderno, trouxe que o trabalho do filósofo francês estaria entre uma das cinco etapas seguidas para chegar a este descentramento do sujeito. As demais seriam as contribuições do pensamento marxista, a descoberta do inconsciente por Freud, o trabalho do

linguista estrutural Saussure e o impacto do feminismo. Todos esses, com suas importantes concepções, foram responsáveis para se repensar aquilo que até então era considerado como pronto para se pensar os sujeitos e, conseqüentemente as identidades. As colaborações de Foucault, ele colocou como o quarto passo significativo nesse sentido.

Ao falar sobre Foucault, Stuart Hall (2004) observa que o trabalho do filósofo foi importante para mostrar o quanto o sujeito passa a ser policiado e demarcado enquanto sujeito individual. Tratado individualmente, há uma grande vigilância sobre o corpo que esses sujeitos individualizados contêm e com essa vigilância ao indivíduo, atribui-se todo um significado em seu comportamento sexual, com grande importância do discurso nesse processo, de modo a reter no sujeito um padrão esperado de comportamento subjetivo. Para ele, foi grande a colaboração de Foucault para se conceber o descentramento do sujeito, como estudado pelo pós-modernismo. O teórico diz que a colaboração foucaultiana tornara-se importante, uma vez que “quanto mais coletiva e organizada a natureza das instituições da modernidade tardia, maior o isolamento, a vigilância e a individualização do sujeito individual” (2004, p. 43). Nem menos, nem mais importante que as demais etapas, Foucault e seus estudos foram indispensáveis para pensar o sujeito individualizado e sexualizado muito observável nas sociedades contemporâneas.

Mais do que pensar o sujeito apenas pelo aspecto da sexualidade, mas em todas as suas interrelações de classe, de origem étnica, de religião ou qualquer outro pertencimento nas quais as identidades são revistas e rediscutidas, a contribuição pós-estrutural, com os trabalhos dos pós-modernistas, de Foucault, entre outros estudiosos da contemporaneidade, a importância dessa modalidade para estudar o sujeito em aspectos de masculinidade são as mais utilizadas neste trabalho. Como dito no início desta seção, outras correntes de pensamento são igualmente importantes e também trouxeram suas colaborações, no entanto, a vertente estruturalista e algumas contribuições pós-estruturalistas serão aqui as mais utilizadas. Pensando desta forma, posso passar agora a discutir conceitos próprios que se relacionam com a masculinidade para que quando forem discutidas as relações com o trabalho empírico realizado no trabalho de campo, poderemos entender mais detalhadamente aquilo que move minhas reflexões.

## **2.2. Sexualidade, gênero e masculinidade**

Segundo visto até aqui, discutir a respeito da masculinidade requer que se considere sua relação com os conceitos de gênero e de sexualidade, que, a meu ver, estão intimamente

relacionados. Para tanto, trarei o embasamento teórico em que me apoiei para pensar sexualidade e gênero e, assim, o campo para discutir sobre a masculinidade estará mais bem delineado. Em outras palavras: esses três conceitos estão intimamente relacionados e numa discussão estrutal/pós-estruturalista eles têm uma abordagem que seguramente lhes dão uma interpretação dentro daquilo que concebo como o caminho teórico escolhido para o tratamento da temática como trazida aqui.

A relação estreita e, acrescentaria, interdependente entre essas três temáticas – gênero, sexualidade e masculinidade – ficou também muito evidente em nosso grupo de orientação que se reunia regularmente para discutir os temas estudados por cada orientando, bem como outros temas de interesse da sociologia. Quando a presente pesquisa era colocada em discussão, sempre havia alguma indicação de leitura ou alguma reflexão pertencente a uma questão que indicava a necessidade de ampliação e leitura voltada para a questão do gênero e da sexualidade, mostrando que é uma discussão necessária para se debater o tema central que é a masculinidade. Entre os assuntos sugeridos, sempre alguém contribuía dizendo que uma leitura voltada para a questão da sexualidade com toda a sua atualidade de debate enriqueceria profundamente o tema. Abaixo, nesta seção, veremos que a sexualidade é um tema comum à sociologia, visto que ela é um produto da sociedade e é significante e significada constantemente por intervenções culturais e históricas em que ela se inscreve. E, como vimos, a discussão numa abordagem estrutural/pós-estruturalista traz importantes elementos para esse enriquecimento do debate e os estudos de Foucault indicam isso entendendo a sexualidade como uma construção histórica e de uma relação direta com a formação e determinação dos sujeitos a partir dos discursos. Então era muito comum que colegas de orientação indicassem a importância de leituras da sociologia da sexualidade, onde seria possível pensar todos os aspectos que envolvem os sujeitos datados e com todos os seus aspectos bem mais do que no que toca à relação física do sexo, mas também às percepções dos sujeitos sexuais enquanto tal. Havia indicações de que sempre se pensasse temas relacionados à homossexualidade, à potência sexual, à conjugalidade, família, filiação, à fidelidade, a celibato, solteirice, à contracepção, a práticas sexuais convencionais ou pouco convencionais, entre outros assuntos correlacionados, levando a pensar que a matéria da masculinidade requer um entendimento melhor de alguns desses temas que perpassam a discussão quando o assunto direciona para um entendimento a respeito dos homens de nossa sociedade e à autopercepção desses sujeitos enquanto tal. Com relação ao gênero também havia uma importante indicação de que a temática de gênero carece de um debate que envolva a ampliação do tema, e não se fixe apenas um dos gêneros, mas a relação entre gêneros,

e aspectos voltados para entender não só a relação entre eles, mas a construção simbólica que desenha a relação como um desses gêneros, os homens, estabelecem entre si, dado que os estudos voltados para esta questão se apresentam como crescentes em importância e em ampliação de tecnologias de debate. Como alguns dos colegas estivessem alinhados com uma teoria que o gênero seria uma espécie de sexo social, teoria que certamente não é consensual e traz elementos para ampliação do debate, o que é possível entender é que o gênero só se constrói nos contextos sociais, ou seja em dadas épocas e culturas, ele se torna um objeto de interesse da sociologia. E como ele envolve um debate que permite estabelecer noções de poder e ordem, ele também recai em um interesse significativo para a sociologia política. Sua relação com o Estado e com a política. Portanto, à luz da abordagem estruturalista com Bourdieu, e um tanto pós-estruturalista deste mesmo autor e de outros aqui tratados, trarei algumas observações sobre ambos os temas para assim chegar a uma discussão mais adequada sobre masculinidade.

Voltando então à discussão sobre sexualidade, ela precisa ser pensada de maneira ampla para discutirmos masculinidade, mas também para ser discutida em outras abordagens, como algo muito além da prática fisiológica dos atos sexuais. Já disse Foucault que antes dele o conhecimento a respeito da sexualidade havia se desvinculado do sexo e ampliado para além dele. Ele trouxe que o dispositivo da sexualidade indicou que ela era muito mais do que o sexo propriamente dito.

O discurso de sexualidade não se aplicou inicialmente ao sexo, mas ao corpo, aos órgãos sexuais, aos prazeres, às relações de aliança, às relações inter-individuais. [...] Um conjunto heterogêneo que estava recoberto pelo dispositivo de sexualidade que produziu, em determinado momento, como elemento essencial do seu próprio discurso e talvez de seu próprio funcionamento, a ideia de sexo (1979, p. 259).

Somos então levados a entender a sexualidade como um conceito muito mais social do que natural. O sexo e alguns de seus atributos são naturais, mas o entendimento sobre ele e tudo que o cerca, até mesmo a forma como pode ser praticado o ato sexual, ou o que se concebe como pertencente a um ou outro sexo, é social. Tudo o que está junto e ao redor do sexo (seja o sexo compreendido como os órgãos genitais, ou o que diferencia um e outro seres humanos em categorias fêmea e macho, ou mesmo a manipulação ou encontro dos órgãos genitais para obtenção de prazer ou de procriação) é o que variável conforme a época e conforme as diferentes culturas, isto é: é um aspecto importante, mesmo não sendo o único, da sexualidade. A sexualidade envolve o ato sexual em si, envolve o que se fala e o que se pensa a respeito dele, envolve sentimentos, noções, percepções e visões a respeito ou o que está de alguma forma próximo dele. Incluiria também desejos, ausência dos desejos, ditos e não ditos sobre eles, demarcações do que é certo ou errado com relação a eles, definições do que se pode ou se deve



falar e fazer a respeito dos atos sexuais e dos desejos, enfim, tudo o que se aproxima do sexo e do desejo, da vontade e do poder sobre eles teria uma relação com a sexualidade. Ao estudar sobre a sexualidade, Foucault afirma em sua *História da Sexualidade* (2009), ele indica que a despeito de se crer que o sexo tenha sido reprimido nos últimos tempos, ele na verdade teria sido incitado, instigado a falar sobre ele, a saber sobre ele. A idade da repressão seria originária do século XVII e coincidiria com o desenvolvimento do capitalismo e a inadequação de práticas com as exigências da força de trabalho que ele exige. O que se viu, é a tese de seu livro, foi uma busca incessante para se falar sobre o sexo e discutir sobre ele e o seu entorno. Considerando-se os três últimos séculos, as coisas apareceram bem diferentes: o que houve foi “uma verdadeira explosão discursiva [em torno do sexo]. É preciso ficar claro. Talvez tenha havido uma depuração – e bastante rigorosa – do vocabulário autorizado” (FOUCAULT, 2009, p. 23). Desenvolvendo sua observação de que o sexo, e portanto, a sexualidade, foi mais posta em discurso do que levada ao ostracismo absoluto, ele indica que alguns meios foram colocados como autorizados a falar e como falar sobre o sexo. Deu grande importância à prática eclesiástica da confissão, onde tudo deveria ser tido e em mínimos detalhes, passando por uma *ars erótica* até uma *scientia sexualis*. Tudo isso para mostrar que “não se fala menos do sexo, pelo contrário. Fala-se dele de outra maneira; são outras pessoas que falam, a partir de outros pontos de vista e para obter outros efeitos” (2009, p. 33). No capítulo final que tratarei do trabalho de campo e dos relatos dos entrevistados, especialmente dos professores, indicarei que essa ideia é muito presente sobre quem estaria autorizado a falar e de que maneira sobre o sexo. O discurso sobre quem deve falar e como deve falar é algo que apareceu muito evidentemente em alguns dos discursos de professores, atendendo àquilo que indicou como uma espécie de ortopedia para falar do sexo. E ele indica que isso tudo é bem característico das sociedades modernas, que se encontram em pleno desenvolvimento em suas mais sutis demonstrações. Para ele, “o que é próprio das sociedades modernas não é o terem condenado, o sexo, a permanecer na obscuridade, mas sim o terem-se devotado a falar dele sempre, valorizando-o como o segredo” (2009, p. 42). Observar isso implica em observar que não se pode falar, como ele traz, sem ampliar o que se entende por silêncio, que não deve ser entendido como uma divisão apenas binária do falar e não falar, mas nas formas diferentes de não falar, que não há um, mas muitos silêncios. E que isso foi muito utilizado nas sociedades modernas mais do que se pensa a respeito, para atender a interesses variados de uma sociedade de desenvolvimento capitalista que buscou suas próprias estratégias de como o sexo seria útil a ela, portanto, como deveria ser dito. Importante pensar nisso, numa aparente tentativa de esconder que se fala e se

tira proveito do que se fala. Alguma explicação estaria naquilo que entendeu como uma obstinação quase doentia de falar daquilo que não se fala, de falar sobre o que é vedado, de uma paixão por falar de nosso silêncio (FOUCAULT, 2009).

Continuarei abaixo falando sobre sexualidade e sobre a importância do conceito para o que discuto aqui. Pretendo, neste momento, fazer um breve parêntese para explicar o tema da modernidade, uma vez que o termo foi citado no parágrafo anterior por Foucault e que me leva a tecer um comentário a respeito para evitar cair em contradição ao que eu havia dito acima sobre modernidade e pós-modernidade. Logo abaixo continuarei falando sobre sexualidade para embasar os outros conceitos que trago como centrais. Como tratei acima, ao trazer elaborações teórico-metodológicas pós-modernistas, mais do que buscar um alinhamento deste como um referencial teórico, eu as trouxe para pô-las em proximidade e comparação com o referencial teórico do pós-estruturalismo. Essa distinção é importante pelo fato de eu entender que a discussão sobre modernidade possui outros vieses de interpretação que não necessariamente a entendem como uma época ultrapassada, mas como uma época em aprofundamento. Vemos isso nas reflexões de um destacado sociólogo contemporâneo que oferece reflexões sobre esse tema. Para ele,

as disjunções que tomaram lugar devem, ao contrário, ser vistas como resultantes da auto-elucidação do pensamento moderno, conforme os remanescentes da tradição e das perspectivas providenciais são descartados. Nós não nos deslocamos para além da modernidade, porém estamos vivendo precisamente através de uma fase de sua radicalização (GIDDENS, 1991, p. 49).

Longe de também considerar esse autor como referencial teórico desta pesquisa, considero que as análises que o autor traz sobre a modernidade, bem como sobre a sexualidade e esta relação entre elas, precisam ser, no mínimo, lembradas. Tratando da discussão sobre a modernidade, cuja abordagem não desconsidera aquilo que os pós-modernistas trazem como um fenômeno de grande destaque que é o processo de globalização, ele continua suas reflexões trazendo que

nem a radicalização da modernidade nem a globalização da vida social são processos que estão, em algum sentido, completos. Muitos tipos de resposta cultural a tais instituições são possíveis, dada a diversidade cultural do mundo como um todo. Movimentos "além" da modernidade ocorrem num sistema global caracterizado por grandes desigualdades de riqueza e poder e não podem deixar de ser por eles afetados (GIDDENS, 1991, p. 154).

Consideradas essas reflexões a respeito da modernidade radicalizada, ou seja: de uma época em que a modernidade teria alcançado níveis de transformação de grande escala, o autor também relaciona essa transformação vivenciada na contemporaneidade com as transformações que ela imprimiu na intimidade e na sexualidade de uma maneira intensa. Antes de voltar trazer

algumas das análises que o autor traz ao relacionar a radicalização da modernidade experimentada pelas sociedades contemporâneas e as transformações na sexualidade, gostaria de continuar tratando um pouco mais a respeito do conceito de sexualidade e depois as reflexões desse autor sobre o tema, bem como dos autores referenciados aqui, serão trazidas de modo a colaborar para o que se entende sobre a sexualidade hoje. Dessa forma, continuo trazendo a discussão sobre a sexualidade e esse autor e outros serão buscados para colaborar com a discussão e a compreensão do tema.

Continuando, portanto, a respeito do conceito de sexualidade. Para não dizer que a sexualidade seja tão ampla que seja difícil dizer o que não seria sexualidade, prefiro, baseado na literatura trazida aqui a respeito do tema, concentrá-la naquilo que ela de alguma forma está vinculada ou próxima: ao sexo. Ou, para lembrar Foucault (2009), naquilo que é feito, dito ou não é dito a respeito do sexo. Como o sexo tem uma relação muito estreita com a reprodução, fica a tentativa de tentar trazer a noção de sexualidade também onde ela menos se deixa entender com este vínculo, sem, contudo, distanciá-la totalmente do ato sexual, como nas opções pela solteirice, de contracepção, de celibato, nas reproduções desvinculadas do ato sexual – como nos casos de reprodução assistida e inseminações artificiais –, nas relações sexuais para fins de prazer que não envolvam reprodução, como nas infinitas fantasias, na masturbação, nas poluções involuntárias, nas buscas de sexo pago, nas perda de desejo sexual, na perda da possibilidade de reprodução vivenciada por muitas mulheres que ainda assim não encerrariam suas vidas sexuais ou até mesmo possam vir a fazê-lo, seja por opção ou por uma perda mesmo do desejo, entre outras infinitas possibilidades. Para tratar dessa ampliação sem se perder o ponto, Giddens (1993) atribui-lhe a expressão *sexualidade plástica*, isto é: “descentralizada, liberta das necessidades de reprodução” (1993, p. 10). Voltarei a tratar o assunto da sexualidade como Giddens a concebe e que seria a expressão de uma transformação da intimidade por que passaram as sociedades modernas, para o momento, prossigo tratando o conceito de sexualidade para que ela seja vinculada àquilo que debato nesta pesquisa, que é a masculinidade. Então, pensando a sexualidade plástica que Giddens (1993) conceituou, é possível pensá-la em diversos outros aspectos com a presença ou a proximidade do sexo em si.

Prosseguindo nessa ideia de sexualidade plástica, é possível discutir esse conceito, por exemplo, ao tratarmos de relações homoeróticas masculinas ou femininas, ao sexo comercial, ao sexo pela busca de um prazer e sem a finalidade de procriação, ao sexo impessoal feito por pessoas desconhecidas ou pouco conhecidas, aos locais de encontros sexuais esporádicos, de trocas de casais, de encontros sexuais grupais, entre inúmeras outras

possibilidades. Vê-se, sem grande dificuldade, que pensar a sexualidade nesses outros contextos, ou “descentralizada” no dizer de Giddens (1993), possibilita pensar a sexualidade fora de um vínculo obrigatório e dependente da família. Por ser plástica, ela se adequaria a diversas possibilidades sem perder algo que lhe fosse próprio.

Pensando a sexualidade também no sentido de plasticidade como atribuída por Giddens (1993) e a sexualidade com uma vinculação ao discurso e ao controle de corpos, como trazido por Foucault (1979; 2009), vemos um caminho aberto para pensar a sexualidade como um conceito que, especialmente por estas características, sem entretanto desconsiderar que outras características poderão ser-lhe apensadas, o que não podemos desconsiderar é que o conceito possui uma vinculação dependente dos contextos sociais que lhes engendra. No dizer de Bourdieu (2007), “a sexualidade, tal como a entendemos, é efetivamente uma invenção histórica, mas que se efetivou progressivamente à medida que se realizava o processo de diferenciação dos diferentes campos e de suas lógicas específicas” (2007, p. 123). Ou seja: a sexualidade é, de alguma forma, tão simbólica que ela toma uma vinculação direta com os estudos sociais, ela é um conceito muito importante para a sociologia e para as demais ciências sociais.

Vemos isso, sobretudo, segundo outro autor, porque

A sexualidade não é um dado da natureza. Construída socialmente pelo contexto cultural em que está inscrita, essa sexualidade extrai sua importância política daquilo que contribui, em retorno, para estruturar as relações culturais das quais depende, na medida em que as “incorpora” e representa. [...] A sexualidade é uma esfera específica – mas não autônoma – do comportamento humano, que compreende atos, relacionamentos e significados. (BOZON, 2004b, p. 14).

Com esta observação, o autor traz para junto da sociologia esse conceito que tradicionalmente esteve em largo uso das ciências da natureza e que lhe davam uma conotação muito mais biológica do que social. Entendida como algo simbólico, isto é: como pertencente a uma ordem social que a estabelece e a abriga, e que lhe dá uma possibilidade de transformação constante, a sexualidade pode ser, então considerada como um importante conceito da sociologia, o que dinamiza as reflexões propostas nesta pesquisa. E o autor vai um pouco mais longe, ele fala que a sexualidade atribui significados a outros eventos que normalmente não estiveram vinculados a ela, cujo sexo passa de seu personagem principal, a seu dependente mais imediato. Para o estudioso,

Se não existissem rituais e representações da sexualidade, nem histórias que a encenassem, não haveria atividade sexual humana, nem relações sexuais. Para agir sexualmente, não basta aos humanos apenas aprender os procedimentos: eles devem elaborar mentalmente aquilo que fazem ou vão fazer, para assim lhes atribuir um sentido. (BOZON, 2004b, p. 113).

Vista desta forma e considerada como um dispositivo, conforme lhe concebeu Foucault que “funciona de acordo com técnicas móveis, polimorfos e conjunturais de poder” (FOUCAULT, 2009, p. 117), a sexualidade começa então a construir o próximo conceito que, como já visto em início de abordagem, é um conceito eminentemente social, que é o conceito de gênero. Pela perspectiva trazida aqui nesta pesquisa, o gênero estaria inscrito, subordinado e como um dos formadores da sexualidade. Isso porque, como dito acima, as noções de masculino e feminino e todas as implicações do que significam e dos papéis sexuais desempenhados por homens e por mulheres, o significado do simbolismo que possuir o corpo que também é dado socialmente, das identidades de gênero e das vinculações que cada um dos sexos estabelece nas formulações culturais que designam o que é tido como algo masculino ou feminino, tudo está diretamente associação à sexualidade como um conceito maior que abarcaria o gênero como um conceito dependente dela.

Prosseguindo, portanto, com a explanação a respeito do conceito de gênero, e a vinculação deste conceito ao conceito de sexualidade vai sendo compreendido. Outro fator que aproxima o conceito de gênero ao conceito de sexualidade é sua dependência cultural. Evidentemente não é apenas o fato de ambos serem conceitos utilizados e com o devido valor para a sociologia que os tornam conceitos aproximados. Se fosse assim, todos os outros conceitos utilizados pelas ciências sociais poderiam participar desta aproximação. Mas o que os torna conceitos dependentes e aproximados é a relação que ambos estabelecem com a noção de corpo. Isso porque não é possível pensar gênero e sexualidade e desvinculá-los de corpo e todo a sua historicidade e as simbolizações que as culturas atribuem ao que se vem a pensar e conceber a respeito de corpo. Por conta disso é que a pensar gênero é conceber que as mais elementares caracterizações de gênero partem das noções que o corpo estabelece. Isto é: o corpo começa a ser o primeiro e um dos principais instrumentos utilizados para que as classificações de gênero venham a se formar. Somente com os estudos mais aprofundados e posteriores de gênero que este vínculo entre corpo e gênero passaram a ter uma dinamização relevante.

Dessa forma, o gênero é um dos conceitos sociais que possuem uma dependência inicial da formação fisiológica das pessoas para se pensar os simbolismos posteriores que cada cultura lhe vai atribuir. Tendo base no corpo, o gênero não será nunca dependente exclusivo dele, o gênero é essencialmente social, podendo ou não coincidir com elementos corporais que lhe possam abrigar. O corpo recebe e dá ao gênero possibilidades de identidades que passam a ser vistas como impregnadas a ele. Vemos essa análise em um texto mais contemporâneo em

que o autor aproxima o corpo e a identidade para mostrar como ele funciona como um instrumento da identidade de gênero, para tratar da identidade de gênero masculina.

Relacionando essas concepções, o autor analisa que

la construcción de la persona basada en las prácticas corporales – sujetas a la socialización – posibilita también la organización de una identidad, la cual está determinada o anexada dependiendo del tipo de técnicas que cada persona realice e incorpore a través de las normas sociales y culturales adquiridas con su socialización (RODRÍGUEZ, 2014, p. 81)<sup>15</sup>.

Isso é possível pelo que o corpo contém de elemento simbolizador, já que também “o corpo é um complexo de símbolos: um sistema simbólico que porta a sua mensagem” (RODRIGUES, 1975, p. 130). Em outro momento, o autor que desenvolve um estudo aprofundado sobre o corpo e sua formação simbólica, coloca a relação entre corpo e gênero e parte para uma definição de gênero que o estudo do corpo lhe levou a desenvolver.

Sem mencionar o termo *gênero*, ele traduz todo o entendimento que outros estudiosos virão vincular a ele. Como nos mostra,

o fato de um indivíduo ser do sexo masculino ou do sexo feminino não significa apenas que ele possui uma determinada conformação anatômica ou fisiológica. Significa também que ele possui um *status* social cujos limites, direitos e obrigações estão devidamente convencionados e em relação aos quais a comunidade mostra determinadas expectativas. Cozinhar ou dirigir empresas, caçar ou costurar, cuidar de crianças ou ler jornal, são ilustrações destas expectativas, que cada sociedade define à sua maneira. (RODRIGUES, 1975, p. 70).

No mesmo sentido, o conceito de gênero estabelece o que vem a ser chamado de papel sexual. O papel sexual é a atividade própria esperada em que essas expectativas do gênero se colocam. Na fala do autor, “o papel sexual define também um ideal de comportamento que cada indivíduo tentará realizar” (RODRIGUES, 1975, p. 71).

Estudioso do corpo e não necessariamente do gênero, Rodrigues (1975) trouxe uma análise detalhada sobre corporeidade em uma abordagem antropológica. Ao centrar estudos no conceito de corpo, o autor trouxe expressivas colaborações para o gênero ao apresentar como o corpo é tratado em dado contexto e como homens e mulheres são concebidos conforme os sistemas sociais. Sendo estudioso da antropologia, esta ciência, ao estudar contextos culturais variados e muitas vezes trazendo à visibilidade a forma como cada contexto tratou determinados assuntos de uma maneira própria, colaborou para identificar que as formas como homens e mulheres são concebidos e podem ter variações diversas conforme esses contextos e estudar o corpo leva a estas análises sobre as diferenciações simbólicas engendradas a partir da formação

---

<sup>15</sup> Tradução livre: “a construção da pessoa com base em práticas corporais - sujeita à socialização – possibilita também a organização de uma identidade, que é determinada ou anexada dependendo do tipo de técnicas que cada pessoa realiza e incorpora através de normas sociais e culturais adquiridas com sua socialização”.

fisiológica que são facilmente perceptíveis na diferenciação entre os sexos. Sendo assim, esta ciência trouxe significativas colaborações para as demais ciências sociais ao mostrar como os contextos diversos produzem noções diversas e o masculino e o feminino é uma das variações que também se apresentaram como tal e indicam que culturas diferentes produzem o pensar e o saber sobre homens e mulheres de uma maneira diferenciada. Hoje a antropologia não é a única das ciências sociais que estuda culturas diversas, nem mesmo ela se destina a estudar exclusivamente culturas distantes, encontrando muitos objetos de estudo nas variações dentro de uma mesma cultura. As demais ciências sociais (a sociologia e a ciência política, por exemplo) sem dúvida trouxeram elementos importantes umas para as outras e também foram atingidas pelas concepções que a antropologia se designou a desenvolver. Dito isso, vemos que ela colaborou muito com a forma como as demais ciências humanas trataram seus objetos de estudo. Pudemos ter essa concepção nos estudos do corpo trazidos por Rodrigues (1975), que tratando o corpo em sua complexidade levou a concepções de gênero.

Num encontro, ou numa aproximação, de duas destas ciências, vemos outro exemplo de um estudo que não se tratou de um estudo focado no gênero, mas não pôde deixar de trazer uma análise sobre ele e também se relaciona com aquilo que tratamos aqui, que é a masculinidade. Neste estudo, da antropologia política, Pierre Clastres (1978), para citarmos um dos trabalhos nesta área, fez uma etnografia entre algumas sociedades sul-americanas e desenvolve um estudo etnográfico intenso entre a tribo dos índios guaiáqui da região do Paraguai. Ao buscar entender o poder estabelecido na referida tribo que está mais disperso e, portanto, não menos visível, do que o poder exercido pelos chefes de Estado das sociedades que os possuem. Ele consegue observar uma importante disseminação do poder ao analisar as relações individualizadas que as pessoas estabelecem entre si e que se relacionam com determinada dependência do contexto maior que é o da sociedade em que estão inseridos esses indivíduos.

Partindo para essas relações de poder conferidas pelos papéis sociais estabelecidos na tribo que pesquisou, ele observou como isso se dá numa relação de gênero e lhe atribui seus significados. Esse ponto é relevante, dado que estamos discutindo aqui um ponto que ele toca com devida agudeza, que é o tema do gênero e da masculinidade e de seus atributos que lhe conferem não apenas a proeminência sobre o outro gênero, mas também essas intra-relações entre um dos gêneros e o que é esperado socialmente desse gênero. Como vimos discutindo aqui, a análise estrutural/pós-estruturalista é a base teórico metodológica que pareceu com significativa capacidade para discutir o que proponho aqui. Voltando então à questão trazida

por Clastres (1978), vemos que ele identifica na tribo estudada uma relação entre os papéis de gênero e os objetos que cada qual deve possuir.

Como descreve na sociedade guaiáqui, são as mulheres as responsáveis por cozinhar, cuidar das crianças e fabricar potes, cestos e cordas para os arcos. Aos homens fica a incumbência de caçar e coletar.

Os homens só existem como caçadores, e eles mantêm a certeza de sua maneira de ser preservando o seu arco do contato da mulher. Inversamente, se um indivíduo não consegue mais realizar-se como caçador, ele deixa ao mesmo tempo de ser homem: passando do arco para o cesto, metaforicamente ele *se torna uma mulher*. (CLASTRES, 1978, p. 75. Grifos do autor).

Com grande rigidez, esta divisão sexual do trabalho torna-se também simbolizada, sendo os homens aqueles que sempre portarão os arcos e as mulheres as que portarão o cesto como objetos, devendo um jamais portar e sequer tocar nos objetos pertencentes aos outros sob pena de passarem a sofrer sanções difusas por parte de todo seu conjunto social. Exemplificando como isto se dá, ele pegou dois exemplos ocorridos com homens que indicam como isso se deu e nos ajudam a compreender o funcionamento da sociedade estudada com relação à rigidez dos papéis de gênero e também nos possibilita um exercício de comparação de como é que aquele fato mais notório, mais visível, talvez, pelo fato de se tratar de uma cultura de pequena escala, considerada exótica, pode ser relacionado a eventos entre culturas ocidentalizadas que muitas vezes têm esses eventos como naturais.

No exemplo que ele nos traz, dois homens nativos foram vistos por ele portando cestos e não arcos. Embora sendo homens portando cestos, eles possuíam peculiaridades que os diferenciavam entre si. Havia entre eles o fato comum de carregarem o cesto, mas apresentavam sutis diferenças nos motivos pelos quais o faziam e na forma como a sociedade os concebia. O primeiro deles, Chachubutawachugi, realizava pequenas caças de mão, capturando tatus e quatis, não realizando as grandes e mais dignas caças dos demais homens que envolviam o manuseio do arco. Ele era viúvo e não havia mulheres que se interessassem por ele. Não possuía também um relacionamento com seus familiares para quem era indesejável sua presença. “Sem esposa, porque sem arco, só lhe restava aceitar sua triste sorte. Nunca acompanhava os outros homens em suas expedições de caça, mas partia só ou em companhia das mulheres [...]” em várias atividades delas. “Como o azar na caça lhe obstruía o acesso às mulheres, ele perdia, ao menos parcialmente, sua qualidade de homem e se achava assim rejeitado no campo simbólico do cesto” (1975, p. 76).

O outro nativo, de nome Krembégi, também portava o arco e era diferente do primeiro. Ele



era na verdade um sodomita. Ele vivia como as mulheres, e à semelhança delas, mantinha em geral os cabelos nitidamente mais longos que os outros homens, e só executava trabalhos femininos [...]. Esse pederasta incompreensível vivia como uma mulher e havia adotado atitudes e comportamentos próprios desse sexo. Ele recusava tão por exemplo tão seguramente o contato de um arco como um caçador o do cesto; ele considerava que seu lugar natural era o mundo das mulheres. Krembégi era homossexual [...]. Talvez também seu azar na caça proviesse de ser ele, anteriormente, um invertido consciente (1975, p. 76).

É possível apreender dos exemplos trazidos pelo autor que o primeiro caso é de um homem que não se conformaria ao papel sexual, ou aos papéis esperados para o seu gênero, *sem deixar de ser homem*, ao passo que o segundo teria de alguma forma se conformado com o papel sexual do gênero feminino, *tornando-se, no caso, uma mulher*, assumindo integralmente todo o esperado do que seria uma mulher. Segundo o autor, o primeiro enfrentava muito mais dificuldades que o segundo para se estabelecer socialmente. Numa comparação, talvez inadequada, é como se o segundo vivesse como vivem as pessoas trans<sup>16</sup> femininas de nossas sociedades, pois em um e em outro caso, ambos teriam nascido fisiologicamente do sexo masculino e ao longo de suas vidas teriam se aproximado de um estilo de vida que socialmente é concebido para o outro gênero. Já o segundo caso dos guaiáqui nos leva a entender que sua dificuldade estaria em ter dificuldade de se enquadrar ao que era esperado para o outro gênero. Seu sofrimento pessoal de que nos fala o autor, a rejeição de sua família, a rejeição das mulheres para uma possível parceria amorosa, enfim, todo seu rechaço social nos dão alguns dos sinais da sorte de quem estaria numa espécie de margem, fronteira ou limite. Por outro lado, o segundo dos exemplos dos guaiáqui seria o de alguém que teria assumido um papel que de alguma forma lhe traria maior conforto se comparado ao primeiro. Com isso, podemos entender parte do funcionamento da sociedade guaiáqui demonstrada pelo papel de gênero<sup>17</sup>. Podemos entender que a sociedade em questão evidencia bastante sua rigidez dos papéis de gênero e que ela espera que as pessoas estejam muito bem encaixadas nesses papéis. Estar numa fronteira, como vivenciado por Chachubutawachugi, é ter a certeza de que o rechaço social virá de forma sutil ou explícita emoldurar seu comportamento para que ele se enquadrasse num papel determinado que a sociedade criou para tal. A situação de Krembégi era menos problemática, pois ele se enquadraria com uma melhor condição, por tudo o que lhe proporcionava a tal, dentro dos papéis de que a transição do gênero lhe proporcionaria.

---

<sup>16</sup> Travestis, transexuais e intersexuais (estes últimos são o que comumente são denominados hermafroditas).

<sup>17</sup> O autor também não está preocupado a desenvolver um estudo de gênero, nem mesmo utiliza o termo *papel de gênero* para fazer a análise. Vemos, entretanto, que essas concepções são facilmente integráveis ao que os estudos de gênero vêm trazer sobre o tema e ele acaba por fazer essa relação dentro daquilo que discuto aqui, que é o estabelecimento do papel de gênero vivenciado entre os homens.

[...] Krembégi havia encontrado, por meio de sua homossexualidade, o *topos* ao qual o destinava logicamente sua incapacidade de ocupar o espaço dos homens; o outro, em compensação, recusando o movimento dessa mesma lógica, estava eliminado do círculo dos homens, sem, entretanto, com isso integrar-se ao das mulheres (1975, p. 77).

Os exemplos nos levam então não só a ver o que há de comum, mas o que há de distinto de nossas sociedades.

Na comparação com nossas sociedades ocidentalizadas, vemos que o caso do segundo nativo guaiáqui viveria numa situação mais bem aceitável para sua indicação de gênero. Podemos dizer que esse caso é paradoxo ao vivenciado por pessoas em transição de gênero que conhecemos. A situação, por exemplo, de travestis e transexuais em nossas sociedades não passam pela mesma aceitação que é vivida entre os guaiáqui. A situação das pessoas trans em nossa sociedade é muito mais problemática (SANTOS, 2015). O caso do primeiro exemplo, há uma variação do papel de gênero vivenciado por uma pessoa que não buscaria fazer uma transição de gênero; esta pessoa apenas encontraria alguma dificuldade de realizar todas as atividades comuns ao que seu gênero impunha. O outro teria buscado fazer uma transição aderindo tudo aquilo que o outro gênero realiza passando a ser considerado não apenas alguém na execução de parte das atividades, mas passaria a ser alguém pertencente ao outro gênero e o fato de ter nascido de um sexo que lhe daria um destino diferente não seria um grande problema para tanto. No caso das nossas sociedades, ambos enfrentariam algum problema. Falando dos homens, aqueles que apresentam dificuldades de enquadrar-se aos papéis destinados a seu sexo, mesmo não se tornando mulheres trans, sendo homossexuais, sendo menos agressivos, sendo mais vaidosos, cuidando das vaidades das mulheres, tendo atitudes consideradas menos exigentes do seu papel esperado; ou sendo aqueles homens que de fato buscassem uma mudança intensa, passando a pertencer ao outro gênero, ou seja: tornando-se pessoas trans, encontrariam também grandes dificuldades que lhe seriam próprias numa sociedade que enrijece o que espera para o seu gênero. Numa fala mais direta, falhar nos papéis de seu gênero, ou aderir numa completude os papéis do outro gênero representariam o mesmo problema para uma convivência em sociedade sem que enfrentasse problemas.

Trazendo para este debate a discussão levantada por um sociólogo da contemporaneidade, as sociedades se encarregariam de criar para essas conformidades, aquilo que chamou de *display* de gênero (GOFFMAN, 1979). Tomando emprestado da biologia, mais especificamente da etologia, que criaria entre os animais formas próprias de comportamento que lhes servem de diferenciação, o autor traz que algo parecido ocorre numa codificação para atribuir entre os gêneros os papéis que seriam exclusivos para um comportamento de gênero.

Ou seja: algo que será visível e de reconhecimento geral como tal como uma forma de reconhecimento público de que alguém estaria enquadrado naquilo que é próprio para o seu gênero. Tudo ocorreria como uma espécie de ritualização muito próxima do que é vivenciado na natureza para que receba um ar de mais “natural” e tenha uma visibilidade que algo é feito assim pela natureza que distinguiria o que é masculino do que é feminino e vice-versa. Em suas palavras, ele relata parte desta relação da seguinte forma:

The most prominent account of the origins of our gender displays is, of course, the biological. Gender is assumed to be an extension of our animal natures, and just as animals express their sex, so does man: innate elements are said to account for the behavior in both cases. [...] However, although the signs for establishing placement are expressive of matters biological, why we should think of these matters as essential and central is a cultural matter. More important, where behavioral gender display does draw on animal life, it seems to do so not, or not merely, in a direct evolutionary sense but as a source of imagery – a cultural resource (GOFFMAN, 1979, p. 3)<sup>18</sup>.

Sendo um autor representante do interacionismo simbólico, Goffman procura mostrar como aquilo que empreendemos na convivência com uma aura de mais natural possível, não passariam de construções simbólicas que, por isso, ganhariam uma suposição de comportamentos próprios, inatos, imutáveis dos seres humanos. Ao vivermos em sociedade, criamos esses artifícios como um meio de coloca-los como naturais e, basta que tenhamos algumas oportunidades determinadas, para que demonstremos que esses comportamentos não passariam de recursos culturais. Não apenas nos contatos culturais, onde essa construção dada pela diferenciação ficaria mais nítida, mas também nos momentos determinados em que somos levados deixar escapar que representamos muito bem até certo ponto e que essa representação possui seus limites.

Não busco aqui colocar o interacionismo simbólico como escolha teórico-metodológica. Mas para as análises que empreendo aqui, a forma como Goffman tratou as relações interpessoais são dignas de serem destacadas, uma vez que grande parte de suas concepções coadunam com um estilo de representação própria das relações de gênero. O objetivo central da discussão trazida por Goffman é a interação. É a forma autônoma que assume a interação. A interação tem uma autonomia própria e os agentes são coprodutores dessa ordem. Sua teoria, se comparada à de Bourdieu, outro autor citado nesta dissertação, estaria na

---

<sup>18</sup> Tradução livre: “O relato mais proeminente das origens de nossos *displays* de gênero é, sem dúvida, o biológico. Por suposição, o gênero é uma extensão de nossa natureza animal, e assim como os animais expressam seu sexo, o homem também o faria: os elementos inatos são responsáveis pelo comportamento em ambos os casos. [...] No entanto, embora os sinais para estabelecer a colocação sejam expressos em questões biológicas, devemos pensar que essas questões essenciais e centrais são questões culturais. Mais importante, onde o *display* de gênero comportamental se baseia na vida animal, parece não fazê-lo, ou não apenas, em um sentido evolutivo direto, mas como fonte de imagens - um recurso cultural”.

vertente da microsociologia. Ao trazer análises sobre aquilo que denominou *display* de gênero, observamos que alguns desses *displays* (exibições) constroem o que se espera de determinado gênero. Ao falarmos da masculinidade e dela enquanto um gênero, considero essa observação de Goffman relevante para entendermos como essas situações se dão na interação entre os indivíduos. Dada a importância para o controle do que se quer transmitir ao outro, como indica a análise goffmiana, uma vez que sempre se faz referência ao outro, e o outro colabora para avaliar o eu. O artificial tem de parecer espontâneo, essa é uma fundamentação da representação do eu. Ao parecer espontâneo, ganha certa naturalidade, que pode ser explicada pela busca de naturalização que o *habitus* proporciona, em comparação com a teoria de Bourdieu. Possuir determinada entonação de voz (fala sempre alta e com aparência de uma fala mais agressiva), usar determinadas roupas, agir com mais agressividade e violência entre si e com as mulheres, o descontrole sexual frente ao suposto controle sexual feminino<sup>19</sup> a relação com a bebida alcoólica, aquilo que ele deve e está mais apto ou autorizado a comer, por exemplo a relação com a carne vermelha, certas disposições para realizar determinados trabalhos, a aversão objetos e adereços femininos e ao que seria considerado próximo da homossexualidade por entender ser esta um polo antagônico da masculinidade, o menor pudor em exhibir os órgãos sexuais ou falar com maior liberdade sobre eles, todas essas<sup>20</sup>, entre outras inúmeras características dos homens, seriam alguns desses *displays* de que fala Goffman (1979). Num contato de choque cultural, todos esses *displays* poderiam facilmente ser identificados como pertencentes a uma determinada época e circunscrição espacial. Mas como os encontros culturais são muito mais complexos de ocorrer, o autor fala também que muitas vezes no próprio contexto cultural essas representações construídas culturalmente podem revelar-se como objetos de uma construção.

Para Goffman, essas observações fazem-nos entender que algumas pessoas poderão levar ao extremo essas representações (não apenas os *displays* de gênero, mas também outras ações que seriam consideradas como tais) e viver numa vida de inteiras “mentiras” para si

---

<sup>19</sup> Com relação a este ponto da agressividade, veremos que ao trazermos falas sobre como os estudantes se comportam, a maior parte dos/das professores/as entrevistados/as fez referência a esta característica dos estudantes. Também apareceu entre alguns/as entrevistados/as a fala de que eles teriam uma demonstração muito distintiva de uma predisposição para falar, vivenciar e expor sua capacidade sexual.

<sup>20</sup> Todos os autores citados aqui nesta pesquisa discutem essas características de uma maneira ou de outra, no entanto alguns dão uma atenção redobrada a estas características para pô-las em discussão. Dentre esses autores e seus respectivos textos, destaco: BARCELLOS, 2003; BOURDIEU, 2007a; BOZON, 2004b; CONNELL & MESSERSCHIMIDT, 2013; GIDDENS, 1993; LEONINI, 2004; MACHADO, 2004; MEDEIROS & SILVA, 2014; MUÑOZ, 2016; NAHOUM-GRAPPE, 2004; NASCIMENTO, 2016; PERLONGHER, 2008; PISCITELLI, 2004; SALEM, 2004; SOUZA, 2003; e WELZER-LANG, 2001b; 2004.

mesmo e para os outros. Ao tratar da arte de manipular a impressão e que se tornam necessários alguns atos, ele fala propriamente do teatro para compararmos com as representações dos indivíduos, que não é distante das representações que fazemos cotidianamente, e diz que podem ocorrer comunicações impróprias e outros eventos na representação, quando como acontecem acidentes que levam a descobertas da encenação, em que “os membros da plateia às vezes aprendem uma lição importante, mais importante para eles do que o prazer agressivo que poderia ter ao descobrir os segredos escusos, de confiança, interiores ou secretos de alguém” (GOFFMAN, 1985, p. 215). Nesta obra, o autor denomina as situações em que esses eventos acontecem de “comunicação imprópria”, e mais do que tentar mostrar que esses eventos são negativos em si, uma reflexão que sou levado a fazer a partir desta leitura é que essa possibilidade de representação é muito mais comum do que se quer que se admita, arrisco dizer que ela seria uma característica social dos seres humanos ao perceberem-se como sujeitos sociais. Obviamente que uma revelação de uma situação de encenação perante os outros pode levar muitas pessoas a situação de vergonha, de constrangimento, no entanto, a observação que ora podemos tirar dessa análise, é que os *displays* de gênero devem ser encarados como parte de um processo maior de representação e que se é assim, muitas das situações que levam pessoas a situações desconfortáveis, dominações, violências, entre outras circunstâncias que colocam pessoas em desnível social ou exercícios exagerados de poder, podem ser revistos a todo momento em favor de uma atitude que venha colocar as pessoas em situações de uma convivência melhor.

Seguindo esta mesma lógica da construção do masculino e do *display* de gênero que discuti nos parágrafos acima, permito-me trazer um exemplo que procuraria revelar o quanto estes “papéis” do gênero são construções e que são dados conforme os contextos sociais que os engendram. Ou seja: trago um exemplo como mais uma forma de desdobramento do que foi discutido acima para que se conceba ao discutir gênero e masculinidade. Já pontuei algumas vezes acima que o gênero é algo complexo e que se trata de uma categoria que precisa ser entendida principalmente como uma construção social. Tratando disso, cheguei a trazer alguns breves relatos sobre a adesão de uma vivência de gênero em desacordo com o que socialmente se espera para uma pessoa que nasceu com determinado sexo biológico, como no caso das pessoas travestis e transexuais. Trago agora um caso do que se chamou *female husband* (CLAYTON, 2004).

Desenvolvendo sobre o termo *female husband* para aproximá-lo da discussão que venho traçando aqui, temos que a expressão foi “criada pelo romancista Henry Fielding em

1746 para designar uma mulher disfarçada em homem, é empregada agora em um sentido mais extenso” (2004, p. 152). Neste texto pesquisado, a autora traz o relato sobre James Allen, que viveu na Inglaterra entre 1787 a 1829, cuja história é “rica em ensinamentos sobre a construção social do gênero” (2004, p. 152). Na observação do uso dos *displays* de gênero, como citato acima, posso afirmar que James Allen teria utilizado com a devida perfeição esses *displays* do gênero masculino ao ponto de passar a viver integralmente como um homem sem deixar transparecer uma origem biológica que lhe colocasse numa situação de desconfiança. Como descreve a autora, ele teria trabalhado como operário da indústria naval, como serrador de vigas, e teria se casado formalmente com Abigail Naylor em 1807 em Londres e vivido com ela até sua morte ocorrida em 1829 num acidente de trabalho, sendo atingido por um pedaço de madeira enquanto desenvolvia suas atividades laborativas. Na ocasião de sua morte, um inquérito teria sido instaurado pelo fato de seu cadáver ter sido submetido a uma autópsia e neste momento foi revelado que ele era do sexo feminino. A autora traz à tona a forma como as pessoas chamadas de *female husband* foram tratadas ao longo de sua história na Inglaterra de séculos XVIII e XIX. Dentre as acusações de fraude de identidade e vagabundagem, três fatores teriam chamado maior atenção à vida dessas pessoas: a curiosidade pública que envolvia a vida sexual entre duas mulheres, o incômodo causado por um “disfarce” bem feito e a confusão linguística trazida pela presença dessas pessoas. Este último aspecto foi responsável pela multiplicidade de termos criados, usados, transformados e reinventados para se referir às pessoas que transitam num gênero diverso do destinado para as pessoas a partir apenas do sexo biológico.

Notemos, enfim, que, contrariamente a termos mais recentes vindos da taxinomia médico-jurídica – transexual, homossexual –, *female husband*, pelas conotações sociais, e “hermafrodita”, remetendo mais ao físico, indicavam uma dualidade genérica e descreviam um estado estável, durável (em contrapartida, palavras como “transexual”, “travesti”, “cross-dresser”, ou até “*transfériste*” enfatizam o movimento de oscilação, a ação). (CLAYTON, 2004, p. 169. Grifos da autora).

Com a história de James Allen e de muitas outras pessoas que passam pela experiência de viver uma identidade de gênero em desconformidade com o esperado para seu sexo biológico, temos que o gênero precisa ser compreendido como algo que não se reduz ao determinismo biológico de qualquer pessoa. O gênero pode até conformar-se, e, muitas vezes, parte da coincidência do sexo natural das pessoas, mas não é dependente dele. No caso desta *female husband* vemos um típico caso de construção e de reconstrução simbólica de um gênero masculino e assim consideramos que ser socialmente homem é algo que está muito mais correlacionado com uma construção simbólica de características consideradas masculinas do

que uma determinação dada pela natureza. Conclui a autora sobre o estudo, “uma coisa é certa: o desejo de mudar o seu destino por meio do corpo levou James Allen a se tornar uma *female husband*. Isso confirma a pobreza das escolhas abertas aos seres humanos no campo da expressão genérica, onde reina uma rígida dicotomia oficial” (2004, p. 172). E mais do que discutir sobre a rígida dicotomia oficial de que fala a autora, cabe entender também as multiplicidades que cada uma das duas categorias traz em si e como essas multiplicidades são percebidas socialmente. O trabalho de campo realizado problematizou parte da literatura pesquisada e confirmou algumas das teorias tratadas por outra parte dela de que estudar gênero requer que ultrapassemos as dicotomias e que possamos trazer à visibilidade as variações internas que cada uma das categorias de gênero poderão apresentar entre si. Dito isso, é bom lembrar que essas características por serem sociais e podem facilmente variar também dentro de um mesmo contexto social. Pode haver outros mecanismos que podem variar o que significa ser homem. Essas variações podem se apresentar por diferenças de época, por diferenças de classe social, por diferenças religiosas, por diferentes localidades geográficas, entre outras. Ser um homem do meio rural, do meio urbano, de períodos históricos diferentes não significa ser homem do mesmo jeito. Também não é possível afirmar que não existam outras diferenciações dentro dos mesmos contextos sociais, nem mesmo é possível dizer que estas diferenciações produzam homens de determinadas genuinidades. Se observarmos toda a literatura que tivemos acesso, bem como ao trabalho de campo que realizamos, vemos que essas diferenciações entre os homens são identificadas pelas mais diferentes forças simbólicas. Em muitos desses casos, produz-se uma hierarquização a partir de um modelo do masculino que dada cultura tende a classificar. E essas diferenciações geralmente partem de um compartilhamento desses modelos de masculinidade e de autotaxonomias que os próprios homens tendem a produzir. Vamos encontrar, comumente, situações conflitantes em nome de um modelo socialmente esperado do que é ser homem, o que reduz muitos homens a subclassificações ou a supra-classificações que partem desses referidos modelos de homens. Tudo isso indica que os as categorizações de gênero, sejam eles masculinos ou femininos, ou até mesmo fronteiros, nos levam a compreender que o gênero está em constante reconstrução. Dito isso até aqui, poderemos voltar então a falar um pouco mais sobre o conceito teórico gênero e empreender determinados significados que ampliam sua discussão daquilo que trago aqui como análise.

O conceito de gênero passou por muitos estudos e os levaram a muitas e profundas análises a respeito do ser homem e do ser mulher nas sociedades contemporâneas, bem como levou a algumas concepções importantes de rupturas com os binarismos homem/mulher,

masculino/feminino. É certo que algum tipo de revisão e reformulação estão presentes em muitos estudos das mais diversas áreas do conhecimento. Ainda que eu me concentre mais nos estudos sociológicos, dado que esta pesquisa se alinha a uma pesquisa da concentração da sociologia política, não podemos deixar de considerar que todas as áreas do conhecimento passam por reformulações que forjam novas formas de conceber e compreender os fenômenos de todas as ordens de coisas. Até mesmo essa discussão teórico-metodológica escolhida aqui, o estrutural/pós-estruturalismo, é uma discussão pertinente à sociologia, mas não é exclusiva ou dependente unicamente dela, sobretudo porque, sobretudo o pós-estruturalismo, conta com estudos de diversas áreas do conhecimento e tem uma fonte indissociável com a filosofia das ciências que não se limita a qualquer área do conhecimento. Como dito na seção anterior, a teoria estrutural/pós-estruturalista se demonstra muito adequada para discutir sobre o tema aqui proposto de gênero e masculinidade. Como eu disse também, a teoria não é a única possível nem a mais perfeita, mas foi a que encontrei com maior número de adesões quando os estudos de gênero e sexualidade foram se tornando mais frequentes. E esta seria uma das indicações das transformações nos estudos de gênero desde que a sociologia e outros estudos sociais começaram a debruçar-se sobre ele.

Alinhadas aos estudos da sexualidade, as formulações teóricas de gênero se indicaram como um tema que não se poderia prescindir, visto que o tratamento a respeito da sexualidade sempre indicou o quando a situação das mulheres necessitava de um estudo pelas subcondições em que elas foram colocadas. Tratando a respeito disso, ao mostrar como as noções de sexualidade tratavam a situação da mulher, um de nossos principais autores aqui debatidos indica como a situação delas necessitava de um estudo mais profundo, que pudesse rever a forma como elas eram identificadas.

Durante muito tempo se tentou fixar as mulheres à sua sexualidade. ‘*Vocês são apenas o seu sexo*’, dizia-se a elas há séculos. E este sexo, acrescentaram os médicos, é frágil quase sempre doente e sempre indutor de doença. ‘*Vocês são a doença do homem*’. E este movimento muito antigo se acelerou no século XVIII, chegando à patologização da mulher: o corpo da mulher torna-se objeto médico por excelência. (FOUCAULT, 1979, p. 234. Grifos do autor).

Como vemos, e como já inferi acima, conjeturo que falar de sexualidade, implica também em falar sobre gênero. Os estudos de gênero, como sigo tratando, se difundiram e estiveram, em sua grande maioria, voltados para os estudos da mulher. Esses estudos deram atenção ao que era mais gritante nessa relação e que não necessariamente hoje estejam de todo resolvidos, mas que certamente tiveram grande influência feminista, como questões relacionadas a contracepção feminina, ao direito ao aborto, ao divórcio, à violência doméstica,



à emancipação política feminina, à prostituição, para citar alguns. Representavam uma forma de estudos críticos que buscaram rever a situação em que as mulheres se encontravam, visando transformar essas situações em nome de uma ordem social mais justa e menos sofrível para uma parcela significativa da população. Mesmo com o foco mais comum para o estudo das mulheres, os estudos de gênero foram imprescindíveis para se discutir outras questões como a relação entre as próprias mulheres, as demandas e discussões de outros segmentos populacionais minoritários se considerarmos as relações entre gêneros, como estudos voltados para lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais (LGBT), também para questões relativas a identidades não binárias que passaram a reivindicar reconhecimento social igualitário, etc. Esses estudos também colaboraram muito para se repensar o que aqui temos como objeto de análise, que é o estudo dos homens e do masculino, das relações sociais entre os homens e dos homens e do masculino enquanto categoria social passível de serem revistas, pensadas e problematizadas enquanto tal. Apontaram para que os homens não estariam numa condição tal que lhes atribuir conhecimento e verificações seria algo impensável. Passou-se, nesta linha, a conceber que o masculino também é uma categoria construída socialmente e que nem sempre entre os homens as coisas estariam todas resolvidas que não demandassem quaisquer estudos, conhecimentos e aprofundamentos. Isso se deu porque entender categorias como gênero, é pensar em categorias relacionais e deixar uma das partes de fora dos estudos seria um caminho que não duraria por muito tempo.

Os estudos de gênero empreenderam uma forma importante de se estudar as relações entre os indivíduos em sociedade, quando estes são separados por categorizações em que se enquadram e que colaboram para pensar as identidades construídas, especialmente, mas não exclusivamente, as de masculino e feminino. E concebidos dessa maneira, e com essas perspectivas teóricas, entendemos que o gênero precisa de uma abordagem que lhe demonstre esse aspecto construtivo, de manutenção e de perpetuação. Essa abordagem parte de uma análise feita por uma autora brasileira da educação que se enquadra na análise pós-estruturalista dialogando com muitos dos autores aqui apresentados e traz uma análise dentro da reflexão dos estudos de Judith Butler sobre os estudos de gênero – de quem já tratei e abaixo voltarei a tratar – ao indicar que essa construção se dá a partir de uma relação, e não a partir de um dado nem natural, nem exclusivamente social. Para esta autora,

Gênero e classe não são também elementos impostos unilateralmente pela sociedade, mas com referência a ambos se supõe que os sujeitos são ativos e ao mesmo tempo determinados, recebendo e respondendo a determinações e contradições sociais. [...] O masculino e o feminino são construídos através de práticas sociais masculinizantes ou feminilizantes, em consonância com as concepções de cada sociedade. Integra esta

concepção a ideia de que os homens e mulheres constroem-se *num processo de relação* (LOURO, 1994, p. 36. Grifos da autora).

Estudar sobre o gênero e analisá-lo de uma perspectiva pós-estruturalista, portanto, requer que o concebamos em dimensões das mais variadas e mais até do que algumas perspectivas teóricas o consideraram. O conceito de gênero “tornou-se uma palavra particularmente útil, pois ele oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis sexuais consignados às mulheres e aos homens.” (SCOTT, 1990, p. 7). Para esta autora, o gênero é uma categoria útil para uma análise histórica, dado que ela é historiadora, mas ao trazer o gênero como tal, ela traz importantes concepções de que o gênero é uma construção social, e como toda construção social, ele tem sua base histórica. E continua sendo uma categoria útil de análise social, pois ele engendra sentidos e significados muito próprios aos sujeitos conforme o contexto cultural em que se apresentam. Pensado desta forma, o conceito de gênero possibilita pensar os sujeitos em suas particularidades biopsicossociais, já que tem uma origem nas formações fisioanatômicas e ultrapassam essas para uma autocompreensão de si e dos demais integrando um conjunto de sentidos que as pessoas passam a conceber e pensar a si mesmos e aos outros que passam a ser concebidos por normatizações específicas.

Outra autora que se propõe a discutir gênero e que lhe traz questões muito atuais a respeito do que este estudo pode vir a desenvolver é a filósofa norte-americana Judith Butler. Ela é uma das autoras que incluem que o gênero precisa ser discutido por uma perspectiva não binária e desenvolve seus estudos nesta perspectiva. Um pouco distinto do que eu trago aqui, esta autora considera imprescindível separar gênero de sexualidade. Para ela,

Essa forma de reduzir gênero à sexualidade deu lugar assim a duas questões, distintas, mas vinculadas, no âmbito da teoria *queer* contemporânea. O primeiro movimento é separar sexualidade de gênero, de modo que ter um gênero não pressupõe que alguém se envolva numa prática sexual determinada, e envolver-se numa prática sexual determinada, sexo anal, por exemplo, não pressupõe que alguém seja de um gênero dado (BUTLER, 2014, p. 269).

Se considerássemos o termo sexualidade como dependente do sentido sexual, do ato sexual, de fato eu teria de concordar completamente com a autora. No entanto, a discussão da sexualidade aqui compreendida vai muito além dessa limitação. O conceito aqui empregado possui uma concordância com o sentido foucaultiano de sexualidade, como o descrito acima, de um conjunto heterogêneo resguardado pelo dispositivo da sexualidade (FOUCAULT, 1979). Partindo dessa compreensão, falar das noções de masculino e de feminino seria ligar-se ao conceito mais amplo de sexualidade e pensar o gênero inclui também isso. Sei também que

ambos os termos não são sinônimos, que gênero é gênero e sexualidade é sexualidade, o que trago, entretanto, é que são conceitos que se completam, que se aproximam por diversos pontos, ainda que cada um deva trazer sua autonomia. Reclamar esta autonomia do conceito de gênero é um ponto importante da autora, mas distingui-los completamente não considero como um caminho fecundo.

Um dos méritos da autora foi o de conceber o gênero numa perspectiva contemporânea pós-estruturalista dando a ele uma capacidade de interpretação muito mais ampla. Levando essa discussão a fundo em um de seus textos mais utilizados, ela afirma que

O gênero é uma complexidade cuja totalidade é permanentemente protelada, jamais plenamente exibida em qualquer conjuntura considerada. Uma coalizão aberta, portanto, afirmaria identidades alternativamente instituídas e abandonadas, segundo as propostas em curso; tratar-se-á de uma assembleia que permita múltiplas convergências e divergências, sem obediência a um *telos* normativo e definidor (BUTLER, 2003, p. 37).

Com essa análise, protestando sempre um devir permanente na discussão de gênero, entendemos que Judith Butler entende a complexidade de fazer alguma afirmação terminante sobre um conceito que já nasce e ganha força em um debate de contestação de uma realidade de amargura de cerca da metade da população, as mulheres. E o debate feminista, afirma Butler (2003), tem grande importância nesse sentido. Consideramos, portanto, que outros debates que tragam o gênero como um conceito revelador deverão ser possíveis e poderão ocasionar importantes ampliações dos debates em termos de gênero e sexualidade.

Com a multiplicação dos estudos de gênero, a necessidade de se estudar temas relacionados aos homens foram surgindo e novos estudiosos passaram a dar atenção a isto. As mais diversas complexidades do masculino e das masculinidades passaram a ser alvo de estudos de cada vez mais estudiosos que deram atenção a diversos temas que estariam relacionados aos homens. Um dos assuntos que passaram a chamar a atenção de alguns deles foi aquele que aqui me debruço, ou seja: as relações sociais estabelecidas entre os homens e suas mais diversas implicações. Aqui eu chamei de relações sociais intra-gênero, por serem relações não entre os gêneros, mas no interior de uma categoria determinada, neste caso, as relações estabelecidas em sociedade entre os homens.

Um estudioso que não é reconhecido como estudioso do gênero, mas que trouxe aportes nesse sentido, foi Anthony Giddens. Ela chamou atenção para o aspecto da violência entre os homens que não deve ser desconsiderada por ser um fenômeno de menor dimensão. Para ele, “exceto em situações de guerra, hoje em dia os homens talvez sejam mais violentos com relação às mulheres do que o são entre si” (GIDDENS, 1993, p. 138), isso não nos autoriza,

no entanto, a desconsiderar esta violência em nome de sua menor potencialidade e visibilidade. Ou seja, o reconhecimento de que o debate de gênero precisa considerar os estudos dos homens e a ampliação desses estudos não restrita às ciências sociais é um indicativo de que precisamos discutir sobre isso. Neste sentido é que esta pesquisa se torna mais uma busca no sentido de mostrar a importância do debate.

Mesmo já tendo falado um pouco acima a respeito da masculinidade, gostaria de trazer alguns últimos pontos sobre esse conceito que considero como uma discussão relevante nos estudos de gênero. Feito isso, finalizarei esta seção para alinhar de uma forma mais sólida as discussões que o trabalho de campo revelaram como pontos importantes. Assim, neste capítulo ainda traço um breve relato sobre as ferramentas metodológicas empregadas na pesquisa e já teremos amadurecido um pouco a discussão teórico-metodológica em que se inscreve a pesquisa.

Um ponto que merece um entendimento a respeito da masculinidade é o valor que lhe é atribuído socialmente. Segundo um dos autores já citados aqui, e que faz um minucioso estudo sobre a prostituição viril em uma etnografia realizada entre os michês da cidade de São Paulo, a prostituição masculina é reveladora de um conjunto de percepções que nos levam a entender o que o sentido dado à masculinidade. A masculinidade é tanto valorizada, que chega a aparecer naquele contexto estudado como tem importante valor comercial na prostituição masculina. Gabar-se da masculinidade soma pontos perante clientes: “os michês estão sempre a procura de uma aparência máscula, buscando ser mais másculos que o mais homossexual dos homens” (PERLONGHER, 2008, p. 100). E quando ocorre de algo nesse sentido que “feminizaria” o michê, a reação a isto é imediatamente perceptível. Dessa forma, “quando o *michê-macho*<sup>21</sup> acaba ‘dando’, a perda de sua virilidade deve-se compensar com um aumento no preço” (2008, p. 220), como numa espécie de um *pagamento excedente* para compensar a suposta perda do estatuto. Como na prostituição “compra-se não um corpo, mas uma relação” (LEONINI, 2004, p. 89), na prostituição viril, o que se comercializa é a masculinidade. Assim, se “procede introduzindo no mercado um valor socialmente hipervalorizado: a masculinidade. [...] A virilidade – e nem tanto a virilidade quanto sua impostação, sua caricatura – desvela seu valor de troca” (PERLONGHER, 2008, p. 254). Tanto valor lhe é atribuído, que a masculinidade nesse caso passa a ser comercializada.

---

<sup>21</sup> Trata-se de uma subclassificação feita no trabalho de campo pelo autor. O termo é utilizado para identificar aquele michê, cuja virilidade é expressa de maneira muito mais estridente. Essa terminologia é utilizada em comparação com outras em que algumas possibilidades de encontros sexuais são mais flexíveis, como o *michê-gay* e o *michê-bicha* (PERLONGHER, 2008, p. 140).

Sem dúvida não podemos simplificar que pelo fato de a masculinidade ser comercializada na prostituição viril este seria o elemento mais revelador de seu valor social. Principalmente porque se trata de um fator muito específico, voltado para um público também muito específico e que tem uma determinação muito restritiva. Em que pese o exemplo usado, este foi apenas como um indicador de como podemos conceber que a masculinidade se superpõe não apenas em relação ao gênero feminino, mas que encontra uma valorização conferida também nas relações do sexo comercial entre os homens. Poder-se-ia objetar de que a prostituição feminina, dessa forma, com valores comerciais, ou a prostituição de travestis, poderia ser também um revelador de um valor social do feminino. Diferentemente da prostituição feminina (de mulheres e de travestis), a prostituição dos homens, como revela Perlongher (2008), confere-se basicamente a partir de uma venda de uma relação onde o masculino é supervalorizado, ou no dizer de Bourdieu (2007a) que fala que “não seria exagero comparar a masculinidade a uma nobreza” (2007a, p. 75), e a prostituição feminina é pautada numa possibilidade de objetificação da mulher, onde nem sempre a feminilidade, ou os atribuídos excessivamente vendáveis do padrão de beleza do feminino são os mais importantes. Curiosamente, a prostituição feita com mulheres acaba por favorecer aos próprios homens num sentido de reforço de sua masculinidade. Como trouxe Leonini (2004), a procura pelo sexo pago das mulheres acontece também como uma forma de “afirmar a própria masculinidade e a própria virilidade”, em que muitas vezes, as buscas “estão associadas a um sentimento de solidão mais psicológica do que física” (2004, p. 82) dos homens. Como continua a autora, quando há a busca da beleza de algumas mulheres da prostituição, vê-se mais nesse caso “uma simples satisfação estética [...] ligada à vontade de ser relacionar, [e] limita-se à sensação de poder ‘usar’ um bem particularmente gracioso, segundo os cânones de juventude e de beleza” que são transmitidos pelos veículos de comunicação (2004, p. 94). Essa análise da autora não passa despercebida por Perlongher (2008). Ele também considera que as diferenças entre a prostituição masculina e a feminina encerram significativas diferenças nesse sentido. Para ele, “os michês não somente costumam encarar sua prática enquanto provisória, mas descarregam sobre seus parceiros homossexuais o peso social do estigma”, e completa a diferença dizendo,

se no caso da prostituição feminina a “exploração” da mulher é explícita no discurso social dominante, no negócio do michê a superioridade socioeconômica do cliente comprador pode aparecer, até certo ponto “compensada” pela valorização do michê másculo em detrimento da inferiorização do cliente “bicha” (PERLONGHER, 2008, p. 46. Grifos do autor).

Conferida também como valor tanto no jogo da prostituição, quanto no jogo da sedução nos casos homossexuais, onde “há uma preocupação tão grande dos gays por transarem

com um parceiro de aparência máscula que se um cara desmunhecar<sup>22</sup> ou se for muito mulher não tem praticamente chance de trepar nesses ambientes gays” (2008, p. 100).

Saindo da discussão da prostituição, que pode ser muito reveladora de inúmeras situações da visão que os homens têm de si mesmos e desta relação, e dos demais jogos sexuais, e continuando na discussão a respeito da valorização da masculinidade, poderíamos, como mostra Oliveira (2004), buscar algumas das fontes que originaram essa percepção do valor da masculinidade. Em seus estudos, é possível perceber que em épocas precedentes, determinados ideais de masculinidade sempre existiram, assim “é possível a verificação da permanência de características e valores masculinos medievais” (2004, p. 22), ainda que diferenças entre elas existam. No caso do Brasil, que passou a contar sua história a partir da Idade Moderna, temos uma construção também incidida pelo medievo, já que os europeus foram importantes personagens na nossa colonização. Nos estudos de Gilberto Freyre (FREYRE, 2003; QUINTAS, 2008) vemos a disseminação dessas ideias e as construções de ideais de masculinidade. Ele indica então que essa construção desse valor da masculinidade encontrou abrigo em práticas comuns do exercício da força entre os homens, no caso dos duelos muito comuns em séculos passados, que teve sua colaboração na formação de um masculino pautado em construções de violência masculina<sup>23</sup>. Também houve uma colaboração do militarismo e do nacionalismo, passou também pelas experiências do Nazismo, do Fascismo e do Socialismo, teve grande contribuição da religião, dos ideais burgueses e das formulações legais, todos esses eventos colaborando para a construção de um ideal de masculinidade que se solidificou ao longo da história (OLIVEIRA, 2004).

A masculinidade pensada assim torna-se um atributo que precisaria ser preservado e cujos guardiões seriam os próprios homens que levariam às últimas consequências esses ideais de conservação, cobrando uns dos outros que sigam os preceitos próprios do que consideram este valor. Esse fator é observado por Welzer-Lang (2001b), quando os homens se tornam os guardiões da masculinidade e desde crianças os meninos são considerados “os postulantes ao

---

<sup>22</sup> Termo usado para se referir a algum ato de trejeito que seja considerado feminino para um homem, que seria considerado mais comum entre gays ou por homens não tidos como homossexuais em tom irônico.

<sup>23</sup> A violência, mais do que sinônimo de agressão física, algo que é muito comum entre os homens, talvez mais comum entre homens de fato, como atestam “os altos índices de homicídios masculinos, em que os jovens são os que mais matam e morrem” (MACHADO, 2004, p. 72), é necessário entender que a violência pode encontrar outras formas de ocorrer que não a agressão física, mas todo “um modelo que dificilmente aceita a figura de um “outro” e quando reconhece-o está colocado em uma condição de subalternidade” (JAHNECKA & RIAL, 2012, p. 213), que coloca o outro na condição ou na aproximação de coisas, de objetos, muito próximos do conceito bourdieusiano de violência simbólica que representa outra forma de violência se comparada com a violência física. Bourdieu conceitua a violência simbólica como um tipo de “violência doce e quase sempre invisível” (2007a, p. 47).

status de homem, [e, nisso, cada homem] obriga o menino a aceitar a lei dos maiores, dos antigos: daqueles que lhe ensinam as regras e o *savoir-faire*, o saber ser homem” (2001b, p. 463). Bozon (2004b) também não deixa de desenvolver uma análise sobre isso. Para ele, diversos são os momentos em que os homens desde jovens são levados a provar que são homens. Comparando com o que acontece com as mulheres,

tanto no modelo da reprodução precoce das mulheres, quanto no da preservação de sua virgindade, a demanda de conformidade social é particularmente pesado para elas, mesmo que os homens também sofram, não apenas durante a iniciação [sexual] como também mais tarde, fortes injunções para se comportar “como homens” (2004b, p. 28).

A sexualidade aí assume um caráter importantíssimo no caso especial dos homens, sobretudo quando têm de iniciar e continuar vivendo intensamente sua vida sexual (BOZON, 2004). Esse assunto será novamente trazido quando da discussão dos relatos dos meninos colhidos no trabalho de campo.

Nessa disputa pela manutenção da masculinidade como nobreza e como um valor a ser resguardado, os homens ensinariam uns aos outros a serem, ainda que a duras penas. Cada homem passaria, assim, a guardião do modelo de masculinidade. Não só vive isso, como defende e zela para que os outros também o sejam, ainda que em grupo restrito. Sendo assim, “para cumprir o dever de pai, o homem recebe a autorização para ser ‘macho’. O machismo é-lhe concedido por uma pífia compensação da usurpação de seu tradicional poder” (COSTA, 2004, p. 249), poder de patriarca colonial que perdeu com a urbanização. Esse homem tornando-se o “dono da mulher e fiscal dos filhos; *estava disposto a reprimir com violência aqueles que ousassem contestar os novos mandamentos da conduta masculina*” (COSTA, 2004, p. 253. Grifos meus).

Nesse mister, cada homem opõe-se às características “submissas” do outro sexo. Teme a feminilidade e “tende a excluir do universo do pensável e do factível tudo que caracteriza pertencer ao outro gênero” tudo com vistas a “produzir este artefato social que é um homem viril” (BOURDIEU, 2007a, p. 33). Na etnografia realizada na sociedade Cabila, Bourdieu (2007a) retrata que este afastamento do que é feminino é tão nítido que na passagem de saída da infância para a entrada na vida adulta, os meninos passam por processo de ritualização e uma das etapas consiste em “ritos ditos ‘de separação’, que têm por função emancipar um menino com relação à sua mãe e garantir sua progressiva masculinização” (2007a, p. 35). Essa etapa do rito visa à “‘intenção’ objetiva de negar a parte feminina do masculino” (2007a, p. 36). Nessa mesma lógica, ele nega-se a ter as imagens desvalorizadas do masculino, que no contexto bipolar os homossexuais formam categoria a parte (BOZON, 2004b, p. 23). É baluarte do

modelo masculino exclusivo e não encara positivamente a emancipação dos demais modelos de sexualidade. Nessa luta pelo modelo construído de masculinidade, que ganharia uma aura de naturalidade, os homens se auto-classificariam em tipos diferentes de homens, hierarquicamente justapostos num ápice que seria ocupado pelos “grandes homens”, por oposição aos “pequenos homens” (WELZER-LANG, 2001b, p. 462, 465; 2004, p. 117). Esse *continuum* traz suas variadas classificações nas mais diversas sociedades que tendem a classificar os homens em subtipos.

Não perco de vista que estou discutindo neste capítulo, especialmente neste tópico, sobre o percurso teórico-metodológico da pesquisa, no entanto, toda a literatura pesquisada levou a uma ampliação das discussões e os autores pesquisados traçaram questões muito pertinentes no tocante a esses assuntos. Ao discutir sobre como esses conceitos dialogam entre si e com outros conceitos da sociologia e das demais ciências sociais e como a abordagem pós-estruturalista tratou esses assuntos, inevitavelmente caminhar sobre esses assuntos me levou a me deter um pouco mais sobre os conceitos. Para concluir a seção, portanto, termino trazendo mais algumas das abordagens que os textos trouxeram sobre a masculinidade.

Sendo assim, continuo para terminar o que a literatura discute sobre essa questão. A literatura sobre o tema é muito pródiga no debate sobre essa classificação, quase sempre hierárquica, dos homens, num alerta já trazido por Welzer-Lang (2004) que precisamos também ficar atentos às diferenças *entre os homens*, que foi quase sempre foram tido como aparentemente homogêneos, ou como traz Bozon (2004b) de que o masculino não pode ser definido apenas em relação ao feminino, mas também em relação a si mesmo. Prosseguindo então nessa prodigalidade que a literatura traz a respeito dessa classificação masculina, o termo mais comum para aqueles homens que estariam no uso estereotipado do que é esperado de um homem está o termo “homens de verdade” (GOLDENBERG, 2005, p. 95; MEDEIROS & SILVA, 2014, p. 514, 518, 520, 522; PINO, 2013, p. 98; SANTOS, 2015, p. 127, 192; SILVA, 2006, p. 64; SOUZA, 2003, p. 29, 39, 63, 68, 72, 85; WELZER-LANG, 2004, p. 117, 121). Os termos correlatos são o “verdadeiro homem” (BOURDIEU, 2007a, p. 65; MACHADO, 2004, p. 44; MEDEIROS & SILVA, 2014, p. 521, 524, 526; WELZER-LANG, 2001, p. 462, 468), aqueles que utilizariam num extremo suas qualidades dos ideais masculinos, ou dos *displays* (GOFFMAN, 1979) masculinos, levando muito longe, não só em relação às mulheres, mas também em relação aos outros homens, a sua “masculinidade hegemônica” (CANO, 2016, p. 128, 133, 139, 140; CARRARA & HEILBORN, 1998, p. 4 [?]; CONNELL & MESSERSCHMIDT, 2013, p. 253; GONDENBERG, 2005, p. 93; LA FURCIA, 2016, p. 62;



PINO, 2013, p. 98) que viveriam com a masculinidade assegurada, ou até mesmo o “modelo exaltado de sua masculinidade” como Salem (2004, p. 28) diz que é algo muito usado entre os homens das classes populares como quando relatam que fazem muito sexo, bem como outros relatos de “auto-apresentação masculinas como expressão de preceitos normativos e valorativos que presidem sua identidade de gênero e sua relação com o feminino” (2004, p. 18), e também com relação a outros homens. A autora também reconhece, que “não se pode, portanto, afirmar que as representações examinadas sejam exclusivas dos homens de classe popular, embora haja indícios que eles as enunciam de forma mais explícita e extremada do que os entrevistados dos estratos médios” (2004, p. 17), como bem mostra a pesquisa feita entre jovens da classe média que, ainda que de maneira diferenciada, externaram essas mesmas valorizações (GOLDENBERG, 2005). Seguindo então nessas terminologias correlatas, aqueles “verdadeiramente homens” (FONSECA, 1999, p. 8 [?]), “com H maiúsculo como se dizia”, que seriam “verdadeiramente machos” (DAMATTA, 2010, p. 137, 138, 149), aqueles homens “verdadeiramente masculinos” (MEDEIROS & SILVA, 2014, p. 516) seriam os portadores da “natureza verdadeiramente masculina” (SILVA, 2006, p. 168) ou de uma “verdadeira masculinidade<sup>24</sup>” (PINO, 2013, p. 100) seriam os bastiões da masculinidade e que “reproduzem padrões para atingir o *status* de homens dominantes” (VIANA & SOUSA, 2014, p. 163). Alguns desses recorreriam a imagens e figuras representativas, como a figura do “‘malando’ [que seria] duas vezes homem” (MACHADO, 2004, p. 45), aquele que teria um *status* tal que o leva a um tipo puro como um “macho alfa” (PINO, 2013, p. 103), cultivador de sua masculinidade hegemônica que “pode se tornar o sinônimo (com um tom científico) de um tipo de homem rígido, dominador, sexista e ‘macho’ (segundo o uso anglo-saxão, por exemplo)” (CONNEL & MESSERSCHMIDT, 2013, p. 255). Nunca posta em dúvida sua masculinidade, ele seria um “homem realmente homem” (BOURDIEU, 2007a, p. 20), o “homem autêntico, legítimo e socialmente admirado” (OLIVEIRA, 2004, p. 80). Esses atributos lhe seriam socialmente conferidos por algumas atitudes próprias e reconhecidas chegando mesmo a ser verificadas por aquilo que come, como comer carne vermelha (MEDEIROS & SILVA, 2014), por beber bebidas alcoólicas em altas quantidades (SOUZA, 2003) entre outras possibilidades de ação que lhe dariam o reconhecimento desse homem puro e que sempre manteria sua hegemonia.

---

<sup>24</sup> Tradução livre: “verdadeira masculinidade”.

No polo oposto, estariam aqueles que seriam os homens de uma categoria menor, quando não desprezíveis do *status* de homem. Aqueles que Welzer-Lang (2001b, 2004) diria que seriam os pequenos homens, ou que Oliveira diria ser “o outro da masculinidade”, aqueles que formariam “os contratipos da masculinidade ideal [que] apareciam como inimigos públicos, dignos de desprezo, escárnio e ódio” (2004, p. 73). Esses seriam todos aqueles que estariam em patamares mais baixos da masculinidade, como homossexuais, os arrumadinhos, os não iniciados sexualmente, aqueles que não bebem, entre tantos outros. Podem passar por intermediários entre o macho alfa e os indignos de serem nomeados como homens, tal como os homossexuais. Esses antípodas do homem de verdade, para Souza (2003, p. 86), os “calça frouxa, babaca”, são vistos sempre pelo autor como dois tipos puros e antagônicos possíveis, mas a literatura, bem como o trabalho de campo me levam a indicar que existem aqueles que estariam no espaço intermediário, que chamarei aqui de portadores de uma masculinidade intermediária<sup>25</sup>. Nesse espaço, poderíamos encontrar os que se distanciam do que o autêntico faria, embora também seriam homens, por serem heterossexuais ou terem atributos relativos da masculinidade. Nesse grupo, podemos encontrar aqueles que não reconhecem a subalternidade construída das mulheres (CÓSER, 1990, p. 60), ou que defendem os direitos de minorias sexuais ou até mesmo são tolerantes com elas, aqueles que manteriam certa qualificação de homens ou por transarem outros homens na qualidade de *ativos* (SALEM, 2004, p. 41), os “bofes” (FRY, 1982, p. 105), ou supostamente ativos por transarem com clientes por dinheiro, como os “michês gays” (PERLONGHER, 2008, p. 140), ou com travestis (SANTOS, 2015, p. 170), passando por aqueles que apoiam as minorias sexuais, até chegar àqueles que são indignos da masculinidade. De forma gradativa, ou mesmo conflitante, eles vão aparecer na literatura com também com outros termos, como “o su-homem” (WELZER-LANG, 2004, p. 118), como “anti-homens” (COSTA, 2004, p. 240) ou como “masculinidades subordinadas” (PINO, 2013, 98). Em alguns desses casos, os termos aparecerão para se referir a homens que, na prática sexual, estariam entre aqueles que alternariam as parcerias, os chamados por Fry (1982, p. 103) de “bissexuais”. Todos esses seriam aqueles menos dignos da masculinidade exaltada e podem ocupar pontos variados no sistema de classificação sempre abaixo dela.

Entendo que as diferenciações citadas acima são classificações a partir de um modelo de homem, que Foucault chamou de um modelo centrípeto da monogamia heterossexual

---

<sup>25</sup> Com relação a estes homens de masculinidade intermediária, tratarei mais detidamente no capítulo seguinte onde trarei os relatos dos estudantes que me levam a enxergar que não precisa ser o *verdadeiro homem*, ou o “homossexual”, para se enquadrar em uma classificação mais aproximada de um deles, mas que vejo como estando no meio desses dois polos extremos.

(FOUCAULT, 2009) e que serve de um modelo utilizado, juntamente com outros atributos, que seriam utilizados para classificar aqueles que seriam os que vivenciam sua masculinidade em completude. Demarcados pelo que faz, pelo que bebe, pelo que come, pelo linguajar, pelo que veste, pelo que usa para se divertir, entre uma infinidade de possibilidades, que lhe confeririam o seu status de masculinidade em conformidade com o que é socialmente usado para designar ser a pessoa mais pertencente ao ideal do que é tido como masculinidade.

Diante do que foi discutido até aqui, consideramos que esta relação entre sexualidade, gênero e masculinidade é a combinação perfeita para se entender como se pensa o masculino em nossa sociedade e o trabalho realizado em campo foi capaz de trazer para o debate os elementos de uma dimensão de como um contexto social determinado poderá traduzir esses elementos. Passo agora a descrever as ferramentas metodológicas que foram utilizadas no trabalho de campo para que no capítulo seguinte seja possível trazer essas impressões que o trabalho de campo revelou como os discursos vêm ao encontro do foi discutido.

### **2.3. Ferramentas metodológicas utilizadas na pesquisa**

A pesquisa se desenvolveu com a metodologia de pesquisa qualitativa em que as ferramentas utilizadas pautaram-se na busca flexível de dados que colaboraram para as considerações que pretendo apresentar com eles. Para a realização do trabalho de campo, foram utilizadas algumas ferramentas metodológicas de observação e de entrevistas que visaram apreender os discursos acerca da masculinidade em determinados locais da cidade de Campos dos Goytacazes. Os locais escolhidos para a realização do trabalho de campo foram três escolas públicas de Ensino Médio e o trabalho de campo consistiu em um acompanhamento sistemático de alguns dos integrantes dessas escolas. As escolas foram: o Liceu de Humanidades de Campos, no Centro, o Colégio de Ensino Fundamental e Médio Dr. Thiers Cardoso, no bairro Turf Club, e o Colégio de Ensino Fundamental e Médio Visconde do Rio Branco, no bairro Lapa.



**Figura 3 - Corredores do CE Dr. Thiers Cardoso. Primeira foto: Corredor do segundo piso. Segunda Foto: corredor do primeiro piso com saída principal à esquerda, escada à direita e refeitório ao fundo.**  
Fonte: Fotografias de Cleber Teixeira de Oliveira

O trabalho foi realizado com visitas constantes a estas escolas onde foram realizadas entrevistas de Grupo Focal com estudantes do Ensino Médio e entrevistas individuais com professores. Como técnica do grupo focal, a metodologia baseou-se num espaço intermediário entre a observação propriamente dita e as entrevistas (SANTOS, 2009) na qual os estudantes eram instados a falar a partir de um roteiro imagens e de questões levadas a eles. As entrevistas individuais com os professores ocorreram, a maior parte delas, na própria escola. Outras ocorreram em locais onde os professores marcaram como locais mais adequados para concederem a entrevista gravada sem interrupções.

Seguindo o que foi traçado por Quaresma & Boni (2005), as entrevistas de grupo focal foram importante complemento das entrevistas individuais realizadas com os professores. Seria como uma forma de *olhar o outro lado*, daquilo que os professores foram trazendo durante as entrevistas, o lado dos próprios estudantes, visto que nas entrevistas com os professores, era justamente sobre o dia a dia dos estudantes que entraram no debate, então, nada melhor do que ir também a esta fonte. Nas indicações trazidas pelas autoras, um dos méritos da entrevista em grupos focais é o de realizar *in loco* “um debate aberto sobre um tema” (QUARESMA & BONI, 2005, p. 73). A utilização dessa ferramenta, com grande estímulo da orientadora da pesquisa, serviu como uma diversificação considerável e muito rica para que o tema fosse debatido com a maior amplitude possível. E a liberdade para utilizar dessas ferramentas em conjunto representam aquilo que as autoras orientam de que não existe consenso nas Ciências Sociais de qual é o melhor método, metodologia, ferramenta, para se realizar uma pesquisa mais abrangente.

As entrevistas com os grupos focais nas escolas contaram com importantíssima e indispensável colaboração das professoras de sociologia que atuam nessas escolas. Não só para a entrevista com os grupos focais, mas também na colaboração na ajuda de identificação de

professores que pudessem conceder as entrevistas contou com a importante colaboração dessas professoras.



**Figura 4 - Entrada principal e pinturas feitas pelos estudantes no CE Visconde do Rio Branco.**  
Fonte: Fotografias de Cleber Teixeira de Oliveira

Descrevo os grupos focais como um dos momentos mais altos das entrevistas. Embora eles não sejam os mais numerosos, nem mesmo tenham sido os mais diversificados na discussão dos temas, eles representaram um momento muito importante de ter um contato com os meninos selecionados em que eles puderam falar livremente sobre os temas propostos no roteiro. Contou com momentos de emoção por parte dos meninos, com situações em que eu como moderador não sabia o que fazer naquele exato momento em que algumas coisas aconteciam, entre os encontros posteriores que ocasionaram um importante recurso para conversas mais espontâneas e que também foram muito reveladoras. Sobre o que foi dito sobre o que não saber o que fazer, relembro que, além de um momento marcado de um estudante que chorou copiosamente ao lembrar e relatar um fato particular de sua vida, também foi um evento muito comum a fala dos meninos em tom de perguntas, numa busca de informações mais teóricas sobre o assunto levado. Eles, muitas vezes, falavam perguntando o que eu achava, o que eu pensava, o que eu tinha a dizer, como se eu fosse portador de um conhecimento mais amplo por estar perguntando o assunto. Também chamou a atenção o fato de, na maioria dos casos, as professoras deles terem ficado presentes sendo relatoras dos grupos focais. Apenas em dois dos casos eu tive como colaboradoras-relatoras duas colegas da pós-graduação. Trago isso no sentido de dizer que não foram poucas as vezes em que os estudantes disseram coisas que já eram de discussão antiga entre eles e as professoras e, em tons, na maioria das vezes, muito jocosos e divertidos, eles provocavam as professoras com temas que já haviam sido discutidos em sala de aula e que de alguma forma se relacionavam com o que foi debatido.

Um dos acordos firmados com os meninos, o que garantiu maior espontaneidade para as falas, foi a de que toda a identidade deles ou qualquer possibilidade de identificação seria mantida em sigilo para que o objetivo maior de buscar as opiniões sobre os temas fossem falados sem qualquer constrangimento para quem quer que seja. Curioso foi que um dos

meninos, em um momento após a finalização da entrevista, perguntou para ter absoluta segurança de que não seriam identificados, se seria sigiloso mesmo, visto que houve falas que pudessem causar algum constrangimento no caso de uma revelação de identidade. Outro perguntou como e com quem os dados ficariam retidos e onde os resultados seriam apresentados e documentados. Tudo para ouvirem uma confirmação de que as identidades seriam preservadas, visto que, em todas as situações, eles relataram nomes de colegas, de meninas com quem tiveram relacionamento, de professores e demais servidores da escola.



**Figura 5 - Partes internas do Liceu de Humanidades. Primeira foto: pátio lateral de acesso à entrada principal. Segunda foto: anexo III com escadaria de acesso aos andares superiores. Fonte: Fotografias de Cleber Teixeira de Oliveira**

Enfim, para o grupo focal, foram realizadas seis entrevistas, sendo duas em cada uma das três escolas. No Liceu de Humanidades, foram dois grupos focais em dias diferentes com estudantes do terceiro ano do Ensino Médio. Um ocorrido com cinco meninos de idade entre 16 e 19 anos de uma das turmas do terceiro ano vespertino e outro com cinco meninos com idades entre 17 e 18 anos de outra turma do mesmo turno. No Colégio Dr. Thiers Cardoso, foram um dos grupos foi formado por cinco estudantes do terceiro ano Ensino Médio, com idades entre 17 e 19 anos e o outro foi formado por cinco estudantes do primeiro ano com idades entre 15 e 16 anos. No Colégio Visconde do Rio Branco, um dos grupos foi formado por seis meninos do primeiro ano do Ensino Médio, com idades entre 15 e 20 anos e o outro com cinco estudantes do terceiro ano, com idades entre 17 e 20 anos. Todas as turmas foram escolhidas pelas professoras por serem estudantes de maior contato com elas e que tinham em comum o fato de estudarem na mesma turma. Eles foram identificados por codinomes e as entrevistas foram gravadas em áudio e contou em cada uma um dos grupos com uma pessoa como relatora. Além do roteiro de questões que foram levados, apresentei também a eles algumas imagens de homens comuns e de alguns homens famosos, retiradas da internet, para que pudessem falar livremente a partir do que as imagens e o roteiro estimulassem a falar. No capítulo seguinte, apresentarei ao longo das análises, as falas desses alunos sempre com o devido cuidado para

não haver qualquer identificação de quem quer que seja. Somente se muito necessário a identificação por codinome será feita, para destacar um deles dentre os outros. Em si, o fato de ter sugerido que eles se identificassem por codinomes foi um momento marcante das entrevistas nos grupos. Eles foram dispostos em círculo, e em cima de suas mesas colocariam uma folha de papel em branco na qual escreveriam os nomes que quisessem se atribuir, exceto o próprio nome, o que representou um momento de visível diversão tanto na escolha do codinome, quanto nos codinomes dos outros. Em uma das turmas da escola Visconde do Rio Branco, como relatou a professora-relatora, eles utilizaram os nomes verdadeiros uns dos outros, o que foi bastante divertido, pois causou bastantes risos em diversos momentos, e por conta disso, cuidarei para não mencionar os codinomes utilizados neste grupo. Outro fator digno de nota foi que no grupo do Liceu de Humanidades, um menino atribuiu-se três nomes diferentes, e ocasionalmente ele dimensionava a plaquinha de identificação com um desses nomes, sendo chamado de João, de Marcos e de Heitor. Um fator deste grupo chamou atenção para uma relação com o que discuto aqui foi o fato de um dos integrantes atribuir-se o nome de Poseidon, que na mitologia grega refere-se a um deus supremo do mar e que recentemente foi nome de um filme de ação e aventura estadunidense. No filme, o nome é de um luxuoso transatlântico que passa por um inesperado acidente, sendo atingido por uma onda gigante, e um dos personagens principais, Dylan Johns, vivido pelo ator Josh Lucas, é um jogador profissional que tem um importante papel no salvamento das vítimas. Ele se apresenta com bravura e sabedoria no socorro das pessoas e seria possuidor de alguns dos atributos do estereótipo de masculinidade, como um homem conquistador, sábio, dominador das situações e com força física. Mais um fator de destaque foi o codinome atribuído por um dos meninos, o mesmo cujo tio foi aquele que teria sofrido a violência do grupo de homens há alguns dias. O nome escolhido foi Thomas, mas com o passar do tempo, ele resolveu acrescentar outra parte ao nome que passou a ficar Thomasturbando. Destaco esse fato pelo relato trazido pelos professores, e que a literatura também menciona como uma característica da masculinidade, de que os meninos teriam uma sexualidade mais externalizada, nesse caso há uma referência nítida à masturbação. Embora a masturbação seja uma possibilidade erótica de homens e mulheres de todas as idades, acredito que num grupo formado por meninas uma referência dessa natureza poderia ser mais difícil de acontecer, visto que os meninos conversariam muito mais, em público, sobre a masturbação e isso não parece ter o mesmo sentido de indecência que para uma menina poderia ter. Para eles a masturbação parece representar um exercício próprio de sua masculinidade. Prova disso foi

que ele não teve menor pudor em brincar com a palavra e com seu sentido e pela forma hilária que ela foi recebida pelos outros meninos presentes.

As entrevistas individuais com os professores contou com a colaboração de vinte e cinco professores ligados a estas escolas e que são moradores de Campos e região. As entrevistas foram feitas em locais marcados pelos entrevistados, por facilidades e comodidades, mas a maioria delas ocorreram na escola mesmo. Alguns/as foram em outras escolas ou em outros locais de trabalho e um desses apenas concedeu a entrevista em casa e num final de semana.

Esses professores (14 no total) e professoras (11 no total) também tiveram a garantia de absoluto sigilo. Uma professora, para ter liberdade de fala, chegou a perguntar mais de uma vez se seu nome não seria mencionado. Outro professor disse que a identificação não seria um problema, visto que nenhuma das falas seria comprometedoras. Mesmo sabendo que o tema comprometia de fato muito pouco ou quase nada, a garantia de que haveria o sigilo trouxe conforto e tranquilidade para a maioria dos/das entrevistados/as.

As entrevistas com professores/as seguiram um roteiro semi-estruturado, com poucas perguntas para complementar dados de quem e de onde falava e as demais foram perguntas abertas que, não poucas vezes, foram omitidas, acrescentadas ou refeitas, visto que o roteiro serviria mais para que determinados assuntos fossem tratados. Não apenas nesse momento das entrevistas, mas em contatos em muitos outros momentos, esses/as professores/as foram também contatados espontaneamente e traziam mais informações sobre o tema da entrevista. Especialmente porque em muitos dos casos, as pessoas entrevistadas eram acessadas em visitas constantes que eram feitas por mim na escola em dias e horários diversos seja para observar o dia a dia da escola e de estudantes, seja para registrar em fotografias o campo estudado, ou por ocasião da marcação com outras pessoas que concederiam entrevistas. Também ocorreu de encontrar com alguns/as das pessoas entrevistadas em outras partes da cidade. Tudo isso foi registrado e, conforme o grau de importância, será relatado durante as análises das falas.

Com base nisso, sigo então para o próximo capítulo onde traço análises a partir das entrevistas individuais com professores/as e das entrevistas de grupo focal com os estudantes.



“O que faz um povo são os pensamentos  
daqueles que os compõem.” (Rubem Alves)

### **CAPÍTULO 3. A CONSTRUÇÃO E A CONSERVAÇÃO DA MASCULINIDADE VERIFICADAS A PARTIR DOS RELATOS DE PROFESSORES E ESTUDANTES DE CAMPOS DOS GOYTACAZES**

#### **3.1. Reflexões sobre o masculino e a chamada crise da masculinidade: as idas e vindas**

Grande parte da literatura pesquisada para esta dissertação trouxe alguma discussão a respeito da assim chamada *crise da masculinidade*, ou *crise do masculino*. Na visão de Oliveira (2004), quando se trata de masculinidade, é muito comum que se diga que esta estaria em crise, especialmente porque se torna observável na visão de muitos que estudam a masculinidade aquilo que chamou de mal-estar na masculinidade.

No desenvolvimento de seu estudo (OLIVEIRA, 2004), identificou que esse mal-estar teria uma relação íntima com o desenvolvimento de uma suposta crise da masculinidade ocasionada pelo aparecimento e sedimentação de grupos organizados que buscam reivindicar um espaço que estaria antes muito cômodo, tal como vinha ocupando o gênero masculino ao longo de quase toda nossa história. Importante destaque deve ser dado nesse sentido ao surgimento do movimento feminista como um dos mais importantes que veio reivindicar um espaço social antes quase exclusivo dos homens, isso falando de uma história mais recente e com grande relevo no mundo ocidental. Outro autor escreve sobre essa relação e se pergunta: “será que os homens permaneceram intocados pelas mudanças que as mulheres ajudaram a realizar, exceto em seu papel de defensores reacionários do privilégio entrincheirado?” (GIDDENS, 1993, p. 69). Para Oliveira (2004), não apenas os movimentos feministas causariam esse mal-estar na masculinidade, mas também outras frentes, como o movimento homossexual que, muito próximo do movimento feminista, exige o reconhecimento de formas diferenciadas de masculinidade; também tiveram influência a suposta crise do Estado-Nação (2004, p. 95); a crise da família, responsável pela “integração via consumo de agentes com estilos de vida que desafiam a união marital convencional” (2004, p. 109); a crise de outras instituições, como a religião “que se pós-modernizou” (2004, p. 111), o modismo, o

consumismo com seus “apelos publicitários” (2004, p. 119) que receberam, com interesses mercadológicos, o reconhecimento de outras identidades antes desconsideradas; e a própria problematização das identidades proporcionadas pelas transformações socioculturais que tornou inseguro “apegar-se aos modelos tradicionais [...] [como] ao ideal de masculinidade mais conservador” (2004, p. 138); entre outros.

Como indica este autor, tudo isso tornou-se responsável por um discurso vitimário levando o homem a se ver na necessidade de uma “constante reafirmação de sua identidade de gênero, [...] [e] propenso a experimentar dilemas e conflitos que geram angústias, auto-alienação e inexpressividade” (2004, p. 173). Essas transformações, e certamente outras, tiveram significativa influência, como o processo de urbanização; o acesso à educação de grupos antes distantes dela; o desenvolvimento da ciência, com a introdução de novos discursos menos patologizantes da mulher e de outras identidades até então submetidas por um modelo exclusivo de masculinidade, com importante destaque para o surgimento das ciências humanas e sociais que proporcionaram uma visão de construção mais social e menos biológica dos corpos e dos gêneros, enfim, tudo colocando os homens numa situação mais problemática do que vivenciaram até então. Como traz o autor, tudo isso leva a uma discussão sobre o mal-estar da masculinidade, e “o interessante na argumentação é a forma exemplar quanto aos aspectos que considero fundamentais para a formação do discurso vitimário sobre a masculinidade” (2004, p. 177). Reconhecer essas transformações leva a uma sensação de que de fato teria surgido o que veio a se chamar de crise da masculinidade.

O trabalho de campo que realizei através das entrevistas com os professores captou esse tipo de sensação, especialmente no discurso dos professores homens que tive acesso. Curioso foi que mesmo entre alguns dos homens mais envolvidos com um discurso revolucionário em prol de transformações sociais, pude perceber algum tipo de desconforto com o novo cenário.

Falando sobre o crescimento do número de mulheres na escola, com sua maior firmeza nos estudos, e apontando para uma questão que depois foi trazida pela maioria das entrevistas realizadas, foi a evasão escolar sentida como muito maior entre os meninos do que entre as meninas. Um professor assim se manifestou ao ser perguntado que diferenças ele enxerga no comportamento dos meninos, se comparado com as meninas, com relação aos problemas vivenciados na escola:

**Professor Estêvão**<sup>26 27</sup>: eu acho que os meninos têm se fechado mais... Eles têm se isolado mais. O número de meninos na escola à noite é cada vez menor, o número de evasão de alunos, se comparado com alunas, é cada vez maior; então o envolvimento deles com ensino tem se tornado cada vez menor. [...] Há uma evasão muito maior dos meninos do que das meninas... Eu até brincava com eles, eu dizia: “olha, as mulheres vão dominar o mundo”. E eles perguntavam por que, aí eu falava: “olha a quantidade de meninas...”.

Ainda que a fala de que as mulheres vão dominar o mundo apareça em tom de brincadeira e de incentivo para que todos tenham igual empenho e dedicação à educação, esta fala não deixa de manifestar alguma preocupação com relação a uma perda que os meninos terão se a educação for dominada pelas estudantes. Pude perceber que esta não deixava de ser uma preocupação do professor, sobretudo pela visão que manifestou com relação às mulheres. Ao falar de como lidaria com a filha, disse que:

**Professor Estêvão**: por considerar que uma mulher é mais frágil eu tenderia proteger mais do que menino.

A observação feita acima de que a fala é curiosa para esse discurso, advém do fato de que esta pessoa entrevistada demonstrou uma viva preocupação com a igualdade social de homens e mulheres. Também por sua formação como professor da área de humanas, certamente ele já teve contatos com leituras que mostram que gêneros são construções sociais e também deve ter feito leituras sobre a história das mulheres e do movimento feminista para entender que o acesso das mulheres à educação não deve ser considerado *uma tomada de lugar dos homens*, mas a tomada de um lugar de todos/as, donde alguns/as estiveram alijados por certo período de tempo.

Na fala de outro professor, pude observar algo semelhante nesse sentido. Mesmo considerando que talvez alguns estudos possam desdizer sua afirmação, observa:

**Professor Gustavo**<sup>28</sup>: nos níveis escolares da atualidade, as mulheres estão estudando mais em relação aos homens a evasão das meninas é menor do que dos meninos. A evasão escolar dos meninos, sim, essa é muito mais acentuada.

Reclamando a necessidade de um conhecimento mais detalhado de conhecer estudos nesta área para dar uma opinião mais correta e demonstrando grande preocupação em não querer naturalizar as diferenças e assim verificar que estas construções são sociais, disse sentir isso

---

<sup>26</sup> Todos os nomes são fictícios para que a pessoa não seja identificada e seja privilegiada apenas a opinião dos/as entrevistados/as colhidas em campo. Esse cuidado obedece a uma questão ética da pesquisa. Outras características de cada professor/a e de cada um dos estudantes entrevistados encontram-se nos anexos para um maior detalhamento do lugar de fala de cada um/a.

<sup>27</sup> Professor de história, ocasionalmente também leciona sociologia e filosofia. Branco, 35 anos, professor do CE Visconde do Rio Branco, casado, sem filhos e testemunha de Jeová. Entrevista concedida em 28/09/17.

<sup>28</sup> Professor de geografia do Liceu de Humanidades, casado, sem filhos, cristão, pardo e não participante de organizações da sociedade civil, embora manifestasse interesse em participar. Entrevista concedida em 02/10/10.

como uma percepção a partir de seus seis anos de docência, fato que lhe parece pouco questionável.

Um dos entrevistados pareceu duvidar um pouco sobre uma evasão e rendimento escolar maior dos meninos e chegou a indicar um fato concreto para dar base à sua afirmação:

**Professor Arnaldo**<sup>29</sup>: eu acho que acontece de forma equilibrada. Eu acho que o rendimento das meninas é um pouquinho melhor, nada tão superior, só um pouco melhor. Até que essa turma aqui da noite [- esta da qual ele acabara de sair -] tem mais meninas, as outras turmas é 70% de meninos e 30% de meninas.

O curioso, nessa fala, foi que esse professor pareceu desconsiderar um fato importante: sendo professor da EJA (Educação de Jovens e Adultos) noturna, via de regra, ele lecionaria para estudantes que não tiveram a oportunidade de estudar no ensino regular e esses/as estudantes estariam naquele momento buscando correr atrás do tempo perdido no período adequado. Boa parte desses estudantes teria evadido no ensino regular, o que faz crer que, se há uma maioria de meninos, eles devem ter evadido mais do que as meninas naquele período.

Voltando ao assunto da sensação de perda do espaço por parte dos meninos, outro professor é ainda mais direto. É bom notar que esse professor relatou militar num partido político com um discurso bem à esquerda e com intensa discussão feminista, por isso disse que a sua fala talvez não venha agradar às feministas, e segundo falou, vê alguns problemas relacionados à questão de como os homens vêm se transformando e como isso de alguma forma seria prejudicial numa situação de perda de espaço.

**Professor Álvaro**<sup>30</sup>: Aí eu vou ter uma fala que as feministas não vão gostar, mas não é um ataque à questão da mulher no trabalho, é uma questão do ataque ao capitalismo. Antigamente o homem como eu, como você, como médico, enfim qualquer profissional, a grande maioria, ele é que bancava. No geral era o homem que tinha que bancar e não se tomou o cuidado quando a mulher veio para o mercado. [...] Eu procuro fazer em família o que eu acho correto discutir, isso nos mais jovens porque eles vão ser chefes de famílias.

Em outro momento da entrevista, o professor traz um termo problemático e que indica essa posição dos homens na sociedade, quando fala de “chefes de família”. Entendo que o tempo de uma geração parece pouco suficiente para sentir mudanças nesse sentido de sentir as supostas crises. Nesta fala, entretanto, o professor faz um retorno a um passado mais recente para indicar como sente isso que seria essa perda de espaço masculino e utiliza termos como esse da chefia familiar que alguns debates mais recentes insistem em colocar em questão.

---

<sup>29</sup> Professor de química do CE Visconde do Rio Branco. Pardo/moreno, 40 anos, casado, pai de um filho e sem religião. Entrevista concedida em 06/10/17.

<sup>30</sup> Professor de biologia do CE Thiers Cardoso. Pardo, 50 anos, casado, com filhos, católico pouco praticante e atuante em sindicatos e partido político de esquerda. Entrevista concedida em 04/10/17.

Na fala de um professor do Liceu, que entende que os/as estudantes ali matriculados/as vêm de família mais tradicional, alguns recursos ainda seriam usados como uma tentativa de manter o poderio masculino, especialmente frente à relação estabelecida com o outro gênero. Em sua opinião, manifestou:

**Professor Tenório**<sup>31</sup>: não sei se por vir de famílias mais tradicionais, que ainda têm aquela cultura do machismo.

A menção ao do machismo, que não foi encontrada apenas entre professores e professoras do Liceu, mas apareceu também em outras falas parece revelar aquilo que Costa (2004) afirmou de que o machismo seria uma espécie de compensação pela perda de um poder próprio dos homens perdido com a queda da sociedade patriarcal colonial em que a urbanização colaborou para ressignificar. Como também traria Giddens (1993), os homens de alguma forma se agarrariam a estes recursos, no caso do machismo, por reconhecerem sua “masculinidade como perda”, já que tudo nos leva a ver que, “na maioria dos contextos das sociedades modernas, os homens em sua maioria não desejam soltar as rédeas do poder” (1993, p. 148). Essa aflição em alguns casos relatada, seria um indício dessa possível crise.

Outro dado curioso, ao lado de ser uma manifestação de pessoas com formação superior e que atuam como formadores de opinião, sendo na maioria deles muito esclarecidos quando às discussões sobre a luta pela erradicação do machismo, foi que essa fala apareceu muito mais nas falas dos professores do gênero masculino. As professoras, mesmo sendo atentas a manifestações de machismo dos meninos e relatando situações de machismo na sociedade em geral, pareceram não manifestar grandes regozijos com uma dita perda de poder em detrimento dos homens. De fato, seriam mesmo os homens quem sentiriam mais algum pesar pela suposta perda de poder. Com relação à sensação desta crise, se comparada ao reconhecimento de outras identidades sexuais também masculinas, aquelas que Foucault chamará de “sexualidades periféricas” (2009, p. 48), antes bem mais submetidas, como o reconhecimento de direitos dos gays, aparecerá na próxima seção em que darei algum destaque às relações entre homens e quando a situação do homoerotismo passa a ser sentida quando esse tema é discutido.

Nos discursos dos meninos das escolas, foi possível perceber que eles também se preocupam com um debate a respeito do machismo. Em diversas situações, eles trouxeram falas que fizeram indicar que eles teriam atitudes machistas, mas talvez por estarem diante de um

---

<sup>31</sup> Professor de química do Liceu de Humanidades. Branco, católico, 28 anos, casado e sem filhos. Entrevista concedida em 11/10/17.

pesquisador que talvez pudesse problematizar teoricamente o assunto, por estar, na maioria das vezes, na presença das professoras de sociologia, com quem provavelmente já devem ter tido oportunidades de debater sobre o tema por ocasião da disciplina ou mesmo por esforçarem-se em se adequar a um estilo de vida distante de todas as formas de preconceito, numa época que paira uma normatização pelo respeito ao outro, em quase todos os grupos eles foram ligeiros em dizer que não são machistas. Num dos grupos focais, um estudante do 3.º ano do CE Visconde do Rio Branco de 19 anos e negro procurou deixar uma recomendação, caso ele pudesse falar para todos os meninos da mesma faixa etária:

**Henrique - Integrante do grupo focal<sup>32</sup>:** que nem todos deveriam viver num mundo tão machista como eles estão acostumados.

No grupo focal do 1.º ano do CE Dr. Thiers Cardoso, depois de muitos alardearem que não são machistas, que não têm preconceitos de espécie alguma, um dos participantes de 16 anos, pardo e evangélico, depois de ouvir muitos colegas falando que as pessoas do lado de fora da escola são muito preconceituosas, ao serem perguntados sobre os comportamentos dos homens com quem convivem, asseverou, referindo-se aos colegas e a toda a comunidade escolar:

**Bob - Integrante do grupo focal<sup>33</sup>:** tem muito machismo aqui dentro também.

Merece atenção outra fala de grupo focal que, algumas vezes, é utilizada por representantes do grupo dominante como uma forma de responsabilizar os oprimidos por sua opressão. Não afirmo que a intenção do falante seja tão consciente nesse sentido, talvez ele quisesse mostrar que o machismo está tão difundido na sociedade que muitas vezes as próprias mulheres poderão lançar mão de um machismo estrutural. Vemos isso na fala de Poseidon, estudante do 3.º ano do Liceu, branco/pardo, de 19 anos, que disse:

**Poseidon - Integrante do grupo focal<sup>34</sup>:** eu acho minha mãe machista. Ela fala assim: “se você fosse mulher, você ia fazer muita coisa aqui dentro de casa”.

Nesta fala, percebe-se que o estudante considera a mãe machista apenas pelo fato de ela primar por uma divisão sexual do trabalho doméstico como uma função feminina. Não usou outras características para considerá-la feminista. Vale a pena lembrar que esta mesma concepção apareceu na fala de um dos professores entrevistados que já foi identificado acima. Para demonstrar que não seria um homem machista, o entrevistado relata que:

---

<sup>32</sup> Grupo focal com meninos do 3.º ano do Ensino Médio, realizado no CE Visconde do Rio Branco em 20/10/17.

<sup>33</sup> Grupo focal com meninos do 1.º ano do Ensino Médio, realizado no CE Dr. Thiers Cardoso em 20/10/17.

<sup>34</sup> Grupo focal com meninos do 3.º ano do Ensino Médio, realizado no Liceu de Humanidades em 06/10/17.

**Professor Álvaro:** há uma grande diferença na forma de tratar meninos e meninas: para o homem pode tudo, ou quase tudo... e para mulher não pode nada... Meu filho eu boto ele para lavar louça sim, mas mesmo assim tem muita crítica.

Com relação à masculinidade como perda, o que indicaria alguma possibilidade de sensação de crise da masculinidade, os meninos foram pródigos em falar de assuntos relacionados ao homoerotismo e, embora de minha parte houvesse um esforço para não fixar a discussão somente em torno da homossexualidade, insistentemente eles retomavam o assunto. Por muitas vezes eu tentava conduzir o assunto para outras questões da masculinidade, mas o tema homoerótico sempre retornava, tanto é que por conta das falas dos meninos e também apareceu muito nas falas dos professores, a questão da “homossexualidade” tomou tanta corpulência, que mereceu que eu a dedicasse uma seção deste capítulo. Voltando, portanto, ao tema da crise do masculino, os relatos dos meninos também indicaram alguma coisa nesse sentido. Instados a falar a respeito de frases que lhes são ditas que teriam um sentido similar ao de “homem não chora”, um dos meninos do Liceu de 17 anos, pardo/branco, destacou:

**Victor - Integrante do grupo focal<sup>35</sup>:** hoje em dia se você falar essas coisas você acaba se tornando machista.

Apressou-se fazer esta fala porque durante a realização do grupo, um dos colegas disse: “homem não bate em mulher”.

Apreende-se da fala acima que “hoje em dia” não pode se dizer qualquer coisa, sob a possibilidade de ser acusado de machista, indicando que, na contemporaneidade, seu discurso deve ser responsabilizado se disser alguma coisa que era mais tolerável dizer em tempos atrás. A fala remete à ideia de que existe uma vigilância em nome de um discurso que seja respeitador às mulheres e até mesmo aos homossexuais, portanto, “hoje em dia” significa que os homens não podem falar qualquer coisa para manter seu lugar de dominante, sendo obrigados a sempre revisar o discurso. Acredito que nenhum dos meninos presentes tenha vivido uma liberdade de falar qualquer coisa dessa natureza sem ser lembrado de pensar bem antes de falar, então usa-se uma fala corrente de que é preciso respeitar as posições de outros segmentos da população, numa clara indicação de que os homens não seriam portadores de um poder inabalável. É como se trouxessem à tona um cerceamento discursivo, levando a aproximar daquilo que Oliveira (2004) chamou de discurso vitimário. Passa-se assim de algozes a vítimas por não poderem exercer como antes a dominação sobre outros grupos.

Por ocasião das apresentações das imagens de homens em diversas situações, em quase todos os grupos quando aparecia um homem másculo e com uma aparência de homem

---

<sup>35</sup> Grupo focal com meninos do 3.º ano do Ensino Médio, realizado no Liceu de Humanidades em 06/10/17.

fisicamente poderoso, eles ou não esboçavam qualquer reação, dando a entender que aquele ali é o tipo de homem que poderia representar os anseios normais dos meninos, ou vibravam, como no grupo focal do Liceu de 20/10/17, quando viram a imagem de Arnold Schwarzenegger. Também quando perguntados quem achavam que poderia compor as imagens, quem colocariam ali, houve um tipo de fala bem diversificada, entre falas que deveria haver imagem do cantor Pablo Vittar, que tratarei melhor abaixo, até a maioria das falas que quase sempre trouxe os nomes de jogadores de futebol, indicando que ali deveriam ter pessoas com as quais eles se identificavam. Em algumas falas, talvez por terem estudado há pouco tempo sobre sua história, em dois grupos diferentes, mas do mesmo ano, houve a indicação de que se colocasse a figura de Martin Luter King. Perguntados por que colocariam o pastor norte-americano, disseram que era porque ele fez história e deveria ser com isso condecorado por conta de sua importância. Também em dois grupos diferentes houve menção ao nome do deputado e presidente Jair Bolsonaro. No grupo do 1.º ano do CE Visconde do Rio Branco de 20/10/17, houve uma fala de que ele seria um mito e usaram o



**Figura 6 - Parte Interna do CE Visconde do Rio Branco. Sala de professores/as à esquerda e secretaria ao fundo.**  
**Fonte: Fotografia de Cleber Teixeira de Oliveira**

termo “*bolsomito*”. Ficou clara a intenção de provocar a professora de sociologia, que, pelo que entendi, já havia manifestado rejeição à sua figura. Mas em outro grupo, o nome do deputado apareceu novamente quando o assunto foi sobre homossexualidade. Disseram que os gays não querem o deputado como presidente porque ele evitaria que se continuasse fazendo uma política de atenção à diversidade sexual, como entendem que vem sendo feita no país. Na frase, numa indicação de que pais homossexuais influenciariam seus filhos a serem homossexuais, o estudante pardo de 18 anos do Liceu que atribuiu-se três nomes, disse:

**João/Marcos/Heitor - Integrante de grupo focal<sup>36</sup>:** É isso que Bolsonaro não quer: que a pessoa dê esse exemplo para o outro. Aí eles ficam revoltados.

<sup>36</sup> Grupo focal com meninos do 3.º ano do Ensino Médio, realizado no Liceu de Humanidades em 06/10/17.



Fizeram deixar entender que alguns dos apelos machistas que eles captaram do deputado satisfariam, de alguma forma, a preservação de masculinidade que gostariam de conservar.

Um professor trouxe uma fala de que havia deixado de ficar muito aprisionado em rede social de internet por conta de algumas situações que considerou excessivas por parte de algumas pessoas que lançam coisas o tempo todo sem escrúpulos. Sua fala foi a seguinte:

**Professor Arnaldo:** Porque senão a gente fica só naquelas ideias pré-concebidas... Teve um [homem] que botou uma foto assim [numa rede social] “esse é o verdadeiro homem”, e aí ele botou uma foto assim de faroeste, aí ele falou algo do tipo assim: “que eu como carne, que eu faço isso, que eu faço aquilo”...

Como a masculinidade poderia estar passando por certo colapso, alguns homens buscariam, como vemos nesse fato narrado, procurar preservar a imagem de um homem estereotipado que talvez traria algum tipo de segurança para os homens de maneira geral por ser um extremo disso, numa propaganda indicativa do modelo de homem esperado. Lembra assim o que foi dito acima que esses símbolos seriam aquilo no qual esses homens se agarrariam para manter aquilo que acreditam estarem perdendo com o aumento do poder das mulheres, bem como com a chegada de outras masculinidades alternativas que buscam seu reconhecimento.

No texto de Oliveira (2004), o autor lembra que os conservadores, ou o discurso conservador, acabam sempre se fazendo presentes.

Agentes interessados na manutenção do *status quo* [masculino] vêm sentindo o impacto que as mudanças socioestruturais em curso na sociedade contemporânea provocaram [...]. [Assim] o pensamento conservador [...] reagiu, e continua reagindo [...] principalmente depois da década de 70, quando o feminismo e o movimento gay emergiram [...] pelas “políticas de identidade” (2004, p. 150).

Desenvolvendo seu raciocínio sobre a chamada crise da masculinidade, Oliveira (2004) alerta que é preciso verificar sempre quem é que está sentindo sua masculinidade colocada em risco. Nesse sentido, fala que em estratos sociais variados, também é variada a forma como essa crise tem chegado. Segundo ele, para alguns, especialmente entre homens das classes mais populares, a masculinidade não estaria em risco. Pelo contrário, ela ainda se mantém viva e não haveria indícios de que ela vá sofrer abalos por pelo menos algum tempo.

Um descontentamento e mesmo um questionamento em relação aos padrões convencionais de conduta masculina devem estar mais frequentemente circunscritos aos segmentos médios e altos, mais sujeitos às mudanças da voga pós-moderna, pois se observa que o padrão consagrado de conduta masculina ainda é bastante valorizado entre boa parte dos homens pertencentes aos segmentos populares (2004, p. 202).

O autor conclui esta ideia dizendo que a valorização da rigidez e da supremacia da identidade masculina não é algo exclusivo das classes populares, embora mais franca nesse sentido (OLIVEIRA, 2004). Que outras variáveis, todavia, precisam ser consideradas para se

pensar em que perspectiva ela se faz vivificada, como variáveis de idade, região de origem, religião, categorias profissionais, pertença a grupos distintos etc. são algumas das variáveis que poderão indicar que ela também seja considerada um bem a ser preservado.

Ouso afirmar que o autor possua uma parcela de razão ao dizer que esta masculinidade esteja mais intocada nos estratos populares e que talvez por se tratar de um estudo realizado em uma determinada circunscrição, eu tenha conseguido captar algumas dessas diferenciações com relação a esta suposta crise, ao me perguntar se há uma crise sentida da masculinidade entre os entrevistados da sociedade campista. O que sou levado a crer, que me pareceu pelo discurso trazido pelos meninos dessas três escolas, é que de uma forma talvez mais sutil, os meninos, que por serem de escola pública, majoritariamente seriam de um segmento mais popular, que também estão numa mesma faixa etária, indicaram sentir algum abalo na supremacia da identidade masculina. Quanto aos professores, pela formação superior e pelos empregos mais assegurados, estes seriam os representantes de uma classe média que poderiam indicar esta crise, como alguns relatos trouxeram. Mas o discurso dos meninos é indicativo de que esta sensação de perda também está presente entre eles. Estudos feitos em outros lugares talvez venham indicar diferenças, no entanto, posso afirmar que entre os meninos desse contexto pesquisado, paira certa preocupação com a manutenção de uma identidade que estaria em transformação e sendo ladeada por outras identidades que vêm reivindicando seus espaços.

Portanto, mais do que uma afirmação de que a crise da masculinidade seja vivenciada e sentida de uma maneira indiscutível, compete dizer que ela representa um processo que se aproxima mais de um movimento de idas e vindas constantes na supremacia de uma identidade majoritária masculina. Ela se demonstraria assim como não estática, cujos movimentos poderiam sugerir que ela não está acabada. Parto do princípio que desde que a masculinidade foi posta em discussão, que já não representava mais um ponto intocado tanto para os homens quando para a sociedade, ela vem demonstrando que sempre será necessário compreender essas movimentações que são bem típicas de qualquer tema em ampla discussão.

### **3.2. O incômodo da “homossexualidade”**

Durante toda minha intenção de pesquisar o tema, sempre tive a preocupação de não fixar a discussão em torno da “homossexualidade”. Não por subestimar a importância que a “homossexualidade” possui nessa discussão, e nem mesmo por desconsiderar a relevância dessa

temática num aprimoramento das discussões de gênero, mas justamente por considerar que essa *é apenas uma*, talvez a de maior evidência, entre tantas questões inadiáveis que se deve discutir quando o assunto da masculinidade vier à tona.

Fui levado a criar esse tópico pelo enorme contorno que o tema recebeu durante o trabalho de campo. Chamei de incômodo da “homossexualidade” porque foi assim que ela me apareceu durante as falas que se seguiram a seu respeito. Em nenhuma das questões das entrevistas, tanto da individual, quanto a de grupo focal a mencionou o termo homossexualidade. Também nos grupos focais, por mais que a escolha das imagens tiradas da internet trouxessem homens possivelmente gays, mas que, de maneira alguma, foi a maioria deles e como essas figuras estivessem ladeadas a de homens negros e brancos, homens em situação de mendicância, homens jovens e idosos, homens famosos e desconhecidos, homens de religiões diversas, de nacionalidades diversas, de épocas diversas, enfim, que toda uma diversidade de homens fosse privilegiada na seleção, parece que aquelas que mais teriam chamado a atenção e uma numerosa quantidade de falas e uma enorme atenção foi dada aos grupos aos homens que supostamente vivenciaríamos uma vida homoerótica.

Tanto foi verdade que, em um dos grupos focais realizado na escola Visconde do Rio Branco, após as imagens terem sido exibidas e após fazer a pergunta do que eles teriam visto nas imagens, e eles falarem sobre a diversidade de homens, e eu insistir na pergunta, visando que eles tratassem de algumas outras características que ainda não haviam sido faladas, um estudante branco de 17 anos disse para os colegas:

**Lucas - Integrante do grupo focal<sup>37</sup>:** Ele quer que a gente fala que a gente viu homossexual.

Apreendi dessa fala que esse menino externalizou o que talvez tenha passado na cabeça dos demais integrantes do grupo e talvez dos de outros grupos de que minha presença ali seria para discutir algo relacionado à “homossexualidade”. Isso pode ter ocorrido mesmo eu tendo sido apresentado pelas professoras de sociologia para os grupos não como um pesquisador daquela temática específica mas das questões relacionadas à masculinidade. Claro que as professoras não explicaram muito para que garantissem uma espontaneidade maior dos grupos e isso pode ter gerado mais expectativas do que indicado o que de fato seria captado.

Outro fator que merece ser dito está relacionado a isso, foi que no grupo do 3.º ano em 06/10/17 realizado no Liceu de Humanidades. Quando os estimei a falar de quem que eles acham que deveriam estar nas imagens e que não estava, um integrante do grupo, corroborado

---

<sup>37</sup> Grupo focal com meninos do 1.º ano do Ensino Médio, realizado no CE Visconde do Rio Branco em 20/10/17.



com fala dos demais, disse que sentiu falta do cantor<sup>38</sup> pop-sertanejo Pablo Vittar, que se trata de uma pessoa trans feminina, com um estilo mais dentro de uma performance drag queen, que recentemente tem apresentado grande destaque na mídia. Ao ser perguntado por que o cantor deveria estar nas imagens, um dos meninos falou que era porque as imagens o lembraram. Mencionaram também uma pessoa, que aqui, por conveniência, chamaremos de Gildásio, que como disseram seria uma pessoa muito conhecida na cidade e que “ele se diz do gênero masculino”, mas que nas baladas se comportaria como uma menina. De fato deve ser uma pessoa muito conhecida, pois mesmo eles usando um nome alternativo para se referir a esta pessoa, todos imediatamente identificaram de quem se tratava e ainda disseram que ele é “uma figura conhecidíssima em Campos”. Acredito que as imagens poderiam lembrar quaisquer outros homens, mas grande relevo foi dado pelo grupo ao artista, como também falaram dessa outra pessoa, como que relacionando às imagens.

No mesmo grupo, houve também uma fala de um dos meninos, o Thomas, branco, de 18 anos, sobre um episódio de violência vivida por seu tio, cuja orientação sexual homoerótica era conhecida pelo grupo e que mais recentemente foi revelado que ele fazia programas como travesti. Embora esse fato contado no grupo tenha sido citado aqui pela identificação que este e também outros grupos fizeram com relação à “homossexualidade”, ele será tratado mais detidamente na seção sobre violência. Trazê-lo aqui foi apenas porque o assunto tomou grande parte do tempo do grupo e mesmo depois de extrapolado seu tempo, quando o estudante em questão veio conversar comigo a respeito do fato.



**Figura 7 – Pátio interno do Liceu de Humanidades**  
**Fonte: Fotografia de Cleber Teixeira de Oliveira**

---

<sup>38</sup> Trato o artista aqui pelos termos masculinos não por acreditar, como posso deixar entender, que ajo com certo preconceito que tenderia a impor uma masculinidade para as pessoas trans, fixando as características biológicas, mas porque ele foi tratado pelos meninos sempre no masculino e também pelo fato de que apresentar-se como drag queen não imponha necessariamente uma obrigação de se conceber no feminino, visto que o momento seria de uma atuação artística, e portanto, mais fluida, e não de uma identidade de gênero feminina mais proeminente como no caso das trans travestis ou transexuais. Parte dos artistas drag queens possuem, em suas vidas cotidianas, uma identidade de gênero masculina. E até o momento, essa parece ser a identificação do artista.

Nos outros grupos focais, por conta da experiência vivida no primeiro, também refiz a questão do roteiro perguntando não apenas quem eles tirariam das imagens, mas quem que as pessoas “lá de fora da escola” tirariam, e em todos os grupos eles disseram que as pessoas tirariam os gays. Em parte significativa dos grupos, eles disseram pouco sobre quem tirariam, alguns chegando a dizer que não tirariam ninguém, mas se eu deixasse a conversa fluir, se permanecesse em silêncio, eles se sentiam mais instados a falar, mas não faziam, de primeira, uma indicação que tirariam os homossexuais. Um grupo foi mais aproximado nesse sentido. Depois de responder pouco sobre quem tirariam, aparecendo uma indicação o adolescente Lucas, negro, de 15 anos, que disse que tiraria os ricos, o colega Leirbag, branco, de 15 anos acrescentou, mesmo sendo perguntados quem as pessoas lá de fora tirariam:

**Lucas - Integrante do grupo focal**<sup>39</sup>: o pessoal da nossa sala tirava os caras gays...  
**Leirbag – integrante do grupo focal** – acrescentando: mas tem gente que tem nojo... do gay. Tipo: “não chega perto de mim”, “não toca em mim”. Outras pessoas têm preconceito enorme se deixar pórra<sup>40</sup>... (Sic).

O primeiro integrante foi direto ao dizer que não apenas as pessoas “lá de fora”, mas que os da própria turma tirariam os gays. Dito isso, o Leirbag aproveitou para buscar descrever como as pessoas tratariam os homossexuais. Ele não disse em nenhum momento que agiria dessa forma com os homossexuais, nem disse que seus colegas presentes agiriam assim, mas demonstrou conhecer muito bem como seria o tratamento dado aos homossexuais no dia a dia.

Não apenas nos grupos focais, mas também nos demais momentos do campo, o tema da “homossexualidade” foi bastante realçado nas falas das pessoas acessadas em campo e houve algumas entrevistas que a pessoa estava tão ansiosa por falar da “homossexualidade”, que sempre conduziam os relatos para esta questão. Em duas situações de campo, mas que ainda não eram em entrevistas, isso aconteceu bem claramente. Uma delas foi na escola Thiers Cardoso. Quando eu estava na sala dos professores conversando com a professora de sociologia e que ela disse que colaboraria comigo para indicar colegas que aceitassem dar a entrevista, havia um professor na sala conosco e ela se dirigiu a ele e perguntou se ele toparia dar a entrevista. Ao ser informado que era sobre masculinidade, num tom de brincadeira, ele perguntou para nós: “mas tenho que falar tudo?”. Após nos divertirmos com sua brincadeira, na qual deu a entender que falaria da própria suposta “homossexualidade”, seguimos para um momento mais sério e, findada a brincadeira, conversamos assuntos mais relacionados à profissão de professor/a e trocamos contatos para a entrevista. Curioso, nesse fato, foi que esse

---

<sup>39</sup> Grupo focal com meninos do 1.º ano do Ensino Médio, realizado na escola Dr. Thiers Cardoso em 20/10/17.

<sup>40</sup> Gíria utilizada para dizer que bateria, que agrediria com porradas.

professor em entrevista foi um dos mais atentos às discussões de gênero e também às questões de classe social, racismo, etc. Na sua entrevista, por exemplo, ele chegou a manifestar descontentamento quando relatou uma situação de escárnio vivenciada por uma aluna trans por quem ele tinha grande admiração. Segundo contou, certa vez ele estava num *shopping center* com a esposa e o filho e a aluna, que as pessoas percebiam se tratar de uma travesti, passou por ele e ele a chamou, abraçou-a, apresentou à sua família e disse que observou atônito que as pessoas em volta riam da aluna quando ela seguia pelo centro comercial.

Fato semelhante ocorreu no Liceu de Humanidades. Na sala dos professores, a professora de sociologia me apresentou como pesquisador a um grupo de professores homens que estavam em horário de intervalo para vermos quem poderia colaborar com as entrevistas. Ao falar que era sobre o tema da masculinidade, eles riram um pouco e brincaram fazendo trejeitos que sugeririam imitar gestos efeminados. Continuamos conversando e trocando contatos para as entrevistas e a conversa passou a ser séria. Quando fui para a entrevista com um daqueles professores, ele foi muito cordial e disse que me ajudaria a indicar contatos dos colegas que também pudessem dar a entrevista. Ao indicar um dos colegas ele disse que um deles seria ideal para contribuir, porque ele seria gay. Talvez ele entendesse que quanto mais diversificados fossem os homens que eu tivesse acesso, melhor seria. Mas dadas as experiências anteriores, sou levado a crer que ele entendesse que esse assunto tivesse relação com “homossexualidade”.

Desde que se passou a entender que a sexualidade estava muito mais posta em discussão do que se acreditava (FOUCAULT, 2009), discutir sobre sexo e sexualidade masculina significou um problema. Em seus estudos sobre o assunto, Foucault (1979, 2009) fala que a sexualidade sempre esteve atrelada à discussão da mulher, e, é como se ela fosse a portadora de uma sexualidade, controlável porque histérica, tendo ela “uma patologia que lhe seria intrínseca” (2009, p. 115). Já os homens teriam suas questões sexuais muito bem resolvidas para serem discutidas. “A sexualidade masculina parecia sem problemas no contexto das circunstâncias sociais ‘separadas e desiguais’ até bem pouco tempo prevaletentes” (GIDDENS, 1993, p. 125). Quando se passa a problematizar sobre a sexualidade dos homens, entender a masculinidade como gênero e que pode e precisa ser discutida, os episódios relatados acima me levam a crer que o pensamento dos homens quer direcionar essa discussão para os anti-homens (COSTA, 2004), especialmente os ditos homossexuais, pois eles teriam uma sexualidade digna de ser discutida e não os homens, cuja sexualidade não apresentaria problema.

Pude observar essa pouca preocupação para se discutir sobre os homens, o que talvez leve muitos a pensar que essa discussão deve ser direcionada para um tipo de homens, na fala de uma professora e de um professor de filosofia. Falando com relação a atenção que a escola daria a uma discussão relacionada à realidade dos meninos, àquilo que foi concebido como próprio dos meninos, a professora falou:

**Professora Marília**<sup>41</sup>: Eu acho que não se dá muita atenção a isso não. Até porque, aparentemente, não causa nenhum problema. E a escola está sempre agindo nas emergências...

Para o professor, esse assunto foi uma surpresa. Ao conversarmos sobre se haveria demandas próprias dos meninos, questões que eles poderiam trazer, situações que socialmente faz com que os meninos se comportem de determinadas maneiras e a forma como a escola ficaria atenta a esta questão, ele disse

**Professor Vitorino**<sup>42</sup>: acho que a gente nunca parou para perceber.

Significativo foi também que após a entrevista, esse professor se demonstrou satisfeito com uma pesquisa dessa natureza, pois como relatou, as questões o levaram a pensar o que de fato faz com que deixemos a situação dos homens de fora e nos tornemos pouco perceptíveis a questões que merecem uma abordagem melhor como esta. Em contato com a professora de sociologia da mesma escola desse professor, por ocasião das buscas para desenvolver a pesquisa na escola sobre o tema, esta professora manifestou que ficara muito feliz com esse tema de pesquisa, porque reconhece a grande carência que o assunto possui. Segundo ela, toda vez que se vai estudar ou pesquisar alguma coisa relacionada ao gênero, o foco sempre é dado à mulher e, nas raras vezes que isso inclui uma discussão de masculinidade, elas estão sempre relacionadas à questão gay ou a questão trans. E ela sempre viu a necessidade de se discutir essas questões mais amplas dos homens, pois, como professora, observa que eles precisam de uma abordagem científica mais constante do que se tem dado, mesmo considerando que os demais temas de gênero e sexualidade não estejam também suficientemente discutidos.

Vejo que ainda que não fosse a intenção inicial, mirei na masculinidade e acabei por acertar em cheio a “homossexualidade”. Querendo ou não, a sombra da “homossexualidade” e tudo que ela se relaciona acabaram por tomar um contorno muito espesso. Portanto, antes de continuar sobre os relatos de professores e alunos da escola que indicaram que a

---

<sup>41</sup> Professora de filosofia do Liceu de Humanidades de 43 anos, solteira, afrodescendente e espírita/umbandista. Entrevista concedida em 19/10/17.

<sup>42</sup> Professor de filosofia do Liceu de Humanidades, 39 anos, branco, católico e casado. Entrevista concedida em 09/10/17.

“homossexualidade” representaria algum incômodo, gostaria de traçar uma discussão sobre o conceito em si e assim explicitar minha concepção sobre o tema, o que já explica por que a palavra apareceu até aqui entre aspas e houve algum contorcionismo para se falar com maior cuidado sobre “homossexual” e “homossexualidade”.

Nesse sentido, parto do princípio, em consonância com Costa (1992), de que não existiria uma personalidade ou um sujeito que seriam o que se convencionou a se denominar “homossexual” ou o que seria a qualidade, designada de “homossexualidade”. Segundo este autor (COSTA, 1992), haveria boas razões intelectuais para levar a crer o quanto é artificial e o quanto pode ser considerada como datada essa tentativa pertencente ao discurso médico do século XIX de segmentar os homens em identidades por suas “orientações sexuais”.

O “homossexual”, como tento mostrar, foi uma personagem imaginária com a função de ser a antinorma do ideal de masculinidade requerido pela família burguesa oitocentista. Sempre que a palavra é usada evoca-se, querendo ou não, o contexto da crença preconceituosa que até hoje faz parecer natural dividir os homens em “homossexuais” e “heterossexuais”. [...]

Na verdade, quando admitimos a dicotomia entre o “homossexual” e o “heterossexual”, que nos parece absolutamente intuitiva e evidente por si mesma, ela já é um elemento que põem em relevo e sublinha as características sexuais dos sujeitos. [...] Nunca nos perguntarmos – até porque é assim que formamos nossas crenças – o que nos levou a crer que existe “algo de muito importante”, “de muito fundamental” para nossa vida moral no fato de emprendermos a dividir os humanos em “homossexuais” e “heterossexuais”. (COSTA, 1992, p. 24-25).

No excerto o autor acabou por mencionar o tema que discuto aqui nesta dissertação, dizendo que a criação do termo “homossexual” atende a uma função de preservar o ideal de masculinidade. Em sua análise, esse ideal teria ganhado força reativa por começar a ser questionado no século XIX e que a criação de sujeitos prescritos para além desse ideal precisou ser construído e o sujeito “homossexual” seria o exemplo disso. Em outra obra, em que trata do processo de higienização que contou com um grande aliado, a ordem médica, ele afirma que não apenas os ditos homossexuais seriam esses opositores, mas também os celibatários, os onanistas, os pervertidos, os adúlteros, entre outros, passariam igualmente pelo crivo da aceitação de um modelo excludente (COSTA, 2004). Como referencial teórico importante, ele contou com os estudos desenvolvidos por Michel Foucault. Para este,

Quando se dá nome a toda essa vegetação de sexualidades sem-propósito, como se fosse para alistá-la, trata-se de excluí-la do real? Parece, de fato, que a função do poder aí exercido não é a da interdição, [...] [mas a de] cercar tudo o que pudesse introduzi-lo; em todo canto onde houvesse o risco de se manifestarem, [onde] foram instalados dispositivos de vigilância. (FOUCAULT, 2009, p. 48-49).

Toda essa vegetação de sexualidades periféricas de que ele fala estaria apontando para aquele modelo que se buscou criar. Destinava-se, portanto, à criação de um modelo que



pretendia-se ter como padrão, que possuía “um modelo centrífugo em relação à monogamia heterossexual. Evidentemente, o campo das práticas e dos prazeres continua a apontá-la como regra interna” (FOUCAULT, 2009, p. 45).

Voltando então ao que Costa (1992) propõe, a chamada homossexualidade não passaria de um recurso linguístico que procura enquadrar as pessoas onde elas não caberiam. A bissexualidade já seria uma das possibilidades de começar a questionar aquela dicotomia impositiva hetero/homo, mas mesmo ela não seria capaz de abrigar pessoas que estariam numa possibilidade muito maior de vivências eróticas em que essas terminologias não dariam conta de fornecer. Para ele, vemos nessa busca de rotulações, uma tentativa desesperada de controlar as pessoas por meio delas e pensar em caminhos que desvendem essas investidas nos levariam a crer que não se sustenta a ideia de que existem personalidades, identidades ou sujeitos demarcados por essas experiências sexuais. O que é possível pensar é que existem pessoas com as mais diversas possibilidades eróticas e tentar reduzi-las é recair no mesmo preconceito médico-jurídico que a formou com claras pretensões de regulá-las.

Avançando nas análises e chega a um ponto que considero muito revolucionário nesse sentido. Digo isso, porque questionar essa posição e propor uma análise para além da dicotomia homo/heterossexual, ou do tripé homo/bi/heterossexual, é um exercício transformador, porque não apenas as pessoas comuns do dia a dia estariam imbuídos dessas percepções na qual organizariam seus pensamentos sobre o tema, mas até mesmo o discurso intelectual, ou aquilo que foi chamado de “senso-comum intelectual” (MISSE, 2007, p. 22), teria muito pouco a ver nesse sentido. Como todo o senso-comum, o intelectual também possui suas valiosas, mas pouco numerosas, exceções numa análise que permite entender que os recursos linguísticos buscam aprisionar fortemente as pessoas e no tema do gênero e da sexualidade isso é ainda muito mais difícil de ser transposto.

E ele vai mais adiante na análise. Como indica, até mesmo utilizar termos como “opção” ou “escolha” sexual seria vincular-se àquela concepção. Um caminho que entende como mais adequado seria o de considerar um termo mais genérico de inclinação homoerótica. Dizendo que a intenção não é criar uma nova terminologia e assim recair na mesma ciranda controladora, o autor explica,

Quando emprego a palavra *homoerotismo* refiro-me meramente à possibilidade que têm certos sujeitos de sentir diversos tipos de atração erótica ou de se relacionar fisicamente de diversas maneiras com outros do mesmo sexo biológico. Em outras palavras, o homem homoeroticamente inclinado não é, como facilmente acreditamos, alguém que possui um traço ou um conjunto de traços psíquicos que determinariam a inevitável e necessária expressão da sexualidade em quem quer que os possuísse (COSTA, 1992, p. 22).

Se podemos dizer que a homossexualidade não passa de uma construção histórica que visa atender a alguns interesses específicos, o mesmo podemos dizer da heterossexualidade. Para Katz (1996), quando o termo homossexualidade surgiu, houve a necessidade de dar nome ou ressignificar também àquilo que ficaria de fora, foi dessa forma que ambas foram criadas.

O heterossexual e o homossexual não surgiram do nada em 1892. Aquelas duas categorias eróticas do sexo diferenciado estavam em formação desde 1860. Na Alemanha, na Inglaterra, na França, na Itália e na América do final do século XIX, nossa ideia moderna e historicamente específica do heterossexual começou a ser construída; a experiência de uma devida luxúria de sexo diferente de classe média começou a ser publicamente nomeada e documentada (KATZ, 1996, p. 62).

Pode-se dizer então que a homossexualidade e a heterossexualidade são irmãs, mas não só porque vieram do mesmo ventre, então não há uma mais velha e outra caçula, mas elas seriam irmãs gêmeas, pois nasceram juntas e que teriam uma invenção bastante recente e basta um passeio pela história para se compreender como toda a história de ambas se deu.

Feitas essas explicações, podemos seguir, portanto, para outras interpretações proporcionadas pelos relatos das pessoas entrevistadas no trabalho de campo. Já explicada minha opção teórica pela análise feita por Costa (1992) e que tem base na discussão foucaultiana, utilizo neste trabalho os termos “homossexual”, “homossexualidade” e “heterossexualidade” mais como meio de me referir ao que socialmente se compreende por estes termos, sem a necessidade de voltar às explicações que nos parágrafos acima busquei desvelar. A análise feita pelo autor também é elucidativa em muitas das interpretações reveladas em campo pelos/as entrevistados/as, visto que esse questionamento de que a homossexualidade, bem como a heterossexualidade são construções históricas e que não dá para atribuir inescrupulosamente esses termos aos indivíduos, se trata de um ponto de vista muito pouco comum não só no senso comum, como também na interpretação de autores que estudam o tema.

Chamei este tópico de incômodo da homossexualidade tanto pela confusão linguística que venho descrevendo nos parágrafos acima, quanto pelo fato de ela muitas vezes se fazer presente sem necessariamente ser convidada. É de se compreender também como ela vem facilmente ao discurso, uma por ser uma realidade que a cada momento tem ganhado mais visibilidade e por sua relação com a urbanização. Como trazem Albuquerque & Ceballos (2004, p. 137), “autores como José Lins do Rego, José Américo de Almeida e Graciliano Ramos associam o surgimento de práticas homossexuais à urbanização”. Quanto à visibilidade, no relato dos meninos do grupo focal, o assunto hoje estaria tão disseminado estando muito mais presente e com um trato de muito melhor aceitação até mesmo por um dos mais conhecidos

canais abertos de televisão do Brasil, segundo fala de um deles do 3.º ano do Liceu, negro e de 16 anos,

**Hugo/Leomar<sup>43</sup> - Integrante do grupo focal<sup>44</sup>:** a Globo mesmo tá colocando isso de uma maneira mais normal.

Isso não quer dizer que por isso as falas sobre a homossexualidade sejam sempre positivas. Mesmo procurando transparecer um discurso de grande aceitação, vemos no relato deste mesmo grupo algumas indicações de como eles enxergam a homossexualidade.

Como eles aparentaram ter dificuldade de admitir suas reais opiniões sobre o tema, ao perguntar-lhes sobre as imagens exibidas, como cheguei a mencionar acima, e quem eles tirariam das imagens e por que tirariam, o mesmo participante disse:

**Hugo/Leomar – Integrante do grupo focal:** professor, muita gente pensou em tirar... não que seja preconceito, não que eu tenha preconceito, mas tirariam o pessoal que estava com maquiagem, não que eu tenha preconceito, eu tenho até amigos homossexuais...

Essa fala refere-se a uma das imagens em que havia um homem de barba, indicando posar para uma fotografia publicitária, que conjugaria traços masculinos e femininos, usando barba e tendo uma maquiagem mais feminina. Essa imagem causou discussão em alguns grupos, pois teve um dos meninos que falou “aquele cara com o bagulho na cara”, outro teve dificuldade de dizer a palavra mais adequada para referir-se à maquiagem, demorando muito para encontrar uma palavra certa, seja por realmente desconhecer os nomes certos do tipo de maquiagem, seja por algum desconforto em deixar transparecer que poderia ser interpretado como preconceituoso se usasse uma palavra ofensiva.

Uma das características comportamentais caras aos homens ficou evidente numa das falas de um menino sobre essa imagem, já que ele era barbudo. A presença da barba foi tema de muitas discussões em todos grupos por aparecer em muitos dos homens das imagens. Na fala de alguns deles, ela seria um distintivo da moda importante porque, segundo um deles disse, as “mulheres gostam”. Pelo fato de terem aparecido homens de barba idosos, homens de barba branca muito comprida, homens barbudos com barbas de diversas cores e tamanhos, levando a uma discussão sobre a barba como atributo distintivo masculino e levando a entender que não seria qualquer barba que estaria na moda, mas um estilo de barba muito próprio, a discussão sobre a barba foi muito realçada. Com relação ao estilo da barba, eles disseram no grupo da escola Dr. Thiers Cardoso que existe até um estilo de corte de cabelo que está na moda, chamado

---

<sup>43</sup> O adolescente atribuiu-se dois codinomes distintos.

<sup>44</sup> Grupo focal com meninos do 3.º ano do Ensino Médio, realizado no Liceu de Humanidades em 06/10/17.

de “disfarçado”, também poderia ser encontrado esse estilo entre os estilos de corte de barba. Voltando ao rapaz que apareceu maquiado, ele também era barbudo e como estávamos conversando no grupo da escola Dr. Thiers Cardoso sobre a barba, um dos meninos fez um comentário que causou risadas e foi indicativo nesse sentido. Ao falarem que a barba era algo que as mulheres gostavam, perguntei se só o fato de ser barbudo era garantia de sucesso entre as meninas, já que aquele que eles disseram ser homossexual por conta da maquiagem, também era barbudo e o Davi de 15 anos, negro e evangélico disse que certamente aquele rapaz faria sucesso sim, pois, segundo disse,

**Davi - Integrante do grupo focal**<sup>45</sup>: ele tem cara de ser boa pinta.

Como os colegas do grupo riram da fala dele, chegando a colocar em questão a fala como um objeto para se colocar em dúvida a masculinidade de alguém, ele cuidou de se explicar:

**Davi - Integrante do grupo focal**: não cara, sério... só porque a gente é homem a gente não pode achar o cara bonito?

Imediatamente, e num tom admoestador, outro colega do grupo exigiu um conserto da fala reforçando duas vezes a palavra certa para um homem:

**Leirbag - Integrante do grupo focal**: boa pinta... boa pinta...

Muito difundida na literatura, uma das características marcantes da masculinidade seria o de opor-se fortemente ao feminino (BOURDIEU, 2007a; BOZON, 2004b; CLAYTON, 2004, CONNELL & MESSERSCHMIDT, 2013; DAMATTA, 2010; GIDDENS, 1993; GOFFMAN, 1979; LEMOS, 2007; NASCIMENTO, 2010; OLIVEIRA, 2004; PERLONGHER, 2008; RODRIGUES, 1975; SALEM, 2004; SILVA, 2006; SOUZA, 2003; WELZER-LANG, 2001b; 2004;). E muito difundido na concepção geral é de que a homossexualidade masculina, motivo de certa desonra, significaria uma forma de adesão a um comportamento feminino, ou que os homossexuais masculinos teriam desejo de tornar-se mulheres, aderindo totalmente a um estilo de vida feminino. A bibliografia não se manteve desatenta a isso. Welzer-Lang (2001b, p. 465) traduz assim essa assimilação: “os homens que não mostram sinais redundantes de virilidade são associados às mulheres e/ou a seus equivalentes simbólicos: os homossexuais”. Para Bourdieu,

a pior humilhação, para um homem, consiste em ser transformado em mulher. E poderíamos lembrar aqui os testemunhos de homens a quem torturas foram deliberadamente infringidas no sentido de *feminilizá-los*, sobretudo pela humilhação sexual, com deboches a respeito de sua virilidade, acusações e homossexualidade ou, simplesmente, a necessidade de se conduzir com eles como se fossem mulheres [...] (2007a, p. 32. Grifo do autor).

---

<sup>45</sup> Grupo focal com meninos do 1.º ano do Ensino Médio, realizado na escola Dr. Thiers Cardoso em 20/10/17.

Ainda assim, com essa possibilidade de humilhação vivenciada pelas pessoas que se relacionam com outras do mesmo sexo biológico e do mesmo gênero, não se pode dizer que não tenha havido alguns ganhos de reconhecimento por parte dos gays e seus correlatos. Pegando o exemplo da França, Bozon (2004a), afirma que

durante os anos 1980, houve uma profunda transformação das atitudes com relação aos homossexuais. Enquanto, no início da década, apenas um terço dos franceses estimava que os homossexuais eram pessoas como as demais, no final da década, dois terços da população pensava assim” (LHOMOND & MICHELS, 2000, apud BOZON, 2004a, p. 134).

O autor prossegue descrevendo que muitos foram os fatos que indicam uma melhor aceitação que os homossexuais teriam conquistados, com especial destaque para uma remodelação legal que visava punir as discriminações. No entanto, para além do caso francês, ele alerta que “o fim das discriminações legais não corresponde, nem de longe, ao fim das discriminações reais, especialmente no processo de seleção para o emprego e no local de trabalho” (2004b, p. 86). Mas os avanços de fato precisam ser reconhecidos. Tanto é que nos grupos focais, quando houve a fala de se eles se sentiriam de alguma forma representados pelas imagens, o estudante Arnaldo, pardo de 18 anos, disse:

**Arnaldo - Integrante do grupo focal**<sup>46</sup>: a mim sim... pelas pessoas LGBT.

O fato de haver possibilidade de discriminação ou qualquer rechaço por ser uma pessoa gay, no relato do menino, não houve a menor dificuldade de ele assumir essa realidade pessoal.

Sabe-se também que essa desvirilização dos homens pelo fato de se relacionarem com pessoas do mesmo sexo não são vivenciadas igualmente por todos os ditos homossexuais. A maior aproximação deles do gênero feminino se dá entre aqueles que têm uma relação sexual e um estilo de vida tidos como homossexuais passivos. Para a literatura, os sexualmente penetradores, os ativos, estariam num entendimento de suas reais funções masculinas e os passivos seriam sobre quem recairia um maior peso de negatividade. Nas entrevistas feitas por Salem (2004) com os homens das camadas populares, a autora relata que “é ainda a gramática da atividade/passividade que leva alguns entrevistados a empreender uma distinção entre os homossexuais, *salientando uma maior condescendência* com relação aos ativos” (2004, p. 41. Grifos da autora). Para um de seus entrevistados, ela fala que ele se referiu a um casal homossexual como a “coisa mais horrível do mundo”, mas que depois ele ponderou: “o meu amigo (o ativo) eu não condeno porque ele *está fazendo o papel dele, de homem*” (2004, p. 41.

---

<sup>46</sup> Grupo focal com meninos do 3.º ano do Ensino Médio, realizado na Escola Dr. Thiers Cardoso, em 11/10/17.

Grifos da autora). Como analisa a autora, são grandes as interdições e aversões entre os homens que entrevistou ao homem no papel de passivo (SALEM, 2004).

Essa mesma observação da forma como é concebida a passividade sexual é constatada por Misse (2007). Com um percurso semelhante ao que ocorreu comigo nesta pesquisa, o autor procurou desenvolver um estudo sobre o estigma do passivo sexual no discurso cotidiano, no qual ele supunha “existir uma correlação muito significativa entre esse estigma e a estigmatização (?) mais geral da mulher” (2007, p. 46). Mas acabou por encontrar uma disseminada estigmatização discursiva contra qualquer um que assuma um papel passivo nas relações sexuais. Ele verificou que “no mundo dos afetos entre pessoas do sexo masculino, parece que a velha obsessão com ‘atividade’ e ‘passividade’ continua forte como sempre” (2007, p. 12). Essa verificação o levou a dar uma maior atenção ademais ao estigma vivenciado por homens passivos, já que seu intuito era o de captar mais essa discussão voltada para a questão da passividade da mulher. Analisando a situação desse estigma vivenciado por homossexuais, ele assim classificou a ordem da forma como ele acontece: “o homossexual masculino ‘passivo’ e o homossexual feminino ‘passivo’ corresponderão ao ‘estigmatizado’, e o homossexual masculino ‘ativo’ e feminino ‘ativo’ equivalerão ao ‘normal’” (2007, p. 45).

Pouca atenção foi dada pelos entrevistados à realidade descrita, mas ela não foi de tudo silenciosa. Nas entrevistas individuais, ela sequer apareceu, mas nos grupos focais, em um momento apenas foi possível identificar essa distinção. Falando das classificações que eles consideram sobre os homossexuais, os entrevistados do 3.º ano do Liceu disseram:

**Victor - Integrante do grupo focal**<sup>47</sup>: Se bem que travesti e homossexual são tudo a mesma coisa.

**Hugo/Leomar - Integrante do grupo focal** – corrigindo: não, o travesti ele é mais completo. Ele é mais parecido com uma mulher mesmo.

**Poseidon - Integrante do mesmo grupo focal** – complementando: é o passivo.

Eles ficaram evidentemente perplexos quando eu coloquei na discussão sobre como consideram então os homossexuais que seriam ativos e as falas foram contraditórias e tenderam a interpretar que aqueles ditos passivos seriam os que seriam os mais reconhecidos como homossexuais, ou no dizer de Welzer-Lang, o “verdadeiro veado”, já que “os ativos e penetrantes não vivem como homossexuais” (2001, p. 468). A discussão veio à tona porque eles estavam falando, como ficou bem explicado por eles, que os homens homossexuais invariavelmente pretendiam ser mulheres. Perguntados sobre se acham que isso é verdade, um falou e foi endossado pelos outros: “eu acho que sim”. Depois, um deles acrescentou:

---

<sup>47</sup> Grupo focal com meninos do 3.º ano do Ensino Médio, realizado no Liceu de Humanidades em 06/10/17.

**João/Marcos/Heitor - Integrante do grupo focal**<sup>48</sup>: Mas já pensou se todos os homens quiserem virar mulher? Só ia ter mulher no mundo... Têm até à vontade aí de fazer com que o governo faça a mudança de sexo. Eu acho isso errado.

**Thomas – integrante do grupo focal** – trazendo mais uma vez o exemplo do seu tio trans – por exemplo, o meu tio. Ele veio com corpo nele masculino mais na cabeça dele ele se sente feminino. Até o namorado dele ajuda, dá dinheiro para ele botar seio, tomar hormônio feminino.

Essa identificação com a relação de ser gay e querer ser mulher, ou simplesmente trajar roupas e adereços que nossa cultura e nossa época consideram como pertencentes à mulher foi percebida também em outra fala. Enquanto falávamos sobre o tema, um dos meninos do 1.º ano do CE Dr. Thiers Cardoso, o Ivan, de 16 anos, negro e evangélico, disse:

**Ivan - Integrante do grupo focal**<sup>49</sup>: quando chega o carnaval todo mundo é gay.

Trazendo isso, ele pareceu entender que somente o fato de um homem se vestir como mulher é motivo suficiente para considerá-lo gay. Não foi registrado nem em suas falas posteriores, nem na de seus colegas, que ser gay poderia se entender como possuir uma identidade sexual de homossexual, e nem mesmo que isso representaria uma possibilidade de se relacionar afetiva e sexualmente com pessoas do mesmo gênero ou do mesmo sexo biológico.

Por um lado, eles estariam levando adiante uma concepção de que no carnaval existe certa teatralização e o que talvez se possa perceber que alguns dos homens que estariam trajando aquelas roupas em alguns casos podem estar parodiando uma troca de gêneros e que pode-se também perceber que alguns deles não estariam apenas representando uma mulher, mas às vezes assumiriam um juguete no qual estariam fantasiados de travestis. Essas possibilidades numerosas são verificadas no carnaval brasileiro, como vemos na análise de um estudioso do assunto:

No carnaval, quando “brincamos”, estamos nos relacionando e simulando posições sociais e sentimentais. Ou seja: estamos dramatizando relações, possibilidades, desejos, posições sociais. Daí o carnaval o carnaval ser um período em que todos vivem como se estivessem em um grande palco (DAMATTA, 1997, p. 144).

Em outro lugar da obra, o autor vai trazer uma análise que poderia permitir compreender que o carnaval possui uma flexibilização das dicotomias de gênero; e que isso não pararia por aí, pois haveria também uma possibilidade maior de que homens homossexuais pudessem ter um momento de relativa liberdade. Em sua fala, “todas essas personagens são colocadas em cena por homens (homossexuais ou não) vestidos como mulheres. Assim travestidos, eles despertam inveja e condescendência” (1997, p. 116). Buscar essa análise possibilita compreender que, visto por esse ângulo, o da maior flexibilidade – numa relativa e

<sup>48</sup> Grupo focal com meninos do 3.º ano do Ensino Médio, realizado no Liceu de Humanidades em 06/10/17.

<sup>49</sup> Grupo focal com meninos do 1.º ano do Ensino Médio, realizado na escola Dr. Thiers Cardoso em 20/10/17.

temporária aceitação – da existência de homossexuais e uma convivência com menos chances de homofobia, a fala do menino trazida acima, poderia ser uma figuração de linguagem em que aceitar o gay nesse período seria o mesmo de dizer que todo mundo viveria um pouquinho a homossexualidade, ainda que de forma dramatizada. Não sou levado, no entanto, a crer, pelas falas deles, de que esse fosse o sentido de sua fala, mas mais uma relação com o considerar que ser gay é ser, ou querer ser, uma mulher.

Apreendo desses relatos trazidos acima uma grande possibilidade, comum a muitas pessoas, que é confundir entre orientação sexual e identidade de gênero. A primeira seria o direcionamento da libido de uma pessoa que pode ocorrer para pessoas do mesmo sexo biológico, os chamados homossexuais, para pessoas de ambos os sexos, os chamados bissexuais, ou para pessoas do sexo oposto, os chamados heterossexuais<sup>50</sup>. No dizer de Cardoso (1996, p. 52), a “‘orientação sexual’ se refere às preferências sexuais de uma pessoa – o que a excita sexualmente – independente das práticas sexuais habituais ou da identidade sexual”. Orientação sexual não tem nada que ver com a forma como a pessoa se considera, homem ou mulher para um a determinada cultura, ela pode ou não coincidir com uma identidade de gênero ou outra, mas não seria a definidora dessa identidade. A segunda, como o próprio nome sugere, seriam as pessoas cuja identidade de gênero estaria em conformidade, as pessoas trans masculinas e femininas, em semi-conformidade, as pessoas não binárias, ou em uma desconformidade com o que socialmente se projeta para o seu sexo biológico, as pessoas binárias. Podem parecer muito complexas essas classificações, mas elas procurariam dar conta de explicar o que faria uma pessoa ser considerada homo/bi/heterossexual, por um lado, e o que definiria as pessoas como cisgêneras, adequadas pelo sexo e gênero, e as pessoas transgêneras, as pessoas travestis e transexuais. Mesmo sabendo que essas classificações são todas temporárias e fluidas e que, a todo tempo, novas formas de classificar e de interpretar as pessoas a partir de suas preferências sexuais ou por sua identidade de gênero, elas são evocadas aqui apenas para indicar que não se tratam da mesma coisa.

Toda essa superabundância de terminologias, quase nunca consensuais entre estudiosos diversos e entre estes e militantes das questões LGBT, representariam uma confusão que teria base em uma questão muito anterior a isso tudo, que é a nossa predisposição dualista

---

<sup>50</sup> A problematização desses termos já foi feita acima e encontra um detalhado estudo na obra de Foucault (2009), na obra de Costa (1992) sobre o homoerotismo masculino e na obra de Katz (1996) sobre a invenção da heterossexualidade. Mesmo já tendo dito que esses termos são resultado de uma formação discursiva, não sendo uma realidade inquestionável do ponto de vista desses intelectuais, concepção da qual eu partilho, trago as terminologias aqui apenas para diferenciá-la da identidade de gênero.



que nos faz buscar classificar as pessoas segundo uma concepção binária, muito visível quando falamos de gênero. Para Giddens (1993, p. 2017), “o dualismo tende a ser imposto: se a pessoa não é ‘realmente’ um homem, então deve ser uma mulher”. Outra autora também está atenta a isso e para ela a dicotomia não é apenas difundida, ela é também oficial: “isso mostra a pobreza das escolhas abertas aos seres humanos no campo da expressão genérica, onde reina uma rígida dicotomia oficial” (CLAYTON, 2004, p. 172). Fica, então, muito difícil para uma economia cognitiva, conceber interpretações para além da lógica dualista e até mesmo entender se é necessário e indispensável proceder em classificações determinantes sobre as pessoas. É da prática científica buscar entender o funcionamento dos fenômenos e buscar estabelecer as leis desses funcionamentos e as taxinomias costumam ser uma importante ferramenta interpretativa, todavia não penso que entender que sólidas definições podem ser muito escorregadias em algumas áreas e não seria nada negativo ou menos científico ter esse entendimento.

No trabalho de campo, percebi que havia muita afeição sobre um conhecimento que me pareceu muito parco no tocante às questões LGBT, claro que não só a elas, mas elas foram as mais numerosas. Tanto na experiência dos grupos focais, passando pelas entrevistas individuais, até nos diversos momentos de visitas às escolas ou a outros espaços em que professores/as marcavam para realizarmos as entrevistas, percebi que muitas das falas das pessoas tinham um tom de dúvidas sobre a questão. Algumas pessoas eram levadas a responder questões e tinham um tom de dúvida se não estariam falando besteiras sobre o assunto, quando não me perguntavam minha opinião sobre as questões que eu mesmo levava a campo. Também não foram poucas vezes que, particularmente nas escolas, fui convidado para estar em outro momento com eles para discutir e/ou palestrar sobre questões relacionadas à gênero, sexualidade, masculinidade e diversidade sexual.

Uma das questões que me pareceu elucidativa nesse sentido foi quando provoquei em um dos grupos focais que eles falassem mais sobre um fato que um dos meninos falou e o tema era sobre se os homossexuais que seriam pais estimulariam seus filhos a serem homossexuais também. O grupo foi do Liceu<sup>51</sup>, onde o Thomas contou a situação do seu tio trans e disse que havia se esquecido de falar que seu tio tem um filho e que esse filho está namorando um outro rapaz. Então eu perguntei se eles achavam que ele estaria namorando outro rapaz por influência do pai (disse pai e não mãe para ficar mais compreensível de que é o pai biológico e também porque não houve muita clareza sobre se o tio seria uma travesti no cotidiano ou se só se

---

<sup>51</sup> Grupo focal com meninos do 3.º ano do Ensino Médio, realizado no Liceu de Humanidades, em 06/10/17.

produzia para o trabalho na prostituição). Então eles disseram todos que acreditam que houve a influência sim. E um deles falou:

**Hugo/Leomar - Integrante do grupo focal:** Acho que ele seguiu os passos do pai. Como é que fala? Foi hereditário...

A fala acima remete diretamente a uma descrição que Uziel (2004) faz sobre as crenças que povoam o imaginário sobre a homossexualidade. Para a autora, ao lado das fantasias de que os homossexuais praticariam a pedofilia, sendo esta muitas vezes confundida com a própria homossexualidade, está muito viva também “a ideia de que pais homossexuais incentivariam os filhos ao mesmo caminho, ou os obrigariam a viver em ambientes imorais” (2004, p. 102). Apresentar-se contra essa ideias é algo bastante penoso, pois para os meninos, essa relação seria incontestável e eles trouxeram argumentos, ao ver deles, coerentes com essa crença. Ao trazerem uma “confirmação disso”, vendo o menino filho de pai homossexual, apresentando-se como homossexual também. Para eles isso não representou mera coincidência. E perto dessa fala, esteve também aquela fala de que eles querem ser mulher e que seria algo impensável se todo o homem quisesse ser mulher, como já relatado acima, que faria com que no mundo só passasse a existir mulheres, e que eles acham errado passarem a cobrar do governo que ele se responsabilize pelas cirurgias. Em situações dessas, evocam personalidades com discursos radicais, como o presidenciável Jair Bolsonaro, que provocaria a fúria dos gays por se manter contrário a isso. Junto a isso, estaria certo temor de que se todos fossem mulheres, o que seria da humanidade? Nas entrevistas que Uziel (2004) realizou, ela também identificou isso. Em suas palavras, o “medo manifestado nas entrevistas foi o extermínio da espécie” (2004, p. 110), que uma difusão da homossexualidade poderia ocasionar.

Nas entrevistas dos professores, a situação dos ditos homossexuais também não parecia a mais confortável. Em uma maioria esmagadora das entrevistas, houve o relato de que um recurso muito utilizado pelos meninos para humilhar os colegas era apelidá-los de homossexuais ou procederem em “brincadeiras” de mau gosto entre os meninos. Seja para tentar humilhar os colegas, seja para dar um caldo à brincadeira, esse recurso de referir-se à uma suposta homossexualidade do outro foi um fato narrado por quase todos/as os/as professores/as. Em uma das entrevistas, a professora relata como esses apelidos tornaram-se volumosos e teve de intervir para evitar que se tornasse uma situação incontrolável. Em seu relato, trouxe:

**Professora Marlene**<sup>52</sup>: é um bullying né? Chamando o menino de “veadinho”... não sei o que de “veadinho”... Então eu logo no começo desse ano quando eu comecei a observar que isso ia chegar num estado pior, eu sentei e nós conversamos muito sobre isso. Então, na minha aula, eles têm parado um pouco. Não pararam de vez...

Não apenas falando dos meninos, mas também trazendo exemplos de colegas da vida pessoal, os/as professores trouxeram muitas questões que relatavam como eram tratados os homossexuais ou os supostos homossexuais que eles/elas conheciam, reconhecendo serem estas situações algo bastante cruel para as pessoas que eram identificadas como de uma orientação sexual não pertencente a uma maioria, ainda que não vivenciadas na integralidade ou ainda que buscassem viver uma vida de acordo com os ditames impostos por uma lógica heteronormativa. Na fala de um dos professores isso apareceu em detalhes, contando sobre um amigo que tudo indicava ser homossexual, e que para adequar-se a um padrão esperado pela família, que é muito católica, e que teve de se casar com uma moça, cuja homossexualidade também seria presumível devido a seu comportamento mais masculinizado, assim descreve:

**Professor Heitor**<sup>53</sup>: Tenho um [exemplo] que é muito gritante nisso: ele casou com uma mulher que você nitidamente percebe e até as pessoas comentam porque ela é uma pessoa que tem toda uma característica de uma mulher homossexual e ele também é bastante efeminado e você percebe de uma certa forma, não é uma questão de preconceito é uma questão de padrão de comportamento [...], que ele tem essa característica, então quer dizer, os dois, você percebe que os dois. E o que me entristece é que, embora seja problema seu, [...], [eles têm de] viver uma vida às vezes amaldiçoada para o resto da vida, e muitas vezes não vai ser feliz. [...] Você percebe nitidamente que não há toque. E você percebe, mas eles são católicos muito fervorosos e as famílias também são, as famílias se conhecem, você percebe ali um casamento de fachada e de obrigação. E eles vestiram a camisa desse casamento, não foi uma coisa... Eles sabiam que tinham e vestiram a camisa, e mergulharam nisso aí e fundo. E isso é muito triste. Eu acho que esse que é o problema.

No exemplo do casal de amigos, eles, provavelmente para não viverem as amarguras de ter de assumir a homossexualidade, optam por um casamento heterossexual, nesse caso com grande estímulo das famílias católicas, para se enquadrarem num padrão de vida de uma maioria. Os relatos do dia a dia trazem que casos como esses são muito conhecidos e, viver uma vida de acordo com um padrão da maioria, termina por ser algo talvez muito doloroso para quem vive essa forma de relacionamento.

Trazendo exemplos da escola, os/as professores/as descreveram alguns fatos que chamou-lhes a atenção nesse sentido. No relato trazido por uma professora, ela conta que havia um menino problemático para quem havia dado aula há um tempo atrás e que, mesmo que isso

---

<sup>52</sup> Professora de matemática do CE Dr. Thiers Cardoso, parda, de 58 anos, casada e mãe. Entrevista concedida em 09/10/17.

<sup>53</sup> Professor de geografia do Liceu de Humanidades, de 37 anos, branco/miscigenado, católico não praticante, pai e identificado como homem e heterossexual. Entrevista concedida em 06/10/17.

não tivesse obrigatoriamente relação com a homossexualidade, ele teria sérios problemas na escola, seria o que se chama de um menino-problema, e que além da pobreza extrema que ela constatou como um fato entristecedor e de outros problemas familiares com álcool, família numerosa e problemas de locomoção da mãe cadeirante, havia também o fato de ele ter traços femininos. Segundo a professora, esses traços femininos no menino, seriam um problema em casa, na escola e talvez sua agressividade fosse explicada por uma reação geral contra colegas e mesmo contra os problemas familiares que muito provavelmente enfrentava por conta disso.

**Professora Cecília**<sup>54</sup>: eu tinha um aluno que ele era muito agressivo e eu via que alguma coisa tinha aquilo ali. Ele sempre procurava chamar atenção, mas ele era tão terrível que ele, se tivesse brincando com um colega, ele chutava, ele pegava o que tinha na mão do colega jogava no rosto, ele cuspi na merenda dos amigos, ele fazia o tempo todo algo para chamar atenção. [...] E o que me chamou atenção é que ele era um menino que não sorria. [...] E vou te falar até mais: ele é um menino com traços femininos. Que acho que também incomodava. Porque ele já sentia, ele já percebia isso tanto é que ele provocava mais as meninas. Ele as atacava como se fosse algo que ele não tivesse concordando. Ele já estava com uns 10 ou 11 anos. Então essa história me marcou muito. E aí ele melhorou. Não 100%, mas melhorou.

Essa menção a meninos com traços femininos, sugerindo uma pretensa homossexualidade, e que teria uma afinidade com outros problemas comportamentais foi também relatado por outros/as professores/as. Junto com isso, havia não poucos relatos de que viver uma homossexualidade assumida, com uma mais tranquila convivência com aquilo que eles teriam, seria um fator que colaboraria com uma melhor convivência para eles próprios e para a convivência com os outros. Na fala do já mencionado professor Heitor, ele trouxe que um de seus alunos que é assumido na escola tem até certo prestígio na escola e exerce um tipo de liderança entre colegas. Mas lembra que isso só vai até certo ponto.

**Professor Heitor**: eu tenho uma turma no liceu de segundo ano, uma turma muito grande e um dos alunos ele é gay. Ele geralmente senta na frente é aquele participativo [...] as pessoas respeitam ele na sala. Mas depois, entre eles, você vê eles brincando uns com os outros: “sai pra lá, seu gay”. E isso é estranho, muito estranho esse negócio. Isso é uma brincadeira tão comum que você vê eles fazendo isso perto de uma pessoa que é gay e essa pessoa não se constrange, ainda acha graça. Isso é muito interessante. De tão naturalizado que tá esse tipo de brincadeira [...] mais como um hábito do que um preconceito. (*Sic*)

Vê-se que a situação de falar da homossexualidade do outro com um ar de chacota, mesmo para um professor que tanta lucidez demonstrou quanto a uma necessidade de se erradicar a homofobia, passou a ser vista como tão habitual entre eles que tenderia a ganhar um véu de naturalização da forma como isso ocorreria, que seria mais um costume, uma coisa da qual não

---

<sup>54</sup> Professora de educação física vinculada ao CE Visconde do Rio Branco de 37 anos, mãe, professora há 20 anos, espírita kardecista, identificada como mulher e autodeclarada étnica-racialmente como de todas as cores. Entrevista concedida em 06/10/17.

se pode muito escapar, do que uma busca de ofender o outro. Relevante, nesse sentido, foi o reconhecimento de dois dos estudantes do 3.º ano do Liceu de Humanidades, do segundo grupo focal, pensando um pouco melhor sobre como essas brincadeiras seriam desagradáveis para algumas pessoas. Os estudantes foram o Felipe e o Marcos, ambos brancos/pardos de 17 anos. Segundo disseram,

**Felipe - Integrante de grupo focal**<sup>55</sup>: ninguém gosta de passar vergonha em público, é notório. Se passam dois caras de mãos dadas, as pessoas vão rir, sacanear.

**Marcos - Colega integrante do mesmo grupo focal** – complementando: uma coisa que impede as pessoas homossexuais de se assumirem são as próprias brincadeiras nossas de dizer: “ah, seu veado”, que acaba ofendendo na brincadeira.

A relação entre professores e alunos, nesse sentido, também apareceu em algumas das situações. Durante uma entrevista realizada com uma professora dentro de uma sala de aula por ocasião da ausência de aula naqueles dias, esta professora se demonstrou muito preocupada com a situação da homofobia e disse ser esse um problema grave, a seu ver, e que precisa ser rediscutido a todo o momento. Fora que o fato de esta professora conduzir grande parte da entrevista no tema, que me pareceu que para ela a entrevista seria sobre isso, trouxe também algumas questões importantes para isso que venho discutindo nos parágrafos acima. Relatou conhecer uma pessoa, um amigo pessoal, que trabalhou para seu pai e que viveu uma época como travesti, mas que agora viveria como homem e ainda se relacionaria com pessoas do mesmo sexo. Disse que ele era uma pessoa maravilhosa, que vivia intensamente sua sexualidade e que era comum que ela lhe elogiava dizendo ser ele uma mulher muito bonita e muito vaidosa. Demonstrou que compreende que as pessoas que se assumem viveriam muito melhor, seriam muito mais felizes e bem resolvidas, do que aqueles que vivem uma vida dupla ou uma vida de negação de seus desejos. Na entrevista, narrou a situação vivida na escola por muitos alunos homossexuais e trans, disse também sobre a fala dos meninos em relação aos professores supostamente gays:

**Professora Valquíria**<sup>56</sup>: eu escuto muitas coisas, sabe? Do tipo: “ah, esse professor é gay”, “esse professor é isso...” [...]. Eu estou achando hoje, o que eu percebo em sala de aula, é que eles estão muito mais reacionários talvez do que na minha época. E isso me assusta demais.

Na hora de sair, ao terminarmos a entrevista e após ficarmos conversando na sala vazia, eu vi escrito na lousa, em letras garrafais, o nome de um dos professores da escola que os alunos suspeitariam da homossexualidade, com os dizeres “FULANO<sup>57</sup> VIADO”. Ao vermos o escrito

<sup>55</sup> Grupo focal com meninos do 3.º ano do Ensino Médio, realizado no Liceu de Humanidades em 20/10/17.

<sup>56</sup> Professora de história do CE Dr. Thiers Cardoso, 51 anos, casada, mãe, professora há 26 anos, declarando-se miscigenada, mulher e não relatou a religião, disse apenas ter fé. Entrevista concedida em 09/10/17.

<sup>57</sup> Nome ocultado do professor.

no quadro, ela me disse: “você viu o que eu estou falando? E é uma pessoa maravilhosa. Esses alunos são muito intolerantes”. Esse professor, para a opinião da colega, talvez seria um daqueles que sofreria um pouco mais por não assumir sua identidade sexual. De fato, esse professor foi um dos que colaborou com a entrevista individual, e na entrevista, ao ser perguntado, como foi perguntado a todas as pessoas entrevistadas, qual seria sua identidade de gênero, ele foi taxativo em responder que era masculino e heterossexual.

Um fato muito marcante durante aqueles dias naquela escola, foi uma provocação feita por um professor de filosofia ao ir de saia para dar aula. O fato foi muitíssimo comentado e um vídeo feito na sala dos professores, em que o professor aparecia de saia e explicava por que teria feito a provocação a todos/as não só aos alunos, mas também aos professores, para uma atenção às discussões de gênero e por considerar que há grande intolerância nessas questões. O fato foi tão perturbador, que durante o grupo focal realizado com meninos do 1.º ano na escola, ele foi mencionado.

**Leirbag – integrante do grupo focal**<sup>58</sup>: Teve um professor aqui de saia, ele é ateu. Ele não gosta de mim por eu ser evangélico. [...] Ele veio de saia, e o filho dele tinha explicado que ele veio para provocar os alunos, porque as pessoas têm que ser reconhecidas pelo pensamento e não pela forma que se veste.

**Davi - Integrante do grupo focal**: eu dei risada, tava engraçado.

**Bob - Integrante do grupo focal**: tipo assim, o corpo dele ele faz o que ele quiser, mas o cara botou uma saia que a minha avó usa, mano.

**Leirbag**: É... Ele é bem velho, magrinho. Haha...

A despeito de dizerem que respeitavam muito a atitude do professor e mesmo terem se divertido muito com a situação, alguns relatos merecem destaque. O professor foi imediatamente identificado por seu ateísmo, o que em si já é uma provocação que não passaria despercebida pelos estudantes. Outro fato foi os meninos buscarem justificativas para explicar o porquê de terem achado a atitude estranha, como se quisessem desviar do assunto principal do gênero e dos papéis que dele são esperados. Um momento foi pela idade do professor, que possui 65 anos; outro foi pelo fato do tipo de saia que ele estaria usando “uma saia que a minha avó usa”, comprida, de uma cor única; e pelo fato de ele ser magrinho. Ou seja, por mais que não quisessem parecer que se espantaram com a atitude, a busca de justificativas foi um demonstrativo de que a atitude de fato provocou o espanto de muitos deles.

O referido professor também esteve entre os entrevistados e o fato de ir de saia foi longamente explicado por ele como uma atitude provocativa.

---

<sup>58</sup> Grupo focal com meninos do 1.º ano do Ensino Médio, realizado na escola Dr. Thiers Cardoso em 20/10/17.

**Professor Donato**<sup>59</sup>: Primeiro que eu sou ateu. Então é inaceitável. E segundo, quando vai se falar em projeto que todos os professores estão envolvidos, que não discriminam, aí eu falei: nós precisamos entender que nós discriminamos. Que aí sim nós vamos falar contra a discriminação, sabendo do que nós estamos falando. [...] “Porque eu não discrimino ninguém...” Você entendeu? Ou só porque a pessoa é branca e casada com pretinho, não é racista? Não tem nada a ver, nada a ver. [...] Então eu sei que vocês são. Vocês fazem parte de uma cultura religiosa e pentecostal como a maioria que são... que discriminam. E pronto aí passaram a me discriminar mesmo, de fato. Expressando essa discriminação a mim. Mas que é porque é discriminação? Não, eu é que sou metido, eu é que sou arrogante, é por isso. [...] E eu falei: gente, é fácil demais, é só reconhecer isso. [...] Vai mudar em você para tentar mudar o outro. Aí eles foram contra. E aí eu mostrei para eles, eu pensei: eu vou de saia. E a raivinha deles aumentou em relação a mim. E vou fazer mais algumas vezes. E aproveitei andei no centro da cidade.

Trazidas essas questões aqui, somos levados a entender o quanto a homossexualidade provoca, sem muito esforço, um incômodo e uma discussão muito acirrada nos debates sociais, inclusive no meio acadêmico. Vimos nas entrevistas e nos demais momentos do trabalho de campo que sobre ela pairam muitas questões desconstruídas, muitas fantasias a seu respeito e que ainda há um enorme desconhecimento sobre o tema. Naquilo que aqui nos interessa, que é a relação intragênero vivida pelos homens, que compreendo que algumas vezes ela ocorre de maneira tensa quando se impõe um modelo exclusivo de masculinidade, posso até afirmar que muitas vezes ela se dê de maneira violenta, como mostrarei discutirei abaixo. Nesse debate, portanto, a homofobia, ou seja: a aversão social a toda e qualquer relação afetiva e sexual entre pessoas do mesmo sexo biológico e/ou do mesmo gênero, quase sempre destinada não apenas às relações em si, mas também às pessoas que viveriam suas identidades sexuais e de gênero, seria um recurso muito utilizado nesse sentido. Seria ingênuo acreditar que a homofobia seria um comportamento somente dos homens e de todos eles; há mulheres que muito provavelmente pratiquem e/ou estimulem a homofobia, entretanto, como o que proponho discutir aqui é sobre a relação ocorrida entre os homens, fixo a discussão nesta homofobia quando praticada por homens. Como traz Welzer-Lang,

A homofobia é a forma de controle social que se exerce entre os homens desde os primeiros passos da educação masculina. [...] Homofobia e viriarcado constroem entre as mulheres e entre os homens as relações hierarquizadas de gênero. A homofobia é o produto, no grupo dos homens, do paradigma naturalista da superioridade masculina que deve se exprimir na virilidade (2004, p. 118).

Esta observação de Welzer-Lang é muito significativa para a discussão que trago aqui. Entendo que ela é só uma dentre muitas outras possibilidades, menos ou mais violentas, de controle da masculinidade. Aquilo que relatei nos parágrafos acima é muito indicativo de como

---

<sup>59</sup> Professor de filosofia, 65 anos, casado, pai e avô, professor há 10 anos, autodeclarado heterossexual, branco e participante de movimentos sociais. Entrevista concedida em 21/10/17.

a homossexualidade pode ser tornar um objeto de grande celeuma no debate da masculinidade. E a homofobia, conforme esta fala de Welzer-Lang, seria um desses recursos muito eficazes nesse controle de um modelo exclusivista.

Diante disso, já possuímos alguns importantes instrumentos para seguir nas discussões sobre como se dão as relações vivenciadas entre os homens. Sigo abaixo, portanto, em outras questões que foram trazidas pelo trabalho de campo e que indicam como essa masculinidade é construída, mantida e defendida. Passo, então, às outras questões.

### **3.3. Discursos e narrativas que levam a pensar a respeito da violência vivenciada entre os homens**

Desde que pensei em projetar a ideia de pesquisar sobre masculinidade, esse assunto da relação entre os homens e as injunções pouco confortáveis para a imposição de um modelo exclusivo de masculinidade me chamava a atenção. Sempre achei que as abordagens sobre a masculinidade eram pouco numerosas se comparadas aos estudos da mulher na questão do gênero. Essa abordagem sobre a questão da relação vivenciada entre os homens e dos mecanismos que seriam usados para a construção de um modelo de masculinidade eram, como pude constatar, ainda menos numerosas. Dessa forma, busquei empreender sobre esse tema que sempre me pareceu merecer uma abordagem com algum rigor científico.

Quando comecei a pensar em estudar o tema, queria verificar se existia algum emprego do que poderia ser chamado de violência na forma como eles se relacionavam. Mas logo no início, nas conversas que passei a travar sobre o tema principalmente com estudiosos/as sobre violência, vi que entraria numa seara um tanto complexa. Vi que discutir ou conceituar violência era algo muito espinhoso; que se trata de um tema nada simples de definir.

Ao começar a amadurecer a ideia, fui convencido de que dizer que a relação estabelecida entre os homens para a construção da masculinidade e da manutenção de um *status quo* masculino seria uma hipótese que deveria ser testada através de uma pesquisa. Dessa forma, fui para campo com essa pergunta implícita e que provavelmente encontraria caminhos reflexivos sobre a relação entre a construção da masculinidade e a violência. Para prosseguir na ampliação do conhecimento, busquei algumas leituras sobre violência para entender melhor sobre o tema. Um dos autores que trouxe algumas pistas nesse sentido foi Pierre Bourdieu. Entre os diversos estudos desse autor, poder e violência estariam entre alguns dos bastante



conhecidos. Para ele, tanto o poder quanto, seu exercício, que algumas vezes é exercido por meio da violência, precisa considerado também onde ele deixa menos se perceber, de uma forma muito mais difusa, no que ele chamou de poder simbólico (BOURDIEU, 2009). O mesmo aconteceria com a violência. Da mesma forma que o dito sobre o poder, ela também pode ser encontrada em lugares alternativos aos que tradicionalmente se tem concebido como tal. Dessa forma, para distinguir essa ampliação do conceito, ele opõe conceitualmente o conceito em violência física e violência simbólica. Muito eficaz no exercício do poder “invisível”, aquele que não se deixa perceber por não ser exercido apenas através dos instrumentos visíveis de poder, aqueles reconhecidos como os modelos energéticos, a violência também pode operar pelos mesmos meios. Atuando por meio do que chamou de sistemas simbólicos, esse modelo de violência doce pode também ocorrer por manifestações menos perceptíveis onde agem por meio de um

trabalho de dissimulação e de transfiguração (numa palavra, de *eufemização*) que garante uma verdadeira transubstanciação das relações de força fazendo ignorar-reconhecer a violência que elas encerram objetivamente e transformando-as assim em poder simbólica, capaz de produzir efeitos reais sem dispêndio aparente de energia (BOURDIEU, 2009, p. 15. Grifo do autor).

Pensar a violência assim, me abriu uma possibilidade de caminhos que somente conceber a violência exercida por meio de instrumentos enérgicos, da força e da agressão físicas, das armas em geral, do cerceamento forçado de liberdades de ir e vir, dos estupros, das torturas, entre outras, enfim, da violência física, não me proporcionaria. Pensar que a violência pode ser exercida também por meios discursivos, por constrangimentos diversos, por criação de sentimentos de vergonha e culpa, por canalizações de preconceitos e discriminações, por somatizações impostas de patologias, entre outras, aquela que pode ser chamada de violência imperceptível, a violência simbólica, me proporcionou pensar que alguns meios que não eram tradicionalmente chamados de violentos, podem assim ser pensados e que uma imposição de um modelo de masculinidade, no sentido aqui estudado, pode operar por ambos os meios. Certamente que críticas poderão ser feitas a esse modelo de violência expressado por Bourdieu, e já vimos no primeiro capítulo que alguns pontos perspicazes dos estudos bourdiesianos não foram isentos de críticas (CORRÊA, 1999; FONSECA, 1999; SAYÃO, 2003; WELZER-LANG, 2001b). Pode-se dizer que olhada, por esse lado, a violência estaria tão difundida, que seria difícil entender o que não seria uma ação violenta. Que se ela estiver então em todos os lugares, é quase o mesmo que dizer que ela não estará em lugar nenhum. No entanto, penso que, o autor procura direcionar é que todas essas possibilidades forçadas e bastante eficazes de fazer com que os outros façam coisas alheias às suas vontades por forças externas teriam todas

algo em comum. O nome mais adequado que ele encontrou, visto que já trabalhava com a noção de sistemas simbólicos, foi o de denominá-las de violência simbólica. Talvez isso aluda ao que trouxe no início dessa seção de que entrar na discussão sobre violência, signifique entrar num ambiente bastante espinhoso. Reconhecendo aqui que existe uma relação que pode ser verificada pela sociologia existente entre todos esses fenômenos, e não encontrando até o presente momento, uma terminologia melhor do que esta optarei por considerar adequado o uso do termo violência simbólica, malgradas as críticas que tanto o termo como a opção por usá-lo aqui podem acarretar.

Durante a realização do trabalho de campo, como seguirei tratando, pude verificar que, em alguns casos, há o emprego da violência física para a construção de um modelo exclusivo de masculinidade. Não deixarei, entretanto, de considerar que existem situações em que o uso da violência simbólica também ocorra. Atento às possibilidades polêmicas que o termo violência simbólica poderia atrair, o autor do termo cuidou de explicar que considerar a existência desta forma de violência, não signifique uma tendência a minorar os efeitos da violência física. Como trouxe,

Ao tomar o “simbólico” em um de seus sentidos mais correntes, supõe-se, por vezes, que enfatizar a violência simbólica é minimizar o papel da violência física [...]. Ao se entender o “simbólico” como oposto ao real, de efetivo, a suposição é de que a violência simbólica seria uma violência meramente “espiritual” e, indiscutivelmente, sem efeitos reais. É esta distinção simplista, característica de um materialismo primário, que a teoria materialista da economia dos bens simbólicos, em cuja elaboração eu venho há muitos anos trabalhando, visa a destruir, fazendo ver na teoria, a objetividade da experiência subjetiva das relações de dominação (BOURDIEU, 2007a, p. 46).

Feita essa discussão até aqui, busco outros autores que discutem sobre violência e que me permitem aproximar da análise que trago aqui com a masculinidade, para depois seguir nas narrativas do trabalho de campo em que pude identificar como a violência poderia ser empregada entre os homens para defesa da masculinidade e assim confirmar a hipótese da relação entre elas.

Tratando da violência num contexto mais geral, alguns autores vão considerar que há uma relação muito próxima entre as desigualdades sociais potencializadas pelo capitalismo de mercado e as diversas formas de violência. Que ele seria responsável pelo recrudescimento de um tipo de violência muito próprio e de dimensões nunca antes vistos na história. Um dos autores que fazem essa relação e ainda acrescentam que o redemoinho urbano engendrado por esse capitalismo e a violência possuem uma relação direta muito provável é Otávio Ianni.

Fazendo um estudo de todas essas relações e mostrando o quanto estaríamos entrando num formato de violência muito próprio, a urbana, ele diz que

É possível afirmar que a cidade revela-se o lugar por excelência da violência, já que aí parece ocorrer a maior parte das tensões e fragmentações, desigualdades e alienações, fermentando agressões e destruições, atingindo pessoas, usinas e ideias, sentimentos, atividades e ilusões. Em muito pouco tempo, ou de repente, algo, alguém, alguma ideia ou símbolo, pode ser atingido, mutilado, deformando, arruinado (IANNI, 2003, p. 25).

Outro autor procura ir um pouco mais longe e relaciona a violência também com as transformações estruturais ocasionadas pelas desigualdades próprias do capitalismo e acrescenta que “recentes transformações ou aquelas mudanças que rompem com as estruturas sociais” (ANJOS, 2003, p. 63) afetam os comportamentos e o modo de pensar, intensificando ações da violência. Explicando melhor, ele diz que a contemporaneidade permite remodelações e traz novos sujeitos com suas recepções muitas vezes tencionadas. Por isso,

Um outro fator importante é o ressurgimento da “individualização” e de “novos sujeitos”, com mais especificidade nas suas reivindicações sociais. São crianças, adolescentes, homossexuais, mulheres, idosos, “sem-terra”, “sem-teto”, que rompem com velhas polaridades: campo/cidade, tradicional/moderno, masculino/feminino, e que dissolvem a rigidez dos papéis sociais e de formas autoritárias de opressão (2003, p. 65).

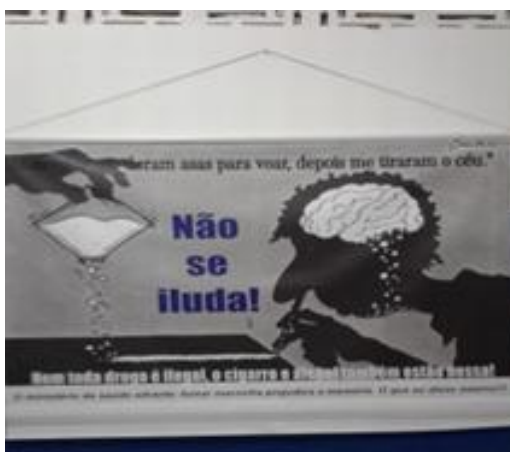
Rompidos esses papéis e tencionadas suas relações, outras formas violentas aparecem como uma forma de buscar demarcar aquilo que se entendia como solidificado. Para o que discuto aqui, quando se pensam formas múltiplas de masculinidade, pode haver uma reação contra essas formas “desviantes” daquele padrão e isso muitas vezes é recebida com situações violentas. Representam “uma confrontação individualizada, egoísta e antidemocrática” (2003, p. 68). Para sua observação, essas confrontações que se veem acontecer, nada têm que ver com os grupos e classes visando insurgirem-se contradições sociais, políticas, raciais ou étnicas.

Outro estudo, debatendo gênero, aproxima essa discussão da violência e do processo desenfreado de urbanização e indica como os homens ficariam propensos a cometerem violências entre si. Segundo o estudo, “os homens, em geral, transitam mais no espaço público do que as mulheres, não só durante o dia como durante a noite, [assim] a violência entre eles acontece com mais frequência nas ruas, nos bares, nas boates” (ALMEIDA & SAFFIOTTI, 2003, p. 89). Talvez nesses lugares a violência entre os homens seja mais perceptível, mas, para além do espaço público também é possível identificar esta violência, como espaços domésticos, privados ou semiprivados.

A apresentação desses estudos dos parágrafos anteriores, em si, não se reduz àquilo que trago aqui sobre a violência intragênero. Eles discutem a violência de uma forma mais

ampla. Todavia, como pudemos ver, alguns deles foram indicativos naquilo que é possível utilizar para entender como se dá esse tipo de violência. As desigualdades, a urbanização, a utilização do espaço público, os conflitos interpessoais com naturezas diversas, ajudam a entender o fenômeno da violência para muitas outras questões. Da mesma forma, não é possível entender que as relações masculinas intragênero com finalidades de reivindicação de um padrão próprio de masculinidade estejam alheias a elas. Pelo contrário, elas poderão ter essa estreita relação e ainda estar baseadas em outras como questões religiosas, crises de um modelo do masculino, avanços das tecnologias, ampliações e acessos a formulações científicas e muitas outras, tudo que outras pesquisas poderão testar separadamente, quanto em conjunto.

Quando realizei o trabalho de campo e quando tive a oportunidade de conversar individualmente com professores/as, uma das questões levadas a eles/elas era que falassem sobre os conflitos existentes na escola relativos aos estudantes. Para minha surpresa, um assunto que predominou foi sobre o abuso de drogas. Quase todos os professores, com raríssimas exceções, ao ser questionado sobre conflitos na escola, fez menção ao fato de que os alunos estariam muito envolvidos com abuso e tráfico de drogas. Esse assunto não possui uma relação direta com o tema proposto para esta pesquisa, mas como foi tão falado, verifiquei que era um tema que preocupava muito os professores e se é que posso dizer que em algum ponto esse assunto interessa à discussão proposta, foi que, invariavelmente, os/as professores/as colocavam este como um problema dos meninos. O tema me caiu no colo insistentemente e verifiquei que ao ser lembrados, os meninos em específico, o assunto pareceu ser o que mais lhes incomoda.



**Figura 8 - Banner no corredor do CE Dr. Thiers Cardoso sobre prevenção ao abuso de drogas.  
Fonte: Fotografia de Cleber Teixeira de Oliveira**

Numa conversa com uma professora, ela disse que a relação com a droga é um assunto que assusta muito. Se é que de alguma forma posso considerar com alguma estreiteza com essa

relação interpessoal, era que portar, transportar, comercializar ou consumir substâncias psicoativas ilícitas, sejam elas de forma nítida ou presumida, era algo que permitia que alguns meninos exercessem sua capacidade de liderança. Vejamos como falou de um fato concreto:

**Professora Cecília:** Nas aulas a gente começou a identificar algumas situações, grupinhos, de meninos que a gente sabia que eram envolvidos, que eram usuários [de drogas], digamos assim, [...] teve uma aula, a gente falando sobre o uso da maconha, de várias drogas e aí um deles falou que usava. Isso na sala de aula, pra todo mundo ouvir. Ele achou normal. E se sentiu à vontade de falar. [...] E tinha um até ali que já era até envolvido com tráfico de drogas. [...] E ele estava envolvendo todos os outros do grupinho. Ele tinha um espírito de liderança tão grande, liderança negativa, mas ele tinha.

Outros professores também relataram o envolvimento com as drogas com níveis diferentes de perceber, se comparados às meninas:

**Professor Sérgio**<sup>60</sup>: Poderia se chamar atenção, hoje, o envolvimento com drogas. Você vê grupos de meninos e não observa isso em grupos de meninas. Até porque eles não têm pudor ou vergonha de relatar, a iniciação é muito cedo com droga.

**Professor Gustavo:** A gente poderia, por exemplo, numa perspectiva de escola, em que você tenha presença do tráfico de drogas de uma maneira mais acentuada, você tem grupos de facções e você vê a presença masculina muito grande nessa atuação a presença feminina é muito reduzida.

Um deles foi mais taxativo com relação à percepção do envolvimento por parte dos meninos:

**Professor Arnaldo:** Alguns alunos até comentam. Engraçado que de dia está pior do que à noite. De dia o comentário sobre o tráfico tá maior que da noite. [...] E esse é um problema mais com os meninos.

Ao ser perguntado se ele veria essa característica mais nos meninos, com a insistência, ele prefere concluir:

**Professor Arnaldo:** Isso é só dos meninos.

Quando trataram do tema da evasão escolar, os/as professores apontaram como uma das causas da evasão feminina a gravidez precoce indesejada. Falando da evasão dos meninos, alguns/as não deixaram de relacionar esta evasão com o abuso de drogas, como vemos na fala:

**Professora Bernadete**<sup>61</sup>: Eles evadem muito mais do que as meninas, principalmente a evasão é por drogas...

Uma vez que esse assunto – droga, masculinidade e evasão – foi relacionado, vejo que uma discussão também pertinente seria aquele de colocar o abuso de drogas entre aquilo que já foi discutido acima sobre a crise do masculino. Essa relação pode ser identificada como essa suposta crise do masculino e o discurso vitimário do qual já tratei acima. Para o autor que debate

---

<sup>60</sup> Professor de matemática da escola Dr. Thiers Cardoso, 41 anos, professor há 12, casado, sem filhos, evangélico e autodeclarado do gênero masculino e pardo. Entrevista concedida em 09/10/17.

<sup>61</sup> Professora de música, atualmente na função de coordenadora de turno do Liceu de Humanidades, 55 anos, professora há 23, divorciada e mãe e católica com queda para o espiritismo. Entrevista concedida em 09/10/17.

sobre o discurso vitimário, que também é possível pensar a masculinidade em conjunto com outros problemas e outras questões de violência,

uma grande parte dos homens é vítima e não beneficiária dos arranjos e prescrições sociais de gênero [...]. [E entre os homens] ocorre uma maior incidência de homicídios, doenças, uso de álcool, drogas, acidentes automobilísticos, além de uma menor expectativa de vida em relação às mulheres etc.” (OLIVEIRA, 2004, p. 262).

Saindo então da temática da droga, que apareceu, mas veio de uma forma mais espontânea do que estimulada, e que colabora para pensar questões próprias relacionadas aos homens, passo então para outras questões narradas que indicam alguma relação da masculinidade e o tema da violência intragênero.

Antes de prosseguir, uma observação merece ser feita: nem sempre o que se chama de violência ocorrida entre os estudantes é algo facilmente observável. No alerta de uma estudiosa do assunto,

ainda que professores e alunos convivam, quanto à violência, é como se houvesse dois mundos: o da interação entre os alunos e adultos e aquele apenas entre os alunos. Para os professores, o que mais incomoda são as discussões e o desrespeito para consigo. Entre os alunos, há ameaças e agressões, e um sentimento de não terem com quem contar para sua proteção (LATERMAN, 2004, p. 200).

Ancorado na observação trazida por essa autora, ficam um pouco mais compreensíveis falas, como as que trouxe acima, de professores/as que sendo levados/as a pensar a respeito de uma convivência conflituosa e/ou violenta entre os rapazes, o Professor Vitorino ter dito achar que nunca pararam para perceber essa situação e, na fala da Professora Marília, ela dizer que isso talvez seja pouco percebido porque a princípio não representaria um problema e que a escola estaria sempre cuidando de atender o que consideram um problema. Mesmo assim, como trago em algumas explanações de professores abaixo, algumas situações são ou passíveis de serem descritas, ou diretamente lembradas como conflitos próprios dos meninos quando o assunto é masculinidade imperativa.

Na entrevista realizada com um professor, ele trouxe questões muito indicativas de como observa esse contexto de conflitos, exercidos muitas vezes de forma violenta, entre os meninos em nome de uma masculinidade exclusiva. Professor há 16 anos e tendo trabalhado em várias escolas públicas e particulares de Campos, ele disse conhecer muitas histórias envolvendo meninos que eu entendo como alusivas a isso. Falando das relações que observa há anos entre os meninos, ele disse como tem chamado sua atenção a relação estabelecida entre os meninos. Como expôs,

**Professor Jaime**<sup>62</sup>: os meninos eles meio que estabelecem alguns padrões que se o colega não se enquadrar ali de cara ele já está rejeitado ele já não tem condição de estar ali. Eles entendem que o garoto não tem condições de estar ali participando com eles daquele momento.

Sem entrar em detalhes sobre o que teria motivado o conflito, mas dando a entender que o menino teria tido algum comportamento que teria desagradado aos demais meninos da escola com relação à questão da masculinidade, ele lembrou o seguinte fato ocorrido na escola e que, como disse, marcou muito sua vida de professor:

**Professor Jaime**: teve um caso de um menino, ele foi rejeitado no grupo dele, da sala dele e ele foi acolhido por um outro grupo. Era a mesma série, mas de turmas diferentes [...]. E não ficavam satisfeitos enquanto não viam o garoto chegar ao ponto de agressividade. Ele ficava muito agressivo, agredia a todo mundo, inclusive a quem chegava perto, até os professores que chegavam perto para tentar contê-lo, e segurá-lo ali, ele agrediu. Interessante também que os próprios pais dessa garotada, tinham dificuldade também de entender o garoto. Era uma coisa assim... meio absurda, quando eles encontravam apoio dos próprios pais, não era um só ou dois, chegaram a fazer reuniões de pais para poder pedir a saída do garoto da escola.

Com uma visão muito perspicaz sobre o tema da masculinidade e relatando já ser um observador das relações entre os meninos há algum tempo por ser professor de educação física e conviver com os meninos em um momento diferenciado da sala de aula, ele disse que percebe a forma como essa convivência se dá.

**Professor Jaime**: No geral me chama atenção como que eles têm uma rejeição com aqueles alunos que não se enquadram naqueles padrões que estão estabelecidos. [...] Então isso é uma coisa que a gente percebe demais dentro da escola e em qualquer segmento da escola, em qualquer faixa etária... a gente percebe, a gente tem a oportunidade de perceber esse tipo de discriminação de diferenciação no tratamento.

Outro fato que chamou a atenção nesse sentido foi um que envolveu os meninos da escola e a situação foi recebida em casa com reação enérgica até da parte do pai do menino. Este foi relatado por uma professora que disse já ter presenciado situações semelhantes em outros momentos de sua vida profissional. Contando que os meninos estavam numa das inúmeras brincadeiras de cunho sexual, em que colocavam em dúvida a masculinidade de um dos meninos, ela relata que o menino veio conversar com ela e lhe contou como a situação aconteceu.

**Professora Marlene**: Um aluno uma vez falou: “poxa, professora, eles já filmaram umas brincadeiras aqui e mandaram para o meu pai e eu apanhei muito por conta disso”. Ai eu também trabalhei em cima disso, porque eles também não têm que estar usando a imagem do outro. [...] Mas ele se permite brincar [...], brincarem com ele, porque ele também entra na onda da brincadeira. Mas eu falo com ele: fazem também porque você dá confiança. [...] Ficaram com essa brincadeira boba e mandaram [o

---

<sup>62</sup> Professor de educação física vinculado ao CE Visconde do Rio Branco, 52 anos, professor há 16, casado, pai, negro, católico e com ampla participação em movimentos sociais e partido político. Entrevista concedida em 04/10/17.

vídeo] para o pai do menino, aí quando ele chegou em casa o pai bateu muito nele muito.

Na fala da professora, ela trouxe um discurso que é muito comum, e até compreensível quando se quer que uma pessoa se livre de uma investida desagradável, que é procurar evitar os motivos que provoquem quaisquer ações indesejadas dos outros. Ela não questiona, no entanto, o que motivaria isso, o que estaria por trás dessa investida dos colegas, o que levou os colegas a crerem que levando a filmagem para o pai encontrariam uma resposta como essa e o que teria levado o pai a tentar resolver o problema diretamente com o filho, agredindo-o, ao invés de procurar outros meios de tratar a situação. O relato da professora é muito significativo no desenvolvimento de uma cadeia de situações motivada por algum tipo de desvio do padrão de masculinidade esperado.

Durante a realização do primeiro grupo focal, fui surpreendido com um relato que marcou muito os encontros com os grupos de meninos. Nesse grupo formado no Liceu de Humanidades, quando falávamos dos homens com quem os meninos convivem, um dos meninos pediu a fala e começou a relatar:

**Thomas – Integrante do grupo focal**<sup>63</sup>: Professor, eu tenho um tio chamado Paulimar. Ele também é daqui de Campos. E aí, na semana passada rasparam a cabeça dele e ele tentou se matar. Ele tinha um cabelão grandão bonitão. Aí a torcida do Goytacaz pegou ele e... [nesta hora o participante se emocionou e chorou muito, teve grande dificuldade em falar por causa dos soluços e completou chorando:] Pô cara, é meu tio.

**Hugo – Integrante do grupo focal** – buscando deixá-lo mais à vontade para continuar falando: Ninguém vai rir não.

No início, quando ele começou a relatar o fato acontecido, pensei se tratar de um conflito entre torcidas de dois conhecidos times de futebol de Campos, o Americano e o Goitacaz, pela euforia causada pelo resultado da vitória do Goitacaz sobre o Americano e que seu tio, por ser um conhecido torcedor do Americano, teria sido vítima da violência dos torcedores do outro time. E que por ter o cabelo comprido e isso ser algo visível, foi o que eles teriam encontrado mais oportuno de atingir raspando-o. Porém, pela continuidade das falas, que teve diversas intermitências, pude perceber que se tratava de algo a mais e que os meninos da turma já conheciam muito bem.

Em um dos momentos da fala, ele disse que recentemente seu tio havia sido descoberto pela família como profissional do sexo e que faria os programas sexuais como travesti. A homossexualidade do tio, pelo que entendi, havia também sido revelada há pouco tempo e ele até há pouco, teria vivido como heterossexual, casado e com filho. Mas com a revelação da

---

<sup>63</sup> Grupo focal com meninos do 3.º ano do Ensino Médio realizado no Liceu de Humanidades 06/10/17.



homossexualidade e também do trabalho como profissional do sexo veio foi revelada, não disseram há quanto tempo, creio que mais pessoas da cidade já conheciam essa característica do Paulimar. Também pude identificar que seria uma revelação já de alguns meses, talvez até de um ano, pois pelos relatos, é possível ver que a família já conhecia seu namorado, que até lhe ajudava no processo de feminização, e pelo fato de o estudante revelar que o filho de Paulimar também aparecera como homossexual e que já estaria com namoro público, o que levou que os meninos dissessem que havia influência do pai na homossexualidade do menino.

O estudante Thomas falou muitas vezes durante o grupo focal sobre esse seu tio. O ocorrido recente parecia lhe incomodar muito, tanto que ele chorou muito dizendo que o tio não merecia aquilo e que o amava. Ele também foi perguntado pelos colegas se o tio chegava perto dele “produzido” de mulher, se não ficaria sem graça de chegar assim perto do sobrinho. Um colega muito próximo respondeu por ele dizendo que certa vez presenciou o tio de Thomas lhe abraçando e, segundo o colega, o estudante teria ficado envergonhado. Thomas disse para o colega que não ficou envergonhado, que isso não passava de impressão dele e que também o tio não fica sem graça perto dele quando está “produzido”. Voltando a falar mais sobre o tio, ele relatou e o mesmo colega próximo trouxe uma fala significativa nesse sentido:

**Thomas:** E como eu te falei ele torce pro Americano. Aí a galera pega no pé. Um cara produzido assim de mulher... Aí aconteceu: o time dele perdeu e ele tentou se matar [pelo ocorrido violento]. [A torcida do outro time] Raspou a cabeça e ele estava de mulher.

**Victor – amigo e colega integrante do grupo focal** – mostrando saber detalhes do momento em que o fato aconteceu: Falaram assim que iam fazer ele virar homem na força [enquanto raspavam a cabeça].

**Thomas:** Ele tinha um cabelão maneiro. Aí aconteceu isso aí... Que foi... ruim, né? [Pausou um pouco e falou com tom mais emocionado novamente].

O fato narrado tomou muito tempo do grupo focal. E foi um evento que pareceu mexer muito não apenas com o relator em questão, mas também com os demais colegas da turma. Esse estudante pareceu ter certa liderança entre o grupo, ou pelo menos detentor de muita popularidade, e, como disseram, são colegas de muitos anos letivos anteriores e já teriam protagonizado muitas situações de rebeldia nos anos anteriores sempre com a liderança do Thomas. Pela disposição do garoto em relatar o fato, talvez o fato não seja algo de que ele demonstrasse se envergonhar. Mas os colegas não deixaram de afirmar que ele teria ficado envergonhado diante de um deles. Ele negou ter ficado envergonhado, mas a fala deixa transparecer que ele deveria ter motivo para isso. Talvez pela popularidade do garoto e pelo fato ter tomado um conhecimento mais amplo, ele pareceu como que levado a falar do assunto no grupo antes que alguém dissesse. E ao conversar sobre o ocorrido, o fez de maneira

emocionada, e os colegas sempre lhe diziam no grupo que ele poderia chorar e contar que ninguém riria dele.

Chamou-me a atenção a fala de que, enquanto raspavam a cabeça do Paulimar, um deles teria dito que assim ele viraria homem na marra. Juntando a euforia dos torcedores em comemoração a vitória, com o fato de encontrarem o Paulimar numa situação propícia para o ato e somando o fato de ele ser uma pessoa homossexual que deveria ser castigado para aprender a virar homem, indicam que naquele momento o grupo se sentiria a vontade para imperar sobre a masculinidade do outro. Num ato evidente de utilização da força física, os autores pareceram se sentir numa liberdade para atuarem de uma forma que atentaram contra a liberdade de expressão, liberdade sexual e liberdade ir e vir da outra pessoa que teria apresentado uma masculinidade alternativa ao que seria esperado para isso. O ato me pareceu, das narrativas que tive contato, a mais nítida de como a imposição de um modelo exclusivo da masculinidade pode assumir situações que dificilmente não seria tratada como uma violência.

Todos três esses episódios narrados acima trazem uma importante questão para um debate que fiz no início da seção sobre violência simbólica e violência física. A violência simbólica seria algo mais difícil de identificar. Ela poderia ocorrer com uma infinidade de possibilidades diversificadas entre si. Como exemplos, posso dizer que ela poderia ocorrer em situações de constrangimento vivenciada por pessoas, em momentos de chantagens, em manifestações de dominação de pessoas sobre as outras, em situações de olhares reprovativos ou atitudes reprovativas de algum ato, entre outras. Por ser tão fluida e tão escorregadia em suas caracterizações é que muitas vezes poderá pairar a dúvida se de fato esse formato de violência realmente existe ou se não careceria de algum outro nome que violência não daria conta de abarcar. Quanto aos fatos narrados, esses já deixam poucas dúvidas de que se tratou de um exercício da violência física. O pai que agrediu o filho que teria desviado de um padrão de masculinidade, o menino ameaçado na escola, inclusive pelos pais dos demais colegas, de possível agressão e a insistência para que ele fosse retirado da escola e a raspagem do cabelo do tio de um dos meninos entrevistados em grupo focal, já indicariam um exercício da violência pouco questionável.

Como os ocorridos que foram trazidos aqui indicam uma situação que julgo pouco questionáveis sobre o exercício de violência física, deixo então para a próxima seção uma discussão sobre o que poderia ser violência simbólica. Nela tratarei de modelos da masculinidade e de alguns relatos em que homens se viram forçados, se apercebendo ou não, a enquadrar-se em um padrão típico de masculinidade. Para a seção seguinte, entrei em um debate

sobre a masculinidade e se é possível entender que existe o que eu chamaria de uma masculinidade intermediária.

Antes de prosseguir, trago uma última questão que me ocorre quando venho discutindo esses episódios envolvendo os homens. Tudo o que foi relatado aqui sobre a defesa violenta de um padrão comportamental certamente poderia encontrar entre as mulheres algo semelhante. Entretanto, nem a literatura pesquisada, nem os relatos dos/as professores, fez nenhuma menção a algo parecido entre as mulheres. Pode ser que pesquisas futuras possam dar atenção a isto, mas para o que nos interessa, o de uma masculinidade imperativa vivenciada entre os pares, que Bourdieu (2007a,) analisou como algo a ser defendido e Bozon (2004b) mostra que se dá de maneira carregada, verificamos que o trabalho de campo foi indicativo nessa relação vivenciada pelos meninos para a construção da masculinidade.

### **3.4. Uma masculinidade intermediária?**

Trazer a discussão sobre um modelo central, pleno, de masculinidade, que venho chamando de modelo exclusivo, me levou a questionar se de fato quem não atingiria esse ápice ocuparia necessariamente o polo oposto da masculinidade, ou seja, os sub-homens de que Welzer-Lang (2004) teria falado. No ápice da masculinidade, onde estariam os “homens de verdade”, e seus termos correlatos, haveria um número determinado de homens e não poucas vezes os homens em geral, e provavelmente não apenas eles, agiriam de uma forma violenta para impor essa masculinidade defensável (BOURDIEU, 2007a). Como algo a ser conquistado e com um número determinado dos que de fato consigam, sou levado a me perguntar se não haveria aqueles que não estariam nem num extremo, nem no outro, e que formariam esse conjunto mais heterogêneo dos homens, com certa dificuldade de se lhes atribuir características fixas.

Alguns dos relatos colhidos em campo e trazidos aqui parecem irritar, confrontar ou, pelo menos, problematizar aquilo que a literatura especializada traz nesse sentido. Como o que foi dito que a masculinidade poderia ser pensada muito por seus polos antagônicos (COSTA, 2004; DAMATTA, 2010; SOUZA, 2003; WELZER-LANG, 2004), o que proponho aqui é verificar se essa seria apenas uma possibilidade da discussão de um problema que considero mais amplo. Pude perceber, portanto, que parece existir um *continuum* que abrigaria algumas masculinidades, que chamo aqui de intermediárias, e que são constatadas a partir dos dados empíricos.

A permissão para discutir, pensar e refletir sobre a masculinidade até mesmo em categorias distintas, como proponho nesta seção, parte da exortação feita por autores aqui discutidos (BOURDIEU, 2007a; BUTLER, 2014; CARRARA & HEILBORN, 1998; CONNER & MESSERSCHMIDT, 2013; GIDDENS, 1993; GOFFMAN, 1979; WELZER-LANG, 2001b; 2004) de que os homens e o masculino precisam ser estudados como uma categoria de gênero. Sendo discutidos enquanto tal e tidos também como uma categoria em construção, esses conflitos masculinos e o que eles teriam a dizer passariam a ser considerados naquilo que indicaria como parte dos homens responderia a essas injunções.

Pensando dessa forma, seria interessante trazer algumas características que a literatura e as narrativas de campo, ou ambas, trouxeram como características masculinas para assim entendermos que quem as tivesse em plenitude seria aqueles que poderiam se enquadrar no extremo da masculinidade. No outro extremo, estariam aqueles que teriam dificuldade de exercê-las em grande número ou que as recusariam parcial ou completamente. Aqueles que tivessem um grande número dessas características ou que almejassem tê-las todas seriam aqueles que seriam considerados abrigados na masculinidade intermediária. Desnecessário afirmar que essa masculinidade intermediária é múltipla não apenas em número, mas também em variedade. Ela seria uma espécie de contínuum que iria daqueles que mais possuem essas características, embora não todas, até aquele mais próximo dos sub-homens, que as teriam menos, sendo muitas vezes confundidos com eles, ainda que a posição fosse temporária. Veremos que grande parte dos homens não conseguiria tê-las todas, mas a meu ver, quanto maior o número delas, mais próximo estaria desse grau de masculinidade exacerbada. Muito provavelmente a sorte desses homens seria maior do que a sorte aqueles cuja masculinidade teria sido jogada por terra. Essa sorte desses homens só seria maior do que a dos homens desprezíveis, mas em si já representariam uma posição menos confortável se comparados aos homens de masculinidade intocada. A literatura e o trabalho de campo puderam captar algumas dessas características, como as trarei aqui, mas o mundo social reconheceria um número muito maior delas. Também é possível imaginar que classes sociais diferentes, que épocas diferentes e um conjunto de outros fatores poderiam favorecer ou desmotivar algumas dessas características, podendo mostrar que essa clivagem entre um extremo e outro e até mesmo esses próprios extremos, seriam muito mais dinâmicos do que estáticos. Algumas mulheres também poderão possuir algumas dessas características, visto que principalmente pela ação do movimento feminista e do decurso dos tempos, as mulheres teriam tido acesso a elas de maneira mais ampla.

Algumas das características precisam sempre ser preservadas e serão a todo tempo identificadas. Os relatos dos professores de como eles veem os meninos colaboram muito para entender e reforçar esses estereótipos de sua masculinidade. Ser homem, portanto, significaria ser ativo sexualmente (WELZER-LANG, 2001, p. 468). Falar e viver o sexo muito mais do que as meninas, como no relato de professores/as:

**Professora Marlene:** eles falam o tempo inteiro em sexo. Do começo da aula ao fim. [...] Eles vivem assim: passando a mão um no outro o tempo todo, direto... e eu não entendo por que e isso? É o tempo inteiro e eu não vejo com as meninas isso.

**Professor Francisco**<sup>64</sup>: [Eles] tendem a ficar muito preocupados com que os outros vão dizer, com que imagem eles precisam aparentar. Eles têm uma preocupação muito grande com afirmação da própria masculinidade. Muitas vezes eles transm mais para contar para os outros que fizeram e não por uma realização pessoal. Eles se colocam como *os pegadores*... porque é bacana aparecer assim para os colegas. [...] Aí está uma característica bem específica. As meninas têm também, mas elas são mais retraídas. Eu já tive um momento em sala de aula que o aluno estava se masturbando com o meu globo terrestre... (Não detalhou o ocorrido).

**Professor Álvaro** – se referindo à maior tolerância social ao tema: se pegos fazendo alguma coisa ligada ao sexo, para as meninas é sempre mais pesado, assim como é na sociedade, para os meninos eles pegam um pouco mais leve.

Não só falar e insinuar, mas ter uma predisposição para o sexo a todo o momento, com várias parceiras (BOZON, 2004b), de múltiplas formas, com uma espécie de descontrole sexual, uma impulsividade/compulsividade sexual, e com iniciação sexual bem mais cedo (BRANDÃO, 2004; GIDDENS, 1993; SALEM, 2004); nunca falar não para o sexo (SALEM, 2004); disposição para desvincular sexo e amor (BOZON, 2004; SALEM, 2004); ser potente sempre e negar a impotência sexual (BOURDIEU, 2007a; BOZON, 2004b, DAMATTA, 2010), o que explicaria o sucesso medicamentoso do estimulante farmacológico Viagra, visto que ele, mais do que um tratamento da disfunção erétil, ele “desperta em certos homens o sonho de um desejo ilimitado e programável” (BOZON, 2004a, p. 146; 2004b, p. 145). Essa potência seria no sentido de estar plenamente apto para uma relação sexual, sem falhas, e seu contrário, a impotência estaria, como trouxe DaMatta (2010), ao lado da homossexualidade, a possibilidade de “falhar” durante o ato sexual estaria entre os maiores interditos do homem. Segundo ele, “primeiramente, havia o risco do homossexualismo; depois, conforme começávamos a descobrir na medida em que saíamos de casa (e da casa), havia o problema de ‘virar um brocha’ ou de ‘brochar’” (2010, p. 145). Estando plenamente no uso de suas potências sexuais, jamais deverá ser *corneado*, traído, pela mulher. Pelo contrário, ele deve ser sempre o *ricardão*. O “corno, já que não foi capaz de manter sua honra, é desprezado”. (SOUZA, 2003, p. 66). Isso

---

<sup>64</sup> Professor de geografia do CE Dr. Thiers Cardoso, 28 anos, professor há 5, solteiro, sem filhos e evangélico/protestante. Declarou-se masculino/heterossexual, pardo e sem participação em movimentos sociais. Entrevista concedida em 02/10/17.

também apareceu nas brincadeiras feitas entre os meninos. Ao falarem de um dos colegas e citarem uma garota, a Olga, perguntei-lhes quem ela seria e um dos estudantes do 1.º grupo focal do Liceu apontou para o colega e disse:

**Victor - Integrante do grupo focal**<sup>65</sup> – apontando para o colega: a primeira namorada do colégio dele [apontou para o colega]. Ela corneou ele [muitos risos].

Nos relatos de cunho mais sexual, deve haver grande atenção para a presença nada oculta do falo. Compreendo que o falo não se restringe ao pênis, sendo mais uma representação criada em torno dele, em cujo espetáculo, ele assumiria o papel de personagem principal. Mas, coadunando com Giddens (1993), ele passa por transmutações que cada vez mais o aprisionam no pênis. Para ele, “quanto mais o falo se transforma em pênis, mais ele tem de ser ‘testado’ em encontros episódicos que combinam risco e prazer” (1993, p. 142). Em outro momento ele observa:

o pênis existe; o sexo masculino é apenas o falo, o centro da individualidade na masculinidade. É provável que a ideia de que há crenças e ações que são corretas para um homem e erradas para um mulher, ou vice-versa, seja derrubada com a progressiva retração do falo no pênis (1993, p. 218).

Para outro autor, o falo é um grande aliado para a construção de certas simbologias binárias. Segundo ele, “a divisão em *gêneros relacionais*, masculino e feminino, pode instituir o falo, constituído em símbolo da virilidade, de ponto de honra caracteristicamente masculino” (BOURDIEU, 2007a, p. 32. Grifos do autor). Toda essa relação com o falo, e seu representante maior que é o pênis, poderia então ser entendida como a relação entre os meninos, e os homens, com o pênis, encontra uma relação de quase dependência. Muito comum entre os homens prostitutos, que tanto buscam evidenciar sua macheza, eles “levam a mão à entreperna para destacar a protuberância genital”. Também entre os homens entrevistados por Souza (2003), “a mão deve estar sobre o pênis, ou pelo menos ter um dedo apontado para indicar o *aqui*” (2003, p. 72). Não seria, portanto, verificável, entre os/as professores/as, como os meninos teriam grande facilidade e prática de manipular, falar sobre ou até mesmo mostrar o pênis como uma demonstração de proeminente distinção sexual. Isso apareceu em um dos relatos:

**Professor Francisco:** Outro dia, um grupo de meninas perguntou a um menino se ele tinha cabelo no saco. E ele, na sala de aula, tirou, botou para fora e mostrou.

A tranquilidade em falar de manipular o pênis, em admitir que se masturba, também seria uma prática muito verificada entre os meninos que falam disso ou até fazem, com aparente pouco constrangimento. Prova disso foi a fala do mesmo professor acima do menino se masturbando

---

<sup>65</sup> Grupo focal com meninos do 3.º ano do Ensino Médio realizado no Liceu de Humanidades em 06/10/17.

com o globo terrestre durante sua aula ou na fala de um dos meninos de um dos grupos focais do Liceu, cujo codinome escolhido de Thomas passou daí a um tempo para Thomasturbando, numa referência positiva de um ato que pouco parecia motivado a esconder a prática.

Essas situações têm ampla descrição na literatura e a questão sexual parece possuir grande preocupação entre homens, mas obviamente, elas não são as únicas como passo a analisar.

Saindo um pouco do âmbito do sexual e partindo para outras questões que igualmente são sentidas como sinais da masculinidade, a agressividade masculina também foi relatada por um grande número dos/as professores/as entrevistados/as.

**Professor Francisco:** Falta de respeito... agressividade, por exemplo, acontece. Como já aconteceu de eu pedir para abrir o caderno e [o aluno] mandar eu tomar no cu. Eu pedir para descer e eles darem um soco na mesa do corredor... Então, é esse tipo de agressividade que a gente tem vivenciado na escola. Os meninos geralmente são mais agitados.

Eles teriam sempre de demonstrar força e coragem. Em dois grupos focais, eles trouxeram uma fala que disseram que é muito dita para eles, para cobrar que sejam fortes e nunca fracos e omissos: “você é um homem ou é um rato?”. Ao serem perguntados que isso significaria ser um rato, disseram:

**Ivan - Integrante de grupo focal<sup>66</sup>:** um medroso que corre de tudo, que corre... Não enfrenta o que tem que ser enfrentado. Tem gente que chama os caras assim de *cabra macho*.

O outro grupo focal em que a frase apareceu foi o segundo grupo feito com os meninos do 3.º ano no Liceu de Humanidades. Os falantes foram Paulo, 18 anos, negro e católico; Flávio, 17 anos, branco e evangélico e Jorge, 18 anos e pardo:

**Paulo - Integrante de grupo focal<sup>67</sup>:** Inferior.

**Flávio - Integrante do grupo focal** – corrigindo: não, não é nem inferior, é... medroso.

**Jorge - Integrante do grupo focal** – completando: um homem é um homem de verdade, que não é frouxo.

Depois um deles, desse último grupo, o Felipe, branco/pardo de 17 anos, buscando ser menos taxativo e querendo corrigir com valores que seriam socialmente mais aceitos, responderia ao ser perguntado o que seria ser homem de verdade:

**Felipe - Integrante do mesmo grupo focal:** homem de verdade é um cara ser honesto, arcar com suas próprias responsabilidades e ficar devendo de forma digna.

---

<sup>66</sup> Grupo focal com meninos do 1.º ano do Ensino Médio realizado na escola Dr. Thiers Cardoso em 20/10/17.

<sup>67</sup> Grupo focal com meninos do 3.º ano do Ensino Médio realizado no Liceu de Humanidades em 20/10/17.

Essa insistência para ser agressivo, é o que levaria a entender capacidades maiores de serem estupradores, como trazem Nahoum-Grape (2004, p. 20) de que “nessa cultura de virilidade agressiva” em que homens estuprariam as mulheres para desonrar os homens vencidos, e complementa Machado (2004, p. 32) que “a prática dos estupros sistemáticos é um velho sinal de que velhos valores guerreiros e brutais muitas vezes podem ressurgir”. Muito próximo disso também está a percepção de uma professora nos jogos da educação física em que descreveu a dificuldade que os meninos teriam em perder:

**Professora Cecília:** Eles não aceitam perder. [...] Antes da gente formar aluno, a gente tá formando cidadãos. [...] Se a gente não sabe ganhar e perder no jogo a gente não vai saber ganhar e perder na vida. E é o que eles passam para a gente. Eles vão ter dificuldade... qualquer coisinha, já partem para cima, já marcam de pegar na saída... já querem agredir já querem fazer e acontecer, é assustador.

Não menos evidente foi a relação deles com as atividades laborativas e suas implicações. Considerado como o provedor, o homem seria aquele que seria compreendido como o mais predisposto ao trabalho, especialmente a alguns deles, e que por conta disso seria aquele que deveria arcar com a responsabilidade financeira. Na fala de um professor, essa função masculina estaria bem delineada. Ele disse que dá esse tipo de recado para os alunos:

**Professor Álvaro:** eu falo para eles uma coisa: que o homem, ele precisa ser provedor, em muitos casos aí na vida adulta quem é a provedora, com quem é igual mano a mano é a mulher. [...] Fiquem atentos, porque a sociedade vai cobrar de vocês que vocês sejam provedores. E, no entanto, aqui vocês querem ser chamado de homens, mas se comporta como verdadeiras crianças.

Não foi a primeira vez que o substantivo *homem* apareceu como antônimo de criança. Mais do que possivelmente significar que *homem* seria o mesmo que adulto, o curioso é essa e outras falas assim aparecerem como se ser homem é o que é ser adulto. Essa associação nunca me pareceu meramente despretensiosa. Mas como vinha falando de ser provedor, fica a imagem de que o homem deve ter o domínio financeiro e que busquem isso o quanto antes. Essa observação concebe “a autonomia compreendida como autodeterminação pessoal, e a independência concebida como auto-suficiência econômica” (CHALAND, 2001; SINGHY, 2000 *apud* BANDÃO, 2004, p. 63). Dentro dessa observação da vida econômico-financeira e capacidade profissional mais masculinas as discussões relativas ao empreendedorismo associação a uma construção social que colocaria os homens como os mais desempenhados para essas funções, dado que no texto de Piscitelli (2004) são expressas ideias socialmente construídas do homem como competitivo, motivado economicamente, opondo-se ao que seriam qualidades femininas. “A valorização mais intensa da masculinidade remete a um estilo adulto balizado por um conjunto de atributos de personalidade que coincidem com aquelas vinculadas às qualidades



empresariais” (2004, p. 193), por oposição ao que se concebe sobre as mulheres e o feminino, “estabelecendo relações entre feminilidades através dos sentimentos, emoções e a disposição para promover o bem da família” (2004, p. 201). Essas observações levariam a compreender a fala de um dos meninos:

**Flávio - Integrante do grupo focal**<sup>68</sup>: mulher é um ser delicado, para mim é um ser delicado. Eu vejo mulher mais delicada que o homem. E tem coisa que eu acho pesado para uma mulher fazer.

Pensar assim quase equivale a dizer que as qualidades do homem, não apenas a força física, mas também sua capacidade competitiva, de liderança e de racionalidade, os colocaria em condições de assumirem as profissões e cargos de chefia. Essa concepção me leva a relatar um fato que ocorreu na escola Dr. Thiers Cardoso por ocasião de uma visita a campo. Enquanto eu estava esperando uma professora e fotografava algumas partes da escola, ocorreu que daí um tempo, a diretora foi chamada por um funcionário da escola e vindo em minha direção e me reconhecendo como alguém com quem já havia conversado sobre a pesquisa na escola, falou para o homem: “não, fique tranquilo, é um pesquisador que está na escola” e chegou mais perto, me cumprimentou e pediu desculpas pela confusão do funcionário. Depois esse funcionário também chegou perto de mim e me disse: “ah sim, me desculpa aí, é que eu te vi fotografando e fui lá falar com a diretora. E aí você sabe, né? Como ela a diretora é mulher, temos de ficar vigilantes aqui ao que acontece para ajudar”.

Outra questão que apareceu na literatura teve pouca reflexão no campo foi a relação masculinidade e capacidade de fazer filhos. Para Salem (2004, p. 36. Nota 27), “ter (ou fazer) filhos constitui um atestado de virilidade física”. Nos relatos dos meninos nos grupo focais isso apareceu muito superficialmente, como no segundo grupo do Liceu, em que o Flávio disse que quer ter filhos, mas seria algo “a perder de vista” e que o colega Felipe o teria lembrado: “e se você engravidar uma menina? Vai ter que se virar”<sup>69</sup>, mas o contrário também não houve, o de jamais querer ter filhos. O que me chamou atenção nesse sentido foi que quando a masculinidade é colocada em jogo, o fato de dizer que tem filho costuma servir de justificativa contrária. Verifiquei isso no episódio do professor ir de saia para a escola. Um dos meninos do grupo focal da escola Dr. Thiers apressou-se em dizer que ele não seria gay, pois *seu filho* teria falado que ele fez aquilo apenas para provocar os alunos. E na entrevista com o professor, ele mencionou que era apenas para intensificar a discussão na escola e que era respeitador da diversidade sexual e que seria pai de sete filhos e contou que quando saiu para comprar a saia,

<sup>68</sup> Grupo focal com meninos do 3.º ano do Ensino Médio realizado no Liceu de Humanidades em 20/10/17.

<sup>69</sup> Grupo focal com meninos do 3.º ano do Ensino Médio realizado no Liceu de Humanidades em 20/10/17.

sua filha o teria acompanhado. Ainda que desnecessário reafirmar, o fato foi dito pelo professor tanto no vídeo que circulou, quanto foi repetido durante a entrevista. Independente da finalidade do professor, a fala foi feita mais de uma vez em lugares diversos.

Sem indicar que houve até aqui uma pretensão de esgotar as demarcações das atitudes consideradas masculinas, visto que muitas outras também poderiam ser tratadas, gostaria de terminar as descrições com uma que me chamou muito a atenção. Ela tem uma relação com atitudes relacionadas ao gosto masculino, ao que os homens fariam como um hábito baseado no gosto masculino. Talvez aquele tido como um gosto capital, como pude observar em muitos relatos. Trata-se da relação com o futebol.

Nos grupos focais, quando perguntava sobre quem eles gostariam de incluir nas imagens, em todos os grupos eles fizeram referências a nomes famosos de jogadores de futebol. Quando perguntados por que traziam com tanta ênfase a lembrança do futebol, um deles trouxe:

**Marcos - Integrante de grupo focal**<sup>70</sup>: porque é o que a gente vive. A gente conversa sobre futebol, a gente joga futebol.

Em quase todos os grupos, ao serem perguntados sobre o que achavam da seleção feminina de futebol e de meninas fazerem o esporte, eles desenvolviam muito pouco. Diziam que há mulheres que jogam bem e que gostavam da seleção feminina, mas sempre indicando que esta seria uma prática masculina. Embora uns dissessem que se tratava de uma prática exclusivamente masculina, outros disseram gostar da seleção e, quando perguntados se havia coisas que eles consideravam que só os homens fazem, um disse trouxe uma fala de interpretação mais sociológica:

**Jorge - Integrante de grupo focal**<sup>71</sup>: tem coisa que a sociedade impõe. É tipo jogar futsal, a maioria dos homens. Mas hoje tem meninas que tem jogado.

**Felipe - Integrante do grupo focal** – manifestando o estranhamento que o fato causaria e que já teriam visto isso ocorrendo: mas repara que todo mundo que passar ali vai olhar uma menina jogando.

A literatura sobre o tema também tratou de indicar isso e como essas situações seriam vivenciadas na sociedade:

Embora tenha havido nos últimos anos um notável crescimento da participação feminina no universo futebolístico (manifesto não só na audiência midiática e nos estádios, mas mesmo dentro de campo, como no sucesso internacional conquistado pela seleção brasileira de futebol feminino), o mundo do futebol no Brasil continua ainda a ser hegemonicamente um território masculino (GASTALDO, 2005, p. 109).

Os professores, em geral, também indicaram observar essa relação dos meninos com o futebol. Aqueles que lecionam educação física foram muito mais descritivos nesse sentido,

<sup>70</sup> Grupo focal com meninos do 3.º ano do Ensino Médio realizado no Liceu de Humanidades em 20/10/17.

<sup>71</sup> Grupo focal com meninos do 3.º ano do Ensino Médio realizado no Liceu de Humanidades em 20/10/17.

pois a prática do futebol é algo comum à sua prática cotidiana. Uma das professoras de educação física falou de como é a inserção de uma menina no futebol e terminou dizendo que ela possuiria traços masculinos, talvez querendo explicar esse gosto incomum:

**Professora Cecília:** eu tenho uma aluna que joga muito, a menina é um animal para o futsal... joga muito. E ela é respeitada tanto pelos meninos quanto pelas meninas. Eu acho interessante que os meninos têm um respeito... E ela tem uma certa dificuldade de interagir com os outros. E ela tem totalmente os traços masculinos, distante...

Uma professora de outra área, de filosofia, se demonstrou observadora dessa vinculação e disse que vem observando os meninos e os espaços que eles ocupam na escola. Fez entender que a conexão dos meninos com a quadra é algo que sempre lhe chamou a atenção, pois, segundo ela, há muito ela vem observando os meninos:

**Professora Marília:** Na escola pública, o que observo sempre é..., mais aqui no Liceu inclusive, a questão da educação física, ela me chama atenção. Certos esportes só os meninos fazem: futebol, futsal, basquete... Você nunca vê menina junto jogando. E eles são os que mais se divertem na quadra. Eles sempre estão jogando futebol, jogando bola, e sempre só os meninos, como se a quadra fosse só deles. Isso na rede pública estadual. *Como se a quadra fosse para o futebol e para os meninos.*

Diante dessas questões, passo a indicar agora como algumas delas podem ser interpretadas quando alguns meninos, e até professores, procuram querer se explicar por não estarem de alguma forma totalmente sincronizados com os ditames do mundo masculino. Um tanto curioso nessas descrições, o que serve muito para colaborar com a análise que trago aqui de uma masculinidade intermediária, é que, invariavelmente, esses relatos vieram com alguma justificativa para ter a característica e sempre fizeram questão de mencionar que isso não seria motivo para identificá-los como homens.



**Figura 9 - Vista lateral e fronteira do CE Dr. Thiers Cardoso**  
Fonte: Fotografia de Cleber Teixeira de Oliveira

Num grupo focal, um dos meninos relatou um acontecido que gerou alguma discussão sobre ele na escola. O relato tem a ver com o comportamento sexual. Segundo ele,

**Leirbag - Integrante de grupo focal**<sup>72</sup>: teve um caso aqui de uma menina que estudava aqui na escola a Jennifer, ela queria sentar no meu colo, ela tinha namorado, meio que ela queria trair o namorado dela comigo, aí eu falei: não vai sentar no meu colo não. Eu rejeitei que ela sentasse no meu colo, aí essa notícia correu para a escola toda. Aí pensaram que eu era veado. Aí eu falei: pô, eu não sou veado. Eu sou homem.

No relato ele disse que pairou sobre ele a dúvida quanto à sua heterossexualidade. E ele fez questão de afirmar que era heterossexual. A situação vivenciada pelo adolescente possui alguns desconfortos previstos pela literatura. Vemos isso em Bozon (2004b). Segundo esse autor, a todo momento os homens são levados a provar que são homens, precisam se comportar como homens. Uma dessas provas consistiria na capacidade para a realização do ato sexual e com múltiplas parceiras. Ele traz uma pesquisa realizada na França em que “2/3 dos homens concordam com a ideia de que ‘é possível ter relações sexuais com alguém sem amor’” (2004b, p. 91). Mesmo sendo uma pesquisa num país estrangeiro, é possível crer que esta seja uma realidade também no Brasil, sobretudo porque aqui também há certa preocupação em que “não deixe [se] deixo qualquer espaço à suspeita de homossexualidade” (2004b, p. 28). E que também não pega bem para um homem dizer não para o sexo. De acordo com Salem (2004), em sua pesquisa realizada entre os homens da classe popular, tudo converge para a “impossibilidade masculina de negar/negar-se ao sexo” (2004, p. 24). Baseados nessas leituras, compreende-se o desconforto do adolescente por ter negado o que seria uma possível prévia de ato sexual pela investida da colega, o rumor que teria gerado na escola da sua homossexualidade por não ter aceitado o ato e, como trago aqui, ele precisou afirmar mesmo com essas negativas, que é homem e que ninguém por isso deve duvidar de sua heterossexualidade, que seria quase sinônimo de sua masculinidade.

Outro relato, que ocorreu em grupo focal tem relação com o que foi dito acima sobre trabalhos considerados próprios de homem e demonstração masculina de força física. Segundo mencionou,

**Poseidon - Integrante de grupo focal**<sup>73</sup>: Tem muita gente que fala assim pelo fato do que a pessoa trabalha no trabalho pesado, muita gente fala: “aquilo ali é ser homem”. Que é ser mais bruto, mais duro, que o homem todo delicadinho não seria homem, no caso. Eu trabalho com informática e eu sou tão homem quanto aquele cara que trabalha debaixo do sol virando massa.

Neste caso, ele também reivindica o *status* de homem, procurando desmentir o senso comum de que pra ser homem tem de trabalhar pesado e tem de imprimir força física em suas atividades. Trabalhando com informática e desenvolvendo um trabalho menos braçal, ele

<sup>72</sup> Grupo focal com meninos do 1.º ano do Ensino Médio realizado na escola Dr. Thiers Cardoso em 20/10/17.

<sup>73</sup> Grupo focal com meninos do 3.º ano do Ensino Médio realizado no Liceu de Humanidades em 06/10/17.

afirma que não seria o motivo para ser considerado menos homem. Ainda que se possa dizer que ele faça tal reivindicação por medo de ter a masculinidade colocada em dúvida, o que é possível ver é que o que é dito para ele com alguma frequência é que seu trabalho é menos masculino que o trabalho bruto.

Em mais um grupo focal, mais um relato mereceu destaque. Um adolescente disse que ele é considerado um pouco mais delicado e ele trouxe uma história em que isso em conjunto com outras coisas renderam falas a seu respeito. Perguntado se já ouviu algo por isso, ele disse:

**Felipe - Integrante de grupo focal**<sup>74</sup>: Já, já sim; porque quando eu namorava, eu fazia o cabelo da minha namorada. Eu passava chapinha e tal. Aí até os próprios parentes dela zoavam. Eles falavam: “ah lá, cabeleireiro não sei o quê... faz chapinha...” Não sabendo eles que ela gostava muito e eu me sentia bem por fazer ela feliz.

Neste caso, também precisou afirmar que o fato de ter namorada e de fazer cabelo da namorada era a justificativa para sua masculinidade. Mesmo os parentes da namorada não deixaram de registrar que era um ato incomum e o apelidavam de cabeleireiro numa indicação de que sua masculinidade seria alvo de desconfiança de plenitude. Como ele aprendeu, por que fazia e qual o sentido disso são todas as questões que pairam sobre uma ato que para a maioria das pessoas não seria considerada um ação comum para um homem.

Nesse mesmo grupo focal houve outra questão parecida. Estávamos conversando sobre como são os homens e eles diziam que os meninos são menos estudiosos, que seus materiais são desorganizados e que a letra dos meninos é um garrancho se comparada à das meninas. Ao conversamos, um colega do grupo apontou para o outro e disse: “o Paulo aqui”. E eu perguntei por que apontaram para o Paulo e o próprio estudante respondeu:

**Paulo – integrante do grupo focal**: é por causa da minha letra que é redondinha. É porque eu fiz aula de caligrafia na escola. [...] Eu já ouvi [piadinha] sim: “pô, cara, isso é letra de menina...”.

Pude perceber por toda sua fala que o estudante teria outras questões além da letra, pois trazia o material arrumadinho, andava mais alinhado e era estudioso. Por conta disso, não demoraram a aponta-lo durante o grupo focal. Quanto à letra, ele justificou que era por ter feito aula de caligrafia e as demais coisas seria por sua própria forma de ser e que ele era estudioso porque tinha vontade de ir bem na escola, fazer curso superior e trabalhar com justiça. À revelia dos colegas, ele afirmava que não era menos homem por conta disso, o que não deixou de ser motivo para ser lembrado e identificado como portador de características menos comuns para um menino.

---

<sup>74</sup> Grupo focal com meninos do 3.º ano do Ensino Médio realizado no Liceu de Humanidades em 20/10/17.



Falaram também, no grupo, sobre jogos:

**Flávio - Integrante do grupo focal:** Por exemplo, quando a gente vê um homem jogando queimada... eu não acho maneiro. Eu não julgaria, eu não gosto.

**Jorge - Integrante do grupo focal** – completando: não é só quem tem preconceito, a gente mesmo vai olhar e vai falar: “ah lá o Godofredo jogando queimada, o bichinha, o veadinho...”.

É possível perceber que eles assumem que fazem essas falas de chamar o outro de veadinho por ele estar jogando queimada e, segundo eles, não precisa ser preconceituoso, como quiserem indicar não ser, para proceder assim.

Com relação a jogos, o futebol novamente aparece como tema de objeto masculino. Dessa vez quem fala é um professor. Embora as perguntas para os professores fixassem mais nos estudantes, um dos professores fez questão de falar de si e de sua relação com o futebol:

**Professor Heitor:** hoje eu tenho dificuldade em certos grupos de colegas na academia que eu estou malhando. São colegas e a gente conversa sobre tudo, quando começam a falar de futebol eu me reservo e vou para o meu lado, porque não tenho como acompanhar uma conversa que eu não tenho conhecimento mais. Mas isso me causa um pouco até... uma certa estranheza. Aí a pessoa diz: “ué, você não vê futebol? Você não acompanha? Qual o seu time?” Aí quando eu falo eu sou flamenguista de origem, fica parecendo meio estranho. Não é que ninguém vai contestar minha masculinidade por causa disso, nem eu mesmo, e eu estou pouco me lixando para isso, se eu tivesse uma orientação homossexual, eu não teria problema com isso não. Eu penso assim, pelo fato de não ser. Talvez me pareça fácil, mas talvez, se eu fosse, eu não sei se de fato seria um pouco mais complicado, mas eu acho que não.

A fala é muito rica. Ele indica que sofre questionamento em seu grupo de colegas da academia de ginástica e que o fato de não gostar de futebol é fato que pode ser encarado como um atentado à sua masculinidade. E ele afirma que não tem problemas com sua masculinidade, que nem ele mesmo a questiona. E depois diz que pouco se importa com o que venham dizer. Por fim ele fala que se fosse homossexual não se importaria e depois, em certa crítica, se pergunta se é porque não seria de fato. Veja que não há relação direta, mas o fato de não gostar de futebol poderia ser considerada uma coisa de homossexual e tanto seu grupo de colegas, quanto ele mesmo reconhecem que essa ligação seria algo verdadeiro. Trazendo o fato narrado por um estudante do Liceu da violência sofrida por seu tio, vemos que o tio é um conhecido torcedor de um time de Campos e sua homossexualidade, ou transexualidade, não representou motivo para que ele não fosse um torcedor. Mas a vinculação entre uma coisa e outra está tão posta que pouco questionamento se faz sobre isso.

Vimos até aqui alguns relatos de meninos e de um homem que teriam características que perturbariam a completude de sua masculinidade. E eles provavelmente têm muitas outras características em consonância com o esperado de masculinidade. Mas bastou levar o assunto até eles para ver que eles trouxeram coisas que poriam em jogo o centro de sua masculinidade.

Em todos os casos, eles buscaram trazer justificativas de que portar as características relatadas não seria motivo para duvidar de sua masculinidade. Em todos os casos também, eles demonstraram que precisam responder uns aos outros e justificar isso entre eles o tempo todo. Nesse aspecto, percebo que as investidas dos pares quando essas características deles são reveladas, poderiam ser consideradas violências simbólicas, cujo objetivo maior é “forçar” comportamentos em direção a uma masculinidade central, ou um modelo, ou um ideal dessa masculinidade que costuma ser defendida. E o não alcance por todos dessa masculinidade seria motivo suficiente para não considerá-los homens ou considerá-los homens incompletos? Aí que entraria minha intencionalidade de sugerir que é possível pensar em uma masculinidade intermediária.

Para terminar, trago um relato de um professor de educação física que me pareceu muito crítica e muito condizente com o debate que venho trazendo aqui sobre a relação intragênero, sobre a violência, na maioria das vezes, simbólica exercida entre eles e a discussão que trago sobre um tipo de masculinidade que seria a intermediária. Para ele,

**Professor Jaime:** Você lida com um número muito grande de alunos, a diversidade é muito grande, e aí você tem aqueles alunos que são mais sensitivos, que são mais afetivos, e eles não são muito entendidos. Eles são rotulados, eles são rejeitados. São questionados até com relação à masculinidade deles. Então eu percebo, assim, que aqueles meninos que demonstram, e hoje já são muitos, eu vejo isso de uma forma positiva, que demonstram um pouco mais de sensibilidade, que têm coragem de dizer que não gostam, por exemplo, de determinadas coisas... eu posso dar um exemplo: não gostam do futebol. Se a atividade ministrada no momento é uma iniciação ao futebol, não como lazer, mas como esporte e o menino, quando ele relata que ele não gosta de determinado tipo de atividade, que ele não gosta de determinados tipos de assuntos, que ele não gosta de ver injustiças sendo cometidas... Como por exemplo, eu posso citar, quando um grupo de meninos estão maltratando outros meninos, que eles reagem contra isso, eles são muito mal entendidos. E eles são rotulados pela maioria.

Minha desconfiança é que o que chamo aqui de masculinidade intermediária seria a mais numerosa de todas. Digo isso, porque a categoria dos “verdadeiramente homens” representaria um grupo relativamente pequeno pelo fato de os homens serem testados a todo o momento para enquadrarem-se naquele modelo, numa espécie de tipo ideal weberiano, na qual a maioria buscaria mais se parecer com ela do que de fato seguir todos os seus “mandamentos”. Como as extremidades do polo, os homens de verdade e os sub-homens, não parecem ser a maioria dos homens, uma quantidade proeminente dos homens estaria entre aqueles que, por um motivo ou por outro, deixariam de estar no total cumprimento dos ditames de um padrão seletivo de acessibilidade muito restritiva. A masculinidade intermediária entraria então como aquela cujo número de homens faz com que a busca pelo modelo exclusivo seja sempre uma constante e que, algumas vezes ocorrerá sob duras penas.

### **3.5. Família, igreja e escola: lugares discursivos e problematizadores da masculinidade**

Chegar a campo me levou a identificar instituições que estariam muito presentes no ambiente escolar colaborando com a percepção gerada na escola, e também para além dela, sobre a discussão da masculinidade. São três as instituições principais que identifiquei que são muito presentes e que são constantemente reportados como lugares de fala que muito dizem e problematizam sobre a masculinidade: a família, a igreja e a própria escola. A escola em si é um lugar dinâmico e sendo o lugar de onde as pessoas falaram seria o mais citado deles. Como a escola traz questões amplas sobre essa discussão, farei apenas alguns breves comentários sobre ela aqui, mas deixarei sua análise para o tópico seguinte, já que ela tem um nível que merece um destaque maior por ter sido o lugar da pesquisa e é a partir dela que se pensaria uma masculinidade e sua ligação com a sexualidade. O Estado também apareceu, mas como veio em uma pequena parte dos relatos, ele será tratado apenas pontualmente no tópico seguinte, principalmente por entender que, em se tratando de escolas públicas, elas também seriam parte de um conjunto maior que é o Estado.

Falando das famílias, uma queixa muito presente na fala dos/das professoras foi da ausência dos pais e mães na escola. Eles/elas pareceram desejar muito que os pais e mães estivessem mais presentes e que se preocupassem com tudo que estaria relacionado à educação dos filhos. Na questão do tema específico tratado aqui, não foram poucos os/as professores/as que disseram temer o que pais e mães fariam se questões mais profundas de gênero e sexualidade fossem discutidas na escola. Pelas polêmicas que julgaram que o assunto possui, disseram que provavelmente pais e mães reagiriam de forma muito negativa se a escola discutisse isso de uma maneira mais profunda. Não foram também poucos os relatos que disseram que os/as estudantes seriam indisciplinados por conta de uma educação “desregrada” que receberiam em casa. Esta fala condiz com a visão de uma estudiosa da educação. Segundo ela, “professores, direção e especialistas entendem que *esses alunos não têm limites* em casa, que seus comportamentos são *resultantes da vida familiar* [...]” (LATERMAN, 2003, p. 223. Grifos meus). Daí viria a maior parte das influências.

No que tange à discussão sobre masculinidade, algumas questões já foram trazidas aqui nesse sentido. Os discursos giraram em torno de influência familiar no caso de homossexualidade, como no caso do filho do Paulimar que teria se tornado homossexual por



influência do pai, segundo os relatos dos meninos; passando pelo episódio do pai que agrediu o filho que teve um desvio de padrão de masculinidade, como relatou da professora Marlene; até opiniões de professores/as que entendem que a família é um dos grandes fomentadores do padrão de masculinidade forjados por essa sociedade, como no caso do menino que teve uma reação não apenas dos colegas, mas também das famílias dos colegas que quiseram expulsá-lo da escola por algum desvio do comportamento esperado, como no relato do professor Jaime. A fala de uma professora é bem direta na visão de que a família teria grande influência na defesa de uma masculinidade intocável:

**Professora Bruna**<sup>75</sup>: Com certeza. Estimula sim e muito a masculinidade. [...] Então você tem relatos de alunos que apanharam porque precisam mostrar uma masculinidade, a escola não sabe como tratar e a família também não

A influência familiar então pareceu diversificada nas opiniões sobre o tema, mas no geral, eles trouxeram que é de grande a contribuição das famílias na construção dessa masculinidade padronizada. E segundo vimos, eles trazem de casa essas visões que são vividas na escola e daí levariam essa visão para a vida.

No tocante à religião, ou as igrejas, visto que nossa cultura é majoritariamente cristã, algumas questões precisam ser trazidas a esse respeito. Compreendendo que o Estado é laico, segundo nossa Constituição Federal em vigor, os/as professores foram mais reticentes em falar da influência das igrejas sobre a escola. Mas as influências me pareceram pouco questionáveis. Um fator que não considero pouco significativo foi o que observei nas visitas a campo. Das três escolas, exceto o Liceu de Humanidades, havia símbolos relacionados com a religião, em especial à igreja católica. Na escola Visconde do Rio Branco, havia duas imagens de santa católicas e em lugares de muito destaque: uma era uma imagem de Nossa Senhora suspensa na sala dos professores e a outra era uma imagem de grande dimensão de Nossa Senhora dentro de um oratório na sala de informática. Na escola Dr. Thiers Cardoso, na escada de acesso ao segundo piso, há um retrato bem evidente com o rosto de Jesus Cristo e no pátio externo, numa parte que não há acesso frequente, há um oratório com uma imagem de Nossa Senhora junto ao muro, devidamente ornado com flores. No Liceu de Humanidades, embora sendo uma escola muito mais tradicional, tanto no modelo arquitetônico, quanto nas falas de que a escola seria mais tradicionalista, eu não vi, pelo menos nos lugares onde tive acesso, as imagens e outros símbolos religiosos. Não me pareceu que essas imagens sejam escolhas aleatórias e que isso não reflita em outras influências. E sua influência tenderia a um conservadorismo que lhe é

---

<sup>75</sup> Professora de língua portuguesa do CE Dr. Thiers Cardoso. 31 anos, professora há 9, casada, católica e autodeclarada como negra. Entrevista concedida em 09/10/17.

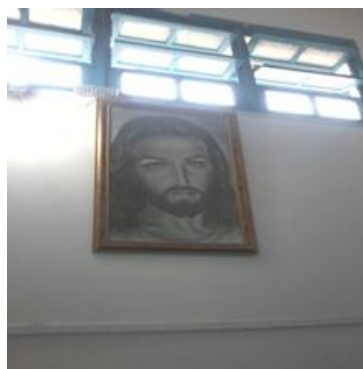
muito próprio, especialmente nessas questões de gênero como traz Betti (2011, p. 3), em que “a Igreja pregaria um antifeminismo, disseminando valores patriarcais e o dogma da inferioridade ‘natural’ das mulheres”.



**Figura 10 - Oratório do CE Dr. Thiers Cardoso junto ao muro da Av. 28 de Março**  
**Fonte: Fotografia de Cleber Teixeira de Oliveira**

No grupo focal com meninos do 3.º ano do CE Dr. Thiers Cardoso, o entrevistado de codinome Henrique, negro, de 17 anos, chamou a atenção para essa questão quando falávamos sobre os temas tocantes à masculinidade:

**Henrique - Integrante de grupo focal**<sup>76</sup>: acho que o Brasil e o mundo está muito ligado na religião. Na minha opinião, aqui no Brasil a gente tem muito o Cristianismo que fala alto. E para uma pessoa gay, as pessoas não aceitam aquelas que fogem do padrão.



**Figura 11 - Pintura com o rosto de Cristo no CE Thiers Cardoso na escada de acesso ao segundo piso.**  
**Fonte: Fotografia de Cleber Teixeira de Oliveira**

Em outro grupo focal na mesma escola, falando também de homossexualidade, o Leirbag relacionou sua opção religiosa com o estímulo para pensar de determinada maneira sobre o tema. É bom frisar que nesse grupo em específico, todos os meninos se declararam evangélicos e todos disseram que estariam afastados da igreja. Segundo disse,

**Leirbag - Integrante de grupo focal**<sup>77</sup>: eu sei que isso não é o certo, está na Bíblia que o homem foi feito para a mulher e a mulher foi feita para o homem, por mim eu sigo isso, mas eu não tenho preconceito.

<sup>76</sup> Grupo focal com meninos do 3.º ano do Ensino Médio realizado na escola Dr. Thiers Cardoso em 11/10/17.

<sup>77</sup> Grupo focal com meninos do 1.º ano do Ensino Médio realizado na escola Dr. Thiers Cardoso em 20/10/17.

Na fala dos professores, também houve referências muito manifestas sobre a religião. Falando de um recado que poderiam deixar para os meninos, uma professora disse:

**Professora Marlene:** acho que ainda falta um bocadinho de religião...

O sucedido do professor de saia na escola teve, segundo ele mesmo disse, a intenção de provocar as pessoas para a questão do gênero e, como ele trouxe, ele já é estigmatizado na escola por seu ateísmo. Ele disse que os professores bradam para todos os lados que não têm preconceitos, que são arejados e dispostos a tratar as questões com um respeito cidadão e democrático, chegando a realizar projetos nesse sentido, mas que no fundo eles seriam muito preconceituosos e são imbuídos de suas formações evangélicas pentecostais.



**Figura 12 - Imagem de Nossa Senhora no oratório e uma bíblia na sala de informática do CE Visconde do Rio Branco**  
**Fonte: Fotografia de Cleber Teixeira de Oliveira**

Trago um último relato de uma professora de língua portuguesa que teria indicado alguns avanços nesse sentido. Ela se declarou católica praticante, disse ter passado por situações de muita decepção com alguns ocorridos em sua igreja, mas ela disse que vê mudanças:

**Professora Bruna:** Eu acho que a gente está vivendo um momento novo sim. [...] Então eu acho que a sociedade está mudando sim e eu acho que a igreja vai ter que se adaptar a isso. [...] A igreja está devagar, mas que tá enxergando uma mudança.

Partindo para a discussão como ocorre na escola, alguns relatos são dignos de nota. Na fala de uma professora, a escola tem muita preocupação em estabelecer preceitos no que concerne às questões de gênero. Como professora de educação física, ela conta que também trabalha numa escola particular de Campos, e relata a experiência vivida nesta escola, que só seria menos declarada do que na escola pública:

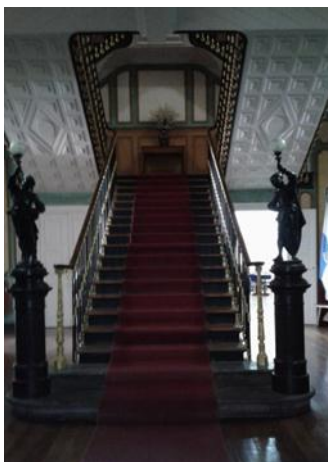
**Professora Cecília:** Eu entrei para trabalhar numa escola [particular de Campos], e *fui contratada para trabalhar com as meninas*. E havia *um professor para trabalhar com os meninos*. A proposta era essa. Só que, ao longo do percurso não foi bem assim, a gente viu que não é bem assim. Existe um momento específico que é o momento do treinamento, *treinamento...*, agora aula? Por que separar? Eu não vejo por que separar na aula em si. Porque a aula eu vou lidar ali com o básico, eu vou estar formando, não vou estar treinando ninguém para equipe masculina ou para a equipe feminina não.

Outra entrevistada, professora de educação física, trouxe um acontecimento que, a meu ver, é bastante indicativo nesse sentido. Ela conta que, a despeito de suas tentativas de trabalhar inclusão e trabalhar questões que promovam mais a discussão cidadã do que simplesmente trabalhar conteúdos, ela enfrenta muitas dificuldades na escola. A seu ver,

**Professora Solange**<sup>78</sup>: Eu acho que dentro da própria equipe pedagógica existe o machismo. Eu acho que primeiro tem que tratar a cabeça de alguns professores. [...] Na primeira festa que eu trabalhei aqui, tinha um grupo de meninos que dançavam como meninas, “As Super Poderosas”, “As Maravilhas”, “Os Meninos Maravilhas”... não sei... tinha um nome... e quando eu falei que eu ia colocá-los para dançar os professores disseram: “isso é um absurdo... isso é isso, aquilo...”

A fala da professora me remeteu a uma fala feita por outro professor, que muito criticamente, falou como é essa situação vivenciada na escola. Perguntado se a escola potencializa a determinação de papéis de gênero, ele ponderou:

**Professor Donato**: a escola não potencializa, não. A forma de potencialização está no professor. A gente fala assim: “Isso aqui é uma instituição, eu represento uma instituição”. Sim, mas quem está falando é a pessoa. Quem está escrevendo é a pessoa, ou seja: eu represento uma instituição? Então eu deveria falar como instituição. Como instituição não fala, é um pedaço de papel, alguém fala: sou eu.



**Figura 13 - Escadaria do prédio principal do Liceu de Humanidades**  
Fonte: Fotografia de Cleber Teixeira de Oliveira

A fala de que é preciso pensar e entender os professores foi trazida em muitas outras falas. Num geral, as entrevistas apontaram para uma preocupação muito grande com a formação dos professores, pois sem essa formação, sem a construção de uma concepção de que eles são cidadãos e cidadãs e que eles estão na escola colaborando para formar cidadãos e cidades, os/as professores/as continuarão, por meio da escola, a levar até essa formação uma visão de mundo particular e que não deve ter predomínio num Estado Democrático de Direito.

---

<sup>78</sup> Professora de educação física do CE Visconde do Rio Branco, 43 anos, professora há 24, solteira, mãe, negra, mulher com traços masculinos e sem religião, com adesão ao kardecista. Entrevista concedida em 03/10/17.



**Figura 14 - Frente do Liceu de Humanidades visto da Praça do Liceu**  
Fonte: Fotografia de Cleber Teixeira

Tanto a igreja, quanto a família e a escola trabalhariam, como o trabalho de campo revelou, para uma visão de mundo particular e na manutenção de valores que podem perfeitamente ser transformados. Como a escola foi o local do trabalho de campo e como muitas outras falas vieram nesse sentido, o tópico abaixo pretende discutir um pouco mais sobre a discussão sobre gênero e sexualidade naquele ambiente.

### **3.6. Quem estaria autorizado a falar sobre gênero e sexualidade na escola?**

Dentre as questões levadas a campo, nas entrevistas com os/as professores/as, havia a pergunta se eles consideravam importante que o tema da sexualidade e do gênero fosse discutidos na escola. Posso afirmar que até mesmo eu, antes de ter contato com a leitura de Michel Foucault (1979; 2009) pouco questionava, se é que eu questionava, que falar sobre sexo e sexualidade é possível a todos/todas, uma vez que ela é vivenciada por todos/todas.

Sei que existem os/as especialistas para tratar deste e de outros assuntos, mas o fato de a sexualidade ser algo tão comum a todos os seres humanos, ela pode ser debatida e pensada por todas as pessoas. Questões talvez mais profundas sobre pontos de vista científico da sexualidade, obviamente demandaria que esses profissionais fossem acessados. Mas o que me pareceu um tanto inquestionável foi que os/as professores/as temiam que algum tipo de doutrinação heterodoxa pudesse ser veiculado na escola e que isso poderia levar a pensar as sexualidades periféricas como sexualidades com ganas de centralidade. Isso me pareceu um tanto provável dado que muitos deles e delas citaram algumas vezes as personagens contemporâneas das telenovelas, as notícias repassadas pelas grandes mídias e os programas de governo que de alguma forma trariam à luz as identidades sexuais tidas até então como fronteiriças.

Toda a discussão sobre gênero, sexo, sexualidade, identidades sexuais minoritárias em movimentos de afirmação e tudo que esses temas envolvem apareceram como fato preocupante

para muitos/as dos/das profissionais de educação que eu tive acesso durante o trabalho pesquisa. Entretanto, o último dos aspectos citados acima, que seriam os programas de governo voltados para discutir sexualidade, merece algum destaque. Falo isso por observar que, em muitas falas dos/as professores/as entrevistados/as, houve menção ao que eles chamaram de *Ideologia de Gênero*. Até a data da conclusão desta dissertação, eu não encontrei nenhuma literatura séria que conceituasse com o devido rigor científico o que eles chamaram de ideologia de gênero. Não encontrei discussão sobre o termo em uma literatura reconhecida, nem da sociologia, nem de outras áreas das ciências humanas. Sou levado a crer que o termo teria sido construído a partir de algumas informações limitadas e passou a rondar o discurso de muitas pessoas, mesmo que ainda não tenha sido discutido em profundidade, nem como conceituação, nem como refutação. Acredito que trabalhos posteriores poderão abordar o tema com a devida preocupação teórico-metodológica, seja para refutar o que seria essa ideologia de gênero, ou seja, para torná-la um conceito abarcado pela ciência. Até o momento, estes são os limites que trago com relação ao tema.

Quando perguntados/as se consideravam importante que as temáticas de gênero e sexualidade fossem discutidas na escola, os/as professores/as foram unânimes em afirmar que sim. Mesmo tendo já falado que muitos/as temem que a discussão seja enviesada, o geral foi que eles/elas consideraram a garantia do tema bastante válida.

Vejamos algumas falas nesse sentido:

**Professora Marília:** Eu acho importante sim. Até porque uma escola muito grande, uma clientela muito variada, com pessoas de vários lugares, tudo é muito variado. De onde as pessoas vêm, a cultura das pessoas, a educação familiar, as religiões... então é importante sim. Até para desmistificar certas coisas. Escola é um lugar bom para isso. E já ir trabalhando certos posicionamentos que estamos vendo aí fundamentalistas, homofóbicos... é importante sim.

**Professor Patrick**<sup>79</sup>: mas eu acho que algumas disciplinas poderiam sim. [...] Mas eu sei que é difícil, porque têm alguns pais que são muito cabeça fechada. [...] Meu pai me passou vários valores. Cara, eu acho meu pai um dos caras que eu mais admiro nessa vida, mas acho que ainda têm algumas pessoas que não têm pai e têm algumas mães que fazem esse papel da figura paterna, de educação paterna, mas eu não tenho muita tranquilidade para dizer como deveria ser e o que é que tá falhando.

**Professor Arnaldo:** Então, gênero e sexo, eu não estou muito por dentro, mas toda informação para mim é válida.

**Professor Tenório:** Sim, para os outros alunos aprenderem a respeitar. [Mas] o professor não tem que defender um lado.

Grande parte deles/as considerou importante, mas despreparados/as para levar o assunto, seja por desconhecimento, seja pela disciplina que lecionam:

---

<sup>79</sup> Professor de matemática do Liceu de Humanidades, 28 anos, professor há 6, solteiro, sem filhos e declarando-se negro, heterossexual e católico. Entrevista concedida em 28/09/2017.

**Professora Camila**<sup>80</sup>: Sim, sem dúvida. Embora eu não saberia assim exatamente estar trabalhando com eles dentro de sala pela minha disciplina... Eu trabalho com física com eles então é complicado.

**Professor Vitorino**: Ninguém está preparado, ninguém está preparado. Ninguém está preparado para a diferença. Então vamos ter que ser protagonistas. No termo teológico: proto-Profeta. Tem outro termo também: vanguarda. [...] Nós não fomos preparados para ele [o tema] então nós vamos ter que todos nós, alunos e professores, juntos tomar o remédio. Então vamos crescer juntos.

Alguns consideraram importante, mas sabem que a escola é o Estado e ela esbarraria em questões estruturais graves por que está passando e precisa estar atenta ao que as políticas educacionais trazem nesse respeito:

**Professor Francisco**: a escola passa por problemas estruturais. [...] Veja você que nós não temos nem porteiro... Às vezes tem que desviar funcionários da cozinha, professores e até diretores para fazer serviço de porteiro. [...] Então a gente no conselho de classe, a gente conversa sobre a situação dos alunos, mas a gente fica um pouco amarrado.

**Professora Bruna**: a escola precisa obedecer às questões políticas. Então como eu acho que isso não está claro politicamente falando a escola fica presa também.

Há aqueles/as que falam que a questão deve ser tratada apenas por profissionais e manifestam sua interpretação do que consideram a política chamada de *Ideologia de Gênero*:

**Professor Sérgio**: Eu acho importante sim, a gente lidar com profissionais que mostrem as perspectivas diferentes, visando o respeito, tratado no Ensino Médio. Discordo de como tem sido levantado: tratar com crianças. Elas não têm preparo e entendimento para isso. Os pais devem conversar com elas não escola. Mas como eu estou falando aqui como professor de ensino médio, sim, devemos tratar e conversar abertamente com eles com profissionais habilitados para conversar isso.

**Professora Marlene**: o que está havendo hoje em dia, essa ideologia de gênero, é complicado. [...] Porque essa ideologia de gênero que está aí, né? Eu vou te dizer que eu não tenho sobre isso ainda uma opinião formada. [...] Isso tem que ter um acompanhamento com o psicólogo ou psiquiatra, acho que nem todo psicólogo também vai ser capaz de entender isso. [...] Não sei, né? Deus criou uma coisa assim tão infinita... que quem sou eu para criticar. Não consigo entender, mas não critico não

Mesmo com essas falas quanto a cuidados, despreparos, profissionais habilitados, problemas políticos e estruturais, segundo indica um professor do Liceu, aquela escola não teria ficado alheia a isso. Para ele,

**Professor Jerônimo**<sup>81</sup>: É uma coisa que de algum tempo para cá isso vem sendo trabalhado vem sendo discutido, em mesas redondas sobre isso, e tudo mais. Acho que a nossa escola tem... não tem ficado alheia a esse tema. [...] Porque a gente tá querendo preparar os alunos para o futuro e que futuro é esse, o futuro é ele vencer essas etapas para amanhã.

---

<sup>80</sup> Professora de física do CE Dr. Thiers Cardoso, 29 anos, professora há 6, mestranda em educação, casada e sem filhos e declarando-se do sexo feminino, branca e sem religião. Entrevista concedida em 05/10/17.

<sup>81</sup> Professor de matemática do Liceu de Humanidades, 60 anos, professor há 35, divorciado e pai, declarando-se do sexo masculino/macho, miscigenado e kardecista. Entrevista concedida em 09/10/17.

Diante disso, é possível verificar que a discussão da masculinidade e da relação intragênero poderá encontrar amparo na escola também. Todas essas questões trazidas aqui merecem ser consideradas no caso de se pensar em como essa discussão deverá ser feita. Entendendo que essas concepções também podem mudar, creio que o trabalho de campo com as entrevistas feitas com os professores foi capaz de trazer um panorama desse debate.

### **3.7. Pensar os homens do amanhã: o que é possível pensar sobre o que se espera dos homens do futuro?**

É muito difícil prever como será a relação entre os homens no futuro. Se essa relação intragênero será cada vez mais facilitada e com menos amarras e violências. Nós enquanto estudiosos analisamos o que nos trouxe o passado, correlacionamos com o que temos no presente e imaginamos o que é possível pensar sobre o futuro.

Para Giddens (1993), as questões de sexualidade, as emancipações e a política de vida tendem a indicar que caminhamos para um modelo mais andrógino entre as pessoas, o que pode tornar essas relações não só a intergêneros, mas também as relações intragênero, podem sofrer transformações com isso. Segundo ele,

uma consideração provável é que quanto maior o nível de igualdade alcançado entre os sexos, mais as formas preexistentes de masculinidades e feminilidades estão propensas a convergir para algum tipo de modelo andrógino (1993, p. 215).

Essa análise do autor não pareceu estranha às observações que pude constatar em campo. A fala teria aparecido apenas uma vez, e na visão de quem trouxe, ela não seria sentida com relação aos dois gêneros, mas especialmente no caso de um deles:

**Professora Termutes**<sup>82</sup>: O que eu vejo hoje é que as meninas estão cada vez mais se parecendo com os meninos, mais as meninas com os meninos do que os meninos com as meninas. O que eu vejo é que os meninos procuram manter a masculinidade e as meninas já estão se permitindo atitudes, ações, palavras de meninos, que eram características de meninos.

Com relação aos meninos, por mais que na fala de alguns/as professores/es, eles estariam mais intolerantes e extremamente reacionários, muito mais do que em tempos atrás, o que pude perceber foi uma preocupação, pelo menos nos grupos focais, de não ser preconceituosos com relação às diferenças. Falaram isso muito se referindo à aceitação dos gays.

---

<sup>82</sup> Professora de história do CE Visconde do Rio Branco, 55 anos, professora há 32, viúva e divorciada, mãe, declarando-se do sexo feminino, miscigenada e kardecista. Entrevista concedida em 10/10/17.



**João/Marcos/Heitor - Integrante de grupo focal**<sup>83</sup>: mudou muito. Antigamente os homens não aceitavam o veado. Não que hoje a gente aceita.

Havia uma preocupação inicial do menino em dizer que hoje aceitariam melhor os homossexuais, mas talvez lembrando de algumas das falas que foram feitas no grupo ou talvez por reconhecer que a homofobia ainda seja um problema por ser resolvido, ela preferiu terminar a frase dizendo que essa aceitação seria relativa.

Também, em outro grupo focal da mesma escola, os meninos disseram que era comum que os meninos que aceitassem ou até defendessem os homossexuais, o que seria algo, a seu ver, crescente, sofreriam os respingos de uma intolerância projetada contra aqueles:

**Jorge - Integrante do grupo focal**<sup>84</sup>: tem gente que tem medo de opinar por causa disso: O cara vai e é a favor ou contra isso, depois o outro vai querer ficar zoando ele: “ah, você é a favor da homossexualidade”. [...] Já rola um preconceito por causa disso. em uma certa desconfiança.

Saindo da homossexualidade propriamente dita e partindo para uma observação de dois professores do Liceu sobre as relações cada vez mais afetivas entre os meninos, eles manifestaram com surpresa ou até mesmo com espanto a forma como os meninos teriam se aproximado. Eles disseram:

**Professor Patrick**: Eles ficam se agarrando muito. Eles têm um contato físico um pouco diferente do que era usual há um tempo atrás. A gente veio de uma geração que, cumprimentar e dar um abraço, era o máximo que podia. E, hoje em dia, não. Eles têm mais contato físico do que era antes. Mas defendendo sempre uma posição de heterossexuais. Então eles não levam muito a sério, mas choca um pouco quem tá de fora.

**Professor Jerônimo**: Mas o que impressiona é que eles estão muito soltos, muito liberados, é um agarrando com o outro, beijando outro, aquela coisa de ter uma aproximação, uma intimidade maior que antes você não via. Ou era meio velado isso, ou era que as famílias e os pais controlavam e regravam mais isso, mas hoje não, hoje tá tudo, eu vejo eles muito assim donos de si, que podem fazer tudo, mas infelizmente ou felizmente existem regras.

O que essa aproximação física dos meninos, com visíveis trocas de beijos, abraços e de estarem o tempo todo mais agarrados, algo que é muito mais comum entre as meninas, foi uma descrição que só ocorreu no Liceu. Nas demais escolas não houve menção a isso. E o que de fato isso virá significar para uma relação mais estreita entre os homens e como isso poderá afetar as relações intragênero no sentido de uma convivência cada vez menos violenta, penso que só o futuro conseguirá indicar se essa vinculação é algo possível.

Por mais que seja difícil prever o futuro e sabendo corremos um sério risco de errar nas expectativas, algumas das professoras entrevistadas não deixaram de trazer algumas dicas

<sup>83</sup> Grupo focal com meninos do 3.º ano do Ensino médio do Liceu de Humanidades realizado em 06/10/17.

<sup>84</sup> Grupo focal com meninos do 3.º ano do Ensino médio do Liceu de Humanidades realizado em 20/10/17.

que, na visão delas, poderiam fazer com que estejamos, ou que nossos/as descendentes estejam, em um mundo muito melhor do que este em que vivemos.

Ao serem perguntadas sobre o que elas imaginam do futuro e que recado elas dariam para os meninos se elas pudessem ser ouvidas por todos eles, três professoras, uma de cada escola estudada, deram um recado, a meu ver, bastante arrojado. Vejamos,

**Professora Suely**<sup>85</sup>: que eles sejam mais, entre aspas, femininos. Que enxerguem mais com o coração, que tenham mais sensibilidade. Que esqueçam essa brutalidade com que às vezes eles são. Eu acho que o conhecimento, vamos dizer, eu acho que a maturidade emocional, eu acho que o menino ele é mais atrasado com isso aí, ele custa enxergar o outro. Ele olha só para si.

**Professora Marília**: Que eles observassem mais as meninas. Que eles interagissem mais com as meninas porque, os dois lados iam ganhar muito. E a visão que os meninos têm das meninas é muito superficial. Olhar as meninas de uma forma mais intelectual mesmo. Não só pelo estereotipo de que menina é mais calma, que a menina é menos capaz... que olhasse assim de igual para igual mesmo.

**Professora Termutes**: Quando eu vou para minha casa, eu moro ali perto campo do Americano, faculdade Cândido Mendes... Então eu saio de uma avenida importante, Avenida 28 de Março, entro na avenida que vai na rua até Cândido Mendes e dobro na rua, na esquina, no muro tem uma pichação que é um bonequinho que diz assim: o futuro é feminino. Eu poderia dizer que o futuro é feminino e masculino. Então o meu recado para eles seria alguma coisa parecida com que Gilberto Gil canta também, a minha parte feminina... é liberar, deixar fluir, não é uma apologia à transexualidade, é deixar fluir em si o que é muito sufocado, que é a parte feminina deles, para que as duas, a parte masculina e a feminina se completem.

É curioso e nem por isso menos compreensível que essa fala venha de professoras mulheres. Seriam de fato elas que, olhando de fora, poderiam perceber como um ganho que os meninos pudessem vivenciar mais o seu lado feminino, que pudessem se permitir aprender também com as mulheres o que elas têm de vantajoso. Independente de ser uma fala que veio de mulheres e acreditando que a masculinidade tende a ser discutida e repensada, e a dita crise da masculinidade aponta um pouco para isso, penso que já seja esse um bom caminho para pensarmos um futuro em que a relação entre os homens seja cada vez melhor.

---

<sup>85</sup> Professora de história do CE Dr. Thiers Cardoso, 50 anos, professora há 20, casada, mãe, católica e declarando-se do sexo feminino, branca e participante de movimentos sociais. Entrevista concedida em 10/10/17.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde que surgiram as leituras acerca da masculinidade e de sua relação intragênero, tudo apontava para uma possibilidade de violência empregada entre os homens para a manutenção de um modelo unificado e solidificado de masculinidade. Esta violência, como apresentada ao longo deste trabalho, não seria necessariamente uma violência física, seja de que natureza esse entendimento de físico possa vir a significar, como emprego de armas, agressões físicas, aprisionamentos, torturas, agressões sexuais ou constrangimentos físicos, entre outros, mas a leitura, especialmente a de Bourdieu (2007a; 2009), me levou a considerar que existem outras formas de violência, como aquela que ele chamou de violência simbólica. Essa forma de violência seria aquela quase imperceptível e que nem por isso poderia ser consideradas uma forma menos violenta, já que por seus predicados de imperceptibilidade imediata, ela possuiria realização de efeitos mais duradouros.

Ainda que parte da literatura trouxesse a realidade da relação entre homens vivenciada em diferentes países, a maior atenção foi dada aos homens de culturas ocidentais isto é: aqueles que sofreram algum tipo de influência do colonialismo e do neocolonialismo europeu. Mais raros, entre os textos pesquisados aqui, foram os estudos sobre homens de sociedades de pequena escala ou de homens de outras épocas (BOURDIEU, 2007a; CLASTRES, 1978; COSTA, 2004; FREYRE, 2003; QUINTAS, 2008) e nenhuma discussão foi lida sobre os homens das sociedades orientais. Parte significativa da literatura, portanto, cuidou de descrever sobre essa realidade vivida pelos homens do Brasil. E como a pesquisa de campo foi realizada em um local bem determinado, ou seja: em três escolas públicas estaduais da cidade de Campos dos Goytacazes (RJ), a circunscrição obedeceu a uma análise que se refere ao que e como vivenciam essas experiências a partir dos relatos de um local bem determinado, o que poderá apenas servir de comparação com os relatos de vivências masculinas de outras partes do país e até mesmo de outros países. Fica, por conseguinte, a consciência de que esse limite da pesquisa deverá sempre ser um dos pontos levados em consideração para quaisquer análises que venham ser feitas sobre a relação intragênero vivenciada por esse segmento de gênero. Não se possa dizer, entretanto, que os relatos obtidos dos estudantes e dos professores pesquisados não indiquem influência de um conjunto maior, composto pela cidade de Campos, pelo norte fluminense, pelo estado do Rio de Janeiro, da Região Sudeste e do Brasil como um todo. Compete a outras pesquisas e pesquisadores corroborarem ou não com a similaridade destes resultados colhidos para fins desta pesquisa realizada neste local específico.

Partindo da premissa do que foi relatado acima, a pesquisa trazia como hipótese que a relação estabelecida entre os homens em favor de um modelo próprio e reconhecido de masculinidade configuraria um processo de convivência baseado na violência. Como pudemos ver, essa hipótese de uma relação violenta entre os homens, portanto, é uma hipótese que pôde ser confirmada, seja pelo que foi mencionado na literatura específica sobre o tema, seja pela verificação feita a partir do trabalho de realizado em campo. Tanto no relato mais elucidativo feito na entrevista de um dos grupos focais, quanto nos relatos dos outros grupos e também nas entrevistas individuais, vimos que esse modelo de comportamento de uma masculinidade específica impõe-se aos homens de uma maneira um tanto conflituosa. Os relatos foram muito indicativos nesse sentido: tornar-se homem e viver como tal na cidade de Campos dos Goytacazes passa por um processo um tanto violento e, muitas vezes, cruel para muitos que vivenciam a construção de suas identidades masculinas.

Para os homens não-heterossexuais, por mais que possamos amplificar o que ser não-heterossexual signifique, essa convivência pareceu ser um pouco mais dura do que para a maior parte dos homens, como os relatos e a literatura trouxeram. Isso não significa dizer que outros homens também não passem por situações amargas e constrangedoras ao longo de suas vidas para se adequarem a um padrão típico de masculinidade. Vimos, por exemplo, que entre os dois extremos da masculinidade, de um lato os homens plenamente seguidores dos modelos de masculinidade e, de outro, “os contratipos da masculinidade” (OLIVEIRA, 2004, p. 73), os mais execráveis e que, em muitos casos, não mereceriam o *status* de homens, existiriam aqueles que poderiam estar em diversos pontos dessa posição medial. Por ocuparem lugares variados nessa camada, fui levado a considerá-los como pertencentes a uma masculinidade intermediária.

Fui levado a crer que essa divisão dicotômica dos homens, presente na literatura, pareceu insuficiente para abarcar uma infinidade de possibilidades vivenciada por outros homens, a partir dos relatos de campo. Algumas atitudes cotidianas de muitos homens afetariam diretamente sua classificação como homens autênticos, colocando em cheque a sua masculinidade, mas seriam insuficientes para considerá-los não homens. Esses homens, que identifiquei como a maioria dos homens que conhecemos, estariam em pontos variados dessa camada, menos ou mais próximos do ideal extremo da masculinidade. Pude perceber que essas normas do ápice da masculinidade são bastante difíceis de cumprir à risca e a todo tempo. E que por operarem por meios violentos, físicos e simbólicos, socialmente reconhecidos e com

objetivos que extrapolam a busca exclusiva de sua manutenção, mas que teriam o objetivo de parecer sempre forte e imbatível para continuar apresentando-se como o gênero dominante.

Intentando discutir a complexidade do tema proposto, entender a fundo o objeto de pesquisa, atingir os objetivos e testar a hipótese que o trabalho trazia, precisei buscar entender um pouco mais sobre o tema e isso consistiu mais do que uma metodologia específica de coleta de dados. Precisei fazer um apanhado sobre o tema e pude identificar que se tratava de um tema amplo e que merecia um aprofundamento maior. Verifiquei que os estudos sobre o tema, apesar de menos numerosos do que outros temas da sociologia e mesmo do que outros estudos sobre gênero, eram muito ricos e traziam questões que precisaremos de outros interesses sobre ele para que possamos conhecê-lo com um pouco mais de segurança.

Precisei fazer um estudo sobre a temática do gênero e entender que os homens e o masculino precisam ser muito mais conhecidos e que um dos caminhos para isso é seguir uma recomendação de Welzer-Lang (2004) de concebê-los como uma categoria de gênero que passam pelos mesmos processos de construção que qualquer construção social. Essa recomendação é importante, porque, como vimos, para alcançar e se manter como um grupo dominante, o masculino ao longo da história procurou se colocar como uma categoria natural e que sua dominação dispensaria justificações. Considerar isso levaria à possibilidade de problematizar os homens e entender todos os meandros de uma categoria que apresenta seus limites.

Dessa forma, verifiquei que já houve certa mudança de perspectiva e que os estudos dos homens dentro dos estudos de gênero, ainda que mais tímidos do que os estudos da mulher, já haviam dado sinais de relevância. Um dos estudos que proporcionaria pensar os homens como uma construção foram os estudos sobre o corpo. Até mesmo o corpo precisou ser reconhecido como uma categoria construída e que implicava compreender suas bases de ordem fisiológicas em categorizações de ordem simbólica. O corpo então levou a entender não apenas as mulheres como essa possibilidade de interpretação, mas também os homens e junto com eles, toda a relação que se constituiu em seu entorno.

Levando isso adiante, outros estudos vieram incorporar à discussão e um dos estudos que muito colaborou para isso foi o estudo da sexualidade. Baseado nos estudos de Michel Foucault, pudemos conceber a sexualidade como algo além da vinculação estrita com o sexo e passar a entendê-la como um conceito mais amplo e cuja história estaria marcada por um processo de construção de poder e de docilização dos corpos. Ele a concebeu como um instrumento de dominação que se desenvolveu a partir da utilização dos discursos. Em outras

palavras, é possível dizer que para ele a sexualidade se constrói de, para e através do controle dos discursos. Para o autor, mais do que a tendência imposta de crer que se estabeleceu um encerramento da sexualidade a partir do século XVII, o que teria havido na verdade teria ocorrido era a colocação do sexo em discurso, o que houve foi uma explosão discursiva. Falava-se muito mais do sexo do que se fazia crer, mas seus objetivos eram muito claros, falava-se dele com cuidado e para atender a determinados interesses. Havia aqueles que estariam autorizados a falar sobre ele e como deveriam falar. O amadurecimento da sociedade burguesa passaria assim a utilizar da sexualidade discursiva uma forma de controle sobre pessoas e corpos e esse controle seria exercido com uma possibilidade pouco perceptível. Com isso, ela teria criado as sexualidades periféricas e se estabeleceu com isso seu controle por meio da religião, da ciência e das artes, formando um dispositivo próprio: o dispositivo da sexualidade. Dizer que ele se trata de um conceito mais amplo é entendê-la como um conceito que abarcaria outras categorizações que lhe estão próximas, o sexo seria uma delas, as noções de masculino e feminino, entre outras, seriam o conjunto do que seria o dispositivo da sexualidade. Pensado dessa forma, indiquei que discutir gênero possui uma relação direta com discutir sobre sexualidade e ambos estão diretamente ligados e interdependentes, favorecendo e muito a discussão que propus aqui.

Pensados esses temas e suas correlações, foi possível trazer um detalhado estudo sobre a dominação masculina feita pelo sociólogo contemporâneo Pierre Bourdieu. Discuti a partir de suas análises e elas trouxeram importantes colaborações para o debate que propus. Indiquei que seu estudo, a pesar de muito significativo, não ocorreu sem críticas. Apresentei essas críticas para mostrar como elas tentaram indicar que o assunto é demasiado espinhoso e amplo para entender que qualquer tentativa de delimitá-la será inútil, ainda que feita por pessoas da envergadura de Bourdieu. Mas que, a meu ver, representou um corajoso e importante trabalho no sentido de colocar em discussão aquilo que se tentou sempre deixar longe dos holofotes e assim evitar a problematizar sua dominação.

Dados os passos para se discutir a masculinidade, trouxe também algumas produções acadêmicas feitas sobre o tema no Brasil. Para um dos estudiosos citados, Pedro Paulo Oliveira, o assunto é tão reservado que ele disse ter precisado se basear em estudos estrangeiros para alimentar os estudos para sua tese de doutorado sobre o tema. Desde seu estudo, o cenário não teria mudado muito, mas pude identificar importantes trabalhos sobre o tema. Alguns deles voltados para o tema da homossexualidade, mas que conseguiram colaborar muito com a

discussão mais ampla sobre os intocáveis homens. Mesmo na universidade onde apresento este estudo, pude identificar tentativas honrosas de colocar o assunto em discussão.

Trazendo para o desenvolvimento da pesquisa, manifestei minha escolha teórico-metodológica pelo estrutural/pós-estruturalismo. A escolha não foi feita por uma questão de entendê-la como uma abordagem melhor do que outras e que poderia ser perfeitamente tratada por outros viéses teórico-metodológicos. De fato, entendo que outras abordagens são absolutamente possíveis, a escolha, entretanto, chegou por uma espécie de convencimento a partir das leituras que desenvolvia sobre o assunto. Os autores que busquei para esta pesquisa, as indicações e os desdobramentos de buscas teóricas encontraram uma maioria de estudiosos voltados para essa orientação teórica. Seguir por outra vertente teórica poderia me fazer esbarrar em problemas de encontrar discussões mais aprofundadas sobre o tema. Diante disso, segui a correnteza e enveredei por esse caminho para os estudos sobre masculinidade e sua relação com o gênero e a sexualidade.

Desenvolvi o trabalho de campo nas escolas públicas estaduais realizando entrevistas com professores e estudantes e partindo para uma análise de discurso sobre o tema da masculinidade. A escolha desse objeto de pesquisa também foi resultado de uma rediscussão, pois o objeto anteriormente pensado demonstrou-se de difícil desenvolvimento. Com isso realizei as entrevistas com ambos os segmentos e obtive uma riqueza de informações que possibilitaram desenvolver as análises que trouxe aqui.

Ao obter os dados e passar a analisar os discursos que obtive no trabalho de campo me possibilitaram trazer importantes reflexões sobre as percepções sobre a masculinidade e pude confirmar a hipótese de que a relação intragênero vivenciada entre os homens ocorre não poucas vezes por meios violentos para a garantia de um modelo exclusivo de masculinidade. Uma das questões que apareceu muito de forma muito proeminente foi o discurso a respeito da chamada homossexualidade, a relação sexual vivenciada entre pessoas do mesmo sexo e/ou do mesmo gênero. Ainda que eu não quisesse concentrar o debate nesse tema, ele foi tão reforçado que não pude deixar de considerá-lo e tive de analisá-lo como algo muito intrigante para as pessoas entrevistadas. Para aquilo que aqui propus discutir, a homossexualidade apareceu como um fator de desvio do padrão de homossexualidade e, como analisou um dos autores pesquisados, Welzer-Lang (2001b, 2004), a resistência a esse tipo de relações, ou seja, a homofobia, funciona como uma ferramenta de controle de um modelo próprio sobre masculinidade. Ela ocorreria também na confirmação da hipótese, pois a homofobia desenvolve-se por meios violentos,

sejam eles físicos ou simbólicos, e o trabalho de campo trouxe relatos de ambos os tipos de violência.

Durante o trabalho de campo, pude identificar também como as concepções sobre a masculinidade, e tudo que ela implica, encontra interlocução de algumas das principais instituições sociais que o trabalho de campo revelou como formadores discursivos e formadores de consciência. Uma delas foi a própria escola, lugar de onde falavam, e que se demonstrou muito importante nesse mister. A outra foi a família e esta foi bastante indicativa na forma como entrevistados/as veem sua influência na forma como elas formam a consciência sobre a masculinidade. A última foi a igreja, ou as igrejas cristãs, como representantes oficiais do Cristianismo. Todas essas instituições além de potencializarem um modelo exclusivo de masculinidade, também foram destacadas, umas menos e outras mais, como agentes da violência. Os relatos as colocaram como agentes que atuaram de forma a potencializar a violência para esta modelação. A família e a escola apareceram como interventoras, além da violência simbólica, também de uma violência física em torno da masculinidade padrão e a religião, ou a igreja, como personagem importante para o estímulo de uma violência mais simbólica.

Uma das coisas, entretanto, que foi mais surpreendente que foi proporcionado pelas análises dos discursos e que, se existia como análise possível, aparecia para mim totalmente nebulosa, foi perceber que era possível ir além de um debate dicotômico a respeito da masculinidade, como propunha a literatura especializada. Tive de buscar entender se realmente só existiriam duas possibilidades de conceber as concepções sobre a masculinidade. E me veio como algo muito premente que era preciso pensar outras possibilidades para além da clivagem verificada na literatura que levavam a dividir os homens em dois blocos antagônicos. Era possível pensar algo intermediário e o campo me mostrou isso como algo possível. Então como uma busca meramente analítica, mais do que a intenção de criar terminologias e estabelecer rótulos determinantes de comportamentos de pessoas, pensei que poderia dizer que identifiquei algo que chamei de masculinidade intermediária.

De modo algum eu quis afirmar que os homens que se poderia chamar de portadores de uma masculinidade intermediária seriam menos homens por não seguirem todos os mandamentos do ideal de masculinidade. Nem mesmo pretendi dizer que eles estariam num degrau abaixo do da masculinidade por não evidenciarem todas as características do pretendidas pelo ideal exclusivo de masculinidade. Também está muito distante de minhas pretensões afirmar que aqueles do outro extremo, aqueles que a literatura chamou “sub-homens”



(WELZER-LANG, 2004, p. 118), os “considerados como não-homens” (WELZER-LANG, 2001b, 465) ou “anti-homens” (COSTA, 2004, p. 240), não mereceriam a denominação de homens ou pelo menos de homens completos. Dizer isso seria aceitar um discurso preconceituoso de que, para ser homem de verdade, é necessário obedecer aos ditames da masculinidade ideal, o que, de saída, já colocaria um expressivo número de homens de fora do que seria ser homem. Pelo contrário, concebo que nem mesmo essa terminologia de *homens de verdade* tem razão de continuar existindo. O que pretendi analisar aqui é que um número muito grande de homens encontra grandes dificuldades, e que são cobrados com atitudes violentas, para se comportarem como homens num modelo que vejo socialmente construído e que possui seu enorme grau de dificuldades, justamente para se fazer excludente, mas que no fundo se trata de um valor que se quer defender para assim se manter como o gênero dominante (BOURDIEU, 2007a). Prefiro trazer como análise de que não existe uma maneira exclusiva de ser homem, mas múltiplas maneiras de sê-lo, e que, por isso mesmo, não há motivos para se manter a ideia de que esse gênero defendido seja entendido como dominante sobre o outro gênero e nem sobre outras “subcategorias” forjadas socialmente.

A riqueza encontrada no trabalho de campo me proporcionou até mais do que o esperado. Pude observar que existe um discurso, que não foi generalizado, mas apareceu em algumas falas perspicazes de que é possível pensar que os homens precisam refazer-se e que a pura brutalidade reivindicada por uma masculinidade intransigente já dá sinais de desmoronamento. Certamente uma reação também foi identificada. Alguns/as professores/as relataram ter percebido os meninos, e talvez bem mais eles do que as meninas, com uma objeção reacionária a todo tipo de possibilidades transformadoras. Mas estes/as não foram os/as únicos/as e nem foram a maioria das observações dos/as profissionais da educação média acessados/as. Havia aqueles/as que também disseram perceber muito uma predisposição para se repensar o masculino para além das formas tradicionais, aquilo que a literatura chamou de crise da masculinidade. Também pude identificar tanto a predisposição de alguns meninos para conviver melhor com formas alternativas de masculinidades ou de se permitirem mais, como pude perceber a partir dos próprios discursos dos meninos que havia certo escrúpulo de parecer ou dar-se a entender como preconceituosos ou intolerantes entre si. Se pude identificar que algumas falas de professoras foram mais corajosas e inovadoras nesse sentido, um dos recados que apareceu muito mais do que o esperado, era que os meninos deixassem de lado o enrijecimento que alguns ainda ostentam e passassem a aprender com as meninas, que se permitissem ser mais femininos, que buscassem a buscar na autocrítica e na observação de um

universo que está tão ao lado, o universo feminino, aquilo que poderão encontrar para que possam plantar sementes de um amanhã em que possam colher menos violências e mais felicidades.

Então, mais do que concluir, este estudo mostra que é possível analisar com o que temos e, ainda que não possamos prever o futuro, podemos tentar vislumbrar um mundo em que as convivências, ou as relações humanas possam ter melhores chances de ser mais complacentes. Talvez um dos caminhos passe por conhecer melhor os homens e entendê-los como um segmento em transformação. Assim, pode ser que se ganhe uma consciência de que é possível se livrar de um peso que paira não só sobre o próprio grupo, mas sobre todos e todas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE Jr., Durval M. de & CEBALLOS, Rodrigo. Trilhas urbanas, armadilhas humanas: a construção de territórios de prazer e de dor na vivência da homossexualidade masculina no Nordeste brasileiro dos anos 1970 e 1980. In: SCHUPUN, Mônica R. (Org.). *Masculinidades*. São Paulo: Boitempo; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2004. p. 129-150.

ALEXANDER, Jeffrey. O novo movimento teórico. *Revista Brasileira de Ciências Sociais - ANPOCS*, São Paulo, v. 2, n. 4, 39 p., jun./1987.

ALMEIDA, Suely S. & SAFFIOTI, Heleieth L. B. Brasil: violência, poder e impunidade. In: CAMACHO, Thimoteo. (Org.). *Ensaio sobre violência*. Vitória: EdUfes, 2003. p. 85-114.

ANJOS, Erly E. A banalização da violência e a contemporaneidade. In: CAMACHO, Thimoteo. (Org.). *Ensaio sobre violência*. Vitória: EdUfes, 2003. p. 61-82.

BARCELLOS, Gilsa H. Atuação das delegacias especializadas da mulher no estado do Espírito Santo. In: CAMACHO, Thimoteo. (Org.). *Ensaio sobre violência*. Vitória: EdUfes, 2003. p. 115-167.

BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. 34. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

BETTI, Marcela U. Pierre Bourdieu e a dominação masculina. *Laboratório Didático – USP ensina Sociologia*. 2.º semestre de 2011, p. 1-9. Disponível em: <<http://ensinosociologia.fflch.usp.br/sites/ensinosociologia.fflch.usp.br/files/2011-2-Marcella-Betti-domina%C3%A7%C3%A3o-masculina-1-texto.pdf>> Acesso em: 29 de setembro de 2017.

BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

\_\_\_\_\_. *A dominação masculina*. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007a.

\_\_\_\_\_. Estrutura, *habitus* e práticas. In: \_\_\_\_\_. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007b.

\_\_\_\_\_. *O poder simbólico*. 12. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

BOZON, Michel. A nova normatividade das condutas sexuais ou a dificuldade de dar coerência às experiências íntimas. In: HEILBORN, Maria L. (Org.). *Família e Sexualidade*. Rio de Janeiro: FGV, 2004a. p. 119-153.

\_\_\_\_\_. *Sociologia da sexualidade*. Rio de Janeiro: FGV, 2004b.

BRANDÃO, Elaine R. Iniciação sexual e afetiva: exercício da autonomia juvenil. In: HEILBORN, Maria L. (Org.). *Família e Sexualidade*. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 63-86.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

CANO, Andrés. M. et al. Jefatura masculina en hogares monoparentales: adaptaciones de los hombres a las necesidades de sus hijos. *Revista Colombiana de Sociología*, v. 39, n. 1, p. 123-145. Jan./Jun. 2016. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.15446/rsc.v39n1.56342>> Acesso em 20 de agosto de 2017.

CARDOSO, Fernando L. *O que é orientação sexual*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

CARRARA, Sérgio & HEILBORN, Maria L. Em cena, os homens... *Revista Estudos Feministas*. v. 6, n.2, [s/p.] 1998. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/12013/11299>>. Acesso em: 27 de julho de 2017.

CLASTRES, Pierre. *A sociedade contra o Estado: pesquisas de antropologia política*. Tradução de Theo Santiago. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

CLAYTON, Susan. O hábito faz o marido? O exemplo de uma female husband. In: SCHUPUN, Mônica R. (Org). *Masculinidades*. São Paulo: Boitempo; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2004. p. 151-174.

CONNELL, Robert W. (Raewyn). Como teorizar o patriarcado. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 15, n. 2, jul./dez. 1990. p. 85-93. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/issue/viewIssue/3059/325>> Acesso em 03 de janeiro de 2016.

\_\_\_\_\_ & MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Estudos Feministas*, [Florianópolis], v. 21, n. 1, 2013. p. 241-282. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2013000100014>> Acesso em 20 de setembro de 2017.

CORRÊA, Mariza. Bourdieu e o sexo da dominação. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, n. 54, 1999, p. 43-53. Disponível em: <<http://novosestudos.uol.com.br/produto/educacao-54/#5916604398fa8>> Acesso em: 09 de fevereiro de 2017.

CÓSER, Silvana L. E no princípio era o verbo... ou reflexões sobre a relação da mulher com a fala e a política. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 15, n. 2, jul./dez. 1990. p. 58-66. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/issue/viewIssue/3059/325>> Acesso em 03 de janeiro de 2016.

COSTA, Jurandir F. *A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.

\_\_\_\_\_. *Ordem médica e norma familiar*. 5. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2004.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

\_\_\_\_\_. Tem pente aí?: reflexões sobre a identidade masculina. *Revista Enfoques: revista semestral eletrônica dos alunos do Programa de Pós-graduação em Sociologia e*

*Antropologia da UFRJ*, Rio de Janeiro, v.9, n.1, p.134-151, agosto 2010. Disponível em: <<http://www.enfoques.ifcs.ufrj.br>> Acesso em: 06 de abril de 2017.

FILIOD, Jean-Paul. & WELZER-LANG, Daniel. *L'émergence du masculin dans l'espace domestique: de l'absence à la négociation*. IRESE – Université Lumière Lyon 2 (Ministère de la culture et de la communication et le Plan construction et architecture du Ministère de l'équipement, du logement, des transports et de la mer – sous responsabilité scientifique de François Laplantine), [Paris]: 1991.

FONSECA, Tânia M. A dominação masculina. Formas (in)sustentáveis de ser homem e mulher. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 7, n. 1 e 2, 1999, p. 206-213. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/11993/11268>> Acesso em 09 de fevereiro de 2017.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Tradução e organização de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

\_\_\_\_\_. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 19. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2009.

FREYRE, Gilberto. *Casa grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 48. ed. São Paulo: Global, 2003.

FRY, Peter. *Pra inglês ver: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

GASTALDO, Édson. “O complô da torcida”: futebol e performance masculina em bares. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, ano 11, n. 24, p. 107-123, jul./dez. 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-71832005000200006](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832005000200006)> Acesso em 30 de junho de 2017.

GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Ed. Unesp, 1991.

\_\_\_\_\_. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Ed. Unesp, 1993.

GOFFMAN, Erving. *Gender advertisements*. Nova York: Harper and Row, 1979.

\_\_\_\_\_. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1985.

GOLDENBERG, Mirian. Dominação masculina e saúde: usos do corpo em jovens de camadas médias urbanas. *Ciência & Saúde Coletiva*. V. 10, n. 1, 2005, p. 91-96. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232005000100015>> Acesso em: 07 de abril de 2017.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

IANNI, Otávio. Raízes da violência. In. CAMACHO, Thimoteo. (Org.). *Ensaio sobre violência*. Vitória: EdUfes, 2003. p. 19-38.

JAHNECKA, Luciano & RIAL, Carmem. De como a violência pode se tornar um modo de vida. *Revista Didática Sistêmica*. V. especial, n. 1. Rio Grande, 2012, p. 208-219. Disponível em: <<https://www.seer.furg.br/redsis/article/view/2760/1663>> Acesso em: 12 de dezembro de 2016.

KATZ, Jonathan N. *A invenção da heterossexualidade*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

LA FURCIA, Ange. Los colores de las fantasías. Estudios sobre masculinidades en Colombia: crítica feminista y geopolítica del conocimiento en la matriz colonial. *Revista Colombiana de Sociología*, v. 39, n. 1, p. 47-78. Jan./Jun. 2016. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.15446/rsc.v39n1.56342>> Acesso em 22 de agosto de 2017.

LATERMAN, Ilana. Considerações sobre violência e incivildade no meio escolar. In. CAMACHO, Thimoteo. (Org.). *Ensaio sobre violência*. Vitória: EdUfes, 2003. p. 199-234.

LEMO, Fernanda. “Se deus é homem, o demônio é [a] mulher”: a influência da religião na construção e manutenção social das representações de gênero. *Revista Ártemis*, v. 6, jun. 2007, p. 114-124. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/2131>>. Acesso em: 20 de janeiro de 2017.

LEONINI, Luísa. Os clientes das prostitutas: algumas reflexões a respeito de uma pesquisa sobre a prostituição em Milão. In: SCHUPUN, Mônica R. (Org). *Masculinidades*. São Paulo: Boitempo Editorial; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2004. p. 79-106.

LOURO, Guacira L. Uma leitura da história da educação sob a perspectiva de gênero. *Projeto História*, v. 11, nov. 1994, p. 31-46. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11412/8317>> Acesso em: 03 de janeiro de 2017.

MACHADO, Lia Z. Masculinidades e violências: gênero e mal-estar na sociedade contemporânea. In: SCHUPUN, Mônica R. (Org.). *Masculinidades*. São Paulo: Boitempo; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2004. p. 35-78.

MEDEIROS, Cíntia R. O. & SILVA, Nicemara C. Homem de verdade: apelo a um ideal de masculinidade em propagandas de fast food. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, Belo Horizonte, n. 2, p. 510-543, dez. 2014. Disponível em: <[http://revistas.fae.ufmg.br/index.php/farol/article/view/2521/pdf\\_17](http://revistas.fae.ufmg.br/index.php/farol/article/view/2521/pdf_17)> Acesso em 21 de agosto de 2016.

MISSE, Michel. *O estigma do passivo sexual: um símbolo de estigma no discurso cotidiano*. 3. ed. aumentada. Rio de Janeiro: Booklink: NECVU/IFICS/UFRJ; LeMetro/IFICS/UFRJ, 2007.

MUÑOZ, Betsy. J. C. Construcción y transformación de masculinidades de los corteros de caña de azúcar del Valle del Cauca. *Revista Colombiana de Sociología*, v. 39, n. 1, p. 79-102. Jan./Jun. 2016. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.15446/rsc.v39n1.56342>> Acesso em 19 de agosto de 2017.

NAHOUM-GRAPPE, Véronique. Da dimensão sexual de uma guerra: os estupros em série como uma arma na ex-Iugoslávia. In: SCHUPUN, Mônica R. (Org). *Masculinidades*. São Paulo: Boitempo; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2004. p. 15-34.

NASCIMENTO, Maria do S. *Eros na escola: controle e silenciamento nas práticas discursivas sobre sexualidade em uma escola pública de João Pessoa/PB*. 2010. 274f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal da Paraíba (PPGS-UFPB), João Pessoa, 2010.

NASCIMENTO, Pedro. Beber como homem: dilemas e armadilhas em etnografias sobre gênero e masculinidades. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 31, n. 90. Fev. 2016. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010269092016000100057&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010269092016000100057&lng=en&nrm=iso&tlng=pt)> Acesso em julho de 2017.

OLIVEIRA, Pedro P. *A construção social da masculinidade*. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004 (Versão da tese de doutoramento em Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo).

PERLONGHER, Néstor. *O negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2008.

PINO, Juan A. R. del. El hombre unidimensional fragmentado. *Revista Barataria*, n. 16, 2013, p. 97-106. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4520840>>. Acesso em 3 de setembro de 2017.

PISCITELLI, Adriana. “Pioneiros”: masculinidades em narrativas sobre fundadores de grupos empresariais brasileiros. In: SCHUPUN, Mônica R. (Org). *Masculinidades*. São Paulo: Boitempo; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2004. p. 175-202.

QUARESMA, Sílvia J. & BONI, Valdete. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Em Tese*. v. 2, n. 1 (3), jan./jun. 2005, p. 68-80. 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027/16976>>. Acesso em: 08 de agosto de 2017.

QUINTAS, Fátima. *Sexo à moda patriarcal: o feminino e o masculino na obra de Gilberto Freyre*. São Paulo: Global, 2008.

RODRIGUES, José C. *O Tabu do corpo*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1975.

RODRÍGUEZ, Rolando M. Las prácticas corporales para al construcción del actor, la identidad genérica y la(s) masculinidad(es). *El Cotidiano*. Cidade del México. Año 29, N.º 184. Mar./Abr. 2014, p. 77-84. Disponível em <<http://www.elcotidianoenlinea.com.mx/articulo.asp?idarticulo=3392>> Acesso em janeiro de 2017.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. *Cadernos Pagu*. n. 16, p. 115-136, Campinas, 2001. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332001000100007>> Acesso em 10 de novembro de 2017.

SALEM, Tania. “Homem... já viu, né?”: representações sobre sexualidade e gênero entre homens da classe popular. In: HEILBORN, Maria L. (Org.). *Família e Sexualidade*. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 15-61.

SANTOS, Rafael F. G. dos. *As aparências enganam?: A arte do fazer-se travesti*. Curitiba: Appris, 2015. (Originalmente apresentado como dissertação de mestrado em Sociologia Política da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro).

SANTOS, Tania S. dos. Do artesanato intelectual ao contexto virtual: ferramentas metodológicas para a pesquisa social. *Sociologias*. Porto Alegre, v. 11, n. 21, jan./jun. 2009, p. 120-156. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/sociologias/article/view/9643>> Acesso em: 15 de abril de 2017.

SAYÃO, Deborah T. Corpo, poder e dominação: um diálogo com Michelle Perrot e Pierre Bourdieu. *Perspectiva*. Florianópolis, v. 21, n. 1, jan./jun. 2003, p. 121-149. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10210>> Acesso em: 08 de fevereiro de 2017.

SCAVONE, Lucila. Estudos de gênero: uma sociologia feminista? *Revista Estudos Feministas*, v. 16, n. 1, p. 173-187. [Florianópolis]: jan./abril 2008. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2008000100018>> Acesso em 17 de março de 2017.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, [Porto Alegre], v. 15, n. 2, jul./dez. 1990, p. 5-22. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/issue/viewIssue/3059/325>> Acesso em 16 de novembro de 2015.

SCOTT, Joan W. História das mulheres. In: BURKE, Peter (Org.) *A escrita da história: novas perspectivas*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: EdUnesp, 1992.

SILVA, Rosimeri A. da. *Identidades heterogêneas na contemporaneidade violenta: um estudo a partir de uma sala de aula singular*. 2006. 221f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGEdu-UFRGS), Porto Alegre, 2006.

SOUZA, Rolf R. de. *A confraria da esquina: O que os Homens de verdade falam entre si em torno de uma carne queimando. Uma etnografia de um churrasco numa esquina do subúrbio carioca*. 2003. 103f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGCS-UERJ), Rio de Janeiro, 2003.

UZIEL, Ana P. Homossexualidade e parentalidade: ecos de uma conjugação. In: HEILBORN, Maria L. (Org.). *Família e Sexualidade*. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 87-117.

VIANA, Alba J. B. & SOUSA, Eduardo S. S. O poder (in)visível da violência sexual: abordagens sociológicas de Pierre Bourdieu. *Revista de Ciências Sociais*, Fortaleza, v. 45, n. 2, jul./dez., 2014, p. 155-183. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufc.br/revcienso/article/view/2506>> Acesso em: 11 de maio de 2017.



WELZER-LANG, Daniel. L'échangisme: une multiseualite commerciale a forte domination masculine. *Sociétés Contemporaines. Revue Sociétés Contemporaines*. N.º 41-42. [Paris]: Jan./Jun. 2001a. p. 111-131. Disponível em <<http://www.cairn.info/revue-societes-contemporaines-2001-1-page-111.htm>> Acesso em 3 de agosto de 2016.

\_\_\_\_\_. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Revista Estudos Feministas*. Vol. 9, N.º 2, [Florianópolis]: 2001b. p. 460-482. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2001000200008>>. Acesso em 12 de novembro de 2016.

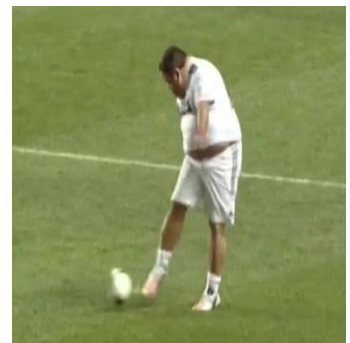
\_\_\_\_\_. Os homens e o masculino numa perspectiva de relações sociais de sexo. In: SCHUPUN, Mônica R. (Org). *Masculinidades*. São Paulo: Boitempo; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2004.

\_\_\_\_\_. La mixité non ségrégative confrontée aux constructions sociales du masculin. *Revue française de pédagogie* [En ligne], 171 |. [S.I.] avril-juin de 2010, p. 15-29. Disponível em <<http://rfp.revues.org/1862>>. Acesso em 08 de janeiro 2015.

## ANEXO I

### Imagens mais discutidas apresentadas nos grupos focais

(Fonte: internet – [https://www.google.com.br/search?hl=pt-PT&biw=1242&bih=535&tbm=isch&sa=1&ei=MjCEWpedMsj9wATix7j4BA&q=homens&oq=homens&gs\\_l=psy-ab.3...7261.7261.0.7747.1.1.0.0.0.0.0..0.0....0...1c.1.64.psy-ab..1.0.0....0.kyl2ZrMevHI](https://www.google.com.br/search?hl=pt-PT&biw=1242&bih=535&tbm=isch&sa=1&ei=MjCEWpedMsj9wATix7j4BA&q=homens&oq=homens&gs_l=psy-ab.3...7261.7261.0.7747.1.1.0.0.0.0.0..0.0....0...1c.1.64.psy-ab..1.0.0....0.kyl2ZrMevHI)).



ANEXO II - Características básicas dos/as professores/as entrevistados<sup>86</sup>

	Nome <sup>87</sup>	Idade	Escola	Naturalidade	Formação	Matéria	Leciona há? (anos)	Estado civil	Possui filhos?	Gênero, sexo	Cor/raça/etnia	Religião	Participa de algum grupo social ou associação?
1	Estêvão	35	VRB	Engo. Paulo Frontin	Licenciatura em História e mestrado em Cognição e Linguagem	História, filosofia e sociologia	11	Casado	Não	Homem	Branca	Cristão, Testemunha de Jeová	Não
2	Cecília	37	VRB	Campus	Licenciada e Bacharel em Educação Física	Educação Física	20	Separada	Sim	Mulher	De todas as cores	Espírita Kardecista	Não
3	Arnaldo	40	VRB	Campus	Licenciado em química e mestre em engenharia de materiais	Química	17	Casado	Sim	Masculino	Pardo/moreno	Sem religião	Não
4	Patrick	28	LHC	Campus	Licenciado em matemática	Matemática	6	Solteiro	Não	Heterossexual	Negro	Católico	Não
5	Francisco	28	TC	Rio de Janeiro	Licenciado em Geografia	Geografia	5	Solteiro	Não	Masculino/ Heterossexual	Pardo	Evangélico/ Protestante	Não
6	Alvaro	50	TC	Rio de Janeiro	Licenciado em Ciências Biológicas	Biologia	30	Casado	Sim	Masculino/ Homem	Pardo	Católico pouco praticante	Sim
7	Heitor	37	LHC	Campus	Licenciado em Geografia	Geografia	17	Casado	Sim	Masculino/ Hetero	Branco/ Miscigenado	Católico não praticante	Sim
8	Gustavo	30	LHC	Rio de Janeiro	Licenciado em Geografia e mestre em políticas sociais	Geografia	6	Casado	Não	Masculino	Pardo	Cristão	Não
9	Camila	29	TC	Campus	Licenciada em Ciências da Natureza	Física e Biologia	6	Casada	Não	Feminino	Morena	Sem religião	Não
10	Henrique	23	VRB	Campus	Bacharel em Direito	Coordenador	4	Casado	Sim	Masculino	Branco	Católico	Não
11	Sueley	50	TC	Campus	Licenciada em História	História	20	Casada	Sim	Feminino	Branca	Católica	Sim
12	Donato	65	TC	Campus	Licenciado em Filosofia	Filosofia	10	Casado	Sim	Heterossexual	Branco brasileiro	Sem religião/Ateu	Sim

Continuação do quadro do Anexo II

13	Termentes	55	VRB	Campus	Licenciada em História	História	32	Víuva e divorciada	Sim	Feminino	Miscigenada	Espírita kardecista	Não
14	Valquiria	51	TC	Campus	Licenciada em História	História	26	Casada	Sim	Mulher/feminino	Miscigenada	Católica	Não
15	Mariene	58	TC	Campus	Licenciada em Matemática	Matemática	35	Casada	Sim	Feminino	Parda	Católica	Não
16	Bruna	31	TC	Campus	Licenciada em Letras e mestre em Linguística	Língua Portuguesa	9	Casada	Não	Feminino	Negra	Católica	Não
17	Tenório	28	LHC	Duque de Caxias	Licenciado em Química	Química	9	Casado	Não	Heterossexual/masculino	Branco	Católico	Sim
18	Jerônimo	60	LHC	Rio de Janeiro	Licenciado em Matemática	Matemática	35	Divorciado	Sim	Masculino/macho	Miscigenado	Espírita kardecista	Sim
19	Sérgio	41	TC	Conceição de Macabu	Licenciado em Matemática	Matemática	12	Casado	Não	Masculino	Pardo	Evangélico	Não
20	Vitorino	39	LHC	Vitória	Licenciado em Filosofia	Filosofia	20	Casado	Sim	Masculino/homem	Pardo	Católico	Sim
21	Bernadete	55	TC	Quissamã	Licenciada curta em Música e bacharel em direito	Coordenadora	23	Divorciada	Sim	Não respondeu	Miscigenada	Católica e espírita	Não
22	Helena	58	LHC	Campus	Licenciada em Linguística	Língua Portuguesa	19	Divorciada	Sim	Feminino	Não respondeu	Evangélica	Não
23	Marilyn	43	LHC	Campus	Licenciada em Filosofia	Filosofia	10	Solteira	Não	Hetero	Afrodscendente	Espírita umbandista	Sim
24	Jaime	52	VRB	Campus	Licenciado em Educação Física	Educação Física	16	Casado	Sim	Masculino	Negro	Católico	Sim
25	Solange	43	VRB	Campus	Licenciada em Educação Física	Educação Física	24	Solteira	Sim	Mulher	Negra	Sem religião/ com adesão ao kardecismo	Não

<sup>86</sup> Todas as características são autodeclarações.

<sup>87</sup> Todos os nomes apresentados são codinomes escolhidos pelo autor visando privilegiar o lugar de fala de cada colaborador/a em detrimento de sua identificação.

### ANEXO III

#### Características básicas dos rapazes entrevistados dos grupos focais<sup>88</sup>

Grupo Focal do Liceu de Humanidades (Escola 1) – 3.º ano vespertino – realizado em 06/10/17 Relatora: Professora de Sociologia Flávia Mendes				
	Nome <sup>89</sup>	Idade	Cor/raça/etnia	Religião
1	Pesidon	19	Branca/parda	Não declarou
2	Victor	17	Branca/parda	Não declarou
3	João/Marcos/Heitor	18	Parda	Não declarou
4	Hugo/Leonar	16	Negra	Não declarou
5	Thomas	18	Branca	Não declarou

Grupo Focal do Liceu de Humanidades (Escola 1) – 3.º ano vespertino – realizado em 20/10/17 Relatora: Professora de Sociologia Flávia Mendes				
	Nome	Idade	Cor/raça/etnia	Religião
1	Paulo	18	Negra	Católico
2	Marcos	17	Branca/parda	Não declarou
3	Flávio	17	Branca	Evangélico
4	Jorge	18	Parda	Não declarou
5	Felipe	17	Branca/parda	Não declarou

Grupo Focal da Escola Dr. Thiers Cardoso (Escola 2) – 3.º ano vespertino – realizado em 11/10/17 Relatora: Laura Lubanco				
	Nome	Idade	Cor/raça/etnia	Religião
1	Arnaldo	18	Parda	Não declarou
2	Luiz	19	Branca/Parda	Não declarou
3	Pedro	18	Parda	Não declarou
4	Henrique	17	Negra	Não declarou
5	Vitor	17	Negra	Não declarou

Grupo Focal da Escola Dr. Thiers Cardoso (Escola 2) – 3.º ano vespertino – realizado em 20/10/17 Relatora: Gabby Maturana				
	Nome	Idade	Cor/raça/etnia	Religião
1	Leirbag	16	Branca	Evangélico (desviado)
2	Lucas	15	Negra	Evangélico (desviado)
3	Ivan	16	Negra	Evangélico (desviado)
4	Bob	16	Parda	Evangélico (desviado)
5	Davi	15	Negra	Evangélico (desviado)

### Continuação dos quadros do Anexo III

Grupo Focal da Escola Visconde do Rio Branco (Escola 3) – 3.º ano matutino – realizado em 20/10/17				
Relatora: Professora de Sociologia Carine Lavrador				
	Nome	Idade	Cor/raça/etnia	Religião
1	Luciano	17	Negra	Não declarou
2	Leonardo	17	Parda	Não declarou
3	Henrique	19	Negra	Não declarou
4	Paulo	18	Branca	Não declarou
5	Renato	20	Negra	Não declarou

Grupo Focal da Escola Visconde do Rio Branco (Escola 3) – 1.º ano matutino – realizado em 20/10/17				
Relatora: Professora de Sociologia Carine Lavrador				
	Nome	Idade	Cor/raça/etnia	Religião
1	Júlio	15	Branca/Parda	Católico
2	Rômulo	15	Negra	Não declarou
3	Felipe	20	Negra	Não declarou
4	Gabriel	16	Parda	Não declarou
5	Lucas	17	Branca	Não declarou
	Daniel	16	Parda	Evangélico

*Cleber Teixeira de Oliveira*

88 Exceto as idades e série, as demais características partem das observações do pesquisador e das relatoras a partir da observação e das falas.  
89 Todos os nomes são codinomes escolhidos pelos próprios entrevistados, visando não identificar a pessoa entrevistada

## ANEXO II - Características básicas dos/as professores/as entrevistados<sup>86</sup>

---

<sup>86</sup> Todas as características são autodeclarações.



<sup>87</sup> Todos os nomes são codinomes escolhidos pelo autor, visando não identificar a pessoa entrevistada.

	Nome <sup>87</sup>	Idade	Escola	Naturalidade	Formação	Matéria	Leciona há? (anos)	Estado civil?	Possui filhos?	Gênero, sexo?	Cor/raça/etnia?	Religião?	Pertence a algum outro grupo? Associação?
1	Estêvão	35	VRB	Engo. Paulo Fontin	Licenciado em História com Mestrado em Cognição e Linguagem.	História	11	Casado	Não	Homem	Branca	Cristão, Testemunha de Jeová	Não.
2	Cecília	37	VRB	Campos	Licenciada e Bacharel em Educação Física	Educação Física	20	Separada	Sim	Mulher	De todas as cores	Espírita Kardecista	Não
3	Arnaldo	40	VRB	Campos	Licenciado em química e mestre em engenharia de materiais	Química	17	Casado	Sim	Masculino	Pardo/moreno	Sem religião	Não
4	Patrick	28	LHC	Campos	Licenciado em Matemática	Matemática	6	Solteiro	Não	Heterossexual	Negro	Católico	Não
5	Francisco	28	TC	Rio de Janeiro	Licenciado em Geografia e tecnólogo em design gráfico	Geografia	5	Solteiro	Não	Masculino/heterossexual	Pardo	Evangélico/Protestante	Não
6	Álvaro	50	TC	Rio de Janeiro	Licenciado em Ciências Biológicas	Biologia	30	Casado	Sim	Masculino/Homem	Pardo	Católico pouco praticante	Sim
7	Heitor	37	LHC	Campos	Licenciado em Geografia e mestrando em educação	Geografia	17	Casado	Sim	Homem/Hetero	Branco/Miscigenado	Católico não praticante	Sim
8	Gustavo	30	LHC	Rio de Janeiro	Licenciado em Geografia e mestre em políticas sociais	Geografia	6	Casado	Não	Masculino	Pardo	Cristão	Não
9	Camila	29	TC	Campos	Licenciada em Ciências da Natureza e mestranda em Educação	Física e Biologia	6	Casada	Não	Feminino	Morena	Sem religião	Não
10	Henrique	23	VRB	Campos	Bacharel em Direito	Coordenador	4	Casado	Sim	Masculino	Branco	Católico	Não
11	Suely	50	TC	Campos	Licenciada em História	História	20	Casada	Sim	Feminino	Branca	Católica	Sim



12	Donato	65	TC	Campos	Licenciado em Filosofia	Filosofia	10	Casado	Sim	Heterossexual	Branco brasileiro	Sem religião/Ateu	Sim
13	Termutes	55	VRB	Campos	Licenciada em História	História	32	Viúva e divorciada	Sim	Feminino	Miscigenada	Espírita Kardecista	Não
14	Valquíria	51	TC	Campos	Licenciada em História	História	26	Casada	Sim	Mulher / Feminino	Miscigenada	Tem fé	Não
15	Marlene	58	TC	Campos	Licenciada em Matemática	Matemática	25	Casada	Sim	Feminino	Parda	Católica	Não
16	Bruna	31	TC	Campos	Licenciada em Letras e mestre em Linguística	Língua Portuguesa	9	Casada	Não	Feminino	Negra	Católica	Não
17	Tenório	28	LHC	Duque de Caxias	Licenciado em Química	Química	9	Casado	Não	Heterossexual / Masculino	Branco	Católico	Sim
18	Jerônimo	60	LHC	Rio de Janeiro	Licenciado em Matemática	Matemática	35	Divorciado	Sim	Masculino/ Macho	Miscigenado	Espírita Kardecista	Sim
19	Sérgio	41	TC	Conceição de Macabu	Licenciado em Matemática	Matemática	12	Casado	Não	Masculino	Pardo	Evangélico	Não
20	Vitorino	39	LHC	Vitória	Licenciado em Filosofia	Filosofia	20	Casado	Sim	Masculino / Homem	Pardo	Católico	Sim
21	Bernardete	55	LHC	Quissamã	Bacharel em Direito e Licenciatura curta em Música	Coordenadora	23	Divorciada	Sim	Não respondeu	Miscigenada	Católica e espírita	Não
22	Helena	58	LHC	Campos	Licenciada em Linguística	Língua Portuguesa	19	Divorciada	Sim	Feminino	Não respondeu	Evangélica	Não
23	Marflia	43	LHC	Campos	Licenciatura em Filosofia	Filosofia	10	Solteira	Não	Hétero	Afrodescendente	Espírita umbandista	Não
24	Jaime	52	VRB	Campos	Licenciado em Educação Física	Educação Física	16	Casado	Sim	Masculino	Negro	Católico	Sim
25	Solange	43	VRB	Campos	Licenciada em Educação Física	Educação Física	24	Solteira	Sim	Mulher	Negra	Sem religião / com adesão ao Kardecismo	Não
<p style="text-align: center;"> <b>Abreviações: TC = C.E. Dr. Thiers Cardoso</b> <span style="margin-left: 150px;"><b>VRB = C.E. Visconde do Rio Branco</b></span> <span style="margin-left: 150px;"><b>LHC = Liceu de Humanidades</b></span> </p>													

## ANEXO III

### Características básicas dos rapazes entrevistados dos grupos focais<sup>88</sup>

Grupo focal do Liceu de Humanidades – 3.º ano vespertino – Realizado em 06/10/17 Relatora: Prof.ª Flávia Mendes				
	Nome <sup>89</sup>	Idade	Cor/raça/etnia?	Religião?
1	Poseidon	19	Branca/parda	Não declarou
2	Victor	17	Branca/parda	Não declarou
3	João/Marcos/Heitor	18	Parda	Não declarou
4	Hugo/Leomar	16	Negra	Não declarou
5	Thomas	18	Branca	Não declarou

Grupo focal do Liceu de Humanidades – 3.º ano vespertino – Realizado em 20/10/17 Relatora: Prof.ª Flávia Mendes				
	Nome	Idade	Cor/raça/etnia?	Religião?
1	Paulo	18	Negra	Católico
2	Marcos	17	Branca/parda	Não declarou
3	Flávio	17	Branca	Evangélico
4	Jorge	18	Parda	Não declarou
5	Felipe	17	Branca/parda	Não declarou

Grupo focal do CE Dr. Thiers Cardoso – 3.º ano vespertino – Realizado em 11/10/17 Relatora: Laura Lubanco				
	Nome	Idade	Cor/raça/etnia?	Religião?
1	Arnaldo	18	Parda	Não declarou
2	Luiz	19	Branca/Parda	Não declarou
3	Pedro	18	Parda	Não declarou
4	Henrique	17	Negra	Não declarou
5	Vítor	17	Negra	Não declarou

Grupo focal do CE Dr. Thiers Cardoso – 1.º ano vespertino – Realizado em 20/10/17 Relatora: Gabby Maturana				
	Nome	Idade	Cor/raça/etnia?	Religião?
1	Leirbag	16	Branca	Evangélico (“desviado”)
2	Lucas	15	Negra	Evangélico (“desviado”)
3	Ivan	16	Negra	Evangélico (“desviado”)
4	Bob	16	Parda	Evangélico (“desviado”)
5	Davi	15	Negra	Evangélico (“desviado”)

<sup>88</sup> Exceto as idades e série, as demais características partem das observações do pesquisador e das relatoras a partir da observação e das falas.

<sup>89</sup> Todos os nomes são codinomes escolhidos pelos próprios entrevistados, visando não identificar a pessoa entrevistada.

<b>Grupo focal do CE Visconde do Rio Branco – 1.º ano matutino – Realizado em 20/10/17</b>				
<b>Relatora: Prof.ª Carine Lavrador</b>				
	<b>Nome</b>	<b>Idade</b>	<b>Cor/raça/etnia?</b>	<b>Religião?</b>
1	Júlio	15	Branca/Parda	Católico
2	Rômulo	15	Negra	Não declarou
3	Felipe	20	Negra	Não declarou
4	Gabriel	16	Parda	Não declarou
5	Lucas	17	Branca	Não declarou
6	Daniel	16	Parda	Evangélico

<b>Grupo focal do CE Visconde do Rio Branco – 3.º ano matutino – Realizado em 20/10/17</b>				
<b>Relatora: Prof.ª Carine Lavrador</b>				
	<b>Nome</b>	<b>Idade</b>	<b>Cor/raça/etnia?</b>	<b>Religião?</b>
1	Luciano	17	Negra	Não declarou
2	Leonardo	17	Parda	Não declarou
3	Henrique	19	Negra	Não declarou
4	Paulo	18	Branca	Não declarou
5	Renato	20	Negra	Não declarou

A handwritten signature in blue ink, consisting of stylized cursive letters, possibly 'AW', with a long horizontal flourish underneath.

## ANEXO II - Características básicas dos/as professores/as entrevistados<sup>90</sup>

---

<sup>90</sup> Todas as características são autodeclarações.



<sup>91</sup> Todos os nomes são codinomes escolhidos pelo autor, visando não identificar a pessoa entrevistada.

	Nome <sup>91</sup>	Idade	Escola	Naturalidade	Formação	Matéria	Leciona há? (anos)	Estado civil?	Possui filhos?	Gênero, sexo?	Cor/raça/etnia?	Religião?	Pertence a algum outro grupo? Associação?
1	Estêvão	35	VRB	Engo. Paulo Fontin	Licenciado em História com Mestrado em Cognição e Linguagem.	História	11	Casado	Não	Homem	Branca	Cristão, Testemunha de Jeová	Não.
2	Cecília	37	VRB	Campos	Licenciada e Bacharel em Educação Física	Educação Física	20	Separada	Sim	Mulher	De todas as cores	Espírita Kardecista	Não
3	Arnaldo	40	VRB	Campos	Licenciado em química e mestre em engenharia de materiais	Química	17	Casado	Sim	Masculino	Pardo/moreno	Sem religião	Não
4	Patrick	28	LHC	Campos	Licenciado em Matemática	Matemática	6	Solteiro	Não	Heterossexual	Negro	Católico	Não
5	Francisco	28	TC	Rio de Janeiro	Licenciado em Geografia e tecnólogo em design gráfico	Geografia	5	Solteiro	Não	Masculino/heterossexual	Pardo	Evangélico/Protestante	Não
6	Álvaro	50	TC	Rio de Janeiro	Licenciado em Ciências Biológicas	Biologia	30	Casado	Sim	Masculino/Homem	Pardo	Católico pouco praticante	Sim
7	Heitor	37	LHC	Campos	Licenciado em Geografia e mestrando em educação	Geografia	17	Casado	Sim	Homem/Hetero	Branco/Miscigenado	Católico não praticante	Sim
8	Gustavo	30	LHC	Rio de Janeiro	Licenciado em Geografia e mestre em políticas sociais	Geografia	6	Casado	Não	Masculino	Pardo	Cristão	Não
9	Camila	29	TC	Campos	Licenciada em Ciências da Natureza e mestranda em Educação	Física e Biologia	6	Casada	Não	Feminino	Morena	Sem religião	Não
10	Henrique	23	VRB	Campos	Bacharel em Direito	Coordenador	4	Casado	Sim	Masculino	Branco	Católico	Não
11	Suely	50	TC	Campos	Licenciada em História	História	20	Casada	Sim	Feminino	Branca	Católica	Sim

12	Donato	65	TC	Campos	Licenciado em Filosofia	Filosofia	10	Casado	Sim	Heterossexual	Branco brasileiro	Sem religião/Ateu	Sim
13	Termutes	55	VRB	Campos	Licenciada em História	História	32	Viúva e divorciada	Sim	Feminino	Miscigenada	Espírita Kardecista	Não
14	Valquíria	51	TC	Campos	Licenciada em História	História	26	Casada	Sim	Mulher / Feminino	Miscigenada	Tem fé	Não
15	Marlene	58	TC	Campos	Licenciada em Matemática	Matemática	25	Casada	Sim	Feminino	Parda	Católica	Não
16	Bruna	31	TC	Campos	Licenciada em Letras e mestre em Linguística	Língua Portuguesa	9	Casada	Não	Feminino	Negra	Católica	Não
17	Tenório	28	LHC	Duque de Caxias	Licenciado em Química	Química	9	Casado	Não	Heterossexual / Masculino	Branco	Católico	Sim
18	Jerônimo	60	LHC	Rio de Janeiro	Licenciado em Matemática	Matemática	35	Divorciado	Sim	Masculino/ Macho	Miscigenado	Espírita Kardecista	Sim
19	Sérgio	41	TC	Conceição de Macabu	Licenciado em Matemática	Matemática	12	Casado	Não	Masculino	Pardo	Evangélico	Não
20	Vitorino	39	LHC	Vitória	Licenciado em Filosofia	Filosofia	20	Casado	Sim	Masculino / Homem	Pardo	Católico	Sim
21	Bernardete	55	LHC	Quissamã	Bacharel em Direito e Licenciatura curta em Música	Coordenadora	23	Divorciada	Sim	Não respondeu	Miscigenada	Católica e espírita	Não
22	Helena	58	LHC	Campos	Licenciada em Linguística	Língua Portuguesa	19	Divorciada	Sim	Feminino	Não respondeu	Evangélica	Não
23	Marflia	43	LHC	Campos	Licenciatura em Filosofia	Filosofia	10	Solteira	Não	Hétero	Afrodescendente	Espírita umbandista	Não
24	Jaime	52	VRB	Campos	Licenciado em Educação Física	Educação Física	16	Casado	Sim	Masculino	Negro	Católico	Sim
25	Solange	43	VRB	Campos	Licenciada em Educação Física	Educação Física	24	Solteira	Sim	Mulher	Negra	Sem religião / com adesão ao Kardecismo	Não
<p style="text-align: center;"> <b>Abreviações: TC = C.E. Dr. Thiers Cardoso</b> <span style="margin-left: 150px;"><b>VRB = C.E. Visconde do Rio Branco</b></span> <span style="margin-left: 150px;"><b>LHC = Liceu de Humanidades</b></span> </p>													

## ANEXO III

### Características básicas dos rapazes entrevistados dos grupos focais<sup>92</sup>

Grupo focal do Liceu de Humanidades – 3.º ano vespertino – Realizado em 06/10/17 Relatora: Prof.ª Flávia Mendes				
	Nome <sup>93</sup>	Idade	Cor/raça/etnia?	Religião?
1	Poseidon	19	Branca/parda	Não declarou
2	Victor	17	Branca/parda	Não declarou
3	João/Marcos/Heitor	18	Parda	Não declarou
4	Hugo/Leomar	16	Negra	Não declarou
5	Thomas	18	Branca	Não declarou

Grupo focal do Liceu de Humanidades – 3.º ano vespertino – Realizado em 20/10/17 Relatora: Prof.ª Flávia Mendes				
	Nome	Idade	Cor/raça/etnia?	Religião?
1	Paulo	18	Negra	Católico
2	Marcos	17	Branca/parda	Não declarou
3	Flávio	17	Branca	Evangélico
4	Jorge	18	Parda	Não declarou
5	Felipe	17	Branca/parda	Não declarou

Grupo focal do CE Dr. Thiers Cardoso – 3.º ano vespertino – Realizado em 11/10/17 Relatora: Laura Lubanco				
	Nome	Idade	Cor/raça/etnia?	Religião?
1	Arnaldo	18	Parda	Não declarou
2	Luiz	19	Branca/Parda	Não declarou
3	Pedro	18	Parda	Não declarou
4	Henrique	17	Negra	Não declarou
5	Vítor	17	Negra	Não declarou

Grupo focal do CE Dr. Thiers Cardoso – 1.º ano vespertino – Realizado em 20/10/17 Relatora: Gabby Maturana				
	Nome	Idade	Cor/raça/etnia?	Religião?
1	Leirbag	16	Branca	Evangélico (“desviado”)
2	Lucas	15	Negra	Evangélico (“desviado”)
3	Ivan	16	Negra	Evangélico (“desviado”)
4	Bob	16	Parda	Evangélico (“desviado”)
5	Davi	15	Negra	Evangélico (“desviado”)

<sup>92</sup> Exceto as idades e série, as demais características partem das observações do pesquisador e das relatoras a partir da observação e das falas.

<sup>93</sup> Todos os nomes são codinomes escolhidos pelos próprios entrevistados, visando não identificar a pessoa entrevistada.





<b>Grupo focal do CE Visconde do Rio Branco – 1.º ano matutino – Realizado em 20/10/17</b>				
<b>Relatora: Prof.ª Carine Lavrador</b>				
	<b>Nome</b>	<b>Idade</b>	<b>Cor/raça/etnia?</b>	<b>Religião?</b>
1	Júlio	15	Branca/Parda	Católico
2	Rômulo	15	Negra	Não declarou
3	Felipe	20	Negra	Não declarou
4	Gabriel	16	Parda	Não declarou
5	Lucas	17	Branca	Não declarou
6	Daniel	16	Parda	Evangélico

<b>Grupo focal do CE Visconde do Rio Branco – 3.º ano matutino – Realizado em 20/10/17</b>				
<b>Relatora: Prof.ª Carine Lavrador</b>				
	<b>Nome</b>	<b>Idade</b>	<b>Cor/raça/etnia?</b>	<b>Religião?</b>
1	Luciano	17	Negra	Não declarou
2	Leonardo	17	Parda	Não declarou
3	Henrique	19	Negra	Não declarou
4	Paulo	18	Branca	Não declarou
5	Renato	20	Negra	Não declarou

